

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**  
**CÂMPUS CORA CORALINA**  
**MESTRADO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE**

**ECOANDO VOZES SUBALTERNIZADAS:**  
**uma experiência de/colonial e antirracista de educação linguística em sala de aula de**  
**ensino médio**

**Paulo César Nascimento**

**Goiás – GO**  
**FEVEREIRO/2022**

**Paulo César Nascimento**

**ECOANDO VOZES SUBALTERNIZADAS:  
uma experiência de/colonial e antirracista de educação linguística  
em sala de aula de ensino médio**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos e Interculturalidade.

Linha de pesquisa: Estudos de Língua e Interculturalidade

Orientador: Prof. Dr. Hέλvio Frank de Oliveira

**Goiás**

**2022**

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data<sup>1</sup>. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

### Dados do autor (a)

Nome completo: Paulo César Nascimento  
E-mail: proff.paulocesar@gmail.com

### Dados do trabalho

Título: **ECOANDO VOZES SUBALTERNIZADAS:** uma experiência de/colonial e antirracista de educação linguística em sala de aula de ensino médio.

### Tipo:

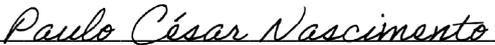
Tese                       Dissertação

**Curso/Programa:** MESTRADO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

### Concorda com a liberação documento

SIM                       NÃO

Goiás, 10 de março de 2022

  
Assinatura autor(a)

  
Assinatura do orientador(a)

<sup>1</sup> Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

N244e

Nascimento, Paulo César.

Ecoando vozes subalternizadas: uma experiência de/colonial e antirracista de educação linguística em sala de aula de ensino médio [manuscrito] / Paulo César Nascimento. – Goiás, GO, 2022. 203f. ; il.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Frank de Oliveira.

Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2022.

1. Linguística e transdisciplinaridade. 1.1. Decolonialidade. 1.2. Conhecimento subalterno. 1.3. Língua e cultura racista. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 81:323.14(817.3)

**Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971**

## UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu

### UEG CÂMPUS CORA CORALINA

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000

Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

## ATA DE EXAME DE DEFESA 05/2022

Aos quatro dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e dois às oito horas, realizou-se, por webconferência, o Exame de Defesa da dissertação do(a) mestrando(a) Paulo César Nascimento, intitulado **“ECOANDO VOZES SUBALTERNIZADAS: UMA EXPERIÊNCIA DE/COLONIAL E ANTIRRACISTA DE EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA DE ENSINO MÉDIO”**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dr. Hélivio Frank de Oliveira – Presidente – (POSLLI/UEG), Dr. Gabriel Nascimento dos Santos (UESC), Dr. Kleber Aparecido da Silva (UnB) e Dra. Cristiane Rosa Lopes (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo(a) mestrando(a) e seu/sua orientador(a). Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o(a) presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi APROVADA com distinção e louvor. Cumpridas as formalidades de pauta, às 10h50 a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Qualificação e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, 04 de fevereiro de 2022.

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Hélivio Frank de Oliveira (POSLLI/UEG)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Gabriel Nascimento dos Santos (UESC)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Kleber Aparecido da Silva (UnB)

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Cristiane Rosa Lopes (POSLLI/UEG)

## Página de assinaturas



**Gabriel Santos**  
053.044.835-10  
Signatário



**Kleber Silva**  
050.709.176-09  
Signatário



**Cristiane Lopes**  
515.739.701-15  
Signatário



**Helvio Frank**  
965.947.131-91  
Signatário

## HISTÓRICO

- 19 fev 2022** 11:41:28  **Helvio Frank** criou este documento. (E-mail: helviofrank@hotmail.com, CPF: 965.947.131-91)
- 19 fev 2022** 11:44:26  **Gabriel Nascimento Dos Santos** (E-mail: gabriel.santos@csc.ufsb.edu.br, CPF: 053.044.835-10) visualizou este documento por meio do IP 131.72.198.101 localizado em Ilhéus - Bahia - Brazil.
- 19 fev 2022** 11:44:35  **Gabriel Nascimento Dos Santos** (E-mail: gabriel.santos@csc.ufsb.edu.br, CPF: 053.044.835-10) assinou este documento por meio do IP 131.72.198.101 localizado em Ilhéus - Bahia - Brazil.
- 21 fev 2022** 09:35:11  **Kleber Silva** (E-mail: kleberaparecidodasilva@gmail.com, CPF: 050.709.176-09) visualizou este documento por meio do IP 189.6.35.224 localizado em Brasília - Federal District - Brazil.
- 21 fev 2022** 09:35:30  **Kleber Silva** (E-mail: kleberaparecidodasilva@gmail.com, CPF: 050.709.176-09) assinou este documento por meio do IP 189.6.35.224 localizado em Brasília - Federal District - Brazil.
- 19 fev 2022** 11:52:52  **Cristiane Rosa Lopes** (E-mail: cristiane.lopes@ueg.br, CPF: 515.739.701-15) visualizou este documento por meio do IP 201.182.39.115 localizado em Brazil.
- 21 fev 2022** 09:37:16  **Cristiane Rosa Lopes** (E-mail: cristiane.lopes@ueg.br, CPF: 515.739.701-15) assinou este documento por meio do IP 201.182.39.116 localizado em Brazil.
- 19 fev 2022** 11:41:39  **Helvio Frank** (E-mail: helviofrank@hotmail.com, CPF: 965.947.131-91) visualizou este documento por meio do IP 179.252.189.40 localizado em Terezopolis de Goias - Goias - Brazil.



21 fev 2022  
10:05:31



**Helvio Frank** (E-mail: [helviofrank@hotmail.com](mailto:helviofrank@hotmail.com), CPF: 965.947.131-91) assinou este documento por meio do IP 179.252.189.40 localizado em Terezopolis de Goias - Goias - Brazil.



Dedico ao meu amigo, professor e orientador, Hlvio, por ter me instigado a ver o mundo  minha volta com outros olhos, por me ajudar na lapidao de minha identidade docente negra, por me apresentar o curso de Letras e, posteriormente, o POSLLI, ambiente no qual encontrei e conheci inúmeras pessoas, professores, mestrandos etc. A vitória não será apenas minha, mas nossa, meu querido.  
Te Amo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos integrantes dessa pesquisa ensino por me propiciarem um momento único de minha vida. Tudo que este texto apresenta só foi possível graças ao conhecimento de vocês.

Aos profissionais do colégio coparticipante desta pesquisa ensino, que não mediram esforços para colaborar com a pesquisa que se desenvolveu.

Ao meu orientador, Dr. Hélio Frank, que sempre me apoiou a ver com outros olhos a linguagem sutil que nos mata de dentro para fora, a me instigar a ser um pesquisa(dor), a me tornar um ser humano melhor a cada dia. Todas as vitórias que eu alcançar, pode ter certeza, serão nossas. Muito obrigado por tudo.

Aos meus professores do POSLLI, na pessoa da Professora Dra. Marília Vieira, que contribuiu para que a realização deste mestrado fosse possível; professores que não apenas contribuem para uma aprendizagem mais humanitária, mas para um olhar outro do futuro do ensino-aprendizagem. Professores, muito obrigado por tudo.

Agradeço também à Universidade Estadual de Goiás, universidade pública que é um patrimônio histórico e que propicia inúmeras pessoas subalternizadas a se tornarem pesquisadoras da nossa realidade social.

Aos participantes da minha banca de qualificação e defesa, Professor Dr. Gabriel Nascimento e Professora Dra. Cristiane Rosa. Suas contribuições me orientarão por toda minha carreira docente e de pesquisa(dor), suas palavras de conforto e carinho me acompanharão sempre, vocês são incríveis, muito obrigado.

A minha família, que, mesmo não acreditando em um mundo melhor, por sofrer tanto em suas vidas, me deu fôlego para provar que a aprendizagem é algo transformador na vida social de pessoas como nós, subalternizadas, com um pensamento colonial que sempre nos reprimiu. Essa vitória também é nossa.

Aos meus antepassados, que lutaram e batalharam com suas vidas para que fosse possível uma pessoa, como eu, chegar até aqui.

Ao ex e futuro presidente novamente, Dr. Luíz Inácio Lula da Silva, sua batalha contra a fome e a favor de uma aprendizagem para todos, me instiga a agir no mundo à minha volta, me leva a pensar uma humanidade mais humana.

Aos teóricos e teóricas negros/as que me emprestaram seus conhecimentos; conhecimentos esses que me ajudam a construir minha identidade transgressora negra. Vocês realmente mudam a vida de pessoas como nós.

Aos conhecimentos sulistas, esses que nos ajudam a pensar maneiras outras de produzir conhecimento além dos hegemônicos que nos são impostos.

E, por fim, meus agradecimentos a todas e todos que direta e/ou indiretamente me ajudaram a pensar, pesquisar e realizar as discussões apresentadas neste texto.

## PEDADOGINGA (Thiago Elniño part. Sant e KMKZ)

Orumila jogou os búzios pra ver  
Que futuro ia ter a ave que enfrentou o  
Oxossi  
Índio guerreiro que era justo, que era forte  
Que pra defender o povo tinha apenas uma  
flecha em sua posse  
E que mostrou que o impossível não era  
improvável  
E o que não era tranquilo se fez favorável  
E uma hora cês vão ver o inevitável  
Nossa fé é imensurável e transforma dor  
em motivação  
Pra superação, tanta humilhação  
Atravessar o oceano para tramar na sua  
plantação  
Café, algodão, cana, escravidão  
Alforriaram o nosso corpo, mas deixaram  
as mentes na prisão  
Não! Abre logo a porra do cofre  
Não tô falando de dinheiro, eu falo de  
conhecimento  
Eu não quero mais estudar na sua escola  
Que não conta a minha história, na verdade  
me mata por dentro  
Me alimento da sabedoria de entidades de  
terreiro  
Sou guerreiro da falange de Ogum, zum  
zum zum  
Capoeira mata um, mata mil  
Pedagoginga na troca de informação  
Papo de visão, nossa construção  
Passa por saber quem somos e também  
quem eles são  
Não entrar em conflitos que não tragam  
solução  
Evitar a fadiga, não dar um passo em vão  
Quando todo campo de conhecimento é  
válido  
Só tem que o homem pálido  
Nos vende que somente o seu que serve  
Levanta-se a voz daquele que se atreve  
A expor seu desconforto mesmo que o  
sistema não releve  
Não é leve não, mano, pesado pique um  
fardo  
Eu tenho amigos no outro lado, são  
exceções que eu tenho amor

Mas se tem coisa que a escola não me  
ensinou  
É que o amor é indispensável em qualquer  
lugar que for  
[KMKZ]  
Minha percepção de mundo diz que nós  
Mesmo não vendo nada em volta, nunca  
estamos sós  
Faço minha oração, peço força pro meu  
guia  
E que ele não me abandone nas lutas do dia  
a dia

[Thiago Elniño]

Mano, vou te falar ein, ô lugar que eu  
odiava  
Eu não entendia porra nenhuma do que a  
professora me falava  
Ela explicava, explicava, querendo que eu  
Criasse um interesse num mundo que não  
tinha nada haver com o meu  
Não sei se a escola aliena mais do que  
informa  
Te revolta ou te conforma com as merdas  
que o mundo tá  
Nem todo livro, irmão, foi feito pra livrar  
Depende da história contada e também de  
quem vai contar  
Pra mim contaram que o preto não tem vez  
E o que que o Hip-Hop fez? Veio e me  
disse o contrário  
A escola sempre reforçou que eu era feio  
O Hip-Hop veio e disse: Tu é bonito pra  
caralho  
O Hip-Hop me falou de autonomia  
Autonomia que a escola nunca me deu  
A escola me ensinou a escolher caminhos  
Dentro do quadrado que ela mesmo me  
prende

[Sant]

Nasceu vencendo o Apartheid no ventre  
Vive quem sempre sabe olhar pra frente,  
certo?  
Livre com toda vez áspera, conta meses a  
esperar  
Pra respirar, mais um dessa diáspora  
Com três ouvia pólvora, com quatro o pai

não mais verá  
Cinco primo preso, qual perspectiva  
haverá?  
A nove do plantão disparará, opera lá  
Mas pensa, menor de dez o juiz absolverá  
Se envolver, era pra coroa não piorar, Deus  
escutará no rádio (Será?)  
Na escola não ensinaram a orar, mas  
aprendeu a contar  
E ponta é fácil, seiscentos por semana  
Piscou tem treze agora  
Vai comprar até kit novo e comemorar  
Mas o silêncio na ilha diz o que se repetirá  
Pra tua mérito-fazenda, meu verso-fagulha  
Por que tinha só dezesseis, tem 5-8-4 na  
agulha

[KMKZ]  
Minha percepção de mundo diz que nós  
Mesmo não vendo nada em volta, nunca  
estamos sós  
Faço minha oração, peço força pro meu  
guia  
E que ele não me abandone nas lutas do dia  
a dia  
Minha percepção de mundo diz que nós  
Mesmo não vendo nada em volta, nunca  
estamos sós  
Faço minha oração, peço força pro meu  
guia  
E que ele não me abandone nas lutas do dia  
a dia

NASCIMENTO, Paulo César. **ECOANDO VOZES SUBALTERNIZADAS:** uma experiência de/colonial e antirracista de educação linguística em sala de aula de ensino médio. 2022. 203f. Dissertação (Mestrado em Língua Literatura e Interculturalidade) – Campus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2022.

**RESUMO:** A proposta deste texto é promover vozes de pessoas subalternizadas pelo modelo eurocêntrico de pensar sobre o conhecimento, a partir de conversas sobre racismo com estudantes de ensino médio de uma escola pública goiana, focalizadas em problematizações a respeito da cultura racista e sutil que consumimos diariamente por intermédio de alguns espaços institucionais, com ênfase na sutileza que o racismo é internalizado em nós por meio da mídia. Essa atitude pedagógica partiu da minha experiência enquanto aluno, período em que muitas vezes eu queria falar, expor o que pensava e/ou sentia, e nunca me foi concedido o espaço de fala (SILVESTRE, 2016). Assim, resolvi usar o meu espaço de privilégio conquistado para tentar fazer ecoar algumas vozes silenciadas. Ao sentir falta de conhecimentos subalternizados na escola e em pesquisas científicas, especialmente sobre racismo, propus-me a buscar maneiras outras de produzir tais conhecimentos. Desta forma, me baseei na perspectiva de Mignolo (2003) não para pesquisar *sobre*, mas para pesquisar *com*. Portanto, o que algumas pesquisas eurocêtricas chamam de dados, nesta dissertação, serão vistos como conhecimentos, ou seja, pensamentos materializados por intermédio da linguagem. Compreendendo a aprendizagem linguística como algo transdisciplinar, e até mesmo anti-disciplinar (PENNYCOOK, 2006), baseio-me em alguns saberes de campo distintos, mas complementares da linguagem, como os estudos decoloniais (CASTRO-GÓMES, 2005; COSTA; TORRES; GROFOGUEL, 2018; GROFOGUEL, 2008, 2006; QUIJANO, 1992, 2005), transdisciplinares (BRANCO, 2005; FANON, 1968, 2008; FAZZI, 2008; GRAMSCI, 1999; HOLANDA, 1995; MATTOZO, 2003; MOURA, 1977; MUNANGA, 1999, 2000; SPIVAK, 2010; KILOMBA, 2019), cognitivos (CORTEZ, 2005; FERRARI, 2011; LAKOFF; JOHNSON, 2002; SILVA, 2012) e críticos da linguagem (FABRÍCIO, 2006; FAIRCLOUGH, 2001, 2010; MOITA LOPES, 1996, 2006, 2009, 2019; NASCIMENTO, 2019; OLIVEIRA, 2013; PENNYCOOK, 2006; RAJAGOPALAN, 2007), entre outros, que corroboram as reflexões aqui apresentadas. Esta pesquisa em ensino é decolonial com vontade de ser antirracista, realizada nos meses de maio e junho de 2021, por meio de sete encontros remotos, conduzidos às terças-feiras com aprendizes do terceiro ano do ensino médio em uma instituição pública. Para a realização destes encontros, foi utilizada a plataforma Google Meet, devido ao momento pandêmico que estamos vivenciando, espaço no qual foram promovidas as conversas e reflexões. Para registrar os conhecimentos apresentados, todos os encontros foram gravados em áudio e vídeo. Os resultados indicam a necessidade e a possibilidade de evidenciar as vozes subalternizadas em nossos espaços privilegiados. Para além disso, esta pesquisa em ensino também nos permite perceber que a cultura que consumimos, por intermédio da mídia, está tão “naturalizada” em nosso cotidiano que não percebemos facilmente o racismo que se transmite e se funde ao que conhecemos como “cultura popular”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Decolonialidade. Conhecimento subalterno. Racismo. Língua e cultura racista.

NASCIMENTO, Paulo César. **ECHOING SUBALTERNIZED VOICES:** a de/colonial anti-racist experience of linguistic education in the high school classroom. 2022. 204p. Dissertation (Master's in Language, Literature and Interculturality) – Campus Cora Coralina, State University of Goiás, Goiás, 2022.

**ABSTRACT:** The text proposal is to promote the voices of people subalternized by the Eurocentric model of thinking about knowledge, from conversations about racism with high school students from a public school in Goiás, focused in problematizations about the racist and subtle culture that we consume daily through some institutional spaces, showing the subtlety that racism is internalized in us through the media. This pedagogical attitude left from my experience as a student, a period in which I often wanted to speak, expose what I thought and/or felt, and I was never given the space in speech (SILVESTRE, 2016). Thus, I decided to use my conquered space of privilege to try to make some silenced voices echo. Feeling a lack of subaltern knowledge at school and in scientific research, especially on racism, I proposed to look for other ways to produce such knowledge. In this way, I based myself on Mignolo's (2003) perspective not to research *about*, but to research *with*. Therefore, what some Eurocentric researches call data, in this dissertation, will be seen as knowledge, that is, thoughts materialized through language. Understanding linguistic learning as something transdisciplinary, and even antidisciplinary (PENNYCOOK, 2006), I base myself on some knowledge from different areas, but complementary to language, such as decolonial studies (CASTRO-GÓMES, 2005; COSTA; TORRES; GROSFUGUEL, 2018; GROSFUGUEL, 2018; GROSFUGUEL, 2008, 2006; QUIJANO, 1992, 2005), transdisciplinary (BRANCO, 2005; FANON, 1968, 2008; FAZZI, 2008; GRAMSCI, 1999; HOLANDA, 1995; MATTOZO, 2003; MOURA, 1977; MURANGA, 1999, 2000; SPIVAK, 2010; KILOMBA, 2019), cognitive (CORTEZ, 2005; FERRARI, 2011; LAKOFF; JOHNSON, 2002; SILVA, 2012) and language critics (FABRÍCIO, 2006; FAIRCLOUGH, 2001, 2010; MOITA LOPES, 1996, 2006, 2009, 2019; NASCIMENTO, 2019; OLIVEIRA, 2013; PENNYCOOK, 2006; RAJAGOPALAN, 2007), among others, which corroborate the reflections presented here. This research/teaching is decolonial with a desire to be anti-racist, carried out in May and June 2021, through seven remote meetings, conducted on Tuesdays with apprentices from the third year of high school in a public institution. To carry out these meetings, the Google Meet platform was used, due to the atypical moment we are experiencing, space in which the conversations was promoted. To record the knowledges presented, all meetings were recorded in audio and video. The results indicate the need and possibility of highlighting the voices of subalternized in our privileged spaces. In addition, this research/teaching also allowed us to realize that the culture we consume, through the media, is so "naturalized" in our daily lives that we do not easily perceive the racism that is transmitted and fused to what we know as "popular culture".

**KEYWORDS:** Decoloniality. Subaltern knowledge. Racism. Racist language and culture.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 O impossível não é improvável.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2 Os/as subalternizados/as .....</b>	<b>20</b>
1.2.1 As/os subalternizadas/os desta pesquisaensino.....	23
1.3 Evidenciando as vozes subalternizadas: problemas que precisam ser ouvidos ou resolvidos? .....	33
1.4 Por que de/colonial?.....	41
1.5 A de/colonialidade emerge de nossos corposconhecimentos .....	43
<b>2 ALFORRIARAM NOSSO CORPO, MAS DEIXARAM AS MENTES NA PRISÃO: INFORMANDO SOBRE O RACISMO.....</b>	<b>50</b>
2.1 PAPO DE VISÃO, NOSSA CONSTRUÇÃO .....	50
2.1.1 Depende da história contada: nosso sangue nas mãos dos radicais cristãos.....	53
2.2 Pra mim contaram que as leis: democracia racial? .....	58
2.2.1 Lei Euzébio de Queirós.....	59
2.2.2 Lei do Ventre Livre.....	60
2.2.3 Lei dos Sexagenários .....	62
2.2.4 Princesa Isabel, salvadora dos/as negros/as? .....	63
<b>3 QUAL PERSPECTIVA HAVERÁ? CONHECIMENTOS CULTURAIS .....</b>	<b>67</b>
3.1 As culturas negras e as imagens negras .....	67
3.1.1 A cultura branca e as imagens dos brancos .....	74
3.2 O olho que me julga precisa fazer regime .....	79
<b>4 O SILÊNCIO DA ILHA DIZ O QUE SE REPITIRÁ: O MONOPÓLIO DA IMAGEM NEGRA?.....</b>	<b>89</b>
4.1 A mídia e suas construções estereotipadas .....	89
4.2 Tudo começa na infância? .....	97
4.3 E depois da infância, a representação pejorativa continua?.....	104

4.4 Nossa realidade é exagero?.....	113
4.5 É subalternidade ou insurgência? .....	117
<b>5 MESMO NÃO VENDO NADA EM VOLTA, O RACISMO SEMPRE ESTÁ.....</b>	<b>121</b>
5.1 De trás para frente.....	121
5.2 Não nos abandone.....	126
<b>6 AS LUTAS DO DIA A DIA .....</b>	<b>130</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>134</b>
<b>REFERÊNCIAS MUSICAIS.....</b>	<b>142</b>
APÊNDICE A.....	143
APÊNDICE B .....	148
APÊNDICE C .....	157
APÊNDICE D.....	163
APÊNDICE E .....	173
APÊNDICE F .....	182
APÊNDICE G.....	192
APÊNDICE H.....	198

## INTRODUÇÃO

Antes de adentrar profundamente no que almejo com este texto, é necessário compreender toda a carga histórica que me fez aprofundar nos estudos raciais. Para isso, apresento um breve relato sobre minha vida social, principalmente as questões raciais que permearam a minha construção identitária. Foram essas experiências sociais que me trouxeram até aqui, foram elas que me levaram a ler sobre “raça”<sup>1</sup> e me deram fôlego para produzir esta pesquisaensino<sup>2</sup>.

Primeiro, acho relevante situar o leitor sobre a construção da minha identidade: docente e pesquisador negro. Tento trazer uma breve narrativa sobre a minha identidade atual e um pouco do que me fez chegar a esta pesquisaensino. Em seguida, no decorrer de toda a Introdução, é apresentado ao leitor o contexto em que o estudo foi desenvolvido, apresento quem são as/os subalternizadas/os nesta pesquisa e, por fim, apresento a escolha de escrita desse texto. A alternativa de estrutura desse trabalho, possui o propósito de apresentar possibilidades outras para construção e divulgação de texto científico. À vista disso, a estrutura que o/a leitor/a encontrará neste texto, foi organizada para fluidificar as “teorias” com o “material empírico”. Portanto, essa dissertação é tão nossa, quanto nós mesmos.

### 1.1 O impossível não é improvável

Utilizo as palavras do M.C., educador popular e pedagogo Thiado Elniño, para relatar que sempre quis ser alguém que colaborasse para a vida social de outros/as indivíduos/as que tivessem vindo de onde eu vim. Professoras/es e *rappers*, além de colaborarem na construção de minha vida social, me incentivaram a seguir melhorando como ser social todos os dias de minha vida, me fazendo buscar aprender a cada dia mais. Aprendi com minhas experiências a me reconstruir identitariamente diante de outros/as indivíduos/as, e isso tudo serve de reflexão a pessoas que passam por episódios semelhantes ou iguais aos que passei para chegar até aqui,

---

<sup>1</sup> Para que o leitor compreenda a origem e a problemática que envolve o campo semântico da palavra “raça”, indico a leitura do texto do Professor Dr. Kabengele Munanga (2000) intitulado “*Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*”.

<sup>2</sup> Pesquisaensino refere-se à hibridização ocorrida no desenvolvimento de todo o processo desta pesquisa. Viviane Silvestre (2016), em sua tese de doutorado, utiliza “pesquisa-formação”, por se tratar de uma pesquisa feita com professores em formação. Aqui, ao adotar o termo “pesquisaensino”, estamos nos referindo diretamente com o contexto em que ela foi desenvolvida, isto é, dentro do ensino médio. Dessa maneira, essa pesquisa foi desenvolvida para coletar conhecimentos outros e, também, possibilitar a expansão dos conhecimentos que os/as integrantes já obtinham, portanto, uma “pesquisaensino”.

demonstrando que o impossível não é improvável. A letra do RAP, de Thiago Elniño, serviu como base imprescindível para a construção de todo este texto.

Negro, recém se tornado negro (SOUZA, 1983), esta é a posição que ocupo neste determinado momento. Durante boa parte de minha vida, fui visto como moreno, pardo e, até mesmo, *café com leite*. Não sabia com que “raça”<sup>3</sup> me identificar, ficava preso ao que impunham sobre os meus traços negróides. Para muitos/as, era visto como preto, pretinho, ou *pau de enrolar fumo*, justamente por ser negro. Todavia, sempre que eu reivindicava a minha identidade negra, as pessoas diziam que eu não era. Pouco tempo atrás, consegui me identificar e assumir a minha posição como negro perante a sociedade, pois é ela quem nos coloca em suas caixinhas reservadas. Foi um marco, tanto para minha vida social quanto para a minha vida acadêmica.

Toda essa trajetória ocorreu, porque vivemos em uma sociedade que tenta, de todas as formas, nos apagar cultural e socialmente. De acordo com Munanga (1999) nós, os/as mestiços/as, vivemos nessa ambiguidade, nascemos e crescemos indefinidos/as. Afinal, estamos diariamente submetidos/as a um jogo racial (FAZZI, 2006) que atrapalha a nossa autoidentificação negra. Por inúmeras vezes, sofri ataques, obviamente pela a cor de minha pele, mas sempre era ironizado e diziam que tal ato não tinha sido racista, mas, sim, uma forma de “brincadeira”<sup>4</sup>. Até mesmo porque sempre fui visto como possivelmente suspeito de ter cometido ou propício a cometer algo ilícito. Nunca soube como me comportar diante dessas acusações, acusações dirigidas a mim, com expressões faciais e/ou verbais e explícitas. O que fiz foi justamente o contrário: de tanto me dizerem que possivelmente me tornaria algo “*que não presta*”, me empossei desse discurso durante boa parte da minha infância, fazendo com que eu me integrasse a grupos de pessoas vistas como “marginais” pelos olhares coloniais brancos. Hoje, tenho a possibilidade de olhar para este meu passado e perceber o que me fez ter determinadas atitudes na infância e na adolescência, coisas que eu nem imaginava ter explicações e que, hoje, consigo compreendê-las bem.

Mesmo tendo todas essas questões que fundamentaram a minha vida, fui agraciado ao conhecer uma pessoa maravilhosa, que sempre foi dura comigo, mas sempre me incentivou a ir além, avistando, talvez, uma possível identidade de linguista em minha construção identitária. Afinal, sempre fui crítico dessas questões, principalmente em redes sociais, onde esse nosso

---

<sup>3</sup> No decorrer do texto, opto por utilizar “raça” entre aspas, por compreender que este signo foi designado ao “outro”, isto é, ao diferente do branco europeu.

<sup>4</sup> Para o racista “sutil”, racismo, ferir o “outro” ou rebaixar, é “apenas uma brincadeira”, é o “racismo recreativo” de Adilson Moreira (2019).

vínculo se iniciou. Esta pessoa é o meu orientador, Hélivio Frank. Desde minha juventude, me instruiu a ser alguém diferente daquele que eu estava me tornando, nunca irei esquecer o quanto ele modificou a minha vida.

Sempre me orientou a ter outras visões além daquelas que eram impostas a mim, até chegar a um certo momento em que me instruiu a cursar Letras na Universidade Estadual de Goiás – Unidade Itapuranga. Até então, nunca havia me imaginado como professor, pois queria ser *rapper* ou poeta. Acho que por ele saber disso, me incentivou a cursar o curso. Nas palavras dele, “eu gostava de escrever”, e realmente eu já amava<sup>5</sup>. Após ter parado os estudos por três anos, em 2015 resolvi prestar o vestibular, passei e comecei a cursar em 2016. Logo de início, ele sempre me apoiou, sempre me instruiu e, por ter conhecimento de que minha vida financeira era frágil, me incentivou a tentar uma bolsa de estudos. Assim, de início, pude ser bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). Essa seria a oportunidade para que começasse a esculpir minha identidade docente (OLIVEIRA, 2013). Desde então, não a larguei, e ele também nunca desistiu de mim, me ajudando a lapidar a identidade docente, dia após dia, principalmente com os grupos de pesquisas nos quais sempre me inseriu, incentivando e aguçando minha criticidade gradativamente, e enriquecendo minha identidade de docente/pesquisador. Em 2018, consegui uma outra bolsa. Desta vez, como pesquisador de IC (Iniciação Científica). Não sabia, mas ali a minha identidade veio se resignificando, de *neguinho*<sup>6</sup> e *pretinho*, a professor negro, mestrando negro e agora pesquisa(dor) negro.

Devo tudo a ele. Minha infância e adolescência foi um período cheio de problemas e de dores, que vieram a ser reconstruídas e resignificadas no decorrer das leituras que me foram apresentadas. Para minhas identidades que vieram a ser des/re/construídas, houve, então, um processo longo, demorado e dolorido. Tão doloroso que, me lembro bem, quando fui fazer meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Hélivio, ao me orientar na graduação, instigou-me a pesquisar sobre questões raciais. Porém, não conseguia falar sobre o assunto até aquele momento, já que estava preso em um processo de construção identitária. Além do mais, não percebia o quanto todos esses problemas foram importantes para a construção daquela identidade que estava me consumindo antes mesmo de adentrar ao ensino superior; não sabia

---

<sup>5</sup> Mesmo que, à época, minha escrita fosse totalmente diferente da atual, carregada de ódio, sem coesão e coerência, a língua do opressor era de difícil acesso para mim: não havia influência de leituras e nunca gostei de regras. Além disso, nas aulas de português que tive eram somente ensinadas regras gramaticais e, a pouca criticidade que tinha era influência das músicas que eu escutava.

<sup>6</sup> Para compreender melhor o que sempre ouvimos quando crianças, indico que ouçam o Rap, intitulado “Neguin” do César Mc., part. Djonga (2021). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oZAgfOAJMqY>. Acesso em 08 de novembro de 2021.

que aqueles olhares e falas à minha volta acabavam me julgando, me introjetando uma representação fictícia sobre nós negros/as numa sociedade estruturada pelo racismo.

Nesta pesquisa em ensino, trago um pouco das minhas indagações daquele período: o racismo, a identidade negra e a luta de resistência de um povo que sempre foi oprimido pelos padrões eurocêntricos que nos circunscrevem. Essa minha identidade, recém “*descoberta*”, é fruto de toda a carga histórica, de todas as experiências particulares, das leituras sobre a identidade negra que corroboram um horizonte a ser trilhado (GADAMER, 2004, 2008).

Na condição de professor/pesquisador, a partir da minha localidade, da minha identificação atual e da história que carrego sobre minhas construções, almejo ocupar um espaço para agregar forças sob um confronto direto aos padrões que me fizeram sofrer e que, talvez, façam cotidianamente outras pessoas sofrerem.

Ao perceber o apagamento cultural a que nos submetem diariamente, por meios sutis, filmes, jornais (impressos, digitais, televisivos), propagandas, telenovelas etc., conseguimos nos manter controlados/as, orientados/as a seguir um padrão que, para uma parte da branquitude e, conseqüentemente, para uma grande parte da sociedade, é a “única certa”. Por isso, é preciso demonstrar que ser antirracista não é uma luta individual, mas coletiva (MOURA, 1977), e é de extrema relevância para a atualidade. Então, introduzir os/as aprendizes nas discussões antirracistas, dar-lhes ouvidos e construir pensamentos em conjunto pode nos instigar a perceber a existência do racismo, não só quando somos atacados/as violentamente, mas, também, quando somos atacados/as sutilmente, de forma mascarada (NASCIMENTO, 1978). Esse modelo está presente em todos os momentos do Brasil, como Abdias do Nascimento diz:

“Todos nós sabemos o prejuízo social que causa o racismo. Quando uma pessoa não gosta de um negro é lamentável, mas quando toda uma sociedade assume atitudes racistas frente a um povo inteiro, ou se nega a enfrentar, aí então o resultado é trágico para nós negros” (NASCIMENTO, 1978, p. 134).

Caso eu não tivesse a oportunidade de conhecer o Hélivio, e ele não tivesse me instigado a estudar, a ter um olhar mais crítico, eu não teria talvez percebido este “racismo mascarado” (NASCIMENTO, 1978). Isso tudo hoje me move no sentido de que não podemos aceitar tudo isso de forma passiva.

Por isso, nesta pesquisa em ensino foi adotada uma forma de agir que, além de produzir conhecimentos para minha dissertação, acredito, também, pode contribuir para que as/os integrantes assumam um papel problematizador em seu meio social, contestem as “estórias” que são impostas a nós desde a infância e possibilitar a expansão de suas perspectivas.

Ao evidenciar as vozes subalternizadas (SPIVAK, 2010) nos trabalhos de ciências sociais e, principalmente nos de língua, acredito que podemos levantar indagações sobre “o caráter excessivamente eurocêntrico das nossas universidades e da sua mentalidade colonizada de origem” (CARVALHO, 2018, p. 90). Neste sentido refiro-me ao excessivo número de brancos/as nas graduações e pós-graduações, ao número excessivo de escritores/as brancos/as que nos são apresentados, como se não existissem outras verdades ou como se não existissem negros/as intelectuais que ajudaram na revolução do pensamento científico. Refiro-me, também, a toda a estrutura organizada nesses espaços institucionais que nos leva a exaltar apenas teóricos/as e pesquisas eurocêntricas.

Desta forma, uma aprendizagem linguística e crítica na escola pode favorecer não apenas a construção identitária dos/as aprendizes, mas instigá-los/as a problematizar as relações sociais que são impostas cotidianamente a nós, sobretudo, o caráter racial que estrutura a sociedade e que nos mata de dentro para fora.

## 1.2 Os/as subalternizados/as

Para que possamos identificar quem são os/as subalternizados/as desta estrutura, é preciso compreender que somos sempre doutrinados/as e orientados/as por pequenos grupos (internos ou externos) que exercem os papéis de “intelectuais”<sup>7</sup> na sociedade (GRAMSCI, 1999). Dentro de uma pesquisa científica eurocêntrica, o pesquisador é visto como o “intelectual” e os/as participantes da pesquisa são vistos/as como “produtores de dados”. Para Spivak<sup>8</sup> (2010, p. 76) os/as subalternizados/as “são definidos como uma diferença da elite”, e por vivermos em uma sociedade caracterizada por hierarquias impostas pelo modelo capitalista, o pesquisador se apossa da identidade de “intelectual” e os/as integrantes se tornam subalternizados/as a ele. Esse modelo colonial dita as regras da sociedade e faz que sejamos “conformistas de algum conformismo”, uma vez que “somos sempre homens-massa ou homens-coletivos” (GRAMSCI, 1999, p. 94). O fato é que produzimos e reproduzimos este caráter hierárquico em todas as instâncias e, muitas das vezes, nem percebemos. Por essa razão, logo de início já peço desculpas ao/à leitor/a, caso não encontre esforços decoloniais

---

<sup>7</sup> Durante a leitura desse texto, convido o leitor a pensar de forma decolonial os signos linguísticos que estão entre “aspas”. Muitos deles foram inseridos nesta redação com o propósito de “ironizar”, os padrões coloniais que nos são apresentados como sendo os “únicos possíveis”.

<sup>8</sup> Gayatri Chakravorty Spivak é a escritora do livro “Pode o subalterno falar?” (2010), nele a autora tece uma construção crítica sobre a subalternidade da mulher no contexto indiano, no qual ela chega à conclusão de que o subalterno não poderia falar, pois se assim o fizesse, não seria mais visto como subalterno.

(SILVESTRE, 2016) por todo o texto. Como eu já disse, construir e desconstruir algo tão “naturalizado”<sup>9</sup> é um processo demorado, doloroso e complexo.

Quando pensamos as pesquisas das ciências sociais, é possível sempre observarmos um grande número de participantes que, de forma direta ou indireta, responde às perguntas de “pesquisa”. O pesquisador, que faz parte do pequeno grupo, utiliza o que foi produzido para analisar e tecer comentários que comprovam alguma hipótese levantada por ele. A hipótese, um ato científico dedutivo, é sempre muito colonizador. De certa forma, subalterniza os/as integrantes da “pesquisa”, os/as quais, muitas vezes, são maioria em seu texto. De acordo com Castro-Gomes e Grosfoguel (2007), a superioridade assinalada ao conhecimento europeu em muitas áreas da vida foi um importante aspecto da colonialidade do poder no sistema-mundo. Por essas questões e tantas outras, os conhecimentos subalternizados foram excluídos, omitidos, silenciados e ignorados por uma elite científica.

A elite científica, por sua vez, direta ou indiretamente, acomoda os/as pesquisadores/as em um espaço elitizado, acomodação essa que cria grupos de pesquisadores/as que se colocam como sendo os/as únicos/as “intelectuais” de sua pesquisa. Ao cabo, são orientados/as a ver os conhecimentos subalternizados como “dados” que precisam ser analisados e interpretados para então, ter “aceitação” no meio científico.

A “intelectualidade”, ou seja, a complexidade das discussões, “produz situações de opressão diversas, definidas a partir de fronteiras de gênero, étnicas ou raciais” (LINO, 2014, p. 20). Desta forma, corrobora a manutenção da subalternidade. Portanto “a atividade intelectual [não é] própria de uma determinada categoria de cientistas especializados” (GRAMSCI, 1999, p. 93). Afinal, “até mesmo na mais simples manifestação de uma atividade intelectual qualquer, na ‘linguagem’, está contida uma determinada concepção do mundo” (p. 93).

Contudo, as relações de subalternidade vão além do saber; estão também intrinsecamente ligadas nas relações do ser. Os grupos subalternizados (GRAMSCI, 1999), para Willians (1979, p. 119), são “grupos na sociedade que foram deixados a margem por algum acontecimento hegemônico particular”. Dessa maneira, deve-se compreender que “numa sociedade de classe, há principalmente as desigualdades entre as classes” (WILLIANS, 1979, p. 112) ou, como Milton Santos (2002) diz, há, antes de tudo, desigualdades territoriais. Em

---

<sup>9</sup> Utilizo “naturalizado”, entre aspas, no decorrer desse texto, para apontar um pensamento crítico a respeito desse *status* de naturalidade, seguindo especialmente a ideia do Professor Eduardo Miranda, no livro “Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência” (2020). Segundo o autor, é preciso pensarmos em algo para construirmos e desconstruirmos tais imagens sobre o corpo negro/a. Em minhas palavras, todas as vezes que aparecem variações do item lexical “Naturalizar”, quero instigar o leitor a pensar se é realmente algo “natural” ou se é uma construção sócio-histórica-política.

outras palavras, devemos compreender essas diferenças “em termos de etnia, gênero, sexualidade e, algumas vezes, nacionalidade” (MIGNOLO, 2003, p. 243). Observa-se, então, o ser, como um forte demarcador de subalternidade.

Demarcam-se, relações hierárquicas entre os grupos sociais, relações que nos foram introjetadas pelas experiências coloniais. Logo compreende-se que a subalternidade não é homogênea; existem níveis hierárquicos que nos foram introjetados culturalmente. Para Dussel (1975, p. 08) “a Rússia, os Estados Unidos, devendo acrescentar-se também a Europa, o Japão e o Canadá” se auto proclamaram o centro e, por tabela, todas as demais localidades geopolíticas foram definidas como periferia, ou seja, o outro. Ao implementarem as subdivisões nas periferias (colônias), criaram grupos subalternizados distintos, levando-os a se subalternizarem. Ou seja, um homem negro, subalternizado pelo o homem branco e pela cultura branca, se apossa do “*status*” de superior ao homossexual negro e da mulher negra, desta forma subdivide o grupo subalternizado negro em: heterossexual, homossexual e mulher, minando as forças de lutarem contra um outro grupo que os caracterizam como subalternizados a eles, quer dizer, colonizadores e colonizados.

Tais perspectivas de subalternidade apresentam-nos uma complexidade para a compreensão de quem ou o que é subalterno. No entanto, Gramsci (1999), ao observar todas essas complexidades e subdivisões, apresenta a necessidade de grupos subalternizados se unirem (mesmo que momentaneamente), para lutar contra o poder hegemônico colonialista. Aqui, compreendemos hegemonia à luz dos escritos de Willians (1979). Para ele, a “hegemonia” movimenta-se além da ideologia e da cultura. De acordo com o autor, a hegemonia é

todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmo e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor – que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente. Constitui assim um senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se, na maioria das áreas de sua vida. Em outras palavras, é no sentido mais forte uma “cultura”, mas uma cultura que tem também de ser considerada como o domínio e subordinação vividos de determinadas classes. (WILLIANS, 1979, p. 113)

Ao utilizar a compreensão de Gramsci (1999) sobre os grupos subalternizados, capta-se toda a variedade e extensão desses grupos. Ao analisar principalmente o seu contexto geopolítico, Gramsci (1999) descreve uma variedade de instâncias subalternizadas, como: religiosos e tradicionais, conhecimento científico e conhecimento popular, sociedade civil e

sociedade política, cidade e campo etc. De acordo com ele, dentro desses grupos existem outras subdivisões, o que fortalece a ideia de que as classes subalternizadas por identificação não são unidas. Para Martins (1989, p. 98) “a categoria de subalterno é certamente mais intensa e mais expressiva que a simples categoria de trabalhador”; somos heterogêneos. Portanto, a subalternização não deve ser compreendida apenas nas questões salariais e monetárias, mas também na dominação, na exclusão econômica, na exclusão política e na exploração. Em conformidade com Yazbek (2006), compreendemos que a subalternização deve ser compreendida para além da renda limitada. Deve-se levar em consideração também a exclusão e a subalternidade em seus aspectos gerais. Ou seja,

Do ponto de vista da renda, o que se evidencia é que para a grande maioria dos trabalhadores, com registro em carteira ou não, com contrato ou por conta própria, predominam os baixos rendimentos e a consequente privação material daí advinda. Do ponto de vista da exclusão e da subalternidade, a experiência da pobreza constrói referências e define ‘um lugar no mundo’, onde a ausência de poder de mando e decisão, a privação de bens materiais e do próprio conhecimento dos processos sociais que explicam essa condição ocorrem simultaneamente a práticas de resistência e luta. (YAZBEK, 2006, p. 63)

Dessa maneira, necessitamos de uma hegemonia alternativa que unifica os grupos subalternizados, com a finalidade de fornecer uma melhora gradativa a todos subalternizados. Afinal, de acordo com Thompson (1987), as classes são resultadas a partir das experiências coletivas obtidas pela família e pelo grupo social em que estamos inscritos, o que, por consequência, nos define com pertencentes a um ou outro grupo. Sendo assim, os grupos subalternizados que colaboraram para a construção dos conhecimentos nesta pesquisa são diversos, composto de: negros, mulheres, pessoas LGBTQIA+ e trabalhadores/as em geral (esse último grupo unifica todos pertencentes dos grupos anteriores).

### *1.2.1 As/os subalternizadas/os desta pesquisa*

Para melhor compreender os grupos subalternizados dessa pesquisa, é preciso primeiramente apresentar o lugar em que ela foi desenvolvida. Assim sendo, contamos com a colaboração de alunos e alunas do terceiro ano vespertino do ensino médio de uma instituição escolar estadual de Itapuranga – Goiás, localizada a aproximadamente 155 km da capital goiana. Esse colégio é a única opção pública para alunos de ensino médio que, por quaisquer que sejam os motivos, não estudam no colégio militar. A turma é composta de trinta e cinco alunos e alunas, com faixa etária de 15 a 19 anos de idade. Trinta participaram de nossos sete

encontros ocorridos às terças-feiras dos meses de maio e junho. A cada encontro, o número de integrantes alterava, ficando entre vinte e cinco e trinta alunas/os a cada encontro. Sob visão eurocêntrica de pesquisa, essas/es produtoras/es de conhecimentos seriam vistas/os apenas como dados, ou seja, subalternas/os a mim, pesquisador e mestrando.

Construí esta pesquisaensino para apresentar os conhecimentos sobre o racismo vivido por grupos subalternizados e também para contribuir, mesmo que minimamente, para a expansão de suas perspectivas sobre o racismo. Ao ter o primeiro contato com a coordenação do colégio, fui informado da disciplina “Projeto de Vida”, que faz parte da grade curricular adotada pela instituição. Ela é um componente curricular do Novo Ensino Médio, adotado pela Lei 13.415/2017 (BRASIL, 2017) e faz parte da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), especialmente na sexta competência geral da educação básica, que diz:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu **projeto de vida**, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (BRASIL, 2018, p. 9, grifo nosso)

Diante dessa informação, que até então era desconhecida por mim, a professora relatou que, além de ser coordenadora, era também professora da disciplina “Projeto de Vida”, e que, entre os assuntos abordados, ela me relatou por intermédio de troca de mensagens no aplicativo WhatsApp, que trabalhava “exatamente do preconceito... né... de todos os tipos de preconceitos”. Foi aí que enviei meu projeto de pesquisa para a professora, com o intuito de apresentar como seria desenvolvido e o que era pretendido com a pesquisaensino. Feito isso, perguntei a ela o que achava e se a pesquisa se encaixava com a proposta da disciplina. Ao receber resposta positiva, busquei me informar sobre a disciplina.

Percebendo que a disciplina “Projeto de Vida” também faz parte das competências do ensino de línguas, solicitei para a professora alguns dias, durante o ano letivo de 2021, para tentar promover a expansão dos conhecimentos<sup>10</sup> que são apresentados aqui. Prontamente, a instituição e a professora me disponibilizaram os meses de maio e junho. Ao me ambientar com o conteúdo que estava sendo trabalhado, percebi que o tema racismo era trabalhado de forma

---

<sup>10</sup> Ao utilizar “conhecimentos” ao invés de “dados”, almejo problematizar a utilização do item lexical para referir-se aos conhecimentos que são produzidos em todas as pesquisas da área das ciências sociais. Com posicionamento crítico ao olhar eurocêntrico de pesquisa, no qual diz que “deve-se levar em consideração que os dados por si só nada dizem, é preciso que o cientista os interprete, isto é, seja capaz de expor seu verdadeiro significado” (LAKATOS & MARCONI, 2003, p. 49), acredito que não podemos olhar para eles como apenas dados que necessitam ser interpretados e que seus significados não sejam verdadeiros, mas como conhecimentos relevantes para a construção de uma sociedade mais responsável, ética e crítica.

bem superficial, isto é, mantendo o *status quo* de conhecimento sobre a questão. Era trabalhado apenas a respeito das agressões físicas e/ou verbais, como xingamentos etc. Essa prática, diga-se de passagem, também ocorria quando cursei o ensino fundamental e médio. Hoje, percebo que não é “má intenção” do/a professor/a<sup>11</sup>, mas, exclusivamente, fruto do pouco repertório teórico que apresenta possibilidades de discutir sobre o racismo dentro da sala de aula<sup>12</sup>. Dessa maneira, as formas “sutis”<sup>13</sup>, que, convenhamos, para nós negros/as, não são nada sutis, continuam sendo “naturalizadas” dentro desses espaços.

Após ter o contato com a professora que me disponibilizou suas aulas, solicitei que me inserisse no grupo de WhatsApp da turma que seria disponibilizada. Entretanto, o grupo era fechado, isto é, apenas os/as professores/as poderiam mandar mensagens. Isso me fez solicitar, para a professora, que me encaminhasse os links dos encontros semanais, para participar das aulas e ir me ambientando com a turma e suas discussões. Durante essas participações, solicitei para que as/os integrantes criassem um grupo de WhatsApp, no qual inseriram as/os suas/seus companheiras/os de sala. Feito isso, apresentei-me como alguém que estava interessado em ouvi-las/os sobre o tema. Disse que não queria dar aula, mas levar suas vozes, seus conhecimentos para a universidade, espaço no qual seus/suas professores/as e futuros/as professores/as estão inseridos/as. Quis que elas/es se sentissem empoderadas/os e que seu silêncio, durante este tempo, fosse rompido. Minha intenção era a de demonstrar que nós, subalternizados, também possuímos muito conhecimento para enriquecer a pesquisaensino.

Após essas conversas por WhatsApp, mandei-lhes um Questionário de Discussão<sup>14</sup> (QD), o qual foi aplicado uma semana antes de nosso primeiro encontro, viabilizando conhecer um pouco as/os subalternizadas/os desta pesquisaensino. Nem todas/os que participaram de nossos encontros o responderam. Por isso, foram obtidas apenas 14 respostas no questionário. O QD serviu também para a organização dos sete encontros que tivemos, tendo em vista que, na maioria dos casos, os questionários são utilizados por pesquisadores/as que almejam obter informações primárias sobre o meio socioeconômico e/ou posicionamentos primários sobre o tema que será abordado na pesquisa (MARTINS, 2008). Aqui, para além dessa intenção, o QD

---

<sup>11</sup> Em razão disso, os negros e as negras se tornam o que as ideologias brancas narram sobre eles e elas. Falar sobre narrativas, mídias, representações e poderes sociais, portanto, é pensar o papel da linguagem nessas construções.

<sup>12</sup> Tomar um papel antirracista nas aulas de línguas pode propiciar para que os aprendizes observem criticamente a cultura que consumimos diariamente, afinal, somos sempre recipientes propícios a nos encherem de informações, sejam elas positivas ou pejorativas.

<sup>13</sup> Só conseguimos distingui-las quando fazemos uma observação crítica da “realidade” descrita nesses espaços e, relaciona-las com nossa vida diária.

<sup>14</sup> O modelo do questionário adotado está inserido no Apêndice A desta pesquisaensino. Por isso, caso o leitor queira entender como este questionário foi elaborado, indico olhá-lo antes de continuar a leitura deste texto.

serviu especialmente para diagnosticar os interesses de discussão das/os integrantes e para elaborar conversas que poderiam fazer sentido ao grupo.

As vozes subalternizadas evidenciadas são de jovens e adolescentes, a escolha de conversar com esse grupo subalternizado se deu pelo fato de que eu sempre quis ser ouvido e notado nessa fase escolar. Desse modo, nada mais justo que eu tentar buscar conhecimentos sobre o racismo de pessoas que são emudecidas assim como fui. Estava tentando promover com eles/as o espaço que nunca tive neste período, além de comprovar a possibilidade de maneiras outras de se fazer “pesquisa”; estava tentando comprovar que os conhecimentos subalternizados enriquecem o fazer ciência. Seguindo essas descrições preliminares, descrevo a seguir os grupos subalternizados que contribuíram para que esta pesquisaensino fosse possível.

O grupo subalternizado negro/a (Negras/os e Pardas/os) compôs 64,3% das/os integrantes desta pesquisaensino, sendo eles/as:

#### *Ruivinha*

Ela se identifica parda, mora com pais na zona urbana, gosta de ver série, ler livros e ficar no celular, do sexo feminino e heterossexual, possui 18 anos de idade, gosta de estilos musicais variados, como rap, pop sertanejo e internacional;

#### *Neguinha*

Mora com a mãe, padrasto e irmão na zona urbana, nas suas horas vagas gosta de mexer no celular, escutar música, andar e conversar com pessoas de que gosta, se autodeclara negra do sexo feminino e heterossexual;

#### *Jubinha*

Mora com os pais na zona rural, gosta de ouvir músicas, é do sexo feminino e heterossexual, com 18 anos de idade. Autodeclara-se parda e gosta de músicas sertanejas.

#### *Anjo celeste*

Autodeclara-se pardo, mora com o pai e mãe na zona urbana, nas horas vagas gosta de ouvir discos de música. Durante nossas conversas de WhatsApp, disse colecionar discos de vinil doados por outras pessoas. É do sexo masculino e homossexual, com 19 anos de idade gosta de músicas dos anos 80, tais como Freddie Mercury, Queen (em geral), Stevie Nicks, Tim Maia, Rita Lee etc. Durante nossos encontros, ele não participou muito por ter começado a trabalhar nesse período de pandemia.

*Suna*

Mora com a mãe na zona urbana, do sexo masculino e heterossexual, se autodeclara pardo. Possui 19 anos de idade e gosta de rap e de músicas eletrônicas.

*Barth*

Mora com os tios na zona urbana, gosta de tocar e cantar, do sexo masculino e bissexual negro. Possui 17 anos de idade e gosta muito de músicas internacionais, muito fã de Whitney Houston e Celini Dion, mas também gosta de MPB, de artistas, como Caetano, Lulu Santos e Eliz. Também gosta de ouvir samba na voz de Alcione. De acordo com ele, gosta de tudo.

*Dadá*

Mora com os pais na zona urbana, gosta de mexer no celular e assistir a séries, é do sexo masculino e heterossexual, se declara pardo e tem 18 anos de idade. Gosta de sertanejo, de cantores, como Jorge e Matheus, Diego e Victor Hugo, Matheus e Kauan etc.

*Pretinha*

Mora com o pai, a mãe e seus irmãos na zona rural. Gosta de ler ou assistir a séries, é do sexo feminino e heterossexual, parda, tem 17 anos de idade, e gosta de músicas animadas no geral.

*Gladiador*

Mora com os pais na zona rural, gosta de se divertir nas horas vagas, é do sexo masculino e heterossexual, é pardo, tem 18 anos de idade e gosta de sertanejo, especialmente Milionário e José Rico.

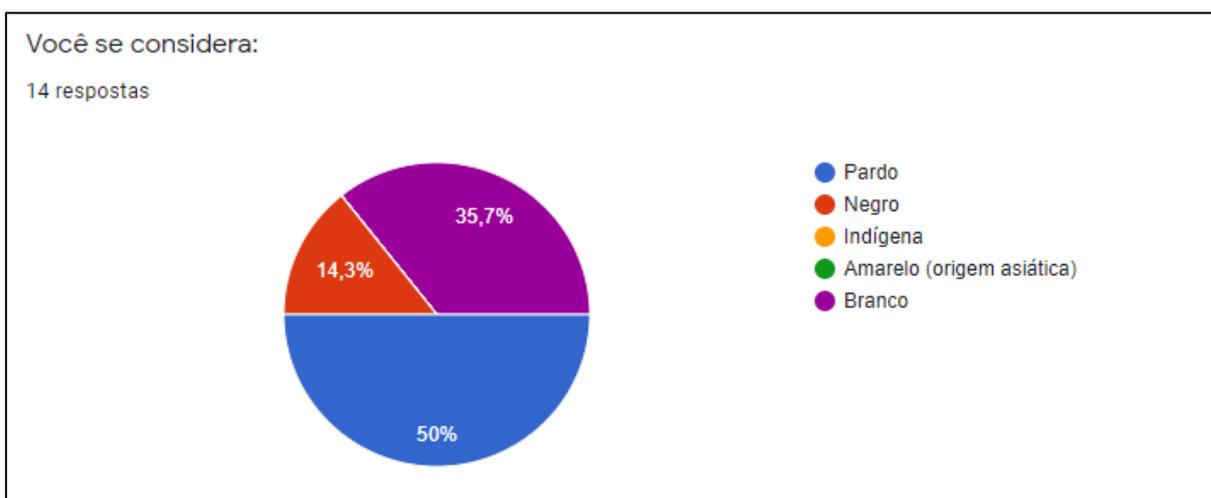
*Pitória*

Mora com sua mãe e seus avós na zona urbana. Nas suas horas vagas, gosta de mexer no celular, é do sexo feminino e heterossexual, é parda e tem 17 anos de idade. Gosta de funk, rap, sertanejo e gospel, e suas referências musicais são: The Neighbourhood, Duccan Laurence, Heroes Tonight, Invisible, Árvore Cortada, Árvore de Bons Frutos.

Aqui, compreendemos pardos e negros como pertencentes ao grupo subalternizado negro, por razão de que nós, pardos/as, temos que nos tornar negro/a (SOUZA, 1983). Afinal, aprendemos a nos categorizar como pardos/as após todo um processo colonial que teve a

finalidade de minar a força de luta e resistência de um grupo que soma a maioria da população brasileira. Abaixo, apresentamos um gráfico que resume o grupo subalternizado negro participante de nossa pesquisa. Logo após o gráfico, apresentamos o quanto as experiências vivenciais (SILVESTRE, 2016) dos/as negros/as e pardos/as se interseccionam (AKOTIRENTE, 2018).

Gráfico 1 - Autoidentificação dos Integrantes desta pesquisa



Fonte: QUESTIONÁRIO DE DISCUSSÃO (QD - APÊNDICE A, 2021)

Ao analisar o Questionário de Discussão (QD – APÊNDICE A), observamos algumas experiências vivenciais (SILVESTRE, 2016) que podem contribuir na nossa percepção de que negros/as e pardos/as são pertencentes ao mesmo grupo subalternizado, isto é, ao grupo subalternizado negro. Além disso, podemos apontar o quanto atitudes racistas se encontram “naturalizadas” em nosso meio.

Na pergunta “Você já presenciou algum ato racista? Se sim, me conte sobre ele?”, alguns/algumas pardos/as responderam: a) “Sim, já fui vítima de racismo e bullying, falando do meu cabelo e me chamando de gorda e balão [...]” (RUIVINHA, 2021, APÊNDICE A); b) “Sim. Por causa da cor da pele, começou dizendo que era brincadeira, aí depois ficava olhando estranho” (JUBINHA, 2021, APÊNDICE A).

Para entender que algumas pessoas pardas são também alvos de racismo, é preciso ter em mente que “o brasileiro foge de sua realidade étnica, de sua identidade, procurando, mediante simbolismo de fuga, situar-se o mais próximo possível do modelo tido como superior, isto é branco” (MUNANGA, 1999, p. 120). Foi justamente isso que fiz durante minha infância e adolescência, uma vez que só pude iniciar a minha construção identitária negra após reconhecer que fui manipulado socialmente no jogo racial que Fazzi (2006) descreve.

Não é possível dizer que todos/as que se afirmam pardos/as, passam pela mesma problemática que eu e as integrantes acima relatamos. Afinal, “no Brasil, a classificação racial [...] trata-se de uma classificação racial cromática, ou seja, baseada na marca e na cor da pele, e não na origem ou no sangue como nos Estados Unidos e na África do Sul” (MUNANGA, 1999, p. 118). Uma experiência que descreve bem o jogo racial de Fazzi (2006) e a problemática apresentada por Munanga (1999) foi relatada em um dos nossos encontros. Nele, Jubinha diz:

É que nem questão de prova mesmo... que;; que;;... pergunta... ah mais... qual que é sua cor... qual é sua ‘raça’... eu não sei se eu ponho branco... eu não sei se eu ponho pardo... eu não sei de nada... porque a maioria das vezes... eu coloco tipo... vou ‘pô’... ponho branco... aí a pessoa pega e diz... a mais você não é branca... não sei o que... não sei o que... aí eu coloco pardo... a mas você nem chega perto de ser pardo... ai eu fico tipo... meio... então o que que eu ponho. (JUBINHA, 2021, APÊNDICE B)

Observarmos com essas falas um jogo racial (FAZZI, 2012) do tipo: você é muito escura para ser branca e muito clara para ser parda. Acontece de forma bem mais profunda com os “pardos”, afinal, eles não podem ser vistos como brancos, muito menos como negros. Todavia, quando se trata de sofrerem racismo, sofrem com “piadinhas” e exclusão assim como os negros.

Quando nos perguntamos quem são as/os subalternas/os, ficamos imaginando toda e qualquer pessoa que é marginalizada na sociedade. Porém, entre as pessoas marginalizadas, existem algumas que ainda conseguem ser ouvidas, quando assim desejam, a depender dos contextos em que se localizam. Por isso, precisamos compreender que as/os subalternizadas/os são “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 13-14). Aqui, compreendo camada mais baixa e exclusão de mercado, não como uma questão de poder econômico e/ou aquisitivo, haja vista que, com o advento das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC’S), são inúmeras as vezes que nos deparamos com relatos de mulheres, negros/as-pardos/as, homossexuais, bissexuais etc., que, mesmo possuindo um poder aquisitivo superior da classe baixa, são alvos de misoginia, LGTBQIA+fobia e racismo. Como exemplo, Barth (APÊNDICE C, 2021) nos apresenta uma história:

[A]quela história de que, uma mulher passou e viu a outra... uma mulher negra e tudo... preta mesmo, e a mulher... a mulher chegou e perguntou, quanto ela cobrava para dar faxina... e, se ela, era empregada doméstica... ai, a mulher, foi e respondeu... não, eu sou doutora em história... sou professora da universidade pública...(BARTH, APÊNDICE C, 2021)

Portanto, nossas subalternidades não estão subscritas apenas no poder monetário. A subalternidade transita na questão de sexo, gênero, “raça” etc., por exemplo: a sala virtual em que esta pesquisa ensino foi desenvolvida era composta por 64,3% de pessoas do sexo feminino e 35,7% do sexo masculino. Entre essas/es, vale destacar que ‘Anjo Celeste’ nos relatou ser homossexual e ‘Barth’ disse ser bissexual.

É preciso entender que a subalternidade é marcada também na questão de idade. Para melhor descrever essa questão, apresentamos um certo momento de nossos encontros. Momento em que ‘Jade’ e ‘Barth’, relataram suas experiências ao exporem seus posicionamentos políticos em um portal do Facebook da cidade de Itapuranga – Goiás. Eles dizem o seguinte:

Nossa... teve um negócio que eu e o [Barth]... comentamos, aí, um velho, foi lá nos xingar... falar que nós dois éramos pirralhos, né [Barth]!?... Que não sabia de nada. E não sei o que... eu falei assim ó... espera aí, eu vou tocar o berrante para você gado... (JADE, APÊNDICE D, 2021)

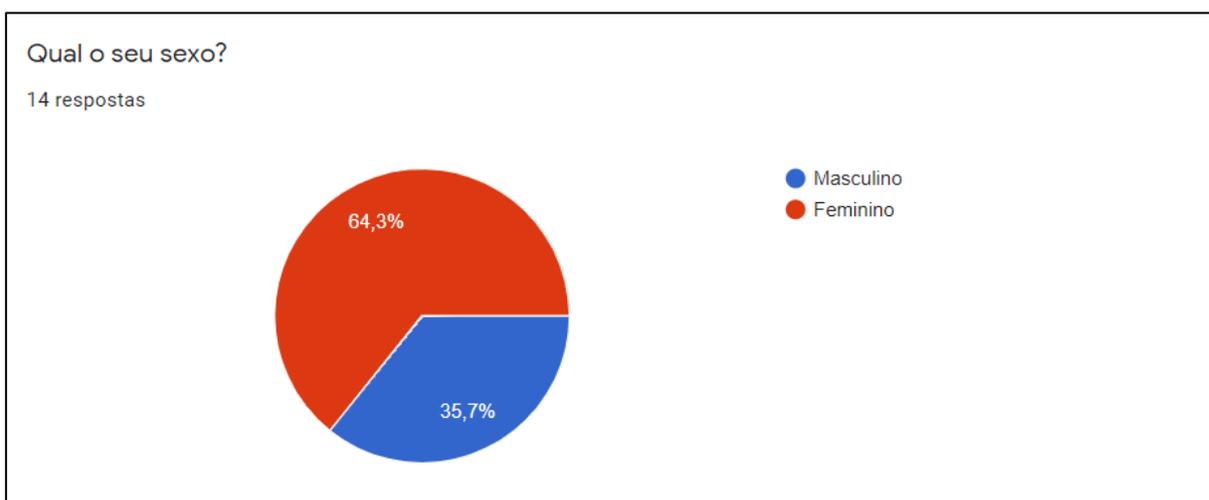
Foi... aí, eu fui... não;; aí, aquele dia, eu... [Jade] aquele dia, o [professor] foi em meu PV... não;; se eu fosse você, tinha falado mais coisa... a [internauta] também foi no meu PV... sabe. E falou... chamou eu e a Jade de pirralho... [disse] que não sabíamos de nada... e, esse homem, que eu o conheço... ele quem não sabe de nada. Sabe!?... ele não procura se informar... velho ignorante... ah, vai cagar... me chamar de pirralho... eu tenho sim minha opinião e pronto... eu já tenho... vou fazer 18 anos... daqui 6 meses eu faço 18 anos, então, ó;;... eu sei bem o que defendo... O senhor entendeu?... Não gosto mesmo... tem que aprender a conviver sim... levo na educação... Mas, assim... quando parte para o âmbito, mais assim, [pejorativo?] eu corto... não gosto... (BARTH, APÊNDICE D, 2021)

À vista disso, ao olharmos as representações políticas, legal e o estrato social dominante: mulheres, homossexuais, bissexuais, pessoas negras/pardas, jovens e adolescentes possuem menos ou quase nulas representações. Portanto, acabam integrando, de maneiras diversas, os mais variados grupos subalternizados. É preciso destacar que o grupo subalternizado negro e o grupo subalternizado mulher se encontram mais no extremo da subalternidade. Afinal, fazem parte de um extrato que, mesmo ocupando espaços elitizados, não são re/conhecidas/os e respeitadas/os por suas excelências, mas por estarem nesses espaços, exclusivamente, porque o heterossexual branco “aceitou” “incluir” as “minorias” nos espaços que “são” deles.

O grupo subalternizado mulher representa maioria nesta pesquisa ensino (64,3%). Porém, na sociedade, nos extratos dominantes, esse número não é representado. De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), nas eleições de 2020, apenas 12% dos/as prefeitos/as eleitos/as no 1º turno são mulheres. Segundo o órgão, “apesar de representarem mais de 51,8%

da população e mais de 52% do eleitorado brasileiro, as mulheres ainda são minoria na política” (TSE, 2020, [s.p.]). Esse é apenas um recorte para facilitar a compreensão da subalternidade intrínseca ao corpo da mulher numa estrutura patriarcal. Para resumir a contribuição das mulheres subalternizadas nessa pesquisaensino, abaixo apresentamos a força expressiva delas neste texto, em vista dos homens:

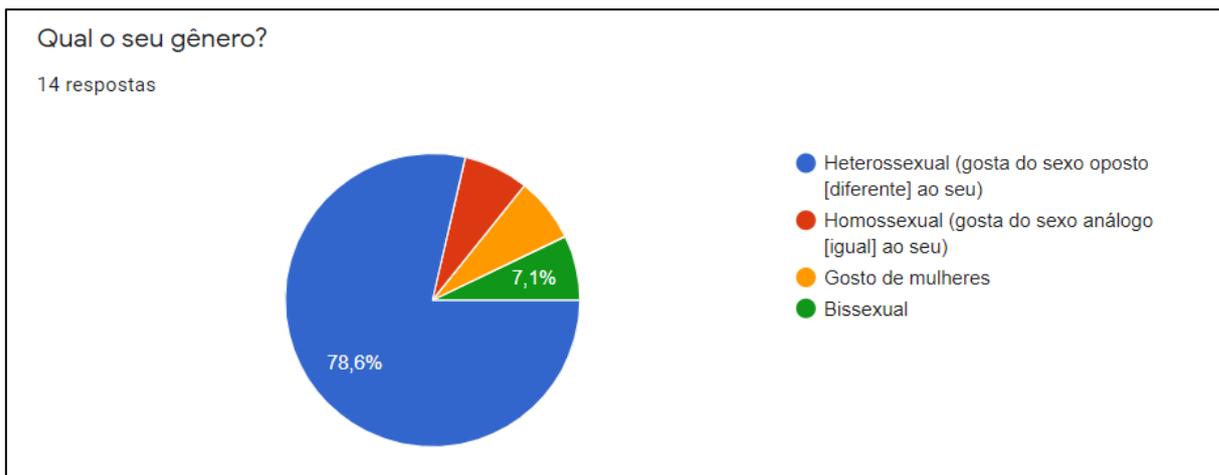
Gráfico 2 – Sexo das/os integrantes



Fonte: QUESTIONÁRIO DE DISCUSSÃO (QD - APÊNDICE A, 2021)

Além da heterogeneidade da estrutura familiar, e da força expressiva do grupo subalternizado mulher nesta pesquisaensino, a heterogeneidade de gênero contribuiu para autenticar a diversidade de grupos subalternizados existentes em nossa sociedade. São separações de grupos que foram se “naturalizando” em nossa estrutura, separações essas que acabam minando a força expressiva que a “classe dominada” tem sobre a classe “dominadora”. Para representar essa diversidade de gêneros, trouxemos o gráfico abaixo:

Gráfico 3 – Gênero das/os integrantes



Fonte: QUESTIONÁRIO DE DISCUSSÃO (QD - APÊNDICE A, 2021)

Ao expor a diversidade de grupos subalternizados, é necessário levar em consideração que essas subdivisões são questões internas dos grupos subalternizados. Em outras palavras, elas fazem parte de um grande grupo subalternizado, o que aqui compreenderemos como grupo subalternizado trabalhador. De acordo com Yazbek (2006, p. 73) “numa sociedade marcada pela exclusão, as precárias condições de vida das classes subalternizadas estão carregadas de um patrimônio social e de relações sociais que, muitas vezes, vão cunhar e reiterar o lugar social subalterno”. As relações sociais servem como demarcadores do “senso comum”, no qual existe “uma certa dose de ‘experimentalismo’ e de observação direta da realidade, ainda que empírica e limitada” (GRAMSCI, 1999, p. 403). Portanto, ao trazer as vozes subalternizadas para esta pesquisaensino, estamos transportando algumas experiências vivenciais (SILVESTRE, 2016) das/os integrantes para este texto.

De início, o entendimento de subalternidade estava centrado nas relações de poder existentes entre adultos e adolescentes/jovens. Com o passar dos encontros, observamos que as/os integrantes estavam dentro de um grupo subalternizado majoritário, ou seja, o grupo subalternizado trabalhador. A grande maioria das famílias de nossos/s integrantes vive com rendimentos mensais de um até dois salários mínimos, com exceção de um dos/as integrantes que respondeu ter rendimento superior a dois salários mínimos. Porém, as famílias de todas/os as/os integrantes necessitam trabalhar para adquirir seus rendimentos mensais. São trabalhos variados e que possuem rendimentos também variados. No decorrer deste texto, as identidades subalternas serão trazidas à tona, principalmente nas narrativas apresentadas das/os integrantes. De acordo com Yazbek (2006) as pessoas de classe subalterna revelam e expressam suas subalternidades por intermédio das relações entre “ricos” e “pobres”, entre marcadores de

miséria e abundância. Durante as constatações entre o binarismo construído em nosso imaginário, ficou evidente quando assemelham suas experiências vivenciais com aquilo que seria o ideal, entre quem parece ser rico/a (branco) e quem parece ser pobre (negro).

Até aqui, conhecemos um pouco das/os integrantes que colaboraram na construção deste texto. Apresentá-las/os por completo seria algo extremamente extenso. Devido a isso, optei por apresentar apenas algumas partes que demonstram a heterogeneidade das pessoas subalternizadas. No próximo tópico, apresento as vozes subalternizadas que foram essenciais para a construção desta pesquisaensino.

### **1.3 Evidenciando as vozes subalternizadas: problemas que precisam ser ouvidos ou resolvidos?**

Para a elaboração de uma “pesquisa científica”, somos orientados/as pela visão científica eurocêntrica. Isto é, precisamos elaborar perguntas com o intuito de as responderem no decorrer da pesquisa feita. Este modelo acaba se tornando regra de encaixe para algo que é muito complexo e heterogêneo. A partir daí, observa-se que o método dedutivo positivista nos faz tentar encapsular algo que é dinâmico. Tanto as perguntas quanto as respostas são frutos de contextualizações distintas. Quando estava no processo de elaboração desta pesquisaensino, me peguei pensando nessas epistemes científicas e o quanto elas são coloniais. Acabam nos “prendendo” na possibilidade de desenvolver uma pesquisa apenas com perguntas orientadoras, ou seja, ficamos presos/as à busca por respostas a essas perguntas e, com isso, deixamos de lado outras experiências e observações que podem surgir durante o ato de pesquisar. Além de tudo, cobram respostas conclusivas em nossas pesquisas. Com a finalidade de ressignificar esse ideário, as perguntas desta pesquisaensino foram alcançadas no decorrer de nossas discussões e problematizações. Por isso, não almejo uma resposta conclusiva, afinal, a resposta que eu poderia dar seria fruto do contexto em que esta pesquisaensino foi desenvolvida. Outras pesquisas semelhantes a essa podem alcançar respostas e perguntas diferentes.

Ao ler as respostas das/os integrantes no QD, foi possível identificar conhecimentos profundos sobre o tema, como os da Integrante Jubinha (2021). Segundo a aluna, “muitas das vezes, pessoas dizem que não são racistas ou nunca praticaram o racismo, mas na verdade ‘todo mundo’ já praticou o racismo; por intensão ou sem perceber” (APÊNDICE A). Estamos diante de uma referenciação ao racismo cultural ou, como utilizo neste texto, à cultura racista. Eagleton (2011), se embasando em Eliot, diz que cultura nunca pode ser absolutamente consciente, ela é muito mais do que observamos em nosso dia a dia. O que entendemos

culturalmente como atitude racista é apenas uma parte deste grande problema. Mas também catalogamos conhecimentos “naturalizados” em nosso cultural, como o de Neuginha (2021):

Que é um tipo de coisa que não deveria existir, mas existem algumas pessoas que tudo o que fala, acha que é racismo ou preconceito, porque uma coisa simples, uma brincadeirinha, já fala que está sendo vítima de racismo etc. Não pode brincar que já leva pra outro lado, os negros têm mais preconceito do que os brancos, porque, para os negros, tudo é ser racista... (NEGUINHA, 2021, APÊNDICE A)

Neuginha, com 16 anos e autodeclarada negra, ao responder à questão: “Você já presenciou algum ato racista? Se sim, me conte sobre ele? (sofreu ou viu alguém sofrendo racismo)” (APÊNDICE A, 2021) disse: “Acho que não”.

Essas palavras corroboram nossa compreensão acerca de que somos “sempre homens-massa ou homens-coletivos” (GRAMSCI, 1999, p. 94). Daí, a importância de problematizar sobre a cultura racista impregnada em nosso meio. Seja por quaisquer motivos, a compreensão sobre o racismo foi disseminada como sendo sinônima de agressões físicas e/ou verbais, contada e recontada por uma grande parte da branquitude<sup>15</sup>, a qual defende a existência de uma “democracia racial”<sup>16</sup>, utilizando a premissa de “sermos todos seres humanos”.

Muitas vezes pensamos não sermos racistas e, até mesmo, nunca termos presenciados atitudes racistas. Contudo, o racismo está na estrutura (ALMEIDA, 2021) social brasileira<sup>17</sup>; produzimos, reproduzimos e somos alvos do racismo cotidianamente. À vista disso, levo em consideração as questões culturais que estamos submetidos corriqueiramente a consumir: as formas de apresentações e representações culturais do corpo negro. Essas “naturalizações” padronizadas do corpo negro fazem com que aceitemos de forma passiva o que nos é imposto. Talvez, por isso, muitos só identificam o racismo em suas agressões escancaradas.

Ao problematizar sobre as questões culturais, nos esbarramos nas teorias do racismo institucional. Principalmente nos contextos apresentados pela mídia, que nos “apreende” no ponto de vista da elite. Isto significa que o entendimento do racismo passado para a “cultura popular”, por essa elite, primazia e constrói o conhecimento sobre racismo como sendo apenas

<sup>15</sup> Sobre branquitude entende-se uma crítica à padronização civilizatória de uma sociedade, na qual as pessoas devem se aproximar dos padrões impostos pelos brancos para serem vistos como seres humanos na sociedade. Tal concepção foi construída por intermédio do colonizador branco europeu. Para compreender melhor sobre a branquitude, indico os autores Fanon (2008), Guerreiro Ramos (1995) e Leão (2020).

<sup>16</sup> “[T]al expressão supostamente refletiria determinada relação concreta na dinâmica da sociedade brasileira: que pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas” (MUNANGA, 1999, p. 41)

<sup>17</sup> Utilizo o termo “brasiliano” como forma de me posicionar política e socialmente, pois o sufixo “eiro”, do termo “brasileiro”, remete a trabalhadores (GARCÍA, 2010). Numa compreensão sobre a necessidade de se problematizarem tais léxicos presentes na língua portuguesa brasileira, basta nos lembrarmos como eram chamadas as pessoas que traficavam e coletavam o Pau-Brasil no período de escravatura.

atos hostis e, de preferência, escancarados. Isso pode se dar pela dificuldade que temos em perceber algumas agressões racistas que são mascaradas. Esta dificuldade, segundo Nascimento (1978), não se trata de ser algo complexo de perceber, mas é algo que mascara as questões raciais no país, que são passadas sutilmente para nós durante toda a nossa construção identitária.

Quando ouço falar sobre racismo institucional, em questões de segundos lembro-me de dois ocorridos em minha vida e, por “incrível que pareça”, ocorreu na mesma instituição. A primeira vez foi em uma festa de inauguração de uma instituição, ela estava se mudando para um outro local e fez uma “festa” para inaugurá-lo.

Eu era criança nesse período. Meus primos e eu estávamos sentados ao lado de fora conversando e nos divertindo. Meu primo resolveu entrar no supermercado e comprar uma bala Halls, quando voltamos, em questões de minutos, veio uma colaboradora da instituição o acusando de tê-la roubado. A nossa sorte foi que havia câmeras no local e, logo, descobriram que a acusação era mentirosa. Como criança, jamais imaginava que isso poderia ser um ato racista. Afinal, ela não expressou abertamente que o motivo da dúvida se dava pela nossa cor de pele. Desde então, não frequentava este local mais, não por eu já saber que aquilo tinha sido uma espécie do racismo, mas por não me sentir à vontade no local.

Anos se passaram, agora com vinte e quatro anos, volto ao local para comprar salgadinhos de milho e um senhor, acredito ser o pai do dono, estava sentado na porta do estabelecimento. Ao me ver entrar no estabelecimento, ficou me olhando enquanto eu estava escolhendo qual comprar. Me senti vigiado. Ao olhar para traz, advinha quem estava lá? Sim, este mesmo senhor, me olhando de cima a baixo. É importante destacar que, nos ocorridos, se tratava de pessoas com a tonalidade de pele branca, portanto, correspondentes de um padrão que caracteriza o diferente do branco como suspeito e possível suspeito.

Escrevo minhas experiências para servir como exemplo de atitudes “normais”, as quais nós, enquanto negros, aprendemos a “naturalizar” com nossas experiências sociais. Só pude perceber que tais condutas são racistas com a expansão de meus conhecimentos sobre o processo histórico-político das/os negras/os no Brasil. Dessa maneira, percebo a real necessidade de discutirmos sobre as questões raciais dentro da sala de aula, para instigar pessoas, como Neguinha, a perceberem que muitas problemáticas ocorridas em sua vida, estão diretamente relacionadas aos seus traços negróides. À vista disso, esta pesquisa ensino não apenas ecoa as vozes subalternizadas, mas também corrobora para a expansão das perspectivas dessas pessoas, instigando-as a problematizar a cultura racista e as “sutilizas” da estrutura racial em que estamos submersos/as.

No grupo de WhatsApp que criamos para os encontros, nós membros/as trocávamos e enviávamos mensagens. Ruivinha (2021) enviou uma que me chamou bastante a atenção. Ela disse: “foi até bom o senhor ter aparecido. Uma aula diferente. Sair da rotina monótona e entediante é legal. Queimar os miolos pensando”. Para aumentar as nossas interações, disse a elas/es: “Vamos mostrar que vocês possuem voz e muitos conhecimentos. E que nós, professores, também precisamos muito aprender com vocês”. Foi neste momento que encaminhei o QD. Após dois dias, olhei as “respostas” geradas pelo questionário, quando me deparei com a fala de Jubinha e da Neguinha, relatadas anteriormente. Foi então que resolvi encaminhar um vídeo clipe do *rapper* “Nego Max”, intitulado “Eu não sou racista”<sup>18</sup> (2020). Nesta música, o *rapper* traça em versos contundentes, sobre toda a “naturalização” da branquitude a respeito de “sermos todos seres humanos”, por intermédio de recursos visuais e sonoros, ele coloca a imagem de um branco, aparentemente burguês, para dublar sua voz, dizendo o que nós, negros/as e pardos/as, escutamos diariamente por uma grande parte da branquitude. Abaixo, apresento uma das cenas do vídeo clipe.

Figura 1 – Vídeo Clip "Eu não sou Racista"



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v2DCHWp2XyA>. Acesso em: 08 de set. 2021.

Ao lado esquerdo, está Nego Max e, ao direito, o personagem que o produtor selecionou para representar a branquitude que tanto diz “sermos todos seres humanos”. O fato é que só conseguimos identificar o poder colonial nessas falas quando buscamos compreender a carga histórica negra existente em cada um de nós. Por essa razão, esta pesquisa em ensino tenta elucidar diversos pontos que precisamos problematizar nas salas de aula. Por se tratar de uma

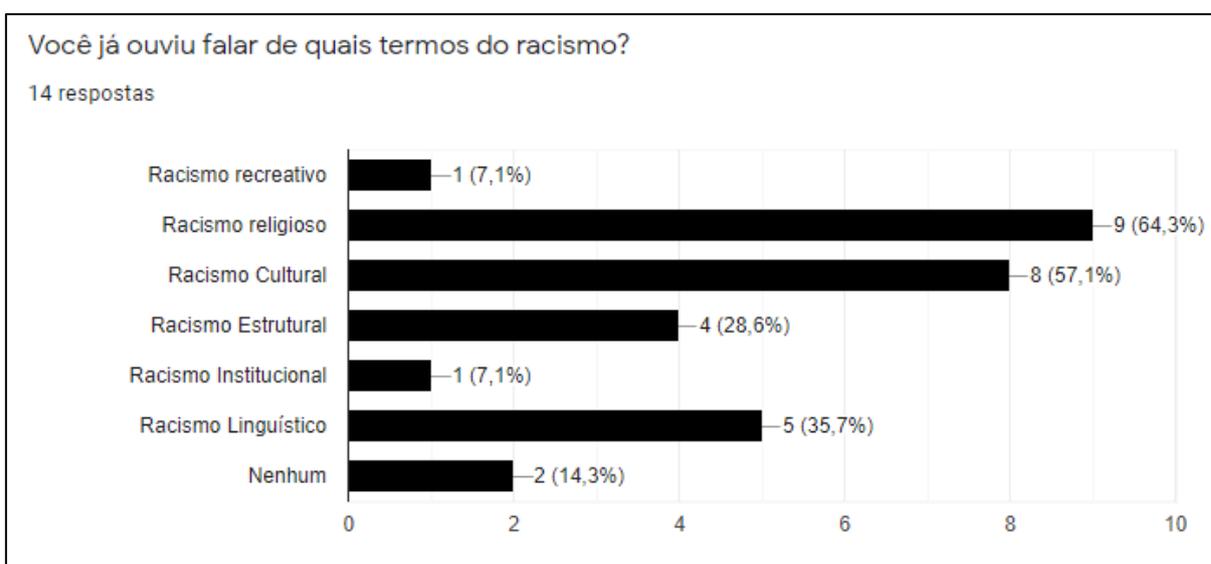
<sup>18</sup> O vídeo clip está disponibilizado no link: <https://www.youtube.com/watch?v=v2DCHWp2XyA>. Acesso em: 08 de set. 2021.

pesquisa transdisciplinar (PENNYCOOK, 2006), transitamos no meio das mais variadas disciplinas que fazem parte dos contextos escolares e universitários.

Após isso, a interação no grupo aumentou. Foi aí que a professora mandou a seguinte mensagem: “acho que agora vou dar minhas aulas nesse grupo. A participação é bem melhor. kkk”. Essas interações possibilitaram traçar um modelo de diálogo aberto, conseqüentemente, proporcionando a adesão das/os integrantes nos sete encontros realizados.

Ao aplicar o QD, queria também saber quais os termos sobre o racismo que elas/es conheciam. Com isso, alcançamos o resultado demonstrado no Gráfico 4 abaixo:

Gráfico 4 - Termos do Racismo<sup>19</sup>



Fonte: QUESTIONÁRIO DE DISCUSSÃO (APÊNDICE A, 2021)

Dessa maneira, acredito que, por inclinações minhas, acabei colaborando para que houvesse possibilidade de discutirmos o tema mais abertamente durante nossos encontros. Sendo assim, a vontade de realizar tais discussões partiu de minhas experiências e dos conhecimentos coletados por intermédio do QD. Ao considerar a importância de problematizar com mais profundidade os termos e de perceber que seria “impossível abordar todos os temas” (JADE, 2021, APÊNDICE A) em apenas sete encontros, optei, então, por adotar uma percepção da Linguística Aplicada Crítica (LAC). De acordo com Moita Lopes e Fabrício (2019, p. 712) “o acontecimento sob observação não é fixo, estando sempre em movimento”. Assim sendo, os encontros começaram com o intuito de nos informar sobre o racismo e foi se desdobrando até

<sup>19</sup> É importante destacar a existência de outros termos referentes ao racismo, mas durante a construção do questionário, os termos apresentados no QD eram os que eu já conhecia. Também, as/os integrantes não apresentaram outros termos, na questão aberta. Por essa razão, apresentamos apenas os termos que tivemos contato no QD.

chegarmos à influência midiática que, para nós, corrobora para a “naturalização” da cultura racista.

Para que os conhecimentos fossem gerados, boa parte das atitudes e das indagações nesta pesquisa ensino partiu dos estudos decoloniais. Porém, em alguns momentos, práticas consideradas tradicionais de fazer pesquisa foram adotadas. Uma delas foi a introdução do tema “racismo” dentro da sala de aula em formato tradicional, ou seja: introduzir o tema “racismo” sem antes perguntar se os/as integrantes queriam e gostariam de conversar sobre ele. Essa atitude, mesmo que encontrando a vontade das/os integrantes, deu pouco espaço para que elas/es conversassem sobre outros temas que, para elas/es, poderiam ser mais pertinentes. Além disso, outras questões e temas se interseccionaram (AKOTIRENE, 2018) nos encontros, mas não foram aprofundados, como: política, homossexualidade, religião etc. Uma outra cumplicidade adotada para gerar os conhecimentos com esta pesquisa ensino foi adotar a entrevista não-estruturada, um instrumento flexível de realização que, mesmo não sendo totalmente tradicional, instiga o/a entrevistador/a a aprofundar nas questões que, para ele/a, parecem mais convenientes. Para Silva *et al.* (2006, p. 250), a entrevista não-estruturada possui “função de facilitador e cooperador”. Compartilhando as palavras de Meotti (2020, p. 20), “não tenho a pretensão de romper de forma absoluta com o paradigma hegemônico de construção de conhecimentos, mas posicionar-me na intersecção entre o considerado tradicional e a atitude decolonial”. Ao adotar essa prática e esse paradigma colonial, estou também adotando uma “cumplicidade subversiva” (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007, p. 20). Utilizo-os como formas de ocasionar a subversão, expressar pensamentos e conhecimentos divergentes das pesquisas consideradas tradicionais e/ou coloniais. Por razão dessas práticas, o título da dissertação traz a referência “de/colonial”.

Destarte, resolvi separar os encontros da seguinte maneira: dois primeiros encontros (APÊNDICE B; C), para nos informar sobre o racismo, pois, de acordo com Ribeiro (2019), para sermos antirracistas, o primeiro passo é nos informar sobre ele. Depois, separamos outros três encontros (APÊNDICES D; E; F) para falar sobre a cultura racista, por compreender que racismo religioso e racismo cultural estão interligados. Optei em trabalhar com o racismo cultural, afinal, a religião na atualidade se encontra mesclada com o cultural, por intermédio de um processo proselitista (NOGUEIRA, 2020). À vista disso, a maioria dos integrantes no QD conhece o racismo cultural e religioso, porém os separa, como se fossem totalmente distintos um do outro. Na minha concepção, são duas espécies semelhantes com focos teóricos divergentes. Em outros termos, grande parte dos estudos teóricos sobre questões culturais focava apenas no processo de apropriação cultural (WILLIAM, 2019) e as questões culturais

vão além, como tentaremos problematizar nesta pesquisaensino. Durante esses primeiros encontros, surgiram várias outras problematizações. Foi a partir delas que chegamos ao racismo institucional, mesmo a maioria das/os integrantes não conhecendo o termo, como é demonstrado no gráfico 4. A grande maioria trouxe problematizações pertinentes para pensarmos essa teoria, ir além das questões monetárias que normalmente as pesquisas sobre racismo institucional estudam, e pensar o que as representações das imagens negras e das culturas negra podem provocar na formação da cultura racista (KELLNER, 2001). Ou seja, essas formas de racismo corroboram a manutenção e formação identitária de pessoas “sutilmente” racistas e ajudam na moldagem da imagem social que “precisamos” ter a respeito da negritude. Foi então que resolvi organizar outros dois encontros para levantarmos conhecimentos sobre o racismo institucional (APÊNDICES, G; H), totalizando os sete encontros mencionados<sup>20</sup>. Abaixo, apresentamos um gráfico com as informações resumidas dos temas/conteúdos abordados nos encontros realizados:

Quadro 1 - Resumo dos encontros

<b>Encontro</b>	<b>Tema</b>	<b>Material Utilizado</b>
Primeiro encontro (APÊNDICE B)	Não basta não ser racista, é preciso ser antirracista.	Perguntas orientadoras: Quando surgiu o racismo? Por que surgiu?
Segundo encontro (APÊNDICE C)	Privilégios.	Perguntas orientadoras: O que são privilégios? Quem tem privilégio? Vídeos orientadores: “Jogo do Privilégio promove reflexão sobre racismo e machismo” <sup>21</sup> . “SAC QUEBRANDO: PRIVILÉGIO BRANCO” <sup>22</sup> .

<sup>20</sup> Todos os encontros foram gravados e, posteriormente, transcritos. Todas as transcrições estão inseridas nos apêndices desta pesquisaensino. Minha pretensão com as gravações e transcrições, foi de manter as características espontâneas e improvisadas da fala (OLIVEIRA, 2012; THOMPSON 1992) e, possibilitar diluir em todo o texto os conhecimentos que foram gerados. Portanto, quando for a fala de um/a integrante, da pesquisa, estará apontado entre parênteses o apêndice que o leitor deverá recorrer para compreender toda a conversa de onde surgiu os conhecimentos apresentados.

<sup>21</sup> PORCHAT, Programa do Porchat. Jogo do Privilégio promove reflexão sobre racismo e machismo. Youtube, 20 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6U04cSyyJCo>. Acesso em: 08 de dezembro de 2021.

<sup>22</sup> TABU, Quebrando o Tabu. SAC QUEBRANDO: Privilégio branco. Youtube, 19 de março de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2YC4f8G13jc&t=13s>. Acesso em: 08 de dezembro de 2021.

Terceiro encontro (APÊNDICE D)	Racismo Internalizado em nós.	Perguntas orientadoras: Somos ou já fomos racistas alguma vez? É possível nunca ter sido racista?
Quarto encontro (APÊNDICE E)	Cultura que nós consumimos.	Perguntas orientadoras: O que nós sabemos sobre a cultura europeia e a cultura da américa do norte? E o que sabemos sobre as culturas de África? Sobre o continente africano?
Quinto encontro (APÊNDICE F)	Embranquecimento cultural.	Recorte de texto: “Cidadania no Brasil: o longo caminho” <sup>23</sup> . Vídeo Informativo: “Quais são as verdades que pouca gente sabe sobre Africa” <sup>24</sup> .
Sexto encontro (APÊNDICE G)	Racismo Institucional	Perguntas orientadoras: Alguma ou alguém de vocês já ouviram falar sobre racismo institucional? Vídeos orientadores: “Você sabe o que é racismo institucional?” <sup>25</sup> . “Racismo institucional (acesso ao mercado de trabalho)” <sup>26</sup> .
Sétimo encontro (APÊNDICE H)	Racismo Institucional	Perguntas orientadoras: Vamos problematizar as imagens utilizadas no caso Lázaro? Quais as imagens do negro e das culturas negra passadas pela mídia?

---

Fonte: Dados da presente pesquisa.

<sup>23</sup> CARVALHO, J. M. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

<sup>24</sup> AFRO, Eu Afro. QUAIS SÃO AS VERDADES QUE POUCA GENTE SABE SOBRE AFRICA. Youtube, 02 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NcBIYgT4PDE>. Acesso em: 08 de dezembro de 2021.

<sup>25</sup> BRASIL, TV BRASIL. Você sabe o que é racismo institucional?. Youtube, 23 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZW0DEyF7rVg>. Acesso em: 08 de dezembro de 2021.

<sup>26</sup> UEHBE, Caio Uehbe. Racismo institucional (acesso ao mercado de trabalho). Youtube, 30 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5UoFp1T1zrc>. Acesso em: 08 de dezembro de 2021.

Após todos os encontros, as perguntas desta dissertação foram construídas. Foi a partir deles e dos conhecimentos gerados em interação que observamos a extrema necessidade de aprofundar sobre a importância das construções midiáticas na propagação ou atenuação da cultura racista. Essa opção tem o propósito de apresentar a necessidade de problematizarmos com mais profundidade, em pesquisas futuras, todas as discussões que foram levantadas aqui. Os encontros foram separados com a vontade de unir nossas discussões anteriores e de revelar que tudo o que discutimos faz parte de uma estrutura racial (ALMEIDA, 2019), bem como conversar sobre a importância de sermos antirracistas em nossos contextos sociais.

Quando iniciamos uma pesquisa científica, somos orientados/as pela visão eurocêntrica, que aponta a necessidade de responder a essas perguntas que deveriam orientar a pesquisa desenvolvida. Mas, para mim, existe uma grande problemática neste olhar: como eu posso buscar respostas de algo que talvez os integrantes não conhecem? Além disso, as respostas são sempre frutos de contextualizações distintas e de observações de mundo sobre localidades diferentes. Dessa forma, caso eu fosse “analisar” os conhecimentos, estaria analisando sob uma ótica distinta da dos integrantes.

Seguindo esse pressuposto, preciso localizar o/a leitor/a sobre a escolha e a possibilidade de pesquisar *com* e não apenas *sobre* (MIGNOLO, 2003).

#### **1.4 Por que de/colonial?**

Conforme vamos nos ambientando com o fazer científico, seguimos “naturalizando” uma única forma de construir esses textos. Para construir textos científicos, precisamos ler e, posteriormente, adaptá-los com nossas palavras e com o intuito de nossa pesquisa. São raras as vezes que temos a liberdade e possibilidade de construir algo tão nosso, quanto nós mesmos. Parafraseando a letra que trago no início desta pesquisa-ensino, “as universidades nos ensinaram a escolher caminhos dentro do quadradinho que ela sempre nos prendeu” (ELNIÑO; SANT; KMKZ, 2017). Por isso, busco “a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha” (EVARISTO, 2018). Por opção decolonial, escolhi diluir a fundamentação ‘teórica’ com o material ‘empírico’, a exemplo de como fizeram outras pesquisas decoloniais (ANDRADE; RODRIGUES; SILVESTRE, 2021; NASCIMENTO, 2020; SANTOS, 2019; SILVA, 2020). Eu poderia fazer igual ao já naturalizado: uma revisão separada e, depois, repeti-la novamente no decorrer do texto de análise. Mas como sempre fiquei perdido na leitura e construção de textos desse modelo, acredito que outros/as leitores/as também possam ficar. Além disso, milito em reconhecer também a necessidade de um *corpo-político* do conhecimento (CASTRO-

GOMES; GROSGUÉL, 2007, p. 21), sem a pretensão de neutralidade ou objetividade na produção da pesquisaensino, bem como na estrutura dessas produções. Por esse motivo, a estrutura deste texto segue uma ordem de escrita científica específica para o que almejo com este trabalho: evidenciar vozes subalternizadas e produzir ciência, ancorado nas concepções praxiológicas. Para Bourdieu (1994, p. 60 *apud* URZÊDA-FREITAS, 2018), a noção de praxiologia

se configura como uma forma de compreender e agir sobre o mundo ancorada na relação dialética entre os conhecimentos fenomenológicos (aqueles adquiridos por meio de nossas vivências) e os conhecimentos objetivistas (aqueles adquiridos no decurso de nossa formação acadêmica/técnica/profissional) (BOURDIEU, 1994, p. 60 *apud* URZÊDA-FREITAS, 2018, p. 23)

Sendo assim, no decorrer desta pesquisaensino é apresentada uma maneira outra de produzir conhecimentos (MIGNOLO, 2003), de forma que eu possa contribuir para ressignificarmos o que é “naturalizado” para nós, pesquisadores/as e professores/as.

Ao compreender que somos instruídos/as a pesquisar *sobre* durante o nosso processo de construção da identidade de pesquisador/a e professor/a, não imaginamos uma outra possibilidade de pesquisa, o pesquisar *com* (MIGNOLO, 2003). Dessa maneira, ao pensar as praxiologias em pesquisa, pretendo indagar, despertar a curiosidade, refletir e fomentar o olhar crítico a respeito da colonialidade “naturalizada” em nossas produções científicas. Por essa razão, o pesquisar *com* neste trabalho significa promover um diálogo de conhecimentos entre as/os alunas/os, algumas/ns estudiosos/as eleitos/as sob o privilégio canônico e eu.

Para tanto, compreendo o pesquisar *com* (MIGNOLO, 2003) como uma forma de promover espaço às vozes subalternizadas, vozes que sempre foram emudecidas e recontadas apenas pela visão e perspectiva colonial. Isso não deve e nem pode significar que o que fiz neste texto deve ser visto como única possibilidade. Afinal, é apenas uma das várias possíveis, com tantas idas e vindas de desconstrução. Portanto, o pesquisar *com* (MIGNOLO, 2003) representa unir conhecimentos das experiências sociais, das teorias e das práticas cotidianas em prol de algo maior. Usar o já “naturalizado” em prol de um projeto emancipatório, para expandir as perspectivas e possibilitar olhar o “naturalizado” como um projeto colonial ainda em curso. Tentamos assim, criar tangibilidades sobre a relação do tema racismo, em minha vida e na vida das/os integrantes. Isto é,

produzir conhecimento e, ao mesmo tempo, colaborar para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão à margem: os pobres, os favelados,

os negros, os indígenas, homens e mulheres homoeróticos, mulheres e homens em situação de dificuldades sociais e outros [...] (MOITA LOPES, 2006, p. 86).

Durante a leitura, encontraremos vozes subalternizadas (GRAMSCI, 1999; SPIVAK, 2010) espalhadas por todo texto. Ao pesquisar *com*, estamos tentando descentralizar o conhecimento, promovendo espaço e tentando fazer ecoar vozes e experiências vivenciais (SILVESTRE, 2016) de pessoas subalternizadas pela concepção de conhecimento colonial. Mas, também, precisamos apontar que, ao buscar evidenciar suas vozes, conseguimos contribuir para a expansão de seus conhecimentos. Dessa maneira, constatamos que esta pesquisaensino, além de registrar os conhecimentos das/os subalternizadas/os, serviu para robustecer os conhecimentos precedentes aos diálogos. Por isso, o convite é para, da mesma forma, ressignificarmos os olhares científicos que, durante muito tempo, nos foram introjetados. O pesquisar *com*, nesta minha tentativa de pesquisaensino, se tornou um estilo de contribuir com as pesquisas e ensino. É um estilo que contribui para o desmaranhar do olhar colonial de pesquisa. Além de tudo, revelou que a decolonialidade emerge de nossos corpos subalternizados. É o que tentamos explicar no próximo tópico, ao apresentar a hipótese dessa visão de fazer pesquisa. A hipótese aqui tem a vontade de fomentar nossas percepções de mundo, para que possamos continuar desvencilhando das amarras epistemológicas e etnocêntricas que moldam o campo científico e o fazer ciência.

### **1.5 A de/colonialidade emerge de nossos corposconhecimentos**

Este trabalho é construído sob a ótica transmoderna. O conceito de transmodernidade formulada por Dussel (2016) tenta problematizar uma ruptura lógica e única do período da colonialidade. Para o autor, é essencial permitirmos o reconhecimento e a reafirmação da existência de corpos e conhecimentos que foram emudecidos e apagados pelo colonialismo.

Reconhecer e reafirmar a diversidade de seres, saberes e poderes (COSTA; TORRES; GROSGOUEL, 2018) significa agir em nossos espaços sociais e institucionais e, com isso, tentar ressignificar os olhares científicos que se esforçam para apresentar uma única alternativa para “solucionar” determinada problemática social. Nesse sentido, a transmodernidade rejeita “a universalidade de soluções, onde um define pelos outros qual é a ‘solução’. Universalidade, na modernidade, significava ‘um define pelos outros’. A transmodernidade clama por uma pluralidade de soluções, onde ‘muitos decidem por muitos’” (GROSGOUEL, 2016, p. 43). Portanto, para esta pesquisaensino, nossas vozes e conhecimentos subalternizados (GRAMSCI, 1999; SPIVAK, 2010) serviram como fontes que nos ajudam a pensar hipóteses possíveis de

reassignificar não apenas trabalhos científicos, mas, também, os olhares sobre nossos espaços sociais, institucionais e conhecimentos sobre o racismo.

Ao adotar uma perspectiva ontoepistêmica nesta pesquisa em ensino, tentamos romper com os padrões colonialistas do saber. Dessa maneira, buscamos provocar questionamentos, ao invés de apresentar respostas, acabadas e “absolutamente” verdadeiras. Queremos instigar possibilidades outras de produzir conhecimentos científicos. Para este feito, utilizamos a perspectiva decolonial (CASTRO-GÓMEZ, 2005; GROSFUGUEL, 2006a, 2006b, 2008; MIGNOLO, 2003; QUIJANO, 2005) de pensar, tentando promover os conhecimentos de jovens e adolescentes a respeito do racismo cultural e institucional, para, então, promover uma aprendizagem antirracista e expandir, na medida possível, os olhares críticos dos/as intelectuais subalternizados/as. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, não é definida uma hipótese ou uma possível hipótese (RICHARDSON, 2017), o que fazemos é apresentar uma possibilidade de evidenciar vozes e corpos de pessoas subalternizadas nesta estrutura colonial.

Sob a perspectiva colonial, é preciso ter imparcialidade ou “neutralidade” no desenvolvimento de uma determinada pesquisa. Nessa ótica, “o homem é mais credenciado para falar sobre a mulher; a pessoa *branca* é menos afetada ao falar sobre negritude e a pessoa *heterossexual* é mais gabaritada para discutir sobre sexualidade” (REZENDE; SILVA, 2018, p. 177). A grande problemática observada e criticada por nós, no entanto, é a evidente perpetuação do monopólio da história/narrativa. Durante muito tempo, os corpos brancos mantiveram o “poder” da história dos corpos negros, os corpos heterossexuais, o “poder” dos corpos LGBTQIA+, os homens narraram as histórias das mulheres e os cristãos, o monopólio das histórias religiosas. Dessa forma, corroboraram a perpetuação e propagação de uma “história única” (ADICHIE, 2019), história que acabou colocando o patriarcalismo como sendo algo necessário a ser seguido e “defendido”.

Por essas questões, a de/coloniadade emerge de nossos corpos/conhecimentos. A colonização, que durante boa parte da história foi contada e recontada pela ótica dos colonizadores e, raras as vezes, contada pela ótica dos colonizados corroborou a “naturalização” de uma única possibilidade de ver o mundo. De acordo com Freire (1992), o ensino deve se preocupar com a indagação, curiosidade e criatividade. A pesquisa, em nossos olhares praxiológicos, deve buscar as inúmeras possibilidades de conexões entre conhecimentos sociais e conhecimentos adquiridos. Dessa maneira, acreditamos não haver ensino sem pesquisa, muito menos pesquisa sem ensino, então, “ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”

(FREIRE, 1996, p. 32). Ensino e pesquisa para possibilitar expandir os meus conhecimentos e também das/os alunas/os, para oportunizar vermos com outros olhos o que nos é introjetado.

Nós, subalternizados/as, nos tornamos o que parte da branquitude narra sobre nós. Não por querermos, mas por sempre ouvirmos “histórias únicas” sobre o/a negro/a (ADICHIE, 2019). Desta forma, tanto a colonialidade quanto a decolonialidade emerge de nossos corposconhecimentos; a colonialidade, muitas vezes, produzida automaticamente. Por estar imerso em uma cultura que “aprendeu” a “naturalizar” a perspectiva de pesquisa colonial, pesquisadores/as às replicam, com algumas alterações, mas mantendo a essência, isto é, as epistemologias tradicionais que caracterizam as produções de conhecimentos científicos como válidos ou inválidos (KILOMBA, 2019). Frantz Fanon (2008), em seu livro “Pele negra, máscaras brancas”, problematiza a realidade de alguns/algumas negros que vestem “máscaras brancas” para conseguirem ser “aceitos/as” em espaços elitizados. O papel decolonial adotado por Frantz Fanon, àquela época, ajuda a pensar o “pacto narcísico” (BENTO, 2002) que pesquisadores/as adotam para produzir “conhecimentos”. De forma inconsciente ou não, replicamos as epistemologias e as categorizações de conhecimentos “válidos” ou “inválidos”. Ou seja, estudar em uma determinada localidade, agir em consonância com a branquitude “intelectual” e pesquisar/apontar uma “resposta única” para o que almeja uma determinada pesquisa. Ao pensarmos ser “extremamente necessário” adotar práticas e epistemes científicas tradicionais, direta ou indiretamente, compactuamos com a “naturalização” da ideia de “neutralidade”. Dessa maneira, “certamente logram sucesso em silenciar vozes oprimidas” (KILOMBA, 2019). Com isso, acabamos sendo empurrados/as para as localidades que parte da branquitude acha ser as únicas possíveis.

Falar sobre narrativas, mídias, representações e poder é pensar o papel da linguagem e da pesquisaensino na construção e alimentação da cultura racista que continuamos repassando. Essas questões são partes de um poder colonial que permeia a sociedade brasileira desde a colonização.

Pensando nas problemáticas que passei durante boa parte da minha vida, optei por escrever este texto sob um estilo que propicia a relação direta com as vozes subalternizadas. As vozes subalternizadas neste texto não apenas construíram uma maneira outra de vermos o racismo, mas também incentivaram as discussões em todo o texto. Os/as integrantes dela se tornaram intelectuais e teóricos/as importantes de termos em nossas pesquisas sobre racismo e “raça”. Seus conhecimentos se entrelaçaram com as palavras de clássicos e com as minhas, produzindo uma reflexão sobre a manutenção das relações de dominações sutis, “naturalizadas” por representações particulares da branquitude sobre a negritude (RESENDE, 2008).

Ao adotar o olhar decolonial nas aulas de línguas, acreditamos ter sido possível propiciar para que os aprendizes observem criticamente a cultura que consumimos diariamente. Afinal, somos recipientes propícios a nos encherem de informações, sejam elas positivas ou não. Só conseguimos distingui-las quando fazemos uma observação crítica da “realidade” descrita nesses espaços e, relacioná-las com nossa vida diária. Por isso, se o que está escrito nessas páginas pode ou não ser visto como uma pesquisa acadêmico-científica deixo a quem nos ler resolver (EVARISTO, 2018).

Por intermédio de nossas práticas discursivas podemos alimentar o *status quo* ou provocar mudanças nas identidades sociais (FAIRCLOUGH, 2001). No todo, é uma escolha nossa, enquanto pesquisadores/as, professores/as e antirracistas. Afinal, queremos apenas pesquisar sobre ou queremos promover uma ruptura no modelo colonial de pensar e no modelo de escrita acadêmica?

O foco desta pesquisa em ensino foi problematizar com as/os subalternizadas/os uma resignificação de nossos olhares para o racismo. Portanto, à nossa maneira, tentamos promover uma forma de provocar “a mudança discursiva em relação à mudança social e cultural” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 126). Não podemos apenas pesquisar e apontar os problemas em que nossa sociedade está envolvida, precisamos, no ato de investigar, gerar um pensamento crítico, tanto nas/os integrantes como nos/as leitores/as do texto final.

Precisamos compreender que o “discurso é a prática social que relaciona dois campos do racismo” (DIJK, 2006, p. 17 [tradução nossa]): a) as práticas sociais – “marginalização, exclusão ou problematização por um lado” e; b) sociocognitivas cotidianas – “por crenças, atitudes e ideologias prejudiciais e estereotipadas por outro” (DIJK, 2006, p. 17 [tradução nossa]), mesmo que talvez, superficialmente, esta pesquisa em ensino tente elucidar algumas questões, para nós, pesquisadores/as, subalternizados/as, sociedade civil etc., as questões sutis do racismo “genderizado” (KILOMBA, 2019), em outras palavras, o racismo nosso do dia a dia se cerca de questões sociocognitivas que corroboram a perpetuação do racismo em nosso tecido social.

Por essas questões, os próximos capítulos foram subdivididos de acordo com o envolvimento das/os integrantes nos encontros e das temáticas emergidas. Durante cada encontro os assuntos se misturavam. À vista disso, separar, recortar e esgotar apenas uma parte sobre o racismo poderia estar corroborando para que as/os integrantes se sentissem receosas/os a participarem das conversas, haja vista que poucos/as conheciam o termo “racismo institucional”. Porém, como será apresentado no decorrer do texto, mesmo não conhecendo o termo, nos apresentaram vários conhecimentos pertinentes para pensarmos o papel das instituições na alimentação do racismo. Após realizar todos os encontros, foi possível perceber

que, independentemente do assunto pretendido em cada encontro, outros assuntos se inter-relacionaram ou interseccionaram (AKOTIRENE, 2018), nos permitindo observar que, para conversarmos sobre o racismo, precisamos sair das caixinhas, isto é, não focar apenas em uma ou outra teoria sobre “raça” e racismo. Afinal, segundo Akotirene (2018, p. 64), “o conhecimento deve ir além das demarcações fixadas por linhas imaginárias do horizonte”

Esta observação possibilitou-nos problematizar o contexto discursivo-histórico que colabora para a “naturalização” da cultura racista, intrínseca em nosso tecido social. Com muito cuidado, lançamos mão de formas outras de refletir sobre conhecimentos, fundamentando-nos nas vozes clássicas e nas subalternizadas nos espaços institucionais e, também, nas vozes de pessoas que vivem diariamente essas relações de subalternidade. Isto posto, levamos em consideração os conhecimentos subalternizados para a construção de conversas pertinentes para as questões raciais, para as ciências sociais e, especialmente, para o ensino de línguas e interculturalidade.

No segundo capítulo, o/a leitor/a se deparará com as primeiras percepções das/os integrantes sobre o tema “racismo”. Este capítulo serviu para apresentar uma breve teorização, e levar o/a leitor/a a pensar parte da historiografia inicial do racismo. Partindo das primeiras observações das/os integrantes, nos esbarramos nas concepções iniciadas pela religião cristã (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006; MENDES, 2016; MUNANGA, 2000; PEREIRA, 2015; SCHUCMAN, 2012) em relação à negritude. Além das questões religiosas, foram levantadas questões das ciências sociais na “naturalização” de concepções e atitudes racistas, ou, melhor dizendo, na influência das “pseudociências” sobre essa “naturalização” (CARVALHO, 2005; DAVIS, 2016; MUNANGA, 2000). Além da religião cristã e das “pseudociências”, outros fatores contribuíram para a “naturalização” do discurso racista em nossa sociedade. Trata-se das questões políticas referenciadas nas Leis elaboradas durante o processo de “abolição da escravatura”: Lei N.º 581, de 4 de setembro de 1850 (Lei Eusébio de Queirós); Lei N.º 2.040, de 28 de setembro de 1871 (Lei do Ventre Livre); Lei N.º 3.270, de 28 de setembro de 1885 (Lei dos Sexagenários) e; Lei N.º 3.353, de 13 de maio de 1888 (Lei Áurea).

Após essas discussões, chegamos ao capítulo três. Nele, são problematizados os conhecimentos e a ótica que “naturalizou” “conhecimentos” e perspectivas “únicas” sobre as culturas negra<sup>27</sup> e sobre as imagens do/a negro/a. Ao todo, são perspectivas que se camuflam

---

<sup>27</sup>Utilizo no decorrer de todo o texto “culturas negra”, por compreender a existência de inúmeras culturas existente entre as pessoas pretas. Ao optar em utilizar “preta” ao invés de “pretas”, estou demarcando a necessidade de unirmos a sociedade negra e parda em um único povo, o povo “preto”. Para agregar força em nossa busca incansável de denunciar e ressignificar o padrão colonial que, segrega e subalterniza a nossa sociedade. Porém,

em nosso tecido social, se tornando a “única” possibilidade de ver os corposconhecimentos negros/as. Utilizamos este mesmo capítulo para apontar e problematizar as formas de que fomos “acostumados” a ver as imagens e a cultura branca, os conhecimentos que foram “naturalizados” em nosso tecido social, fazendo com que, de forma consciente ou inconsciente, classificássemos formas binárias de ver o branco e o negro. Enquanto a branquitude é representada como algo “bom, complexo, bonito, rico etc”, a negritude é representada como sendo seu extremo oposto. Utilizando teóricos como Alves (2010), Bento (2002; 2014), Eagleton (2011), Fanon (2008), Hall (2006), Kilomba (2019), Lustosa (1991), Moura (1977), Nascimento (2014), Santos (2005), dentre outros, problematizamos essas “naturalizações” e representações (HALL, 2006) distorcidas que auxiliam para a perpetuação do racismo. Agora de forma mais sutil do que antes.

Partindo desses olhares e dos conhecimentos gerados, observamos que as imagens e representações são re/passadas e re/alimentadas pelas mais variadas instituições. Neste texto, focamos nas instituições midiáticas que, na atualidade, possuem um grande alcance. De acordo com Kellner (2001), a cultura midiática cria modelos de dominação ideológica que colabora na reiteração das relações vigentes de poder e saber, e simultaneamente fornece instrumentos para construção e reconstrução das identidades sociais. À vista disso, problematizamos, no quarto capítulo, a influência da mídia na construção das identidades. Para isso, abordamos as imagens estereotipadas que nos são passadas “sutilmente” por intermédio de alguns discursos. Conversando sobre as cotas e o “padrão suspeito”, assuntos que se inter cruzam em nossos encontros, alcançamos um outro tema que intersecciona (AKOTIRENE, 2018) as/os integrantes/intelectuais, retoma uma telenovela infantil emblemática para a atualidade, “Carrossel”. No folhetim infantil, a imagem da/o negra/o evoca as representações habituais que parte da branquitude considera ser as únicas possíveis. A partir das problematizações, é observado que a imagem distorcida do/a negro/a começa a ser alimentada no sociocognitivo social ainda na infância. De uma ou outra maneira, essas imagens são alimentadas e realimentadas na adolescência, juventude e vida adulta, “naturalizando” atitudes racistas que nós, negros/as, presenciamos diariamente em nossas vidas. Por fim, neste mesmo capítulo, a série “Todo Mundo Odeia o Chris” é, lembrada. Nela, são d/enunciadas algumas atitudes racistas “sutis” e outras escancaradas. No final, as discussões acabaram demonstrando o quanto estamos “naturalizados” com o racismo sutil, haja vista que, durante os encontros, só conseguimos identificar o racismo em suas atitudes escancaradas.

---

devemos ter em mente que, nem todos os pardos se identificam como negros, por isso, a necessidade de instigarmos a pensar a necessidade de alimentar, construir e reconstruir as nossas identidades.

No capítulo final, relembramos todas as discussões, traçando e problematizando o caráter de adaptação do racismo, que corrobora a perpetuação desse ranço em nosso tecido social. Nele, é apresentado a influência das produções midiáticas na manutenção da cultura racista que nos mata e nos subalterniza. Apontamos que a cultura racista está “naturalizada” nos espaços midiáticos, ou seja, conseqüentemente, está introjetada em nosso tecido social, se tornando, também, “naturalizada”.

A conjuntura histórica apresentada neste texto acaba nos levando a problematizar o discurso racista e suas adaptações, com a finalidade de continuar segregando e subalternizando negros/as. Como as teorias do racismo institucional e cultural se inter cruzam e, ao mesmo tempo, se complementam, cabe salientar que o propósito desta pesquisaensino não foi esgotar os assuntos problematizados, mas apontar a possibilidade de produzirmos pesquisas científicas, sem a pretensão de olhar para os conhecimentos gerados “apenas como dados” que precisam ser analisados pelo “pesquisador”, mas como conhecimentos que precisam ser ecoados. Dessa maneira, apresento uma maneira outra de produzir ciência, sem subalternizar os conhecimentos dos/as integrantes, esses/as que enriqueceram o meu olhar científico.

Por fim, ao misturar as temáticas institucionais e culturais, as/os “subalternizadas/os” puderam ter espaço e corroborar um conhecimento científico, espaço que muitas vezes são negligenciados para elas/es. Suas vozes e seus conhecimentos, mesmo que ainda pouco apresentados nesta pesquisaensino, acreditamos ter sido suficientes para mostrar a possibilidade de iniciarmos uma revolução na pesquisa, uma percepção voltada em criar formas outras de tentarmos “descobrir” os nossos problemas coloniais e, como efeito, apresentar possibilidades de ressignificarmos essa estrutura colonial.

## **2 ALFORRIARAM NOSSO CORPO, MAS DEIXARAM AS MENTES NA PRISÃO: INFORMANDO SOBRE O RACISMO**

Durante muito tempo, o colonialismo foi compreendido apenas em sua relação histórica: colonizavam-se pessoas, territórios etc. (SANTOS, 2019). No entanto, ele ainda é existente. Com algumas alterações, continuou intrínseco em nosso meio, colonizando conhecimentos, culturas, trabalhos etc., o que Aníbal Quijano (1992) chamou de colonialidade.

No decorrer de nossas vidas, somos/fomos submetidos a ouvir histórias e a aprender sobre determinados assuntos sem nos questionarmos sobre quem os produziram e de onde vieram. Quando surgem questionamentos de tais vozes, somos vistos como radicais, mas se assim não fôssemos, quando e como a história do escravagismo seria contada sob a perspectiva dos escravizados? A escritora Chimamanda Ngozi Adiche (2019), em seu livro “O perigo de uma história única”, descreve a gravidade de ouvir/ler apenas um lado da história. Somos diariamente submetidos a uma voz euro-americana que “determina” qual é a história a ser contada. Trazendo para âmbito das questões raciais, as culturas ocidentais possuem o papel de apagar os saberes tradicionais (NASCIMENTO, 2019), emudecendo as vozes que podem contribuir para o enriquecimento dos ensinamentos, das teorias e das pesquisas científicas.

Desta forma, neste capítulo são apresentadas algumas informações pertinentes que nos levam a pensar a historiografia do racismo. Tentamos traçar um pensamento crítico, com a finalidade de problematizar e identificar algumas narrativas que foram propagadas e “naturalizadas” em nossos espaços institucionais: escolas, universidades, redes televisivas, jornais etc. A história é contada a partir da língua, e ela “está sempre submetida aos projetos de poder” (NASCIMENTO, 2019, p. 21). Desta forma, antes de adentrar ao terceiro capítulo deste texto, é relevante questionarmos algumas narrativas coloniais que foram introjetadas na “cultura popular”, narrativas essas que ainda defendem a existência de uma “democracia racial” no Brasil.

### **2.1 PAPO DE VISÃO, NOSSA CONSTRUÇÃO**

O título deste tópico foi retirado do *RAP*<sup>28</sup> intitulado “Pedagoginga”, do M.C.<sup>29</sup>, educador popular e pedagogo Thiago Elniño (2017). O M.C., tece em rimas incisivas, críticas ao sistema colonial de ensino e ao conhecimento que o eurocentrismo impôs ao nosso modelo de ensino das escolas, colégios e universidades espalhadas/os por todo o território brasileiro. Com o propósito de contextualizar a importância de ouvir outras vozes além das hegemônicas, trazer para a discussão produções críticas que não estão inseridas nos padrões colonialistas do conhecimento científico contribui, fortemente, para o que é a pretensão desse trabalho.

Quando Elniño (2017) canta, ensina para nós, professores/as e pesquisadores/as, a necessidade de apresentar outras histórias além das hegemônicas. Em seus versos, aparece a crítica que também possuímos a respeito do sistema colonial do saber (MIGNOLO, 2003). Ele consegue nos passar a indignidade em não se encontrar enquanto pessoa e, talvez, evidencia outras vozes (assim como a minha) que não se veem representadas nas instituições de ensino e pesquisa, propondo a refletirmos sobre a riqueza de conhecimentos que existem além dos hegemônicos.

Ao ouvir a música é quase impossível não nos lembrarmos de estudiosos/as da decolonialidade. Afinal, durante o período da dominação territorial, impuseram marcações e delimitações nas descobertas mentais e culturais (QUIJANO, 2005). Ou seja, as produções intelectuais só poderiam ser caracterizadas como tais, a partir do pensamento europeu (hoje, euro-americano).

Em virtude deste pensamento, convido os/as leitores/as a pensarmos a partir das epistemologias do sul (SANTOS; MENESES, 2009), de um pensamento crítico a respeito do ocidentalismo que narrou toda a história do povo negro. A filósofa Djamila Ribeiro (2019), em seu livro “*Pequeno Manual Antirracista*”, diz que antes de sermos antirracistas, precisamos buscar nos informar sobre o racismo. Por isso, neste capítulo, é apresentado o que nos foi contado sobre este ranço colonial perpetuado em nossa sociedade.

Após várias conversas informais no grupo de WhatsApp, no momento em que tentava me aproximar das/os integrantes, chegamos ao primeiro dia de nossos encontros. Neste dia, mandei mensagem no grupo logo pela manhã. Para saber como estavam e se estavam

---

<sup>28</sup> RAP é a sigla para “rhythm and poetry” que significa na tradução literal “ritmo e poesia”. A sigla se destina ao estilo musical que teve como precursores jamaicanos que viviam nos Estados Unidos. Como crítica a todo o sistema racista dos anos de 1960, o RAP tem/tinha a intenção de evidenciar e denunciar as violências dos bairros negros (no Brasil, conhecidos como “favelas”). O RAP veio para o Brasil, se instalando e ganhando outra roupagem, principalmente a influência do samba e das músicas populares.

<sup>29</sup> Sigla destinada a Mestre de Cerimônias. Para melhor compreender sobre a história desta sigla, indico a leitura do texto disponibilizado no site: <https://www.significados.com.br/mc/>

preparados/as para iniciarmos nossas conversas sobre o racismo. Ao receber respostas positivas, aguardei até às 13 horas, horário em que os nossos encontros ficaram agendados<sup>30</sup>. Neste dia, quis saber o que elas/es sabiam sobre o racismo e se imaginavam onde e quando surgiu. Para Barth (2021):

No;; meu ponto de vista... eu acho que;;... não sei... talvez eu possa estar errado... mas, eu penso que;;...eu acho que não existe uma data certa e específica... porque assim... talvez pode falar que começou... com... o tráfico negreiro, lá... né... mas não... acho que;; porque tem que ser o negro?... pra ser vendido como escravo... pra mim é uma... é algo que já vem com a humanidade... já tem muito tempo... entendeu?... assim... não sei... talvez eu possa não estar certo nesse posicionamento... sabe... (BARTH, 2021, APÊNDICE B)

De fato, o racismo antecede o tráfico negreiro. Como as narrativas<sup>31</sup> hegemônicas foram “naturalizadas” em nosso processo social, a história sobre o racismo é repassada por um viés que isenta, de certa forma, o europeu. Daí, a notória dúvida “Porque tem que ser o negro?”. Esse assunto veremos mais detalhadamente no capítulo posterior.

A grande problemática é que estamos tão acostumados a ter que racializar os negros e toda a sua história, que não paramos para pensar sobre o sujeito oculto nessas histórias. Por exemplo, Jubinha apresenta o sujeito que foi ocultado na fala de Barth supracitado. Para ela, o racismo

veio com a ideia de que o branco... vem... do sinal de clareza... de tipo... a;;... coisa é;; tipo... de deus... coisa abençoada... e tal... e u;;... preto... negro... u;;... a cor escura... viesse de... é;;... de coisa ruim... de trem ruim... de alguma coisa assim... de inferno e tal e tal... pra mim começou nessa época... onde tipo... a igreja começou... tipo... interferir na;;... na ideia das pessoas. (JUBINHA, 2021, APÊNDICE B)

Aqui, observamos duas condições que podem ajudar a “explicar” o racismo: a branquitude e a igreja. Para isso, os próximos dois tópicos foram separados para facilitar a compreensão das narrativas (BENJAMIN, 1987) que podem ter dado início a esta problemática.

---

<sup>30</sup>Talvez, os leitores, ao se depararem com o início de todas as transcrições, podem pensar que nos encontros os temas das conversas foram introjetadas de maneira imposta, porém, antes de cada gravação, tínhamos conversas informais, falando sobre questões do tema e, também, questões de nossas vidas sociais, isso se repetiu em todos os encontros. Utilizei essa “metodologia” para instiga-las/os a se sentirem à vontade para conversarmos, haja vista que muitos se sentiam apreensivos em talvez, estarem respondendo “coisas erradas”. O “binarismo” colonial, isto é, só pode existir o “certo” e o “errado”.

<sup>31</sup> As narrativas são familiares com citações de teóricos euro-americanos, talvez um dos mais reconhecidos seja Bakhtin, especialmente com seu livro “*Estética da criação verbal*” (1993). Porém, neste texto, me fundamento na percepção de Walter Benjamin (1987) sobre as narrativas, conforme será melhor compreendido no decorrer deste texto.

Discutiremos, a seguir, a percepção racial que a igreja iniciou em nossos vínculos sociais e, em seguida, as pseudociências, cunhadas para favorecer o branco e sua visão sobre o mundo.

### *2.1.1 Depende da história contada: nosso sangue nas mãos dos radicais cristãos*

Durante muito tempo, a igreja católica foi a principal disseminadora do pensamento social, criadora da ideologia de “raças” “superiores” e “inferiores”, contribuindo para legitimar e “justificar o processo de escravização dos povos africanos” (SCHUCMAN, 2012, p. 33). A igreja católica, especialmente a ortodoxa, muitas vezes representada em sua radicalidade, “possui/a” o pensamento de que apenas sua crença é/era “verdadeira”. Essa instituição disseminou, de acordo com Munanga (2000), a ideia da existência de três “raças”:

A primeira origem do racismo deriva do mito bíblico de Noé do qual resulta a primeira classificação, religiosa, da diversidade humana entre os três filhos de Noé, ancestrais das três ‘raças’: Jafé (ancestral da ‘raça’ branca), Sem (ancestral da ‘raça’ amarela) e Cam (ancestral da ‘raça’ negra). Segundo o nono capítulo de Gênesis, o patriarca Noé, depois de conduzir por muito tempo sua arca nas águas do dilúvio, encontrou finalmente um oásis. Estendeu sua tenda para descansar, com seus três filhos. Depois de tomar algumas taças de vinho, ele se deitara numa posição indecente. Cam, ao encontrar seu pai naquela postura fez, junto aos seus irmãos Jafé e Sem comentários desrespeitosos sobre o pai. Foi assim que Noé, ao ser informado pelos dois filhos descontentes da risada não lisonjeira de Cam, amaldiçoou este último, dizendo: seus filhos serão os últimos a ser escravizados pelos filhos de seus irmãos. (MUNANGA, 2000, p. 24-25)

Diante de tantos léxicos e histórias deturpadas pela tradução dos textos originários, a interpretação deste livro fez com que inúmeras teorias sobre a “inferioridade” do/a negro/a se propagassem entre os/as primeiros/as adeptos/as da cultura cristã, consequentemente, reproduzidas por aqueles que mais tarde se apropriaram deste pensamento “cristão”.

Alcançar toda a história do início do racismo é algo complexo e verdadeiramente relevante. Não obstante, é preciso compreender que novas roupagens foram atribuídas a esses pensamentos, isto é, o que na idade média poderia fazer sentindo, na atualidade já não faz. Afinal,

naquela época mesmo... as pessoas de tom negro... eram caracterizadas pessoas sem alma... a pessoa tipo... ah você é preto, não tem alma... você não tem sentimento... você não tem coração... você não tem nada... você é só aquilo e pronto... você é feito pro trabalho escravo e pronto... as pessoas brancas foram sempre levadas mais pro lado poético e tal... e as pessoas de pele negra não... elas foram retratadas como pessoas só para o trabalho... pessoas muito fortes... sem sentimentos e sem alma... (JUBINHA, 2021, APÊNDICE B)

Conforme a história é recontada, os/as narradores/as possuem maneiras distintas de narrar, mas uma coisa devemos levar em consideração: no decorrer dos séculos, as características das primeiras histórias contadas se mantiveram (BENJAMIM, 1987).

Como bem observado acima por Jubinha (2021, APÊNDICE B), a alma foi uma das principais justificativas que a igreja utilizou para estabelecer o/a negro/a como subalternizado/a dela. Segundo Albuquerque e Filho (2006, p. 41), “o padre Antonio Vieira considerava o tráfico um ‘grande milagre’ de Nossa Senhora do Rosário, pois, retirados da África pagã, os negros teriam chances de salvação da alma no Brasil católico”. Na atualidade, podemos identificar tal compreensão de outras maneiras. As narrativas mudaram de alma e paganismo, para “riqueza” e “pobreza”, como nos conta Barth (2021):

Professor, a pessoa teve o cabimento de falar que, tipo assim... que tirar o negro da África um pouco... um pouquinho... foi positivo... olha a situação da África hoje, por exemplo... “pro cê vê”... professor, eu fiquei assim... nossa... eu falei, meu deus... falei assim professor... fui e falei assim: mas por que... presta atenção, tirou da sua família. Entendeu!?!... Tirou do seu povo... Tirou da sua cultura. Entendeu!?!... E vem tentar explicar isso... e, assim, eu comecei a ficar estressado professor... “Num” dou conta... Até certo ponto. Eu comecei a querer a chorar também... Eu choro assim sabe... Eu “num” dou conta. Talvez eu tenha que mudar muito isso ainda... sabe... mas ai eu fui e falei assim... Vamos mudar de assunto, porque... porque já está me fazendo mal... Porque a gente já viu que estava se tornando meio que ódio. Sabe!?!... fiquei muito chateado... Muito, muito, muito, muito mesmo... (BARTH, 2021, APÊNDICE D)

Antes, a característica de explicação era a “inferioridade” das almas, agora é a “pobreza” dos países negros/as. Antes, a característica de explicação para a “superioridade” da branquitude era de suas almas “cristãs”, agora, a “riqueza” dos países brancos. Então, “o homem permanece ligado à palavra que profere” (RIBEIRO, 1996, p. 46) ou escuta. Assim, o racismo perpetua, modificando e se adaptando conforme a sociedade vai re/conhecendo as formas de segregação racial difundidas para o tecido social.

Mesmo com toda esta influência pejorativa que a igreja disseminou para legitimar que os africanos seriam infieis, “animais, desalmados e, portanto, suscetíveis de serem tratados de maneira desumana” (PEREIRA, 2015, p. 13), a instituição se viu “obrigada”, depois de algum tempo, a rever os seus posicionamentos sobre o/a negro/a e o escravagismo. Por consequência, originou alguns documentos papais que se posicionavam contra o escravagismo. A Bula *Sicut Dudum*, do decreto papal “Deus Sublime”, e a bula *Divino amore communiti* (MENDES, 2016) foram alguns desses documentos. Talvez existam outros. Porém, as informações daquela época não se locomoviam em questões de segundos, como ocorre nos tempos atuais. Esses posicionamentos permaneciam no território de origem dos decretos e bulas por longos períodos.

Por isso, as condições no território brasileiro eram totalmente diferentes. O escravagismo continuava e crescia de maneira acelerada, em comparação com outras localidades.

Algumas pessoas defendem a igreja e os seus correlatos muitas vezes sem levar em consideração a forte influência que ela tinha/tem sobre os aspectos culturais e ideológicos, sejam eles bondosos ou racistas, misóginos, homofóbicos etc. Porém, acreditamos que o problema não é da igreja como um todo, mas dos/as radicais cristãos/ãs, dos/as que tendem a narrar a historiografia do escravagismo isentando a religião de todo este mal, ou seja, “depende da história contada e também de quem vai contar” (ELNIÑO, 2017).

Com esses posicionamentos desfavoráveis da igreja sobre os/as negros/as, cientistas “brancos” começaram então a construir outros meios para “explicar” a subalternização dessa “raça” que nos deram (NASCIMENTO, 2019), as chamadas “pseudociências”, as quais tentaremos discutir no próximo tópico.

#### 2.1.1.2 Também de quem vai contar

Como a igreja católica era a principal fonte de construção de pensamentos, incentivou alguns “cientistas” a construírem alternativas de ciências, com a intenção de comprovar uma hipótese que mostraria a inferioridade de outras “raças” em vista da caucasiana. Ciências hoje denominadas “pseudociências” “forneciam desculpas dramáticas para a ação dos jovens monopólios” (DAVIS, 2016, p. 226), teorias que foram totalmente rechaçadas graças à evolução do pensamento científico. No entanto, “[g]radativamente, os conteúdos dessa doutrina chamada ‘ciência’, começaram a sair dos círculos intelectuais e acadêmicos para se difundir no tecido social das populações ocidentais dominantes” (MUNANGA, 2000, p. 22). Com o tempo, este conteúdo vem sendo proliferado pela e para a classe “subalternizada” (SPIVAK, 2010). Na atualidade, esse ranço ainda pode ser percebido no imaginativo social, de forma direta ou indireta (sutil).

Muitos de nós ainda acreditamos que o racismo é repassado para as crianças por intermédio da família ou familiares. Entretanto, como Barth (2021) nos conta, pode-se depreender que nem sempre é a relação familiar que repassa esse mal. Nas palavras dele:

a minha prima tem uma filha pequeninha... né... criancinha... e ela... demonstrou... ela tem quatro anos se eu não me engano... demonstrou algum pensamento racista... e minha prima falou... uai, mas eu nunca ensinei isso para ela... né... eu nunca falei assim... eu... nem o pai dela... nunca demonstrou esse tipo de coisa perto dela... aí, o que minha prima fez... minha prima foi lá... e comprou uma boneca negra... para ela, entendeu... e ela foi... e apegou de mais com a boneca... uma forma, assim, de mostrar,

entendeu?... que existe, sim, diferença no mundo... cada um tem a sua verdade... cada um tem sua 'raça'... cada um tem suas ideologias... e que a gente tem que aprender a respeitar a cada um... entendeu!?... Por que isso... a gente tem que aprender a conviver no mundo, entendeu?... o mundo está aí... (BARTH, 2021, APÊNDICE B)

Se nem sempre são os familiares que repassam essas atitudes, quem ou o que fortalece ou alimenta esse pensamento? “Volta e meia as novelas brasileiras de maior audiência e anúncios publicitários se tornam veículos de reprodução de valores racistas” (CARONE; NOGUEIRA, 2014, p. 169). Retomaremos este assunto no capítulo quatro, no qual problematizamos sobre o racismo institucional. O que é pretendido discutir neste tópico é o papel das ciências humanas na difusão de crenças, que ainda subalternizam uma parcela enorme da sociedade brasileira. Para isso, precisamos retornar ao passado histórico das ciências humanas. De acordo com Munanga (2000, p. 17) “até o fim do século XVII, a explicação dos ‘outros’ passava pela teologia e pela Escritura, que tinham o monopólio da razão e da explicação”. Com o passar dos tempos, alguns “intelectuais” já não aceitavam apenas a explicação “divina” para esses “outros” (HALL, 2006; KILOMBA, 2019). Daí, surge a antropologia física clássica, ciência que tentou explicar a subalternidade de uns/umas em prol de outros/as. Tais explicações variaram entre a cor da pele, o formato do crânio e até mesmo entre a textura do cabelo, construindo e disseminando pela língua a existência de três “raças” dessemelhantes, “brancos (caucasóide), amarelos (mongolóide), e negros (negróide)” (CARVALHO, 2005, p. 13).

Como observamos até aqui, ciências que tentam explicar a diversidade humana são comuns e antigas. Elas passam de geração em geração, corroborando as experiências humanas e culturais. O problema existe quando tal explicação apresenta apenas uma visão sobre o assunto, tal qual a igreja fez ao influenciar o pensamento da grande maioria dos “intelectuais” europeus daquela época. Sua “verdade” buscou explicações nas ciências humanas e biológicas, com isto, “infelizmente, desembocaram numa operação de hierarquização que pavimentou o caminho do racismo” (MUNANGA, 2000, p. 18).

Falar sobre as “pseudociências” é algo que pode nos levar a pensar o caráter etnocêntrico que foi desenvolvido e disseminado pela “raça branca”. Esse caráter ainda é encontrado na estrutura da sociedade, não se mantém como algo escancarado, como ocorrido na antiguidade, os discursos e as suas formas foram se adaptando. Dito de outra maneira, não é algo que manifesta, com todas as palavras, uma superioridade do conhecimento ou do corpo. Na verdade, ele é sutil, um exemplo é a “meritocracia”, ou seja, a capacidade intelectual dos indivíduos para se ascenderem, disseminando que “todos conseguem”, basta dedicar e se

esforçar. O grande problema não é a intelectualidade dos negros ou brancos, mas, sim, as oportunidades diferentes que são oferecidas para cada grupo.

Uma pesquisa do Centro de Estudos das relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert) – organização indispensável para a luta antirracista, criada por Cida Bento, em 1990 –, em parceria com a Aliança Jurídica pela Equidade Racial, apontou que pessoas negras não somam 1% entre advogados e sócios de escritórios de advocacia. Entre estagiários, não chega a 10%. (RIBEIRO, 2019, p. 54)

Essa informação não é algo novo, mas o resultado formado por uma estrutura que antecede a sociedade atual. Quando conhecemos o que as “pseudociências” construíram, observamos que toda essa estrutura racista possui uma historiografia que pode explicar o número dos negros nos espaços vistos como “elitizados”, como o professor Dr. Kabengele Munanga (2000) diz:

Os indivíduos da raça ‘branca’ foram decretados coletivamente superiores aos da raça ‘negra’ e ‘amarela’, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo etc. que, segundo pensavam, os tornavam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos etc. e, conseqüentemente, mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra, a mais escura de todas, considerada, por isso, como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e, portanto, a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação. (MUNANGA, 2000, p. 21-22)

A sociedade é acometida por essas imagens do/a negro/a desde o período da igreja, passando pelas pseudociências e chegando à contemporaneidade. Pode-se identificá-las ao contemplar, por exemplo, os médicos que atuam nos hospitais: elas, em sua maioria “são pessoas brancas... com cabelo lisinho... muitas vezes olhos claros...” (JUBINHA, 2021, APÊNDICE B), apresentam também “ser branco... rico... gordinho...” (RUIVINHA, 2021, APÊNDICE B). Sabe-se que, aos poucos, os/as negros/as vêm ocupando esses espaços. Porém, “quando você é atendido por um especialista da cor negra... você fica pensando... às vezes... a maioria das vezes... a pessoa fica pensando... hum;;... será que faz um trabalho bom... será que é profissional mesmo... fica com aquela ideia, tipo... será...” (GOIANO, 2021, APÊNDICE B).

As pseudociências e “os conteúdos dessa doutrina chamada ‘ciência’ começaram a sair dos círculos intelectuais e acadêmicos para se difundir no tecido social das populações” (MUNANGA, 2000, p. 22). Com isso, continuam produzindo crenças semelhantes a essa: “tipo assim... o povo tá associando o negro naquele serviço bruto... né... naquele serviço lá terrível, né...” (JUBINHA, 2021, APÊNDICE B). Por motivos de associações e esquemas imagéticos, não conseguem imaginar um/a negro/a sendo a/o intelectual nos espaços institucionais.

É a partir das pseudociências e da “naturalização” dessa cultura de representar a/o negra/o em papéis subalternizados, produzida culturalmente, que surgem concepções que relacionam o/a negro/a aos papéis de menos prestígio: “no racismo, corpos *negros* são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão ‘fora do lugar’ e, por essa razão, corpos que não podem pertencer” (KILOMBA, 2019, p. 56 [grifo da autora]).

Portanto, pesquisas decoloniais, em outras palavras, pesquisas que pretendem questionar, indagar, apresentar outras perspectivas, outras óticas, podem fortalecer o fazer ciência. Afinal, “é possível quebrar esse estado de coisas ao agir no mundo através da linguagem (solução) sendo, assim, possível construir o mundo ao nosso redor” (NASCIMENTO, 2019, p. 108). Veja o depoimento de Barth durante os encontros: “com essas discussões... a gente percebe que a gente já sofreu ou até mesmo já cometeu, né... quando a gente tem essa troca de conversa assim... a gente percebe muita coisa, né...” (BARTH, 2021, APÊNDICE D).

## **2.2 Pra mim contaram que as leis: democracia racial?**

Falar sobre racismo no Brasil não pode ser minimizado apenas ao que foi escrito nos tópicos anteriores: à igreja e às pseudociências. É preciso também compreendermos as estruturas das leis que legitimaram a construção da crença de uma “democracia racial”. Como será que aprendemos a produzir uma enunciação que diz vivermos em uma democracia racial? Quando falamos que o processo racial defendido pela igreja e pelas pseudociências daquela época se camuflam ainda hoje, é por observarmos que o/a negro/a continua sendo visto/a como seres semoventes (ALMEIDA, 2021), ou seja, coisa ou propriedade de um determinado grupo. Porém, tais pensamentos não poderiam ser legitimados por um período extenso da humanidade. Alguns países adotaram táticas diferentes para alavancar um modelo de “apaziguar” esses indivíduos, com a finalidade de fazer com que acreditemos que todos/as temos os mesmos direitos e deveres. Tudo isso ocorreu no processo histórico construído durante os séculos XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, e pode, ainda, ser observado de forma sutil no século XXI.

No Brasil, quando falamos em leis abolicionistas, podemos retomar especialmente a performatividade de quatro leis: Lei N.º 581, de 4 de setembro de 1850 (Lei Eusébio de Queirós); Lei N.º 2.040, de 28 de setembro de 1871 (Lei do Ventre Livre); Lei N.º 3.270, de 28 de setembro de 1885 (Lei dos Sexagenários) e; Lei N.º 3.353, de 13 de maio de 1888 (Lei Áurea).

Ao observar esses acontecimentos históricos e legais, o que muitas vezes nos deixa pensativos é a quantidade de outras leis que foram promulgadas antes de cada uma das mencionadas. Por exemplo, anterior à primeira lei abolicionista, Lei Euzébio de Queirós, houve 580 leis. Quais foram essas? É um importante questionamento para que estudantes, principalmente de Direito, possam levar em consideração ao produzir pesquisas no âmbito do racismo, para que consigamos elucidar todas as “estórias” que antecederam cada “lei abolicionista”.

Já que o intuito deste tópico é elucidar o processo da conjuntura histórica das “leis abolicionistas”, atentaremos duas visões distintas sobre cada uma. Como algumas dessas leis não foram levantadas para discussão em nossos encontros, vieram para este texto apenas para traçarmos um pensamento decolonial sobre elas. A Lei Áurea, talvez uma das mais proferidas da atualidade, diferentemente, foi a única problematizada durante um dos encontros.

### *2.2.1 Lei Euzébio de Queirós*

Primeira “Lei abolicionista” promulgada no Brasil Lei N.º 581, de 4 de setembro de 1850, obtém em seu texto a proibição do tráfico negreiro. De acordo com ela, todas as embarcações com traços de navios negreiros que fossem encontradas em portos, ancoradouros ou mares do território brasileiro seriam: apreendidos e, posteriormente, vendidos com toda a sua carga. Os/as escravizados/as encontrados/as nessas embarcações poderiam ser reexportados/as para seus lugares de origem, para outro qualquer porto fora do Brasil ou até mesmo serem empregados/as para o trabalho no governo. O intuito dela foi de proibir todos e quaisquer meios de tráfico de pessoas escravizadas. Porém, precisamos lembrar que a Lei Euzébio de Queirós “coincidentalmente” dividiu seu ano de promulgação com a Lei N.º 601, de 18 de setembro de 1850 (Lei de Terras). Mais à frente entenderemos a problemática que esta lei ocasionou para a nossa realidade atual. Por ora, focaremos no que a Lei Euzébio de Queirós defendia e no que nos foi contado. As “estórias” que nos foram passadas é que essa lei “extinguiu o tráfico negreiro no Império brasileiro” (ALMEIDA, 2017, p. 129). Entretanto, é preciso discutirmos a respeito dos meios outros que foram desenvolvidos, com o propósito de burlar o texto dessa Lei. Os meios que os traficantes de escravizados desenvolveram para continuarem inserindo escravos em nosso território.

Às vezes, é necessário perceber a existência de brechas nas leis; é preciso pensar como a sociedade foi, de certa forma, manipulada a acreditar que verdadeiramente esta lei extinguiu o tráfico de escravizados. No próprio texto de Almeida (2017), são apresentadas algumas

maneiras com que os escravagistas tentavam burlar as leis contra o tráfico negreiro. Isto nos “permite observar o processo ao qual estavam sujeitos os navios entrados no porto, bem como a impotência das autoridades frente a algumas fraudes realizadas pelos traficantes, devido à carência de meios humanos para combatê-las, ou a pura corrupção de algumas autoridades” (ALMEIDA, 2017, p. 142). Essa foi uma lei que na teoria era magnífica verdadeiramente defendia o fim do tráfico negreiro. Todavia, na prática, era totalmente diferente.

Infelizmente, na prática, o que a lei determinava não acontecia. De acordo com Holanda (1995), os adeptos do negócio negreiro desenvolveram táticas para burlarem a referida lei. Os traficantes, em conluio com pessoas dos portos, desenvolveram um sistema de sinais e avisos costeiros para avisarem os navios negreiros sobre os “perigos” de se aproximarem ou não dos portos. Com ajuda de jornais e funcionários dos portos conseguiam distinguir se poderiam ou não ancorar nos portos e, assim, entregar os/as escravizados/as aos traficantes. Precisamos também apontar a corrupção política e policial que já existia nessa época. Todas essas questões e pessoas corroboraram a inserção de escravizados, mesmo após a promulgação da Lei N.º 581, de 4 de setembro de 1850. A grande maioria de políticos e polícias perseguia os/as favoráveis a esta lei, assegurando a impunidade de traficantes de escravizados/as.

Mesmo que a lei Euzébio de Queirós, na prática, acontecia às avessas, é passado apenas o que é favorável para os/as adeptos/as da “democracia racial”. Ou seja, que ela extinguiu o tráfico de escravizados/as. Não é ensinado, por exemplo, o quanto isso corroborou o enriquecimento daqueles/as que já possuíam escravizados/as aqui. Afinal, o preço dos/as escravizados/as, durante a elaboração da lei, saltou de 50.000 réis em 1690, para 120.000 réis em 1750, de 75.000 réis, em 1780, para 400.000 réis em 1888 (MATTOSO, 2003).

Após controvérsias sobre a “estória” do tráfico negreiro, veio então o pensamento de como “resolver” a vida dos/as escravizados/as que aqui já estavam. Surge, assim, a lei do Ventre Livre.

### 2.2.2 *Lei do Ventre Livre*

Ao problematizar o texto da Lei N.º 2.040, de 28 de setembro de 1871, deve-se ter uma leitura crítica do contexto, pois, normalmente, a história e perspectiva propagada está sob um viés colonial, ou seja, sob a ideia de que “as crianças já nasciam livres”. Esse viés colonial propagou para o tecido social apenas o primeiro artigo da lei – que garantia a liberdade dos filhos de mulheres escravizadas. Porém, o restante do texto foi escondido e mascarado.

Quando eu estava me preparando para escrever este texto, me peguei pensando sobre as leis abolicionistas: Até que ponto elas realmente colaboraram para a sociedade atual? Assim, uma breve pesquisa sobre a Lei do Ventre Livre no Youtube, encontrei um vídeo da TV Senado<sup>32</sup>. Ao ouvir a história narrada, me peguei pensando: Será que ela realmente dava liberdade aos nascidos de escravizadas? No vídeo, é relatada apenas a história que foi “naturalizada” em nosso meio: que a lei veio para “resolver” o problema que continuou mesmo após a Lei Euzébio de Queirós. Ou seja, para eles, o problema do tráfico negreiro havia sido resolvido. Como vimos anteriormente, não foi bem assim, o tráfico ainda continuava, porém de forma “ilegal”. Para a história que nos é contada, a Lei do Ventre Livre simplesmente dava liberdade aos/às filhos/as nascidos a partir da data de promulgação. Ao ser lida a história produzida em torno desta lei, mascaram-se todos os outros problemas por detrás, afinal, os/as “filhos/as eram libertos/as”, mas sem os pais, melhor dizendo, sem as mães. Por isso, quando observado com mais criticidade os dispositivos da lei e contexto histórico daquele período, nota-se que os ocorridos da época não era tão simples, como nos foi narrado.

Quando o texto das leis é olhado com mais criticidade e profundidade, é possível observar que na prática era outra história. Percebe-se, então, as “ambiguidades da Lei do Ventre Livre, que na realidade contribuía para alforriar o escravo nascido ingênuo aos seus 21 anos” (MATTOSO, 1988, p. 45). Quando a história é contada apenas da perspectiva colonizadora, acreditamos que a criança já nascia livre, desfrutando da vida plena, assim como as crianças brancas. Porém, essa liberdade se daria apenas, caso o “dono” da escravizada aceitasse receber uma indenização de 600 mil réis pela liberdade da criança, se optasse em entregar o/a menor/a ao Estado, receberia o valor em títulos de renda com um juro anual de 6%. Caso contrário, poderia “utilizar-se dos serviços do menor até a idade de 21 anos completos” (MATTOSO, 1988, p. 42).

Pensar a partir de toda conjuntura histórica é incentivar os ouvidos/olhos críticos e, principalmente, a busca por outras histórias além das hegemônicas. São condições que parecem simples, mas que, se não observadas, podem corroborar a manutenção do *status quo*. Quando buscamos nos informar apenas sobre a perspectiva dos olhares hegemônicos, acreditamos que fizeram o máximo para acabar com a escravização e produzir uma “democracia racial”. Mas, existem alguns pontos que precisam sempre ser problematizados. Afinal, o/a negro/a era visto/a como coisa, objeto e animalizado/a quase sempre nos escritos daquela época, “como classificou um viajante ao descrever a admiração beata dos senhores – inclusive capelão – ante as

---

<sup>32</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=5\\_9PP4VaR\\_A](https://www.youtube.com/watch?v=5_9PP4VaR_A). Acesso em 20 de julho de 2021.

cambalhotas dos negrinhos brincando como cachorros de grande porte” (MATTOSO, 1988, p. 43).

A comparação animalizada que observamos hoje pode ser fruto desse processo histórico cultural que, muitas vezes, não é problematizado. Ao não ampliar, tendemos a acreditar nas narrativas que nos foram contadas, adaptando-as e readaptando-as para produzirem sentidos nos contextos em que estamos inseridos. Após essa discussão, chegamos ao que hoje conhecemos como a Lei dos Sexagenários, o outro problema que a sociedade daquela época teria que “resolver”: o dos escravos mais velhos. Será que funcionou?

### *2.2.3 Lei dos Sexagenários*

O problema desta lei não é diferente das supracitadas. Conforme o tempo veio se evoluindo, a história narrada concentra sua explicação simplória: diz que os/as escravos/as que alcançassem os 60 anos de idade seriam libertos/as quase que instantaneamente. Novamente, observamos uma hipótese, diante da conjuntura histórico-político-cultural, descartada, ao passo que essa narrativa foi repassada tantas vezes. Na atualidade, recontamos como se fosse uma total verdade. Mas, como nas anteriores, é preciso aprofundar na leitura da lei daquele período histórico, para, então, conseguirmos discernir de forma crítica.

Conhecer a história daquela época sob outra perspectiva nos leva a imaginar qual seria a quantidade de escravizados que conseguiria alcançar determinada idade. Além disso, o valor do escravo nesta idade era muito inferior ao que mencionamos anteriormente. De acordo com Mattoso (2003, p. 87) o valor dos/as escravizados/as no período da velhice variava “entre 10 e 50 mil réis, isto é, 3 a 10 vezes inferiores ao de um escravo em plena força da idade”. Quando observamos aquele período, chegamos à conclusão de que todo esse processo que tinha como pano de fundo a “libertação dos/as escravizados/as” nada mais foi que o advento do capitalismo e o receio de ficar atrás dos demais países que já haviam adotado este sistema (ALMEIDA, 2021). Portanto, vender os/as escravizados/as que conseguissem alcançar a velhice não traria lucros. Desta forma, “concordar” com tal lei consistia em apresentar os políticos, os “donos de escravizados” e a sociedade colonialista como pessoas que queriam o bem de todos/as, ou seja, uma “democracia racial”.

Como nesse caso é de extrema relevância apontar números, lembremos que em torno de 3,5 e 3,6 milhões de escravizados/as vieram para o Brasil de “forma legal” (não se pode esquecer dos/as que devem ter vindo de forma ilegal), “entre a segunda metade do século XVI e 1850 (MATTOSO, 2003, p. 53). Para isso, basta relembrarmos as leis anteriormente

problematizadas. A promulgação da Lei dos sexagenários conseguiu libertar em torno de 120.000 escravizados/as de idades iguais ou superiores aos 60 anos (MATTOSO, 2003, p. 120). Tal diferença de escravizados/as e libertos/as com a determinada lei se dá pelo fato de “que o escravo morria jovem” (MATTOSO, 2003, p. 119). Morria jovem não apenas porque trabalhava demais, mas, também, pela precariedade a que era submetido durante o trabalho escravo (MATTOSO, 2003).

Quando esses tópicos são problematizados neste texto, a pretensão é inserir o/a leitor/a na compreensão de que “as leis são uma extensão do poder político do grupo que detém o poder institucional” (ALMEIDA, 2021, p. 135). Além de tal grupo possuir o poder institucional, durante muito tempo, obteve também o poder das narrativas. Suas histórias foram produzidas e reproduzidas com sutileza, para forjar e/ou apagar um contexto histórico cultural, em que o sentido narrativo disseminado pertencia ao grupo que sempre se viu como superior aos demais. Suas “estórias” contadas são ainda reproduzidas por nós. Afinal, esse processo de ouvir outras histórias além das hegemônicas é, ainda, recente nas questões científicas. Portanto, no decurso deste texto, é pretendido apresentar também o Brasil pelo olhar dos racializados.

Chegamos, então, à lei talvez mais conhecida pelos/as integrantes da pesquisa ensino. A partir dessas leis já problematizadas neste texto, alcançamos a lei que “declarou extinta a escravidão” (BRASIL, 1888, [s. p.]).

#### 2.2.4 *Princesa Isabel, salvadora dos/as negros/as?*

Durante muito tempo a princesa Isabel foi/é vista “como uma heroína e tal... tipo, pelo o que ela fez foi importante. Mas parece que não foi bem assim, né... parece que foi pelo interesse dela” (BARTH, 2021, APÊNDICE D). Neste momento, devemos pensar não somente na Lei Áurea (BRASIL, 1888) mas no que aconteceu com esses/as escravizados/as “libertos/as”: “milhões de negros, agora livres, sem emprego, sem escola, sem a terra, sem o respeito de cidadania, se estabeleceram nos locais mais ermos possíveis, cujo valor da terra era pequeno” (PEREIRA, 2015, p. 26). A partir disso, desconstruir e reconstruir o que durante muito tempo foi ensinado sobre o “início das favelas” e o período de formação dessas é papel primordial das/os professoras/es das mais diversas áreas, geografia, história, língua portuguesa e inclusive das ciências exatas. Para alguns, o processo que levou as pessoas a se estabelecerem nestes locais se deu apenas:

quando as cidades começaram a crescer e a oferecer ofertas de emprego para as pessoas, né... com a globalização mesmo, depois da revolução industrial começou a; a pessoa começou a largar o campo e começou a ir para as cidades em busca de uma melhor vida para ganhar dinheiro e tals... e começou... ai como na maioria das vezes a pessoa não tinha condições de comprar uma casa ali mais no centro... começou a comprar nas redondezas... nessas regiões periféricas... que muitas vezes, assim... é;... como até hoje... e muitos por ai não tem redes de esgoto... água tratável... ai tipo... como era regiões que não tinham essas coisas... eles compravam mais baratas e tals... (BARTH, 2021, APÊNDICE D)

Esta narrativa é fruto de uma meia verdade contada e recontada desde o início das leis abolicionistas. De forma direta e indireta, essa meia verdade faz crer que todas as favelas foram construídas por intermédio de pessoas que “apenas” buscavam um emprego nas grandes cidades. No entanto, essa é uma ideia que foi produzida para distanciar o grupo que estava no poder das mazelas dos agora ex-escravos/as. “Para os liberais do século XIX, a dimensão moral era decisiva e a favela era vista, acima de tudo, como um lugar onde um ‘resíduo’ social incorrigível e feroz apodrecia em um esplendor imoral e quase sempre turbulento” (DAVIS, 2006, p. 33). De acordo com Milton Santos (2002, p. 28) “há desigualdades sociais que são em primeiro lugar desigualdades territoriais, porque derivam do lugar onde cada qual se encontra”. Não foi apenas pelo próprio desejo que as pessoas se estabeleceram nessas localidades, em busca de uma melhora de vida, mas, sim, porque

[o] fim da escravidão não foi acompanhado por reformas da economia brasileira que possibilitassem aos ex-escravos condições dignas de trabalho. Não houve a reforma agrária com a distribuição de terras aos trabalhos do campo, que continuaram sendo explorados, vendo-se forçados a migrar para a periferia das grandes cidades, onde passaram a viver em favelas. (PILETTI & PILETTI, 2002, p. 193 *apud* BRANCO, 2005, p. 135)

Aqui, adentramos na Lei de Terras, citada no tópico “2.2.1 Lei Euzébio de Queirós”. A Lei N.º 601, de 18 de setembro de 1850 (BRASIL, 1850) decretou, a partir desse momento, que as terras passariam a ser do Estado. Melhor dizendo: mesmo os/as escravos/as conseguindo a “libertação” durante os 38 anos de tramitação das “leis abolicionistas”, enfrentariam um grande problema ao saírem dos locais onde eram subalternizados/as. Os/as escravizados/as foram “declarados/as libertos/as”, mas o sistema capitalista implantado os/as empurraram para lugares/localidades de “menor prestígio”. De acordo com Ribeiro (2013), o decurso histórico da organização das favelas deve ser visto em paralelo com o que vinha acontecendo no Brasil no início do século XIX, com as “leis abolicionistas”, “e a crescente preocupação dos antigos senhores em manter os [escravizados] como mão de obra dependente e barata, para o que era fundamental garantir que esses [escravizados] recém libertos não alcançassem a posição de

proprietários” (RIBEIRO, 2013, p. 52). Portanto, antes de “abolir” a escravização, se fez necessário enrijecer a legislação fundiária, para que os/as escravizados/as “libertos/as” não pudessem ser pequenos/as proprietários/as de terras ou desenvolverem alguma pequena atividade comercial. Sob essa estrutura e pensamento, surgiu em 1850 a Lei de Terras. Nessa perspectiva, os/as ex-escravizados/as que quisessem adquirir um contingente de terras só poderiam caso conseguissem um rendimento semelhante aos de seus “ex-senhores”.

Além desse fator, deve-se também considerar as divisões territoriais enfrentadas no final do século XX, melhor dizendo, divisões de classes sociais e, principalmente, de cor. Deram, assim, origem a termos como “‘cidade formal’, alvo dos investimentos e políticas públicas, e a ‘cidade informal’, esquecida pelo poder público e abandonada ao poder paralelo e à violência urbana crescente” (RIBEIRO, 2013, p. 56).

Ao contestar todos esses ocorridos na história brasileira, pode-se fazer uma relação como a de Barth (2021, APÊNDICE D): “tipo assim, ó... os escravos, muitas vezes... queriam comprar a sua liberdade... e, eu penso que;... pode ter surgido isso... tipo, se eles tá comprando a liberdade, eles também vão querer comprar um lugar para morar, né...”.

Todavia, é preciso ter em mente que a “compra” da liberdade não era simplesmente quando o/a escravizado/a possuía um montante de dinheiro. A liberdade era comprada por uma relação bem mais complexa do que se imagina. Se pensar a “compra” com o pensamento atual, isto é, pensamento euro-americano (capitalista), imaginamos uma espécie de “formação de poupanças para a compra da alforria” (BIBLIOTECA NACIONAL, 1988, p. 12). Mas algumas pesquisas que se debruçaram sobre as “alforrias” dos/as escravizados/as (MATTOSO, 2003; PIRES, 2006; SANTOS, 2008; SILVA; SILVA, 2009) analisaram as cartas de alforrias que eram exigidas pela lei daquela época. Dessa maneira, chegaram à conclusão de que a “[a]lforria, não significava a transformação do escravo em cidadão plenamente livre, pois restrições de toda ordem, preconceitos, estigmas da escravidão ainda perseguiram o ex-escravo e podiam inclusive revogar o documento que lhe concedia a liberdade” (SILVA; SILVA, 2009, p. 263).

Por conseguinte, o contexto cultural e histórico nos leva a imaginar uma “facilidade” em juntar um montante de dinheiro para a compra da liberdade e a compra de um pequeno espaço de terra. Contudo, “a acumulação de um pecúlio, aceita ou até mesmo favorecida pelo senhor, deve de modo geral ter uma influência estimulante, e o senhor autorizará e favorecerá somente quando a capacidade de trabalho do escravo começa a diminuir” (MATTOSO, 2003, p. 190). Em resumo, a Lei Euzébio de Queirós, que “proibiu” o tráfico de escravizados, a Lei do Ventre Livre, que “dava liberdade” aos/às filhos/as de escravizadas, a Lei dos Sexagenários,

que “libertou” alguns/algumas escravizados/as, e a Lei Áurea, que declarou “libertos todos/as os/as escravizados/as”, se encontram em ambiguidades históricas.

Essas ambiguidades precisam ser melhor elucidadas em futuras pesquisas. De momento, este capítulo serve como base para facilitar a compreensão de toda a estrutura racista que circunscreve o binarismo “branco” e “negro”. Durante um grande e extenso período da construção social, a Igreja e os/as radicais cristãos/ãs influíram no tecido social a superioridade de uns/umas e a inferioridade de “outros/as”. “Outros/as”, para a concepção colonial, é o diferente do branco – este pensamento “bárbaro”, de parte da branquitude, foi transmitido para a burguesia científica da época, originando o que denominamos de “pseudociências”. Com o passar dos tempos, ao ser transferido para o tecido social, fez com que pequenos burgueses, se vissem superiores aos/às agora ex-escravizados/as. A partir dos aparatos históricos-políticos-sociológicos, a sociedade começou a estruturar o pensamento de uma “democracia racial”, iniciada principalmente com as “leis abolicionistas”. Desde então, vem se adaptando e readaptando por intermédio dos discursos para manter o *status quo* da sociedade.

No próximo capítulo, tentaremos expor as imagens que são “naturalizadas” em nosso tecido social, que caracterizam nós, negros/as, os “racializados” – os/as outros/as – os/as diferentes do branco – como pessoas que possuem religiões “malignas”, que só podem ser vistos/as como “pobres” etc., formas “únicas” de ver o/a negro/a, que foram/são transmitidas sob a ótica colonial. Enquanto presenciemos essas imagens distorcidas dos/as negros/as, outras imagens alimentam os binarismos e ambiguidades apresentadas até aqui: a ideia de que o branco deve ser associado a coisas “caras”, “riqueza” e, conseqüentemente, visto e entendido como algo “bom”. Sob a ótica capitalista, ser visto na sociedade como “médico”, como “país rico”, “deve” ser entendido como sinônimo de “superioridade”. Portanto, as questões culturais, ou melhor, a cultura racista que vem se perpetuando e se readaptando, tenta de maneiras outras – mais “sutis” do que na antiguidade – legitimar a falsa superioridade que iniciou com as Igrejas e os radicais cristãos, passando pelas pseudociências e, posteriormente, com as questões políticas e históricas. Dessa maneira, compreende-se que os encontros feitos possibilitaram uma pequena catalogação da cultura racista “naturalizada” e, por conseqüência, uma expansão do pensamento crítico das/os integrantes intelectuais que contribuíram enormemente para esse texto.

### **3 QUAL PERSPECTIVA HAVERÁ? CONHECIMENTOS CULTURAIS**

Após realizar os encontros e observar os conhecimentos que foram produzidos durante eles, foi quase impossível não perceber a vontade que os/as integrantes tinham de conversar sobre o tema racial. Desta forma, separarmos os capítulos e os tópicos conforme foram aparecendo em nossas discussões. Essa experiência acabou demonstrando uma adaptabilidade do racismo em nosso tecido social, se transformando em uma cultura racista. As questões de ensino, também de/coloniais, possibilitaram não somente ouvir as vozes subalternizadas, mas uma expansão do pensamento crítico das/os integrantes. Dessa maneira, as conversas acabaram se tornando uma proposta de ensino linguístico voltado para as perspectivas antirracistas. Portanto, tanto no ensinopesquisa quanto nesta pesquisaensino foi possível apresentar e problematizar a “sutileza” com que as imagens negras e as culturas negra são construídas e reconstruídas em nosso imaginário social. Ao misturar diversos temas que se relacionam com o racismo, pode ter sido possível apresentar a complexidade da cultura racista que alimenta os discursos e as atitudes racistas que presenciamos diariamente.

Assim sendo, este capítulo foi dividido em três tópicos. Com a finalidade de apresentar algumas “naturalizações” coloniais sobre as culturas negra e a cultura branca, bem como apresentar algumas problematizações que necessitamos fazer, isto é, pensar a língua como algo que produz jogos discursivos que “normalizam” algumas representações hierárquicas, binárias e ambíguas.

À vista disso, no primeiro tópico são apresentados os conhecimentos que foram “naturalizados” sobre as culturas negra e as imagens do/a negro/a. Tais perspectivas que foram/são transmitidas para nós, por intermédio do sistema cultural que direta ou indiretamente consumimos. Em seguida, discutimos sobre a cultura branca e as imagens do branco, também “naturalizadas” por interposição do complexo sistema cultural. No terceiro e último tópico, é apresentada a necessidade e possibilidade de usar outra ótica sobre a cultura negra, além da hegemônica colonial, para que seja possível re/construir e ressignificar os pensamentos e hierarquizações culturais que estão “naturalizados” em nosso tecido social brasileiro.

#### **3.1 As culturas negras e as imagens negras**

Boa parte dos conhecimentos sobre a cultura negra é uma questão que veio se “naturalizando” desde 1889, com o Brasil se tornando uma república federativa. Uma visão de “batalha”, que buscava se tornar uma potência no mundo capitalista. Com isto, os governos,

entre os anos de 1889 e 2000, se viam presos a uma visão deturpada do que seria países “amigos” e países “inimigos” (SANTOS, 2005). Santos (2005, p. 12-13) ao fazer uma leitura de Roger Bastide, afirma que no “Brasil há o preconceito de não ter preconceito, o que significa, seguindo uma livre interpretação, uma espécie de fidelidade do Brasil ao ideal de democracia racial; por consequência, isso construía-se em uma resposta que não passava de uma ‘ideologia a mascarar os fatos’”.

Durante a “construção” do Brasil, é possível identificar uma visão pejorativa dada aos negros por intermédio da força “intelectual”. Durante esse período, “na poesia matuta, poesia onde permanências culturais são mais evidentes e onde os preconceitos não se mascaram, o negro aparece sempre enquanto sinônimo de coisas negativas” (LUSTOSA, 1991, p. 162). Clóvis Moura, em seu livro “O Negro, de bom escravo a mau cidadão?” (1977) utiliza de um apanhado de pesquisas realizadas nos anos 60 e 70, para demonstrar um padrão uniformizado sobre o estereótipo do negro naquele período. Utilizando pesquisas feitas por Thales de Azevedo (1966) e Octavio Ianni (1972), Moura (1977) mostra o quanto a sociedade brasileira estava/está presa em uma depreciação do/a negro/a nas questões de formação familiar. Além das questões familiares, existem também questões culturais religiosas, pois a arma ideológica cultural negra era exatamente as religiões com matrizes africanas, que os/as uniram para reivindicar seus direitos como povos, o que rapidamente fizeram com que a branquitude criasse jogos discursivos para difamar as crenças dos povos negros. Em virtude desse pensamento, as culturas negra foram associadas a brutalidades e, conseqüentemente, a satanás ou diabo: Orixá – Macumba – Coisa ruim – Diabo. Porém “somente a magia podia dar aos escravos sublevados nas *plantations* o combustível sócio-psicológico capaz de servir de contrapartida à brutalidade dos senhores de escravos” (MOURA, 1977, p. 110).

Todos os ocorridos nesses períodos foram bases estruturantes para que chegássemos a um conhecimento “único” sobre a África, “naturalizando-a” a ponto de “(...)falar, tipo... professor, a pessoa teve o cabimento de falar que tipo assim... de;; de que tirar o negro da África, um pouco... um pouquinho... foi positivo... olha a situação da África hoje, por exemplo... para você ver (...)” (BARTH, 2021, APÊNDICE D). Para Santos (2005, p. 39) “o desconhecimento brasil[iano] sobre a África era [é] um fato” e o desconhecimento sobre as culturas negras também o é, afinal, quando crianças acreditamos no que nos é “ensinado”. Voltando a Barth, ele relata: “quando eu era bem novo, a gente escuta que macumba, é assim, né... essas coisas assim e tal... que;; era do diabo etc. etc. etc...” (BARTH, 2021, APÊNDICE D).

Todo esse processo fez “naturalizar” um sentido ao item lexical “macumba”. Uma imagem criada no cognitivo durante o período da “modernidade” fez com que boa parte da

sociedade associasse a cultura diferente da cristã a algo pejorativo, ou melhor, algo que “algum negro fazia ou cultuava”. Quando era discutido sobre o que “ouvimos” ou “conhecemos” sobre “Macumba”, Jade (2021), relembra algo pertinente para pensarmos o caráter adaptativo do pensamento denunciado por Moura (1977). Nas palavras dela: “aqui perto de casa tinha um senhor que fazia...” (JADE, 2021, APÊNDICE D).

Mas fazia o que exatamente? Quem busca entender tal item vocabular, verá que significa um instrumento musical utilizado pelas culturas africanas que, conforme o tempo veio se passando, tomou um sentido conotativo (AMORIM, 2013).

O que destacamos aqui é que crenças ou “conhecimentos” pejorativos dessa especificidade não se trata de algo biológico, mas discursivo: “funciona através de um regime discursivo, uma cadeia de palavras e imagens que por associação se tornam equivalentes” (KILOMBA, 2019, p. 130): África – Cultura Negra – Macumba – Diabo – Coisa Ruim – Maldade – Pecado. Essa cadeia de palavras, numa cultura orientada por padrões euro-americanos, produz um sentido que é passado e repassado por “boatos”, como assume JADE (2021, APÊNDICE D): “assim, eu só ouvi boatos, sabe!?!... O povo falar que tinha um quarto lá na casa dele cheio de capeta... uns trem...”.

De acordo com Beersma e Van Kleef (2012), os boatos possuem duas visões distintas: para alguns, é um comportamento egoísta e malicioso, com a intenção de influenciar e manipular quem a ouve e, para a outra perspectiva, os boatos são importantes para o desenvolvimento social. Beersma e Van Kleef (2012) argumentam sobre a possibilidade de quatro motivos para os “boatos” ou “fofocas”, sendo eles; a) o uso para influenciar e/ou manipular as opiniões de uma determinada pessoa ou grupo; normalmente para um sentido depreciativo (*self-service*); b) o uso por pessoas que pretendem conhecer o indivíduo ou o grupo que está em interação, ou seja, “obter informações sobre a solidez das próprias opiniões” (BEERSMA; KLEEF, 2012, p. 2645), uma forma de comparar o que o “fofoqueiro” pensa com o que os/as outros/as pensam sobre determinado assunto; c) simplesmente para provocar o prazer individual de quem “fofoca”, uma espécie de “diversão”, por isso, “a imensa popularidade dos programas de fofoca na televisão e na imprensa popular” (*proxy*), (BEERSMA; KLEEF, 2012, p. 2645); d) a ideia de “proteger o grupo e suas normas contra comportamentos prejudiciais” (BEERSMA; KLEEF, 2012, p. 2645), com a finalidade justamente de manter o *status quo*, manipular uma determinada crença para que não violem o “padrão” imposto socialmente.

Quando os boatos possuem a tendência de difamar uma outra cultura distinta da euro-americana, acaba manipulando de forma depreciativa o posicionamento dos/as integrantes de uma sociedade, neste caso, a sociedade brasileira.

Com a finalidade de levantar um ponto para a discutirmos sobre as culturas africana, perguntei aos/às integrantes: Quando falamos sobre a África, o que a gente pensa? Instantaneamente, Goiano (2021, APÊNDICE E) respondeu: “Orixás”. E afinal, o que pensamos sobre os Orixás? De acordo com Barth (2021, APÊNDICE E) “[a] sociedade impõe pra gente pensar mal, né... a gente não sabe tanto... é o preconceito, racismo”.

Mesmo não “sabendo tanto” do continente africano, temos uma imagem produzida em nosso cognitivo sobre ele: “seca... fome...” (JADE, 2021 APÊNDICE E), “calor insuportável...” (RUIVINHA, 2021, APÊNDICE E), “crianças magras... morrendo de fome e cede” (BARTH, 2021, APÊNDICE E) e “se a gente for parar para pensar, eles vivem de uma forma diferente de nós, né... lá, eles não têm quase nada... já a gente, vive uma vida de rei... tem tudo na mão... tudo de bom... já eles, não... a vida é difícil pra lá...” (INTEGRANTE 1, 2021, APÊNDICE E).

Esses comentários “naturalizados” na cultura que consumimos colaboram para legitimar o “poder e hostilidade contra o povo *negro*” (KILOMBA, 2019, p. 136). Afinal, é só um “boato” (BEERSMA; KLEEF, 2012) constatado pelas imagens e informações distorcidas que temos sobre este/a continente/cultura. Desta forma, é comum pensar que isto é a única forma de ver a África e que “não se trata de racismo”. Porém, para os povos da diáspora africana, tais “boatos” ajudam no fortalecimento da autoestima branca, à medida que colocamos povos negros como inferiores diante do grupo branco, que encontram, no povo negro, um bode expiatório para suas próprias culpas e mazelas” (BENTO, 2014, p. 154); um sentimento de que o nosso país, nossa cultura etc. é melhor que nessas localidades. Mesmo não dizendo isso explicitamente, fica evidente a sutileza com que nos é introduzida a hierarquia de culturas, o que iremos ver mais adiante.

Com isto, uma “única forma” de ver as imagens dos/as negros/as se “naturalizou”, produzindo um sentido depreciativo. Como será que a imagem do negro é representada para nós? De forma bem criativa e crítica, o cantor, ativista e compositor Emicida, problematizou o estereótipo das imagens negras em nosso subconsciente, por intermédio da música “Eminência Parda” (2019). Mas, o que as/os integrantes percebem sobre essa questão? Para eles, quais as imagens do negro representadas para nós?

Durante o processo estrutural do que hoje conhecemos como “família tradicional”, existe uma carga sócio pragmática construída para definir o papel da mulher branca e da mulher negra em nossa sociedade. A mulher branca ficou desempenhada para os papéis de dona de

casa e mãe de família legalmente constituída. A mulher negra se tornou uma classe de mulheres com as quais os jovens brancos praticavam as artes do amor antes do casamento (MOURA, 1977, p. 58). Ou seja, existia um papel definido para a mulher branca e outro para a mulher negra; “a mulher negra era o instrumento, o objeto de uso do macho branco e quando se diz *trabalhar* inclui-se ir para a cama com o seu senhor” (MOURA, 1977, p. 59 [grifo do autor]).

Esse processo sócio Pragmático corroborou para criar, no imaginário cognitivo social, apenas duas possibilidades para a mulher negra; para ato sexual, hoje sutilmente representado pela expressão “morena da cor do pecado”, como descreve Jade (2021, APÊNDICE F) “impuros, né... associado ao pecado, né... tanto que existe aquela expressão, né!? É;; como que é;; morena da cor do pecado”, ou; o que hoje conhecemos como “babá”, representada na fala seguinte:“(...) a minha prima nasceu bem branquinha... e quando minha tia saiu da maternidade, ela estava na porta da casa dela... aí, chegou uma mulher... e perguntou se ela era a babá...” (PITÓRIA, 2021, APÊNDICE C).

Estas narrativas autoexplicativas refletem as imagens das mulheres negras para a cultura brasileira, “esse encontro revela como ‘raça’ e gênero são inseparáveis. ‘Raça’ não pode ser separada do gênero nem o gênero pode ser separado da ‘raça’” (KILOMBA, 2019, p. 94). Nestas palavras, observa-se o quanto está impregnado em nosso subconsciente uma imagem deturpada das mulheres negras. Tudo isso alimenta o pensamento que a mulher negra só poderia ser vista como “pecado” – para alimentar a vida sexual de uma pessoa qualquer e – a babá de crianças brancas. Por ser negra, a tia de Pitória só poderia ser vista como mãe da sua priminha, caso fosse um/a “bebê negro/a”. Por não ser, ela só poderia ser a babá aos olhares da mulher que fez a pergunta. Seguindo os olhares de Hall (2006, p. 146), essas questões “mostra[m] um evento (denotação) e carrega[m] uma ‘mensagem’ ou significado (conotação)”.

A manutenção desse estereótipo racista dado às mulheres negras está diretamente relacionado à falta de informação. Após constatar que na pergunta 13) “Você já presenciou algum ato racista? Se sim, me conte sobre ele? (sofreu ou viu alguém sofrendo racismo)”, do QD, Pitória respondeu: “Não” (PITÓRIA, 2021, APÊNDICE A). Perguntei-lhes: Como tal fato não poderia ser reflexo do racismo? E da ideia do patriarcado branco? De acordo com Pitória: “(...) eu não imaginava que isso poderia ser... tipo... racismo... aí não escrevi lá [no questionário de discussão] ... tanto que eu escrevi que... não havia presenciado...” (PITÓRIA, 2021, APÊNDICE C). Para Barth, esse episódio é, sim, racista:

Uai... é bruto... na cara... professor, o senhor já viu aquela história, de que;;... uma mulher passou e viu a outra mulher... uma mulher negra e tudo... preta mesmo, e a mulher... a mulher foi e perguntou quanto ela cobrava para dar faxina... e, se ela era

empregada doméstica... ai, a mulher, foi e respondeu... não, eu sou doutora em história... sou professora da universidade pública... eu;;... nossa... eu fiquei... fiquei assim... um pouco... fiquei triste... pelo, né... mas eu também fiquei muito feliz pela resposta que a mulher deu... e que veio... nossa, que... que... quebrou a cara daquela pessoa lá, que perguntou... porque... como... as pessoas têm a ideia mesmo do negro como lá, o... pau para toda obra, lá... é o;; o... negro... não, professor... até no sexo... o negro, ele é;; ele é;; símbolo de pau grande... o negro é símbolo da rolona grandona, negão... que vai te comer ((risos))... não, mas é verdade... eu estou falando para o senhor... pelo sexo... ou... por exemplo, assim ó... eu estava vendo um vídeo... no Youtube... é;; como é que chama o;; canal gente... pera aí... vou lembrar o nome... era sobre gaydar, né... quando a pessoa bate o olho na outra, ai tá... e;; outra pessoa gay foi... tinham três pessoas fazendo o teste... para falar qual era o ativo, passivo e versátil... não... quando olhavam o negro, não... [ele] é o ativo... é o ativão,... aí, quando é fé... o youtuber perguntou... porque é que você acha que ele é o ativo... ai, ele foi e respondeu... ah... ele é negro... e tal, né... a gente tem essa ideia e tal... não era... o cara era versátil, entendeu?... então acho que;; nossa... o racismo tá;; tá bem infiltrado, né... no nosso meio... (BARTH, 2021, APÊNDICE C)

Falar sobre o racismo é ter em mente que vários assuntos se interseccionam (AKOTIRENE, 2018). Não dá para separar subalternidade, “raça”, gênero, branquitude etc., pois são temas vivenciais (SILVESTRE, 2016) e experiências que a população negra é submetida diariamente. Seguindo o texto de Akotirene (2018, p. 21), “as estruturas de raça, gênero, sexualidade, nação e classe” se interseccionam, isto é, a/o negra/o está sempre em questões mais subalternizadas em relação a esse modelo hegemônico da estrutura racial, que fundamenta toda a estrutura social brasileira.

A hiper-sexualização do corpo negro/a é algo “naturalizado” em nosso contexto cultural. O/A negro/a, está sempre associado/a ao estereótipo de primitivismo, brutalidade etc. A mulher negra e o homem negro, se tornaram “o estereótipo da lubricidade, falta de pudor e vergonha, da luxúria e sensualidade” (MOURA, 1977, p. 59), alimentando, de acordo com Kilomba (2019), a utilização do/a sujeito/a negro/a como contrapartida para o/a sujeito/a branco/a, uma imagem espelhada que se reduz à fisicalidade. O/a negro/a torna-se objeto de desejo por intermédio de associações, produzindo sentido em palavras encadeadas: Animal – Negro – Pênis – Grande – Ativo, ou; Sensualidade – Objeto – Negra – Babá – Pecado – Quente – Sexo. Finalmente, Hall (2006, p. 198) denuncia que “os brancos frequentemente fantasiavam sobre o apetite sexual excessivo e as proezas dos negros (o mesmo ocorria em relação ao caráter lascivo e ninfomaniaco das mulheres negras), *que eles tanto temiam e secretamente invejavam*”.

O/a negro/a, além de sua sexualidade, possui outra grande problemática envolvida. A “ciência” produzida pelo médico e criminólogo Cesare Lombroso (1835-1909), tem forte influência na perpetuação de um outro estereótipo negro: o/a “bandido/a” e/ou “possível suspeito” (JESUS, 2017).

Cenas midiáticas de racismo são relembradas nos exemplos de Jade: “aquele caso lá, do George Floyd... ele tinha, supostamente... era supostamente... parece que ele não tinha pagado [pela compra]... não lembro ao certo o que é que aconteceu... mas, aí... olha o tratamento que ele recebeu...” (JADE, 2021, APÊNDICE F); “aquele... eu não sei se é o caso... aconteceu parece que no Carrefour... que espancaram ele até a morte...” (JADE, 2021, APÊNDICE F).

De acordo com Rabuffeti (1999), o pesquisador Lombroso definiu algumas características aos “mais propensos a cometerem crimes”, estipulando algumas características físicas, biológicas e psíquicas em comum aos presos. Pablos de Molina (1999), ao fazer uma releitura da obra, constatou que a produção de Lombroso fazia uma análise com cerca de 25 mil detentos na Europa. As características apresentadas pelo escritor foi: o tamanho e formato do crânio, os formatos das orelhas, as feições faciais, o tamanho e formato do órgão sexual, os cabelos e traços físicos etc. Produzindo este modelo de “ciência”, ou melhor, “pseudociência”, promoveu um processo linguístico de significação ao corpo negro/a. Foi passado e repassado até se difundir no tecido social (MUNANGA, 2000), originando uma percepção do negro como descrito por Barth: “muitas vezes... na maioria, né... [negros se] associam a bandido, né... ladrão...” (BARTH, 2021, APÊNDICE H),

Ao difundir uma imagem depreciativa do/a negro/a por esses aspectos apresentados anteriormente, é possível identificar uma “imagem” muito repassada nos dias atuais, por exemplo, a associação da África com “crianças magras... morrendo de fome e sede” (BARTH, 2021, APÊNDICE E). É uma construção gradativa, afinal, “os pais falam pra gente, né... que se a gente não comer o arroz todo, papai do céu vai ficar chateado, porque na África tem muita gente passando fome...” (BARTH, 2021, APÊNDICE E). Boa parte da representação da/o negra/o e das culturas negra, é derivada de uma construção imaginativa, criada pelo poder colonial branco que, de certa forma, pode ser percebida em todos os espaços sociais.

Ao construir uma representação pejorativa e reducionista do/a negro/a, estão construindo um disfarce criado pela cultura branca, para esconder o racismo ou, pelo menos, apresentá-lo sutilmente para a sociedade. Quando reduzem as culturas negra e as imagens negras a essas representações supracitadas, nada mais é que um fetichismo, que “envolve a **rejeição**, estratégia por meio da qual um poderoso fascínio, ou o desejo, é *satisfeito* e, ao mesmo tempo, *negado*” (HALL, 2006, p. 207 [grifo do autor]).

Todas essas representações apresentadas aqui são observações críticas levantadas pelas/os integrantes durante os nossos encontros. São constatações trazidas a partir de experiências vivenciais (SILVESTRE, 2016), experiências colecionadas por um extenso período consumindo a cultura racista a que somos expostos diariamente. O papel, talvez

primordial dessa experiência de ensino de/colonial foi despertar os olhares (já) atentos dessas/es intelectuais/integrantes. Despertar esses olhares (já) atentos pode instigar para que consigamos, aos poucos, desvencilharmos dos olhares colonialistas que tentam, de todas as maneiras, associar a/o negro/a com questões que julgam ser depreciativas. Em contrapartida, é relevante apontar/demonstrar as imagens da branquitude que são introjetadas no imaginário social, ocasionando a exaltação de sua cultura e crenças, em contramão das representações da negritude. De certa forma, alimentam a imagem da branquitude patriarcal, e a ideia de pessoas “bondosas” e salvadoras, apontado por ADICHIE (2019). À vista disso, no próximo tópico, são apresentadas as representações do branco e da cultura branca em nosso imaginário social.

### *3.1.1 A cultura branca e as imagens dos brancos*

Estamos há cerca de 133 anos de distância da “abolição da escravatura”, no entanto, a estrutura parece se repetir. Agora, são raras às vezes que nós, negros/as, somos chicoteados/as. Mas continuamos alvos de “balas perdidas”. Não “trabalhamos de graça”: trabalhamos para manter nossas “migalhas” e “ajudar” a branquitude a se manter nas posições elitizadas. Espero que neste tópico fique “escuro” para o/a leitor/a como são as representações brancas em nossos cognitivos.

A imagem/representação da branquitude como sendo “hierarquicamente melhor” é fruto de um longo processo histórico-político-cultural. Como foi mostrado no capítulo 2, a branquitude colonial esforçou-se em se apresentar como a “melhor raça”, em apresentar a sua “ótica de verdade” como a única possível, em narrar a história de liberdade “a partir da Revolução Francesa ou da Revolução Americana ou, ainda, dos pressupostos do Iluminismo” (GONÇALVES, 2005, p. 04). Mesmo a Igreja Ortodoxa revendo seus posicionamentos primitivos, foi observada a iniciação de “pseudociências” que ainda tentavam defender a ideia de “superioridade” dos brancos em relação aos “não-brancos”. Talvez, uma das mais excludentes formas de alavancar esse posicionamento está arraigada em nosso atual contexto. Referimo-nos ao sistema capitalista.

O modelo capitalista, visto “de ‘dentro’ (na Europa), ou de dentro para fora (da Europa para as Colônias)” (MIGNOLO, 2005, p. 34), acaba deixando invisível a colonialidade do poder. Portanto, é preciso observá-lo de nosso contexto para fora, em especial, de pessoas subalternizadas para a pequena classe colonizadora.

Com o decorrer dos encontros, várias vezes surgiam posicionamentos de comparação entre os negros e os brancos. Comparativos que iam desde imagens representativas até as

questões culturais “naturalizadas” em nosso convívio social. Dentre as conversas, ficava evidente a aproximação da cultura branca e, conseqüentemente, a tentativa de afastar-se de qualquer vestígio cultural negro. Evidenciamos o dualismo/binarismo iniciado com o advento do eurocentrismo, ou seja, a ideia de caracterizar o branco como o centro e o não-branco como o “outro”. A partir desse momento, compreendemos, com as experiências vivências (SILVESTRE, 2016) das/os integrantes, como a imagem branca e a cultura branca é induzida a ser vista pelo tecido social.

O consumo, uma das engrenagens do sistema capitalista (GALEANO, 1985), é/foi, talvez, a engrenagem mais levantada pelos/as integrantes. De acordo com Jade (2021, APÊNDICE E), a cultura “euro-americana está bem ligada ao nosso dia a dia... até no vestir...”. Uma outra percepção enriquecedora sobre o consumo foi apresentada por Jubinha:

Uma camiseta que custa oitocentos reais é vendida praticamente por trinta em outros lugares... só que... por uma etiqueta, colocando a marca, lá... a pessoa tem coragem de pagar... vamos supor... [n]uma bolsa, até quinze mil reais, ou mais, porque é uma marca... a pessoa tá comprando a marca; não o produto... porque o mais caro é considerado melhor...” (JUBINHA, 2021, APÊNDICE B).

A associação da cultura branca com o capitalismo é veementemente apontada<sup>33</sup>. Para Barth (2021, APÊNDICE E), a cultura branca “tem uma ideia de consumismo, né... porque tipo assim, os Estados Unidos, esses países mais desenvolvidos, pregam essa... essa coisa de consumir bastante, e tal...”. As condições econômicas e sociais se atentaram em produzir uma representação distinta da cultura negra para a cultura branca. Foi apresentado no tópico anterior que a cultura negra se tornou “sinônimo” de pobreza, e agora observamos a cultura branca se tornando “sinônimo de riqueza”, leia-se muito dinheiro. E o que acontece com essa cultura branca representada pela visão da branquitude para nós? “A gente consome, né... a influência deles sobre nós é muito grande... influencia muito...” (BARTH, 2021, APÊNDICE E).

A representação da cultura branca faz com que projetemos um ideário distinto dos países e pessoas que possuem culturas negra. É comum vermos e ouvirmos pessoas que: “queria[m] nascer na Europa... tipo... não sei porque... tipo... para mim, é um país que eu gostaria...” (JUBINHA, 2021, APÊNDICE B).

Durante o processo de construção deste texto, buscamos nos informar sobre pesquisas que evidenciam a imagem do branco e da cultura branca representada e passada para nós. Algo

---

<sup>33</sup> Poderíamos dizer que pelo menos uma coisa “ruim” é endereçada para a “raça branca”, no entanto, como veremos adiante, o posicionamento sobre o capitalismo, sobre a ideia de consumo principalmente, foi introjetado e “naturalizado” para ser visto e percebido como algo “bom” para a sociedade.

difícil é que “os estudos silenciam sobre o branco e não abordam a herança branca da escravidão, nem tampouco a interferência da branquitude como uma guardiã silenciosa de privilégios” (BENTO, 2002, p. 46). Mas existem algumas exceções, vista principalmente nos estudos sobre branquitude e branquidade (ALVES, 2010; BENTO, 2002; GUIMARÃES, 1997; SCHUCMAN, 2012).

De acordo com Guimarães (1997) surgiu uma adaptação sobre aquele velho imaginário colonial relativo à “raça” superior e “raça” inferior, caracterizado pela cultura. Agora, observa-se o ideário de “cultura superior” e “cultura inferior” (EAGLETON, 2011). Sendo assim, a cultura superior é apontada como sendo a euro-americana, e a inferior seria todas as demais que se distanciam do que a “outra” lhe impõe.

Talvez... que, é porque assim... é;; o Brasil, também é muito associado... vamos dizer assim... pobreza também absurda, não é... em vista de outros países... assim... a gente tem que falar, né... por exemplo... a gente... a maioria das pessoas... lógico que existe pessoas e muita miséria ainda... no Brasil... existe muita família assim... naquele estado de calamidade mesmo... mas assim... se a gente for levar em consideração só nossa estatística de;; outros lugares, por exemplo... o Brasil até que não é tanto... igual os países lá da África, né... não é tão... assim... o senhor me entende, né... talvez aqui, a gente ganha mais pelo trabalho... mas tem países que superam o nosso país nessas estatísticas, né... e a maioria é vinculada à Europa... a maioria nos países da América do Norte, né... talvez é por isso que o povo tem ainda um pouco dessa ideia... essas coisas assim... (BARTH, 2021, APÊNDICE B)

A cultura branca está “associada” a estatísticas de sucesso, ou seja, se eles apresentam uma boa estatística, logo, são lugares melhores para se viver. Alves (2010), ao estudar os significados de ser branco, recolhe de um/a de seus/suas integrantes a representação da estratificação social organizada em uma espécie de pirâmide. De acordo com ele, existem “três eixos” de subordinação social, sendo eles: privilégio/subordinação, condição econômica e “raça” e gênero. Esses eixos representam dois grupos extremamente opostos: “homens, brancos e ricos *versus* mulheres, negras e pobres” (ALVES, 2010, p. 112 [grifo da autora]). Dessa maneira, o grupo branco se perpetua no topo dessa pirâmide e a base é estruturada pelos subalternizados, homens e mulheres homoeróticos/as, negros/as etc.

Essas associações são oriundas de um processo histórico que se adaptou conforme o tempo passou, afinal:

O Brasil nunca facilitou para os negros... depois dessa abolição, e tal... ao invés... como eles ficaram sem empregos... o Brasil, logicamente tinha que dar emprego... empregar... dar uma estruturação para eles... para eles, sei lá... começar a vida, né... e não... o Brasil... ele fez o contrário... ele criou uma lei... se eu não me engano em mil oitocentos e noventa... para... para os imigrantes virem... eles queriam que os imigrantes viessem... os italianos, alemães... esse povo branco... mas ficava... como

eu vou falar... é;; restringia os negros, né... os negros africanos não podiam vir... nem os asiáticos. (JADE, 2021, APÊNDICE F)

Para a branquitude, a Lei N.º 6.815, de 19 de agosto de 1980, serviria para trazer pessoas aptas aos serviços industrializados, mão de obra para os maquinários etc. De acordo com Bento (2014, p. 50), “os imigrantes advindos nesse período tinham o mesmo nível de preparo que o negro”. Porém, no imaginário social brasileiro, foram “naturalizados” os seguintes conhecimentos: Para Jade (2021, APÊNDICE F), “Eu acho que é porque assim... os italianos, os alemães seriam mais aptos ao trabalho...”; Para Ruivinha (2021, APÊNDICE F): “que é porque os brancos estariam mais capazes de fazer os trabalhos fáceis... já os negros, eram escravos... para trabalhos mais pesados... tipo;; puxando carga... nos engenhos, só serviço pesado”. Quando Jade e Ruivinha trazem tais percepções, demonstra a visão colonial que foi propagada e “naturalizada” no tecido social, conseqüentemente, continuamos reproduzindo-as.

Essa visão colonial foi e continua sendo “naturalizada” pela ideia de que não se trata de racismo, mas por questões de “preparo” para o trabalho designado. Inconscientemente ou não, a reprodução da imagem da branquitude continua sendo totalmente diferente da negra, e com isso, ao considerar o/a negro/a e as culturas negra como o/a diferente, o/a “outro/a”, transforma o/a negro/a em divergente ao padrão “universal”, o branco (BENTO, 2002, p. 46), dessa maneira, se o branco se torna “sinônimo” de riqueza, por consequência, o negro é o divergente, se relaciona à pobreza.

O papel do branco em nossa cultura já é quase demarcado ao nascer, “para ele, é facilitado tudo, né... tudo que ele quiser exercer, tem uma facilidade naquilo... por exemplo... você vê aí, a maioria de médico branco... aí, você vai olhar... tem um negro ali... mas ele é faxineiro... por exemplo... é muito raro você ver um médico negro...” (JUBINHA, 2021, APÊNDICE F) “e, quando você é atendido por um especialista da cor negra... você fica pensando... às vezes... a maioria das vezes... a pessoa fica pensando... hum;; será que faz um trabalho bom... será que é profissional mesmo... fica com aquela ideia, tipo... será...” (GOIANO, 2021, APÊNDICE B). Para Fanon (2008, p. 27), “a civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial”, demarcando os papéis de “negro” e os papéis de “branco”. Como demonstrado, o papel do/a negro/a só é “natural”, caso esteja ocupando o ofício de faxineiro, se for médico, pode gerar dúvidas sobre o seu trabalho.

A cultura branca e a imagem do branco se camuflaram no projeto de modernidade. Dessa maneira, “a aquisição da cidadania é, então, um funil pelo qual só passarão aquelas pessoas cujo perfil se ajuste ao tipo de sujeito requerido pelo projeto da modernidade: homem, branco, pai de família, católico, proprietário, letrado e heterossexual” (CASTRO-GÓMEZ,

2005, p. 81). Aos demais, aos/às “outros/as”, cabe se “adequarem” ao que essa “modernidade” impõe, ou seja, os/as negros/as precisam se adequar à cultura branca, para ser visto e identificado como “evoluído” (FANON, 2008). É “tipo aquele negócio lá, que;; tipo, a gente tem que ficar mais alvo que a neve... entendeu... tipo o que os religiosos dizem... a ideia que vem lá do romantismo... assim, isso foi pegado lá da segunda fase... onde eles idealizavam a pessoa tipo branca... a branquitude das coisas assim...” (BARTH, 2021, APÊNDICE F).

A partir do momento que o ocidente (Europa) se lança como modelo para o mundo, forçam, também, “os colonizados a aprender parcialmente a cultura dos dominadores em tudo que fosse útil para a reprodução da dominação, seja no campo da atividade material, tecnológica, como da subjetiva, especialmente religiosa” (QUIJANO, 2005, p. 111). Por isso, há grande dificuldade de afastar a cultura branca da nossa – se é que há necessidade –. É um projeto construído durante o processo de colonização que está preso nas entranhas de nossa realidade, construído sob moldes eurocêntricos: “quando a gente pensa essa relação... essa crença nossa, começou com a chegada dos jesuítas aqui, né... tipo... começaram a catequizar os negros e os indígenas... e o povo ‘naturalizou’ isso, desde aquela época... colocando uma cultura superior e outra inferior, né...” (JADE, 2021, APÊNDICE F). Antes, tais questões eram impostas por repreensões, agora “já não [é] baseada na repressão e sim na produção de diferenças” (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 80).

De certa forma, essa construção “naturalizada” culturalmente produziu um apagamento social. Produziu uma herança na qual a branquitude é beneficiada simbólica ou concretamente do silenciamento dos subalternizados. A branquitude projetou sob o/a negro/a os seus medos, receios, inseguranças etc. (BENTO, 2002; HALL, 2006; KILOMBA, 2019).

A representação da cultura branca, da imagem do branco etc. teve seu avanço com o advento do capitalismo, conseguindo produzir uma imagem (HALL, 2006) distorcida sobre a “bondade” do branco e a “animalidade” dos negros. Quando é observada, por exemplo, a influência dos perfumes europeus, se pudermos e tivermos “condições”, queremos os “da linha francesa... com certeza... eu amo...” (JUBINHA, 2021, APÊNDICE B), “se a gente tivesse condição de comprar aqueles de seiscentos conto, mil conto... ah, vai falar que não... que não ia comprar... não pode ser hipócrita e falar que não tem vontade, né... ((risos))... porque vontade tem... falta é dinheiro... ((risos))...” (BARTH, 2021, APÊNDICE B).

Intrinsicamente nessa fala, nessa representação, está descrito aquele velho imaginário de que “os não europeus possuem cheiros desagradáveis”, “porque tipo assim... parece que eles são melhores, sabe... do que os nossos mesmos...” (JUBINHA, 2021, APÊNDICE B). Portanto,

é possível apontar que a “sociedade impôs isso... e a gente acredita que eles são os melhores” (BARTH, 2021, APÊNDICE B).

As questões culturais são sempre questões que exigem muitas problematizações, Terry Eagleton (2011) demarcou a complexidade que é discorrer sobre cultura. Em seu livro “*A ideia de cultura*”, apresenta as grandes problematizações que estão envolvidas ao falar sobre esta temática. Ao fazer uma leitura crítica de Eliot (1888-1965) e Williams (1780-1950), Eagleton (2011) diz que não se pode analisar e falar sobre cultura observando apenas os aspectos individuais; é preciso analisar os aspectos coletivos e sociais. São eles que acabam formulando a cultura de todo um grupo. Portanto, nota-se que os aspectos apresentados sobre a relação intrínseca entre a cultura branca, a imagem do branco e a ideia de consumo, foram se tornando associativo, a ponto de o grupo social associar uma cadeia de palavras em torno da branquitude: Branco – Cultura Branca – Capitalismo – Consumo – Bom.

Diante dos binarismos “branco” e “negro” esboçados nos tópicos até aqui, não poderíamos terminar este capítulo sem tentar decolonizar nossos olhares em relação às imagens negras e as culturas negra apresentada no tópico “*3.1 As culturas negras e as imagens negras*”. Por isso, no próximo tópico, são desenvolvidas algumas problematizações necessárias para construir, desconstruir e ressignificar visões pejorativas das culturas negra e as exaltações exageradas das culturas brancas presentes em nossa própria cultura.

### **3.2 O olho que me julga precisa fazer regime<sup>34</sup>**

Construir uma outra visão e percepção sobre o/a negro/a e sobre as culturas negra é indispensável em uma sociedade que se diz “evoluída”, ou até mesmo que pretende futuramente ser evoluída. O anseio deste tópico é demonstrar ao/à leitor/a uma maneira outra de evidenciar a necessidade de olharmos para o continente Africano<sup>35</sup> como parte fundamental e constituinte da história brasileira. É muito difícil, e quase impossível, ressignificar por completo os olhares e as narrativas apresentadas nos tópicos anteriores em apenas uma pesquisa-ensino, mas é preciso tentar e procurar fazer. É preciso que o/a leitor/a compreenda que, para nós, pesquisadores/as da Linguística Aplicada Crítica (LAC) e decoloniais, pesquisar sobre a

---

<sup>34</sup> Esse título foi retirado de um trecho da música “*O mundo é nosso*” do *Rapper*, escritor, historiador e compositor brasileiro, Djonga. Por narrar em sua música uma forma nossa de ver o negro, essa música se encaixou perfeitamente neste tópico que aqui desenhamos.

<sup>35</sup> Uso letra maiúscula para tentar evidenciar o tamanho e a riqueza desse continente que, durante muito tempo, nos é passado/ensinado como se fosse uma parte desintegrada da nossa cultura brasileira e como se este continente fosse minúsculo em vista dos outros países, principalmente os euro-americanos. E não, não é! O continente Africano é o terceiro maior continente!

linguagem não é pesquisa-la como algo isolado da vida social. Compreendemos que quando se pesquisa e estuda linguagem, também estuda e pesquisa sobre “a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva” (FABRÍCIO, 2006, p. 48).

A falta de conhecimento da população brasileira sobre a história das culturas Africanas distorce a realidade desse continente, bem como da ligação de nossa cultura com as culturas de África (NASCIMENTO, 2014). Além de tudo, “a falta de conhecimento sobre suas origens contribui para que os/as afrodescendentes tenham pouca autoestima, o que impede seu acesso pleno às oportunidades e mina sua capacidade de lutar por direitos” (NASCIMENTO, 2014, p. 14). É preciso compreender que o Brasil é “o segundo maior país negro do mundo, superado em importância demográfica apenas pela própria Nigéria” (NASCIMENTO, 1978, p. 29). Essa separação cultural entre os diferentes povos é um conteúdo “etnossemântico, político-ideológico e não biológico” (MUNANGA, 2000, p. 22) que caracteriza a cultura branca diferente das culturas negra por crenças “divergentes” ao padrão imposto pelos euro-americanos. Por isso, o racismo em sua maioria das vezes é algo sutil, principalmente:

Depois da supressão das leis do *apartheid* na África do Sul, [agora] não existe mais, em nenhuma parte do mundo, um racismo institucionalizado e explícito. O que significa que os Estados Unidos, a África do Sul e os países da Europa Ocidental se encontram todos hoje no mesmo pé de igualdade com o Brasil, caracterizado por um racismo de fato implícito, às vezes sutil (salvo a violência policial que nunca foi sutil). (MUNANGA, 2000, p. 28[grifo do autor])

Na atualidade, existe a Lei N.º 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino sobre a história e cultura Afro-Brasileira nas escolas. Porém, na grande maioria das vezes, as culturas Afro-Brasileiras são raramente apresentadas nas aulas. Pensando nesta questão, perguntei aos integrantes: “Pessoal, vocês já tiveram alguma aula falando sobre a cultura Africana?”, e recebi, de Jade, a seguinte resposta: “nunca nem vi... se teve não lembro...” (JADE, 2021, APÊNDICE F). Os/as aprendizes, subalternizados/as pelo sistema colonial que ainda nos rege, desconhecem esta lei, ao dizer que “eles [alguns professores] não botam em prática, né... porque, eu não sabia não” (JADE, 2021, APÊNDICE F). Vale ressaltar que essas conversas foram desenvolvidas com alunos do terceiro ano do Ensino Médio, ou seja, mesmo após doze anos estudando, eles não tiveram acesso ao cultural negro.

Desta forma, utilizar algumas brechas (DUBOC, 2012) para inserir o ensino da história Afro-Brasileira no ensino de Línguas possibilita a des/construção e reconstrução da imagem pejorativa dissolvida no tecido social brasileiro (MUNANGA, 2000). Solapa a possibilidade

de se perceber a língua como produtora de significados sociais, portanto cheia de dimensões política, social, transformadora, educadora. Para isso, precisamos construir aprendizagens que possam apresentar que

[existe] muita coisa bonita na África, professor... né... assim... é uma imagem que a gente constrói na cabeça, né... fala assim, países da África... vem essa... essa coisa, né... a gente não pensa nesse lado... igual falamos do Brasil mesmo... das coisas boas que tem aqui, né. A gente sempre enfatiza é essas coisas [ruins] assim. (BARTH, 2021, APÊNDICE B)

De acordo com a escritora e psicóloga Elisa Larkin Nascimento (2014), a construção desse imaginário depreciativo do continente Africano adveio das elites sociais. Este imaginário pejorativo faz com que grande parte da sociedade sinta vergonha de assumir suas identidades afro-brasileiras (NOGUEIRA, 2020). Todas essas questões podem ser explicadas pelas imagens dos/as negros/as e das culturas negra estarem sempre relacionadas a aspectos apenas de escravidão e/ou formas depreciativas evidenciadas principalmente pelos espaços midiáticos. “Tipo... embora criminalizado, o racismo está aí... nessa sociedade” (JADE, 2021, APÊNDICE F). O conceito de racismo “biológico” e racismo “científico” se modificou com o passar dos tempos, “nos movemos do conceito de “biologia” para o conceito de “cultura”, e da ideia de “hierarquia” para a ideia de “diferença” (KILOMBA, 2019, p. 112). Esse projeto, embora muito sutil em nossas relações interpessoais, procura apagar de nossas memórias as ligações que possuímos com o passado Africano. O racismo se organizou e fez com que boa parte da sociedade se despossasse dos traços identitários que compartilhamos com o continente Africano, conseqüentemente, alimentando uma autoestima cada vez mais baixa (NASCIMENTO, 2014).

À vista disso, é preciso ter em mente que, em África, “nem é tão pobre assim... [como está preso em nosso cognitivo], são algumas cidades assim...” (JUBINHA, 2021, APÊNDICE B). Ocorre que os estudos sobre o continente africano iniciaram sob uma ótica etnocêntrica, dito em outras palavras, o que nos “ensinaram” ou “aprendemos” sobre o continente africano não conseguiu demonstrar as diversas civilizações existentes no continente, principalmente das “partes oriental, central e meridional da África” (NASCIMENTO, 2014, p. 27). Pesquisadores/as etnocêntricos tentaram, de todas as formas, distanciar o papel do colonialismo para as nossas visões “únicas” do continente Africano, ou seja: “pobreza” em “algumas cidades” do continente.

Antes de mais nada, é preciso compreender que o continente africano é extremamente grande e, reduzi-lo a uma “história única” (ADICHIE, 2019), serve apenas para fundamentar

as histórias coloniais. De acordo com a escritora Chimamanda Ngozi Adichie (2019), essa história única que conhecemos do continente africano (relacionada à pobreza extrema etc.) veio principalmente da literatura ocidental. Nas palavras dela: “uma tradição da África subsaariana como um lugar negativo, de diferenças, de escuridão, de pessoas que, nas palavras do maravilhoso poeta Rudyard Kipling, são ‘metade demônio, metade criança’” (ADICHIE, 2019, p. 20). A literatura aprendida no país da escritora, e concordo que faz relação com a mesma que aprendemos a consumir desde o período da colonização, nos induziram a ter uma visão única do continente africano. O tamanho e a riqueza desse continente são pouco explorados quando conversamos sobre África. Por isso, é preciso saber que “tem a África subsaariana... África islâmica, né... por exemplo... o Egito mesmo é na África, né... tem as ilhas de Madagascar... tem muita coisa lá. Bonita, entendeu?...” (BARTH, 2021, APÊNDICE B), etc.

A história única que conhecemos sobre a África é parte constituinte de um projeto de poder colonial sutil. Durante muito tempo, o povo negro, principalmente os povos africanos, foram/são representados para nós como “objetos”, fomos/somos submetidos/as a uma imagem depreciativa do/a negro/a e das culturas negra. Essas questões produziram o que Adichie (2019) diz ser *nkali*: “ser maior do que outro” (ADICHIE, 2019, p. 23). O/A outro/a, para Kilomba (2019), é a representação principalmente do/a negro/a, é uma “tela de projeção daquilo que o *sujeito branco* teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o ladrão violenta/o, a/o bandida/o indolente e maliciosa/o” (KILOMBA, 2019, p. 37 [grifo da autora]).

Aprofundando um pouco mais, é também a projeção do medo propagado “pelos homens de cultura ocidentais” (FANON, 1968, p. 179). Por isso, debruçamos numa teoria linguística que;

constitui como prática problematizadora envolvida em contínuo questionamento das premissas que norteiam nosso modo de vida; que percebe questões de linguagem como questões políticas; que não tem pretensões a respostas definitivas e universais, por compreender que elas significam a imobilização do pensamento; que tem clara postura epistemológica, entendendo que a produção de conhecimento não é neutra, pois se encontra entrecruzada a um domínio de práticas sócio-historicamente situadas, podendo apenas ser aplicada ao contexto da situação sob investigação; que adota um modelo de teoria crítica entendida, segundo Marcondes (1998), como exame de suas próprias pressuposições e condições de possibilidade e ciente de sua própria relatividade, alcance e limites; que está aberta a reavaliações; e, principalmente, que se preocupa com os desdobramentos éticos do conhecimento produzido (FABRÍCIO, 2006, p. 60-61)

Quando é problematizada a cultura consumida no dia a dia, observa-se uma estereotipagem da imagem do/a negro/a e das culturas negra. Por exemplo, vemos os negros “só em emprego desvalorizado, né... hoje mesmo que a gente tem uma noção disso...

doméstica,<sup>36</sup>essas coisas... assim... a sociedade em si foi estruturada desse jeito, né... que o negro é sempre mais inferiorizado em relação de emprego, de tudo...” (BARTH, 2021, APÊNDICE F). Durante a época da escravização, as mulheres negras tinham apenas dois papéis possíveis, como já descrito anteriormente, “babá” e para iniciar o jovem branco na vida sexual. Na atualidade, compreendemos que a mentalidade colonial nos fez enxergar as mulheres negras apenas como domésticas, cozinheiras, amas secas, amas-de-leite que limpa, arruma, lava, engoma e passa roupa, cozinham, amamentam e cuidam das crianças (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 83). De acordo com Adichie (2019, p. 22), “mostre um povo como uma coisa [objeto], uma coisa só, sem parar, e é isso que ‘esse’ povo se torna” (ADICHIE, 2019, p. 22). Assim, todas as imagens das/os negras/os que consumimos, de forma “sútil”, estão diretamente relacionadas com a forma como a branquitude quer que enxergamos a negritude em nossa sociedade.

Esta imagem é refletida e representada, ainda nos dias atuais. Quando falamos de “empregada doméstica”, qual é a imagem que vem a nossa mente? De acordo com Barth (2021), quando falamos sobre empregada doméstica imaginamos

uma pessoa bem fraca de situação... na maioria das vezes assim, né... não estou dizendo que todas pessoas que trabalham como empregada doméstica são... são pobres de mais... senhor me entende, né... mas, na maioria das vezes, são pessoas assim... não tão ricas financeiramente... porque tá ali, vendendo a sua força de trabalho... e sempre, assim... a maioria das vezes... a maioria sempre é;; assim... as domésticas daqui... as empregadas domésticas daqui não têm uniforme para trabalhar, né... e sempre usam roupas simples... assim... do dia a dia para trabalhar... e a maioria assim... são pessoas negras, né... tom de pele mais... né... escuras assim... na realidade, né, professor... (BARTH, 2021, APÊNDICE C)

A tentativa de distanciar a relação da “empregada doméstica” com o escravagismo da época colonial é um projeto introjetado em nosso meio social, com a ideia de que estão sendo pagas, “vendendo sua mão de obra”, que, inclusive, é barata. Vale dentro desse contexto, destacar que, no período de pré-abolição, muitos/as escravizados/as já trabalhavam em troca de “algum dinheiro”. Porém, o que pouco ou quase nunca é dito é que, na maioria das vezes, esse dinheiro tinha que ser dividido com o colonizador (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006; MATTOSO, 2003), uma maneira de controlar a ascensão financeira do/a negro/a durante este período.

---

<sup>36</sup> Vale apontar uma crítica a este termo, afinal, este termo possui origem da época de escravização, era designada para mulheres negras que trabalhavam dentro das casas dos colonizadores, consideradas domesticadas, fazendo relação com animais selvagens que poderiam ser também domesticados, ou seja, suscetíveis a domaço. Ver por exemplo a cartilha “O racismo sutil por trás das palavras” organizado pela Secretaria de Justiça e Cidadania do Distrito Federal.

Várias outras imagens são atribuídas aos/às negros/as, em especial, às culturas negra. Quando é pensado sobre as religiões de matrizes africanas a cultura racista fica ainda mais evidente. Talvez, por essa facilidade, podemos observar o grande número de acusações e problemáticas envolvidas entre religião e racismo, como bem descreve Sidnei Nogueira (2020), em seu livro “Intolerância Religiosa”. Ao rever um extenso número de pesquisas que apontaram o contingente de fiéis de religiões afro-brasileiras que já passaram por alguma forma de agressão, fica evidente que essa “naturalização” já não é algo tão sutil. Além do mais, Nogueira (2020) diz que muitas pessoas optam por não professar a sua “fé negra”, por receio de sofrer ataques racistas da sociedade. Porém, a “prática religiosa tem resistido a terríveis pressões da sociedade (via polícia) dos sacerdotes católicos” (NASCIMENTO, 1978, p. 97) e, atualmente, por uma grande maioria de pastores e bispos evangélicos. Uma imagem distorcida da Exu “Pomba-gira” entremeou no meio de uma grande parte dos cristãos, demonstrando quão ainda são presos ao patriarcalismo da época da colonização. Pelo fato da Exu “Pomba-gira” pertencer ao gênero feminino, sofre ainda mais deturpação por esta sociedade colonial e embebedada do patriarcalismo colonial.

À vista disso, o patriarcalismo “cristão” re/coloca a mulher em um papel de subalternidade ao homem e, talvez, por não entenderem como funciona a estrutura das religiões de matrizes africanas, não conseguem ou não querem compreender que:

os orixás representam ou personificam também as qualidades e atributos humanos na umbanda, aos Exus cabe a dualidade, a contradição, a ambiguidade e o convívio com a multiplicidade, a divergência e a dinâmica entre bem e mal, direita e esquerda, certo e errado, deuses e demônios; em uma palavra – humanidade. (BARROS, 2006, p. 45)

As representações dos/as Exus pelos cristãos estão sempre associadas a algo pejorativo. Como exemplo, destaca-se a Exu “Pomba-gira”: “é uma entidade que;; tipo;; serve para orientar e tal... ele [tio] me falou um monte de trem assim... que eu já perguntei pra ele um dia, né... por que tipo... a gente escuta muito na igreja, tipo... ah, fulano tá com a pomba gira... né... tá destruindo a vida, essas coisas assim...[formas pejorativas]” (BARTH, 2021, APÊNDICE E). Nesta fala de Barth, observamos o papel da família na desconstrução desse imaginário racista, infundido no tecido social. Durante o nosso quarto encontro (APÊNDICE E), Barth narra a experiência que seu Tio teve/tem ao assumir sua fé negra. Além de assumir a fé negra, recebe o papel de corroborar a desconstrução da imagem distorcida que a “Pomba-Gira” recebeu durante o processo de naturalização da “fé branca” na cultura brasileira perante seus parentes.

Além da família, a escola se torna também responsável, por intermédio dos/as professores/as, apresentar e problematizar tais imagens “naturalizadas”. Para isso, é preciso compreender que tanto “como a noite precisa do dia para surgir, Exu precisa de uma representação feminina, sendo que ‘a mulher de Exu ou a fêmea do Exu é nada mais nada menos que a Pomba-gira, ou Bombo-gira (sua verdadeira denominação, alterada por corruptela lingüística)’” (TEIXEIRA NETO *s/d apud* BARROS, 2006, p. 47).

Enquanto conversávamos sobre as representações pejorativas das mulheres, nos esbarramos na época de caça às bruxas (Inquisição), quando “a igreja, caçou muitas mulheres, falando que era bruxa[s]... mas essas mulheres, eu li sobre... elas eram aquelas que não concordavam e não podiam expor suas opiniões e tal... aí, eram dadas como bruxa...” (JADE, 2021, APÊNDICE E). Os discursos do passado se adaptam para se perpetuarem na atualidade. Como as Bruxas daquela época<sup>37</sup>, a Pomba-gira também é uma mulher que representa a “sublevação, a transgressão ostensiva de normas e condutas de uma moralidade conservadora. Pomba-gira é rebelião, litígio, demanda. É também sedução, sensualidade, coragem, inquietude, alegria, arrogância, ardor” (BARROS, 2006, p. 52).

Discutir sobre crenças religiosas divergentes da hegemônica, como as de matrizes africanas, em espaços escolares, nos permite “conhecer sobre outros pontos de vistas diferentes, sobre o que ouvimos durante boa parte da vida” (ANJO CELESTE, 2021, APÊNDICE E). “É por isso, que a gente tem que se interessar e procurar, para não ficar preso... tipo aquele mito da caverna de Platão... acho que é Platão se eu não me engano... se a gente não buscar conhecimento, só ir deixando os outros ali influenciar, não vai... não vai sair da caverna...” (JADE, 2021, APÊNDICE E). Muitas pessoas ainda estão presas nessa “caverna do Platão”. São raras as vezes que buscam se informar sobre as outras religiões existentes, essencialmente as de matrizes africanas, pois elas são representações de nossa própria humanidade. Em outras palavras, “Exu expressa as incertezas humanas ante as adversidades da realidade social, bem como a afirmação da liberdade e autonomia do homem diante do mundo” (BARROS, 2006, p. 27). Exu, talvez o mais humano de todos os Orixás, é visto e compreendido como “Diabo ou Satanás” pela cultura cristã introjetada no tecido social. Por apresentar as características idênticas ao ser humano, Exu faz o erro virar acerto e o acerto virar o erro. Dessa maneira,

o conservadorismo não suporta a diversidade da encruzilhada e a controvérsia de Exu, porque sobrevive em, por meio de e com um único caminho. Onde já se viu, na sociedade que vive da punição, da tortura e do encarceramento, se conceber a

---

<sup>37</sup> Essa relação foi levantada durante o quinto encontro produzido. Quando discutíamos sobre religião e o que conhecemos sobre as entidades e crenças das culturas preta.

possibilidade de uma lógica exuística, na qual um erro possa vir a ser um acerto? (NOGUEIRA, 2020, p. 62)

O processo linguístico faz com que alimentemos o jogo discursivo problematizado anteriormente, levando-nos a associações semelhantes a essa: EXU – BEM – MAL – ERRADO – PECADO – DIABO. Dessa forma, “naturaliza” no cognitivo da sociedade um processo colonizador. A cultura cristã se apropria das imagens dos Orixás e nos apresenta uma imagem distorcida do/a Orixá. Por isso, é preciso que cristãos/ãs e não cristãos/ãs busquem, nas próprias crenças “naturalizadas”, a dualidade existente no próprio Deus cristão. Veja o relato de Barth:

Professor... assim... por exemplo... eu falo assim, agora com mais convicção, porque tipo... já é o que eu escuto desde criança, né... por exemplo... também, se a gente for pensar por esse lado Deus também teve seus momentos de ira na Bíblia... né... por exemplo, Deus já foi capaz por exemplo de matar... né... vamos... foi... Deus assim... por exemplo... então quando a pessoa, é, quer só pensar por esse lado... falo, não, vou buscar também nas minhas vertentes... né... porque;; tipo;; Deus também tem sua ira uai... entendeu... tipo... Jesus veio e mudou as coisas... então, tem muitas coisas... por exemplo... na religião evangélica... na religião por exemplo católica... então tem muita coisa que ficou lá atrás... entendeu... se eles acreditam nisso... então ficou lá atrás... mas assim... é aquela história, né... eu quero acreditar naquilo que me convém... né... tipo... a pessoa acredita naquilo que convém para ela... (BARTH, 2021, APÊNDICE D)

Quando conhecemos a história de outras crenças/religiões pode ser possível compreender boa parte da sociedade em que estamos inseridos, haja vista que no território que habitamos a religião cristã foi introjetada à força e também sutilmente,

veio para o Brasil pelos jesuítas e os bandeirantes, né... chegou impondo a cultura cristã aqui e tal... escravizaram os indígenas com a ideologia cristã... daquela época... aí, como os indígenas não conheciam o Deus deles... chamaram eles de bárbaros, né... e disseram que eles eram inferiores aos europeus... aí;; esses bandeirantes e jesuítas, escravizaram os indígenas aqui... e aí;; começou essa doutrinação cristã... essa... essa;; naturalização, né... dessa religião. (BARTH, 2021, APÊNDICE E)

Outra questão que alimenta o jogo discursivo da colonialidade pode ser percebida com a referência de indígenas e negros a “bárbaros”. Por intermédio de várias associações imagéticas e discursivas, os “bárbaros” são associados aos diferentes da branquitude. No modelo colonial de pensar, os “bárbaros” são: “Pessoas rudes... sem conhecimento... é;; pessoas que não tinham conhecimentos sobre nada, e tal... alguma coisa do tipo” (JUBINHA, 2021, APÊNDICE B). Essa ideia sobre as pessoas “bárbaras” é aprendida ainda na escola. De forma “sútil” caracteriza o diferente da branquitude como pessoas bárbaras. Barth relembra um ocorrido: “eu lembro da aula de história... pera aí... jesus... eu estou lembrando aqui... puxando na cabeça... pera aí... eu estou com a cabeça ruim... mas eu estudei isso... pera aí... bárbaros, era tipo assim... povo que

não era do meu povo... ai... eu esqueci... estou me lembrando aqui...” (BARTH, 2021, APÊNDICE B), à vista dessa resposta, perguntei: Quem não era do meu povo? Que povo era esse? Quem disse isso? Com essa intervenção, Barth (2021, APÊNDICE B) respondeu; “dos portugueses... europeus...”.

Muitas vezes, a produção de conhecimento e da cultura racista é algo sutil, como a questão dos “bárbaros”. Afinal, indígenas e negros/as normalmente são representados/as no mesmo conteúdo de aprendizagem. Dessa maneira, os/as aprendizes acabam relacionando os povos negros e os povos indígenas aos “povos que não é do meu povo”. “Funciona através do discurso, através de uma cadeia de palavras e imagens que se tornam associativamente equivalentes, mantendo identidades em seu lugar” (KILOMBA, 2019, p. 157). Essa relação discursiva produz a seguinte representação em nosso cognitivo: INDÍGENAS – NEGROS – BÁRBAROS – SEM CONHECIMENTO – INFERIORES. Desta forma, “o *sujeito negro* se encontra forçado a se identificar com a branquitude, porque as imagens de pessoas *negras* [e das culturas negra] não são positivas” (KILOMBA, 2019, p. 154[grifo da autora]).

Neste capítulo, apresentamos como as culturas negra e as imagens negras são vistas de forma pejorativa pela sociedade e como essas representações fortalecem o discurso racista sutil. Em contrapartida, a imagem branca e a cultura branca são representadas como algo totalmente ligado ao nosso dia a dia, mesmo que isso incite em uma hierarquia racista, separando, de forma sutil, o que é de negro/a (tudo que é pejorativo) e o que é de branco (bondade, capitalismo (que aos olhos da branquitude é bom), os produtos “melhores” etc.). Por fim, entendemos que tudo isso funciona por intermédio de uma relação discursiva e histórica. Passa e repassa uma única imagem dessas culturas durante um extenso período e elas acabam se tornando uma verdade absoluta para o tecido social.

Por intermédio dessas problematizações, acreditamos que foi possível compreender que precisamos diariamente problematizar toda a cultura que consumimos. Com este capítulo, acreditamos ter ficado evidentes algumas problematizações culturais que devem ser feitas dentro das salas de aula. Duvidar, indagar e tornar densas as formas de representações “naturalizadas” de um determinado povo e cultura deve ser papel primordial de professores/as. Ao fazer isso, os/as docentes alimentam a ressignificação da cultura colonial – sutil ou não – que permeia a sociedade.

Este tópico serve, ainda, como uma forma de instigar professores/as a repensarem as crenças que também “naturalizaram” em sua vida. Trata-se de algo inconsciente que aprendemos por intermédio de nossa aquisição cultural. É preciso repensarmos todas as nossas crenças e atitudes que “aprendemos” pelas nossas experiências sociais acerca da Pobreza e fome

do continente africano, Exu Pomba Gira e bárbaros são apenas três dos vários temas que aprendemos a “naturalizar” como únicas possibilidades de interpretá-los.

Durante essas conversas, surgem-nos algumas questões pertinentes para problematizar: como essas imagens pejorativas das pessoas negras e das culturas negra foram infundidas em nosso cultural? Como aprendemos a classificar o papel do negro e do branco em nossa sociedade? Como aprendemos a enxergar a negritude como algo pejorativo e a branquitude como o oposto? No próximo capítulo, serão apresentadas algumas das várias possibilidades que essas imagens são passadas, introjetadas e transferidas para o meio social. Para nós (eu e os/as integrantes), por intermédio de nossas experiências vivenciais (SILVESTRE, 2016), percebemos que essas imagens são passadas e reforçadas pelos meios institucionais, principalmente pela “grande mídia” (GOIANO, 2021, APÊNDICE E) e, reforçadas pelos mais variados espaços institucionais. Pedimos, de antemão, que o/a leitor/a já imagine os papéis das/os negras/os nesses espaços institucionais, jornais, filmes, novelas etc.

## **4 O SILÊNCIO DA ILHA DIZ O QUE SE REPETIRÁ: O MONOPÓLIO DA IMAGEM NEGRA?**

Neste capítulo, conversaremos um pouco sobre as representações dos/as negros/as em alguns espaços institucionais. Durante esta pesquisa ensinamos e aprendemos que o racismo é passado, introjetado e transferido para as pessoas de forma sutil, se tornando algo “naturalizado”. Essas questões culminam na cultura racista que observamos. Para pensarmos essa “naturalização” da cultura racista, precisamos refletir sobre o papel da mídia na colaboração do cultural. Para isso, subdividimos este capítulo em cinco tópicos. No primeiro, tentamos introduzir o/a leitor/a sobre o que as/os integrantes e eu entendemos sobre o racismo institucional.

O segundo tópico servirá para observarmos as representações negras a que somos submetidos ainda na infância. Utilizamos como pano de fundo a novela “Carrossel” e os personagens “Cirilo e Maria Joaquina”. No terceiro, discorremos sobre como a mídia alimenta a cultura racista, após o/a indivíduo/a ter contato com representações pejorativas do/a negro/a em sua infância, adolescência, juventude e idade adulta, sendo interpelado por outras representações do/a negro/a em filmes, novelas, jornais e lojas. No quarto tópico, levantamos uma pergunta sobre a realidade dos/as negros/as nos contextos sociais: será que a nossa realidade é exagero? Para comentar esse questionamento, utilizamos como pano de fundo o seriado “Todo mundo odeia o Chris”. Além dessas questões institucionais, é preciso destacar o processo discursivo, as construções históricas e todo o problema que essas representações podem ocasionar na vida social e na construção identitária das crianças, adolescentes e jovens brasileiros/as. Dessa maneira, chegamos ao último tópico deste capítulo. Nele, comentamos sobre o quanto a cultura racista está internalizada em nós, apontando a necessidade de problematizarmos com mais veemência as formas sutis que mesclam o racismo em nosso cultural, até se tornar algo “natural”.

### **4.1 A mídia e suas construções estereotipadas**

Pesquisar racismo em nosso contexto social é uma tarefa árdua e bastante complexa. Ao ouvir as vozes subalternizadas, testemunhamos várias formas de intersecção do racismo. Isso nos instigou a não centrar em apenas uma das várias maneiras de produção, reprodução e propagação desse grande ranço colonial. Ao contrário do que muitos acreditam, o racismo não é um problema apenas dos/as negros/as. O racismo é um problema em especial da branquitude.

Como já vimos nos capítulos anteriores, as representações dos/as negros/as e das culturas negra, são repassadas para o tecido social como opostas aos brancos. Porém, não tratamos como tais representações são inseridas na cultura popular. Em primeiro momento, parece que está inserido em nosso cognitivo que este ranço é passado apenas pelo vínculo social que cada indivíduo possui. Mas, se for, onde as pessoas aprenderam isso? Como aprenderam a ver o/a negro/a como possível suspeito/a? Como aprendemos a falar que vivemos em uma democracia racial? Como não conseguimos enxergar o grande problema racial que enfrentamos diariamente?

Muitas perguntas podem ser feitas e, com toda certeza, é quase impossível respondê-las por completo. Mas é preciso nos atentar para a contribuição da mídia nesse campo cognitivo, ou seja, as instituições. É preciso sabermos o que pode significar o termo “racismo institucional”. Quando relatei anteriormente a minha experiência com o “racismo institucional” e o imaginário do “possível suspeito” “naturalizado” em nosso meio, não sabia, àquela época, que se tratava de racismo. No entanto, já havia sentido na pele. Tive a oportunidade de reconhecer e perceber que se tratava de racismo apenas com as leituras e esta produção escrita. Como apresentado no “Gráfico 2 - Termos do Racismo”, apenas 1 dos 14 integrantes que responderam o questionário havia conhecimento sobre o racismo institucional.

Gráfico 3 - Racismo Institucional



Fonte: QUESTIONÁRIO DE DISCUSSÃO (APÊNDICE A, 2021)

Porém, mesmo não conhecendo o termo e as teorias produzidas nesta área, negros/as já experienciaram, já presenciaram e até já escutaram sobre ele de forma direta e/ou indireta. Dessa maneira, com este capítulo, queremos apontar que o conhecimento teórico é apenas uma das várias formas existentes de conhecer sobre as diversas pesquisas acadêmicas produzidas, afinal, as experiências vivenciais (SILVESTRE, 2016) são as principais responsáveis por essas produções teóricas. Queremos apontar, logo de início, que, antes de adentrar necessariamente sobre o racismo institucional, durante os 5 primeiros encontros, não nos centramos apenas nessa forma de racismo. Porque os integrantes já haviam alavancados experiências e/ou observações sobre essa problemática. Portanto, quando perguntei a eles/as, no sexto encontro (APÊNDICE G), se conheciam sobre o “Racismo Institucional”. Os/as integrantes, de início, se sentiram acanhados/as em responder. Neste dia, passamos em torno de 5 minutos silenciados, com apenas a resposta de Pitória (2021, APÊNDICE G), que disse; “Eu não...”.

Após essa resposta e o silenciamento do restante das/os participantes, apresentei-lhes o vídeo “Você sabe o que é racismo institucional?”<sup>38</sup>, que serviu para apresentar-lhes um pouco sobre esta teoria. De início, “racismo institucional” é compreendido apenas nas polêmicas agressões escancaradas, ou seja, no salário desigual, na não contratação pela cor de pele ou traços negróides, na desigualdade de cargos elitizados etc. Sob os olhares do advogado e filósofo Silvio de Almeida (2021), “racismo institucional” pode ser definido como uma maneira de estabelecer padrões sociais, com o propósito de manter privilégios a um determinado grupo sobre outros. É preciso ter em mente que “o racismo transcende o âmbito da ação individual” (ALMEIDA, 2021, p. 46).

Um outro pesquisador importante para entendermos o “racismo institucional” é Stuart Hall (2006), no livro “Cultura e representação”, apresenta uma outra forma de compreendermos o racismo institucional. Ao observar como as representações do/a negro/a eram feitas nos séculos XIX e XX, chegamos à conclusão de que os/as negros/as eram sempre associados/as a imagens pejorativas e/ou como objetos a serem “consumidos”, comprados etc. Após assistir ao vídeo referido anteriormente, os/as integrantes nos disseram que o “racismo institucional” é também o “racismo que sofre em emprego, essas coisas... na empresa...” (JADE, 2021, APÊNDICE G); “discute essas relações de baixo salário também, né” (PITÓRIA, 2021, APÊNDICE G), e em todos os âmbitos institucionais.

Todavia, o racismo institucional vai além dessas questões monetárias. No terceiro encontro (APÊNDICE D), estávamos conversando sobre a necessidade de identificar algumas atitudes racistas que “naturalizamos” em nosso dia a dia. Após algumas falas, Barth disse que,

pelo fato de a gente ouvir muitas piadinhas, ouvir até mesmo muitas falas, assim;; de mal gosto mesmo, a gente começa a inserir mesmo... então, eu creio que pode vir de algum parente que tem esse pensamento... e fala, por exemplo... quando criança mesmo... e a pessoa começa a viver aquilo, e a replicar, né... (BARTH, 2021, APÊNDICE D)

Então, perguntei-lhes: Vocês conseguiriam me dar algum exemplo de piadinhas que vocês identificam ser racistas? Barth nos deu a primeira observação sobre o racismo institucional, utilizando, como exemplo, o contexto de jogo de futebol:

---

<sup>38</sup> O vídeo intitulado “Você sabe o que é racismo institucional?” nos deu espaço para que as conversas começassem a fluir. Este momento, deu a oportunidade de aprofundarmos sobre as questões institucionais que somos submetidos diariamente de forma “sutil”, que muitas vezes não nos é narrado. Essas questões, é apenas uma, das várias formas que o racismo se encontrou para perpetuar no tecido social. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=ZW0DEyF7rVg>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

Professor, assim... a gente vê muito, por exemplo... em jogo de futebol, sei lá... tipo, eu estou falando... é tipo, as pessoas chamam a outra de carvão, tipo... por esses apelidos... ai é o carvão, é;; tem um ator também... tipo... eu já ouvi a pessoa não ser chamada pelo nome... mas pelo nome desse ator... ai... eu vou lembrar aqui... Mussum... tipo assim... a seu Mussum... eu já escutei a pessoa ser chamada por isso aí... (BARTH, 2021, APÊNDICE D)

Mussum, um protagonista do programa “Os Trapalhões”, uma série que se tornou conhecida após a Rede Globo começar a disseminá-la. Mussum foi um dos personagens humorísticos mais populares no Brasil. De acordo com Adilson Moreira (2019, p. 69), “seus criadores tinham o propósito de gerar efeito cômico a partir de sua apresentação como malandro, um dos principais estereótipos sobre negros pobres que circulam a sociedade brasil[iana]”. As representações pejorativas do/a negro/a nos espaços midiáticos, em sua maioria, seus criadores são pessoas brancas<sup>39</sup> correspondentes de um padrão que caracteriza o diferente do branco como “outro”, um alguém suscetível de “inferiorização estética e moral” (MOREIRA, 2019, p. 70).

Devido a toda essa problemática, optamos por não discutir sobre as relações salariais que assolam a sociedade negra<sup>40</sup>, mas discutir sobre as representações e as problemáticas que o racismo institucional ocasiona no tecido social brasileiro. Temos como ponto de partida as questões de cotas. Araujo (2019) realizou uma pesquisa que possuía como ponto principal pensar as cotas e o discurso meritocrático de algumas universidades paulistas (PIMESP). Em um curso desenvolvido entre 2004 e 2014, a autora chega à conclusão de que

a recusa ao PIMESP não foi necessariamente pelo caráter descaradamente racista e elitista do Programa, mas pela possibilidade real de desorganizar os espaços de privilégio, já que a proposta do Programa instituiria o mecanismo de reserva de vagas, limitando – ainda que pouco – a reprodução e manutenção dos privilégios da fração da classe média que tem perpetuado sua condição por meio do controle do espaço da universidade. (ARAUJO, 2019, p. 266)

As cotas, para universidades (públicas e privadas) e concursos públicos – ainda que pouco –, contribuem para que pessoas negras possam ter acesso a espaços que durante muito tempo foram/são de brancos, de pessoas que possuem privilégios em uma sociedade estruturada em hierarquias. Pensando na necessidade de problematizar sobre essas questões, no capítulo

<sup>39</sup> “Os Trapalhões” foi um programa de televisão criado por Wilton Tupinambá Franco. O programa foi lançado na Rede Excelsior, Rede Record, Rede Tupi e Rede Globo. Essa última foi quem proporcionou o grande alcance do programa, proporcionando assimilações racistas como a descrita por Barth.

<sup>40</sup> A questão salarial é uma, das várias vertentes que as pesquisas que possuem foco o “Racismo Institucional” se aprofundam. É notório todo o problema gerado por essas questões, porém, neste texto optei em trabalhar sobre as representações e o que elas ocasionam na sociedade brasileira preta, ou seja, ajudam na manutenção do *status quo* da cultura racista que consumimos diariamente.

anterior, apresentamos como o tecido social vê e como são os traços físicos dos médicos. Quando estávamos conversando sobre essas questões no primeiro encontro (APÊNDICE B), Barth, ao fazer uma comparação com o que estávamos conversando e sua vida pessoal, diz o seguinte:

e assim... só... enfatizando aqui uma coisa... ai;; por exemplo assim... é meu ponto de vista... aí, vem lá gente... por exemplo... vem fala... ah... não pode ter cota... não pode ter aquilo... que isso é jeito de tirar a vaga de quem estudou... não sei o que... não... eu acho que isso [a cota], é uma forma de estar incluindo... e de alguma forma... está contribuindo pra essa realidade do pouco, entendeu?... e ter mais pessoas que tem acesso... indígenas... eu mesmo... eu venho de família indígena também professor... eu tenho indígena na minha família... assim... por eu... pelo fato... assim;; o meu cabelo é assim... liso, entendeu?... liso... entendeu?... e assim... é uma... são pessoas que não teve uma oportunidade de vida, entendeu?... assim... meus antepassados são pessoas que;; por exemplo... é;; os irmãos da minha vô... de onze filhos... só tem uma que tem ensino superior... entendeu?... isso é muito pouco assim... tem só uma tia minha que conseguiu formar... e a gente tem que desconstruir isso mesmo... a gente tem que buscar nosso espaço na sociedade... a gente tem que lutar... por nossos objetivos e nossos direitos, né... (BARTH, 2021, APÊNDICE B)

Esse discurso de “tirar a vaga” é um modelo de pensamento racista cunhado pela branquitude, para manipular e introjetar o racismo de forma sutil no tecido social, para que o grupo subalternizado “aceite”, de forma “pacífica”, a marginalização a que somos submetidos pela estrutura colonial. De acordo com Araújo (2019, p. 269), essa subalternização e marginalização do grupo negro “é precisamente a reificação do negro, fonte por excelência da afirmação da suposta superioridade daquela fração de classe como justificativa para legitimar a manutenção do seu lugar na universidade”. Além da marginalização e “suposta superioridade” da classe branca introjetada no cultural, existe também a “naturalização” da necessidade de “termos que batalhar” para conquistar direitos que nos são negados diariamente. De certa forma, caso os/as negros/as não consigam alcançar esses espaços elitizados, a culpa é transferida para o/a próprio/a negro/a: “Você não batalhou bastante!”, “Você não se esforçou o bastante para passar no vestibular” etc., desconsiderando totalmente a diferença existente no ponto de partida da classe subalternizada e da classe elitizada.

Por exemplo, minha identidade negra só pôde começar a ser construída a partir do meu acesso ao ensino superior, mesmo alcançando esse espaço de privilégio tive que enfrentar outra dificuldade: a parca existência de professores/as doutores/as negros/as nesse espaço que me encontro. Se os/as negros/as são a maioria da população brasileira, o que pode explicar a não existência dessa população nesse espaço? Porque eu só pude começar a construir minha identidade negra a partir das leituras e não por me identificar com professores/as negros/as na graduação e agora na pós-graduação. Questionamentos como esses surgem após compreender

que existem espaços negados para a população negra. São espaços que deveriam refletir o nosso tecido social, mas refletem apenas o colonialismo do saber. Refletem, ainda, a mesma cultura escravocrata, onde existem “espaços de negros/as” e “espaços de brancos/as”. Aos poucos vamos ressignificando essas “naturalizações” e aprendendo a não as ver como questões “normais”, mas como fruto do passado escravocrata.

Contudo, o “racismo institucional” não é presente apenas nas universidades em relação às cotas e às representações negras nas universidades e nos espaços midiáticos. Existe o “perfil do suspeito” (JESUS, 2017). Em uma pesquisa realizada em Minas Gerais, pela cientista social Andreia Sousa de Jesus (2017), é apontado o número crescente de ações policiais apenas em bairros das periferias. Para Jesus (2017, p. 73) “as classificações intensificam determinados bairros como sendo mais criminosos, o que contribui com o crescimento da estigmatização desses espaços e, conseqüentemente, dos indivíduos ali residentes”.

A mídia, em grande parte, possui respaldo da polícia para a manutenção desse “perfil do suspeito”. Por exemplo, quais são os papéis dos/as negros/as em filmes, novelas, jornais, etc.?

Professor... eu acho que tipo... o negro é quem faz boa parte do Brasil funcionar... mas aí... eles colocam os negros só como bandidos... ou, muitas vezes, apenas como vítimas de bala perdida, né... as duas primas, por exemplo... que parece que estavam brincando na calçada... e as duas foram mortas por bala perdida... o caso mais recente agora... daquela jovem que estava grávida [que] foi atingida na rua... (JADE, 2021, APÊNDICE G)

Esses casos relatados, de acordo com Jade (2021, APÊNDICE G), aparecem na mídia de forma “muito superficial...”. Além de tudo, não tratam essas problemáticas como algo que necessariamente precisa ser pensado criticamente. Antes desse dia, Jade já havia problematizado essas questões. No quinto encontro (APÊNDICE F), estávamos conversando sobre o caso que aconteceu em Nova York, que tomou fortes repercussões na mídia brasileira. O caso “George Floyd” foi levantado por ela durante nossas discussões. Neste momento, resolvi perguntá-la sobre como casos semelhantes no Brasil são representados pela mídia. Para Jade, esses casos “passa[m] na televisão que são vítimas de bala perdida, né... bala perdida... desculpa falar... mas entre aspas, né... a gente não sabe, né... mas eu não duvido” (JADE, 2021, APÊNDICE F).

Conforme aponta Jesus (2017), o “perfil suspeito” está diretamente associado a bairros periféricos, às chamadas “favelas”, e como já vimos no capítulo 2 deste trabalho, a favela nada

mais é que um espaço no qual os/as negros/as foram “depositados” após a abolição, isto é, um verdadeiro “Quarto de Despejo”<sup>41</sup>.

Quando observamos o investimento da mídia nos casos de ação truculenta da polícia nos bairros periféricos e a superficialidade com que tratam as mortes de pessoas negras “vitimizadas” pelas “balas perdidas”, podemos observar a grande diferença quando se trata, por exemplo, de algum/a “bandido/a”. No sétimo encontro (APÊNDICE H), estávamos conversando sobre o investimento da mídia nesses casos de “bala perdida”, propagados por espaços midiáticos, que, de acordo com Jade (2021, APÊNDICE H), é “muito superficial”. Ao me deparar com esse pensamento da integrante, perguntei-a: E, agora, se fosse um bandido? Obtive a seguinte resposta: “Ah, se fosse igual o Lázaro<sup>42</sup>... tava essa narquia aí... todo dia e toda hora...” (JADE, 2021, APÊNDICE H).

“Caso Lázaro”, talvez um dos assuntos mais atuais, serviu como ponto de partida para elucidar o papel da mídia nesse jogo discursivo. Ao associar atitudes maldosas de algumas pessoas com as culturas negra, o jogo discursivo histórico que tenta conectar a criminalidade com a negritude se repete. “Memes” nas redes sociais eram constantes durante este período: “Vi no Instagram de um amigo meu... ele conversando com o tal do Lázaro... pedindo para fazer macumba para a ex-namorada voltar com ele... aff... é cada coisa” (PITÓRIA, 2021, APÊNDICE H).

Para facilitar a compreensão do jogo discursivo a que estamos submetidos/as diariamente, quando entramos no assunto do “Caso Lázaro”, Jade acabou fazendo a seguinte pergunta: “Mas eu posso fazer uma pergunta para o senhor?... não é sendo racista... é só que eu quero saber mesmo... que eles estão falando que ele [Lázaro] anda com aquele livro São Cipriano... isso tem a ver com a religião afro?... esse livro em si... tem a ver?” (JADE, 2021, APÊNDICE H); “É que diz que é trem de satanismo... e ocultismo... uns trem que eles falam lá...” (JADE, 2021, APÊNDICE H). Durante a propagação de toda essa problemática, levantaram também antigos personagens do aparato jornalístico. De tudo, o que podemos ver é que a ideia mascarada nesse jogo discursivo faz com que, ao consumirmos determinada cultura, alimentemos um medo semelhante ao que utilizaram para manipular a sociedade em relação às

<sup>41</sup> “Quarto de Despejo” é o título da obra de Carolina Maria de Jesus, escritora, poetisa e compositora. No livro, Carolina relata a sua vida diária enquanto vivia em um bairro periférico do Brasil, uma das pioneiras da literatura negra brasileira e, que merece toda a minha gratidão.

<sup>42</sup> Lázaro Barbosa foi um caso muito repercutido no mês de junho de 2021. Os jornais (impressos, televisivos e digitais) publicavam várias matérias diárias sobre ele, o referindo sempre como “assassino, estuprador, criminoso, etc.”, após a ação truculenta que culminou na morte dele, algumas outras matérias foram publicadas dizendo que ele tinha agido a mando (pagamento) de “fazendeiros” da região entre Goiás e Distrito Federal, porém, após apenas algumas matérias sobre este fato, a mídia, simplesmente, parou de informar sobre como as “investigações” estavam.

bruxas no período da inquisição, porém adaptado ao nosso contexto brasileiro e atual. Por um discurso naturalizado sobre o livro de “São Cipriano”, pessoas acríicas possuem medo de ler ou conhecer o determinado livro, como, por exemplo, Jade, que nos apresentou um dos discursos naturalizados em relação a este livro, relacionando o caso do “Pedrinho Matador”<sup>43</sup>:

É, eu vi um depoimento... daquele Pedrinho matador... que eu acho que foi uma das pessoas que mais matou gente... serial killer mesmo... ele falando que teve uma experiência com o livro, que não sei o que... que era brabo de mais, não sei o que... e ai, deixa a gente com medo... falei gente, que que é isso... esse trem deve ser... (JADE, 2021, APÊNDICE H)

Para problematizarmos essas representações e discursos, devemos mudar o foco dos questionamentos, como Grada Kilomba (2019, p. 95) fez no livro “Memórias da Plantação”: se fosse um religioso cristão? Se fosse um evangélico? Se fosse um católico? Será que a mídia tentaria de todas as formas associar tais religiões aos crimes cometidos? Ou tentariam desviar da religião, colocando a culpa somente no/a cidadão/ã sem citar religião etc. Dessa maneira, compreendemos que somos “diariamente influenciados, né... influenciado pela grande mídia” (JADE, 2021, APÊNDICE E).

Com este tópico, inserimos o/a leitor/a nas problemáticas relacionadas com as representações racistas nos espaços midiáticos, que são mascaradas para ser introjetadas no tecido social de forma mais sutil. São as representações pejorativas do/a negro/a e o que elas ocasionam na sociedade, por exemplo, ao utilizar o nome “Mussum” para rebaixar o jogador de futebol e relacioná-lo a algo pejorativo; as cotas, que, para o discurso de uma parte da branquitude, são uma forma de “tomar o lugar de quem estudou”. Em outras palavras, o/a negro/a morre de “bala perdida” e isso não merece destaque; nem uma crítica relevante ao método de “ação” nos espaços de menor prestígio por parte da branquitude. Associa-se o termo “bandido” à dimensão cultural negra, tentando alavancar o medo no tecido social. Todas essas questões certamente corroboram a “naturalização” de uma ótica única do corpo negro/a e das culturas negra, a ótica que essa parte da branquitude julga ser a única possível.

Seguindo essa problemática levantada durante nossas conversas sobre o racismo institucional, Abdias do Nascimento (1978) nos diz que o racismo é algo sutil, mascarado pelo discurso da “democracia racial”. De acordo com Silvio de Almeida (2021), devemos nos atentar para as representatividades que tantos/as pesquisadores/as e ativistas negros/as almejam, pois

---

<sup>43</sup> Pedro Rodrigues Filho, ficou conhecido em 1973 pelo apelido “Pedrinho Matador” após cometer uma série de assassinatos, alguns dizem ser em torno de 100 pessoas, já outros dizem ser mais. Pelo o que tudo indica, na época a mídia também foi a principal responsável de disseminação dessas relações de “brutalidade, assassinato, etc.” com as religiões de matrizes africanas (vale uma pesquisa).

uma das características das instituições é se reformar para dar conta de seus conflitos internos e responder aos externos, a fim de preservar a sua existência e também as condições de dominação do grupo no poder. Por isso, não é incomum que instituições públicas e privadas passem a contar com a presença de representantes de minorias em seus quadros sempre que pressões sociais coloquem em questão a legitimidade do poder institucional. (ALMEIDA, 2021, p. 110-111)

Ainda nas palavras do advogado e filósofo, “[n]a melhor das hipóteses, significa que a luta antirracista e antissexista está produzindo resultados no plano concreto, e na pior, que a discriminação está tomando novas formas” (ALMEIDA, 2021, p. 111). Pensando nessas palavras e olhando principalmente para as telenovelas, encontramos um vasto número de negros/as ocupando esses espaços, mas quais são os espaços destinados a eles/as? As histórias negras são contadas sob a perspectiva negra ou sob a perspectiva branca? É o que tentaremos apresentar nos próximos tópicos.

#### **4.2 Tudo começa na infância?**

Muitas questões são levantadas quando pesquisamos, conversamos e escrevemos sobre o racismo. Dentre elas, uma que se destaca é a construção socio-identitária da criança negra numa cultura com vestígios colonialistas. Normalmente, é na infância que temos contatos com a grande maioria das crenças que nos formam enquanto cidadãos/ãs, se destacando “o drama racial” (FAZZI, 2012). Uma pesquisa feita por Fazzi (2012), com a finalidade de identificar o racismo ainda na infância, apontou que boa parte das crianças de 6 a 14 anos já apresentam comportamentos racistas, sejam eles sutis ou não. É preciso elucidar que ninguém nasce racista, nós somos manipulados pelos racistas (DAVIS, 2016). Desta forma, a partir desse tópico, nos orientamos nas conversas que se iniciaram no terceiro encontro (APÊNDICE D). Nele, combinamos que possuímos pensamentos e atitudes racistas internalizadas em nós. Esses pensamentos e essas atitudes são mascarados em formato de “brincadeiras” e/ou personagens “cômicos” nos espaços midiáticos, como trata a obra “Racismo Recreativo” (2019), de Adilson Moreira.

Para Moreira (2019), os indivíduos que utilizam esse método de propagação do racismo sutil dizem que suas escolhas e suas atitudes não devem ser classificadas como racistas, afinal, só querem produzir algo engraçado e que prenda a atenção de quem irá consumir determinada cultura. Ainda de acordo com o autor, esse “conceito designa um tipo específico de opressão racial: a circulação de imagens derogatórias que expressam desprezo por minorias

raciais na forma de humor, fator que compromete o status cultural e o status material dos membros desses grupos” (MOREIRA, 2019, p. 22). Portanto, pensando na necessidade de observar se os integrantes identificavam algumas atitudes racistas já cometidas por eles, em algum momento de suas vidas, no terceiro encontro (APÊNDICE D), perguntei-lhes: somos ou já fomos racistas alguma vez? Vocês acham que já foram racistas algumas vezes?

Eu creio que sim. Porque;;... quando criança, assim, acho que;; a gente... a gente ouviu muitas coisas, e;; a gente infiltra essas coisas e, talvez, de certa forma, a gente começa a replicar, né... a gente começa;; a;; por exemplo... a falar igual, e assim... muitas das vezes, a gente insere mesmo o racismo na gente e assim vai ficando... e eu acho que assim... quando criança, acho que já... eu já fui... e mesmo eu sendo negro... (BARTH, 2021, APÊNDICE D)

A experiência colonial e o jogo discursivo histórico nos fizeram pensar o racismo e a segregação do/a negro/a somente quando produzidos de forma explícita, a partir de ataques físicos e/ou verbais. Nesse caso, os verbais são aqueles xingamentos desumanizantes, não levando em consideração os ataques verbais mascarados de “brincadeiras”, ou aqueles que servem para efeitos “cômicos”. A partir dessas questões, muitas das vezes, só conseguimos identificar o racismo quando ele é cometido de forma explícita, até mesmo pela “naturalização” das outras formas de representações dos/as negros/as para o tecido social. Como o modelo de racismo explícito se tornou crime, forçou-o a se adaptar (ALMEIDA, 2021), a se “mascarar” (NASCIMENTO, 1978), ocasionando na reprodução e propagação de um racismo “sutil”. Dessa maneira, acreditamos que “seria hipócrita a gente dizer que nunca foi [racista]...” (JADE, 2021, APÊNDICE D). Ao nosso ver, a grande problemática que circunscreve e alimenta esses pensamentos e atitudes racistas está no fato de prendermos nossas atenções somente em nossos vínculos familiares. A título de ilustração, ao perguntar, ainda no terceiro encontro, de onde e com quem os/as integrantes acham que aprenderam a ser racistas, Barth diz o seguinte:

Professor, talvez assim... como eu falei... pelo fato de a gente ouvir muitas piadinhas, ouvir até mesmo muitas falas, assim;; de mau gosto mesmo, a gente começa a inserir mesmo... então, eu creio que pode vir de algum parente que tem esse pensamento... e fala, por exemplo... quando criança mesmo... e a pessoa começa a viver aquilo e a replicar, né... (BARTH, 2021, APÊNDICE D)

A questão é que muitas vezes acreditamos que este modelo de racismo é transplantado apenas pela relação familiar. Porém, existe uma relação indireta que está em constante evolução, adaptação e distribuição em massa, a cultura midiática. Ao olhar com um pouco mais de atenção para a cultura a que todos/as estamos submetidos/as, principalmente a cultura racista propagada pela “grande mídia”, é possível identificar um racismo mascarado e sutil, uma

imagem estereotipada do/a negro/a ainda se encontra como o centro das atenções. As telenovelas são um dos exemplos.

Durante os encontros, uma telenovela infantil com bastante repercussão tomou os nossos olhares críticos. Estávamos já no sexto encontro (APÊNDICE G), conversávamos sobre o racismo institucional. Antes de chegar ao assunto da telenovela infantil, conversamos sobre os padrões estéticos que alimentam a nossa sociedade, essa discussão surgiu ao apresentar o segundo vídeo do encontro, intitulado “Racismo institucional (acesso ao mercado de trabalho)”<sup>44</sup>. Neste, uma entrevistada negra narra sua experiência em busca de emprego e diz que, muitas vezes, não conseguia a vaga por ter os cabelos crespos. Para dar espaço às integrantes narrarem suas experiências com os cabelos, perguntei-as: quantas de vocês alisam o cabelo? Para melhor compreender o que conversamos, apresentamos a seguir, o trecho que discutimos essa problemática:

**26PITÓRIA:** Eu aliso o meu...

**27P:** E por que você alisa seu cabelo?...

**28PITÓRIA:** É mais fácil de cuidar, né... e também... porque ele fica mais bonito assim... liso...

**29P:** Você não acha que essa percepção de bonito... é relativa?... e tipo... essa relação de cabelo bem cuidado... precisa necessariamente ser liso para dizer isso?...

**30PITÓRIA:** Tipo... quando meu cabelo tá natural, o povo fala que eu preciso cuidar do meu cabelo... alisar ele... aí, eu acostumei, né...

**31P:** Vocês já escutaram alguma coisa... tipo, falando mal do seu cabelo quando ele está natural?...

**32RUIVINHA:** Oxe... isso é normal... chamar você de cabelo de palha de aço... cabelo de bombril... e muitas vezes... é que parece que a pessoa não tem espelho em casa, para se olhar, né... se admirar... [Tom de Ironia]

**33P:** Pois é... e de onde será que vem esse padrão para a gente pensar sobre o cabelo cacheado, liso ou crespo?... vocês têm noção de onde veio isso?...

**34PITÓRIA:** Não... mas a gente faz isso para os outros pararem de falar, né... parar de ficar falando coisa ruim para a gente... esses trem assim... por isso que a gente alisa... (2021, APÊNDICE G)

Pensar nas “Políticas do Cabelo” (KILOMBA, 2019) é também imaginar quando essas questões iniciaram nas vidas de Pitória, Ruivinha e tantas outras crianças, meninas e mulheres negras. É imaginar o quanto elas sofrem ainda nos dias de hoje para chegarem à conclusão de

---

<sup>44</sup> UEHBE, Caio Uehbe. Racismo institucional (acesso ao mercado de trabalho). Youtube, 30 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5UoFp1T1zrc>. Acesso em: 08 de dezembro de 2021.

que: “isso é normal”. Ao trazer à tona as “Políticas do Cabelo”, Grada Kilomba (2019) demonstra que, mesmo quando adultas, mulheres negras sofrem com os padrões coloniais. Por essa razão, é preciso muita força para alcançar uma visão desconstrutiva da colonial. As “Políticas do Cabelo” nos leva a imaginar que questões como essas estarão presentes na vida dessas garotas durante boa parte de suas vidas. Alisando ou não seus cabelos, elas sempre serão vistas como as “diferentes”. Essa foi uma questão importante para pensarmos a relação colonial “naturalizada” em nosso tecido social, afinal, mesmo tendo todos os traços negróides, pessoas negras, sutilmente ou não, querem se projetar para a sociedade o mais próximo possível da branquitude. Pitória, ao dizer: “quando meu cabelo tá natural, o povo fala que eu preciso cuidar do meu cabelo... alisar ele... aí, eu acostumei, né”, nos deixa compreender que um cabelo crespo, enrolado ou cacheado, para a visão colonial “naturalizada”, não pode estar sendo “bem cuidado”. Dessa forma, “sujeira e selvageria estão ligadas, de forma íntima, a aspectos que a sociedade branca reprimiu” (KILOMBA, 2019, p. 124).

A partir dessas problematizações, pode-se compreender que a “naturalização” de um padrão estético “único” é parte constituinte de uma das formas do racismo sutil. O ponto fulcral é que o racismo é bem mais complexo do que “apenas” xingar ou agredir uma pessoa fisicamente.

Com a fala de Ruivinha, podemos compreender com mais “escurecimento” a intersecção (AKOTIRENE, 2019) existente nas pesquisas sobre racismo, compreender com mais facilidade a ideia de Fanon (2008) ao denunciar que muitos/as negros/as vestem máscaras brancas para serem “aceitos/as” numa cultura colonialista, para sermos aceitos/as numa cultura que sempre quis nos subalternizar. As máscaras, nessas falas, são percebidas quando as integrantes se submetem ao alisamento de seus cabelos sem uma compreensão ou um desejo próprio, mas especialmente levadas a uma naturalização inconsciente. Assim, utilizam dessas máscaras “para os outros pararem de falar, né... parar de ficar falando coisa ruim pra gente... esses trem assim... por isso que a gente alisa...” (PITÓRIA, 2021, APÊNDICE G), de forma direta, tentando se aproximar ao padrão que a branquitude impõe diariamente nos espaços institucionais/midiáticos.

Sabe-se que, com o advento das tecnologias, cabelos crespos, enrolados e cacheados começam a ganhar notoriedade. Ao mesmo tempo, a violência para com o corpo negro/a vem ganhando novas roupagens, de acordo com Ruivinha (APÊNDICE G, 2021): “até em novela o racismo rola solto... carrossel mesmo... a atriz Larissa Manoela... tinha nojo de gravar cenas com o Jean Paulo, só por ser negro... para ser sincera, acho que não tem solução para um bando de cabeçudos”.

Foi a partir de diálogos abertos como esses que compreendemos que o racismo começa a ser estruturado ainda na infância. Dito de outra forma, as atitudes racistas começam a ser “naturalizadas” a partir do contato cultural das crianças. E essas atitudes, se não discutidas em sala de aula, contribuem para o apagamento das identidades negras. Ao ouvir o relato de Ruivinha (APÊNDICE G, 2021) sobre a telenovela infantil, senti e imaginei a dor e a apreensão que Jean Paulo pôde ter sentido ao assumir um personagem que deveria ficar silenciado, “dócil”, enquanto a branquitude elitizada despejava suas atitudes racistas, com a desculpa de estar “denunciando” atitudes racistas. Acontecimentos como esses não é algo isolado, acontece nos mais variados contextos, midiáticos, “fictícios” e/ou reais. Para facilitar a compreensão dessa cultura racista a que todos/as estamos submetidos/as na infância, é preciso conhecer a telenovela infantil “Carrossel”.

Se trata de uma telenovela infantil, baseada na telenovela mexicana “Carrussel”, produzida pelo SBT e escrita por Íris Abravanel, na qual se destacaram principalmente dois personagens, “Cirilo”; “um menino negro... pobre... e que era apaixonado por uma menina branca e rica... [Cirilo] passava uma imagem de humildade... que era humilde” (PITÓRIA, 2021, APÊNDICE G), em contrapartida “ela [Maria Joaquina, menina branca], pisava nele e ele continuava atrás... passava tipo, uma imagem que ele aceitava tudo... que não tinha reviravolta para ele... mas, ele continuava sendo humilhado pela Joaquina, lá....” (JADE, 2021, APÊNDICE G).

Conforme observa-se nesses conhecimentos, a “estereotipagem” (HALL, 2006) ainda é uma marca colonial que tenta, de todas as formas, tornar o/a negro/a uma espécie de oposição. Nas palavras de Stuart Hall (2006, p. 145), “parecem ser representadas por meio de extremos acentuadamente opostos, polarizados e binários – bom/mau, civilizado/primitivo, feio/excessivamente atraente, repelente por ser diferente/cativante por ser estranho e exótico”.

O problema “sutil” que está por trás da representação do corpo “dócil” de Cirilo não é algo que surgiu na atualidade. Angela Davis (2016), em seu livro “Mulheres, raça e gênero”, já criticava as representações dos/as negros/as. De acordo com a autora, o romance “A cabana do Pai Tomás”, um culto do século XIX, “é [já era] impregnado de pressupostos sobre a inferioridade tanto da população negra quanto das mulheres. A maioria dos negros é dócil e servil; as mulheres, mães e quase nada além” (DAVIS, 2016, p. 51). Pensando em um contexto atemporal, os escritos de Abdias do Nascimento (2004) nos apresentam o Teatro Experimental do Negro (TEN). Neste texto, Abdias destaca que, desde 1.800, a representação do/a negro/a é passada de forma pejorativa. Nas palavras do autor, o “negro só se utilizava para imprimir certa

cor local ao cenário, em papéis ridículos, brejeiros e de conotações pejorativas” (NASCIMENTO, 2004, p. 209).

Na infância, período no qual as crenças estão se estruturando (FAZZI, 2012), a representação do corpo dócil infantil possui um único propósito – o de alocar a criança no local que, para parte da branquitude, é o único espaço que podemos estar inseridos/as – o da subalternidade. Quando crianças, os olhares críticos para esses modelos de representações são quase nulos. Por talvez não terem o direcionamento de pais e professores/as, não buscam informações de como o/a personagem se sentia, ou até mesmo não percebem como se sentem ao ver outra criança negra adotando este determinado papel na telenovela. A criança começa a “naturalizar” aquele espaço e aquela forma de agir, como sendo a “única possível”.

Para fazer sentido essas palavras, se faz necessário retomar ao terceiro encontro (APÊNDICE D), ao momento em que falávamos sobre o papel principal da mídia (filmes, séries, jornais, novelas etc.) na disseminação do racismo. Nesta discussão, Barth diz o seguinte:

Eu penso que talvez, vamos supor... uma criança negra está assistindo, é; essas novelas, esses filmes, pensa... eu não vejo ninguém igual a mim ocupando um papel importante e, ela mesma, começa a se discriminar... e coloca, talvez assim... um sentimento de inferioridade. Pela parte de falar assim... pessoas como eu, não são competentes, talvez, para estar ali, né... e começa assim, a talvez se desvalorizar, pela sua cor, né... Por exemplo, teve uma novela, que teve uma juíza que era negra, e tipo assim... teve uma menina daqui de Itapuranga, se eu não me engano... que deu um relato no domingo do Faustão... falando que;; inspirava ela a querer ser juíza também... então, a gente vê que essa inclusão social, é; essa inclusão racial, sobre essa... é; dramaturgia, sei lá se é a palavra certa... é importante... porque... porque é importante e, vai inspirar outras pessoas [negras] a quererem também conquistar o seu lugar e o seu espaço e a lutar por isso de uma forma mais abrangente... (BARTH, 2021, APÊNDICE D)

As representações dos corpos das/os negras/os nos contextos midiáticos são empurradas/os para os papéis subalternizados nas suas produções, com exceção de uma ou outra representação, como é o caso da atriz Erika Januze, que serviu de inspiração para Ana Carolyn Nunes, ao representar o papel de Juíza Negra na novela “O Outro Lado do Paraíso”. Como representações que exaltam as/os negras/os são raras, o papel interpretado por Jean Paulo na telenovela infantil, acaba saltando aos nossos olhos. Ao assistir a uma entrevista de Jean Paulo, Ruivinha (2021, APÊNDICE G) narra o seguinte: “estava vendo uma entrevista com ele [Jean Paulo], ele [disse que] se sentia um lixo... tipo um franguinho, no meio de um rebanho de ovelhas...”. Após este comentário, pedi aos integrantes que imaginassem as crianças que se identificavam com a Joaquina – branca, rica e bonita – perguntando-os: será que não transmite para essas crianças o tipo de comportamento que elas deveriam ter na sociedade? Jade (2021,

APÊNDICE G) acredita que “passava meio que intrinsicamente, né...”. Dessa maneira, é preciso olharmos para as representações negras não apenas com um olhar pacificador (acrítico), como algo que foi produzido apenas para “passar tempo”, pois “quando a criança cresce e torna-se adulta, a potencialidade desse discurso igualitário embrionário pode se dissolver, transformando-se, de fato, num discurso vazio, escamoteador de verdadeiros sentimentos e atitudes preconceituosas” (FAZZI, 2012, p. 211).

À vista disso, a “ausência de uma discussão sistematizada e aberta da questão racial com as crianças” (FAZZI, 2012, p. 211) alimenta, de forma sutil, a “naturalização” que o/a negro/a deve ter um corpo dócil, feio etc., ao passo que a criança branca deve ser vista como “bonita”, “rica” etc. Essas questões não são apresentadas explicitamente, mas em um formato imagético, mascarado e sutil, representado várias vezes, até se tornar uma verdade absoluta (ADICHIE, 2019). Ao fazer um resumo de uma parte da trama da telenovela, Ruivinha nos conta o seguinte: “professor... olha o tanto que o trem é estranho... na novela, a menina humilhava o Cirilo... e, no final das contas, a mãe dela...da Maria Joaquina, lá... estava quase morrendo... e quem doou sangue foi a mãe do Cirilo...” (RUIVINHA, 2021, APÊNDICE G).

Aqui, é preciso atentar para as representações negras que são adotadas na grande mídia. Consciente ou inconscientemente, destacam e manipulam a cultura que consumimos, apresentando, reapresentando e corroborando a visão colonial branca sobre o papel do/a negro/a na sociedade. De acordo com Hall (2006, p. 150 [grifo do autor]) “todo repertório de imagens e efeitos visuais por meio dos quais a ‘diferença’ é representada em um dado momento histórico pode ser descrito como um *regime de representação*”, regime esse que tenta ditar como o/a negro/a deve se portar perante a branquitude.

Para grande parte da branquitude, o/a negro/a deve ser: “dócil” como Cirilo e ser bondosa como a mãe de Cirilo. Em momento algum, é apresentado que essas atitudes são racistas. A partir de um jogo de imagens, palavras e efeitos sonoros, dificulta a percepção da existência de uma espécie de racismo, com exceção das atitudes explicitamente racistas que são observadas pelas pessoas que assistem à telenovela. Porém, a sutileza reside no lugar do/a negro/a, na forma de agir diante as atitudes racistas etc. Ao lembrar as palavras de Abdias do Nascimento (2004, p. 214), temos que ter em mente que “uma coisa é aquilo que o branco exprime como sentimentos e dramas do negro; outra coisa é o seu até então oculto coração, isto é, o negro desde dentro”. A bagagem da vivência negra pode ser reproduzida e imaginada a partir de olhares atentos da branquitude, porém, a capacidade de reproduzir como o/a negro/a se sente com essas experiências é impossível, a não ser que busquem negros/as para cooperarem na construção do texto e no roteiro do folhetim. Como tais questões não acontecem, notamos

que o passado é adaptado para perpetuar no tecido social. Dessa maneira, a imagem negra é passada apenas sob a ótica da branquitude, sob a atitude que, para eles, é a única maneira certa de um/a negro/a se comportar diante a tantas ações racistas.

Neste tópico, observamos o drama racial iniciado na infância, as representações do corpo do/a negro/a em uma telenovela infantil, mas será que acaba por aí? Ao passar o período de infância, o/a adolescente ou o/a jovem começa a transitar em outros espaços e em outras culturas. Agora, não é apenas as telenovelas infantis. Nesta nova fase, adolescentes e jovens começam a transitar nos mais variados locais da sociedade, e também começam a consumir outras variadas culturas midiáticas/institucionais. Pensando nisso, a partir das conversas feitas, nos surgiu a seguinte questão: como será a representação do/a negro/a nesses outros espaços?

### **4.3 E depois da infância, a representação pejorativa continua?**

Após alimentar a representação do corpo dócil na infância, vem outra representação do/a negro/a, agora cercada de outros estereótipos dados pela branquitude. Já não é apenas o corpo dócil, agora é “empregado... tipo assim... na novela, né... nesses trem, você vê mais como empregada, como bandido, como... esses trem” (JADE, 2021, APÊNDICE E); “é; tipo, nas novelas, estavam colocando muito, tipo... como líder do morro... na globo, eles põe muito assim...” (BARTH, 2021, APÊNDICE E), alimentando por intermédio de sutilizas, o “perfil suspeito” (JESUS, 2017). De maneira associativa vão “naturalizando”, “criando” e “alimentando” um perfil para o/a negro/a, do tipo: “se você não quer ser visto como bandido, seja dócil”; “se você for dócil, não será visto como bandido”.

De acordo com Ferreira (2012), essa imagem funciona como esquemas imagéticos e associativos. O conhecimento sobre o que é bandido é algo produzido por intermédio das experiências com o mundo e das experiências com a mídia. Nas palavras de Ferreira (2012, p. 74), os conceitos sobre bandido são “conceitos abstratos, e, por isso, podem ser entendidos por meio de conceitos mais concretos, ou até mesmo através da própria noção espacial que adquirimos ainda na infância”. Nesta pesquisa, a autora até apresenta o negro como sendo representado de forma pejorativa, como sinônimo de “bandido”. No entanto, não é explorado pela pesquisadora, ela estava mais interessada em “analisar os processos cognitivos subjacentes às expressões, com vistas à conceptualização de Bandido” (FERREIRA, 2012, p. 43).

Em contrapartida, Paiva (2015), em sua pesquisa “Se é negro é suspeito, se é suspeito é negro”, problematiza a influência das produções discursivas derivadas das instituições policiais, da justiça e da mídia. Nesta pesquisa, Paiva (2015) problematiza o papel da mídia

jornalística e do jornal impresso na disseminação de um “perfil suspeito”. Porém, em nossos encontros, conversamos sobre uma espécie ainda mais sutil do monopólio da representação negra: falamos das telenovelas, séries, propagandas, instituições públicas, privadas e dos filmes.

O assunto foi abordado no sexto encontro (APÊNDICE G), em que discutíamos sobre o racismo institucional. Na oportunidade, perguntei-os/as: quando vamos aos bancos e às lojas, quantos negros/as a gente vê nesses espaços? Esta pergunta desembocou no seguinte diálogo:

**09JADE:** É raríssimo a gente vê...

**10P:** E quando vemos... é; normalmente, em que espaços eles estão?... tipo... quando ocupam esses espaços quais os papéis que eles exercem lá?... Quais funções que eles ocupam nesses espaços?... tipo... no banco por exemplo... vocês já viram algum gerente ou algum atendente de caixa negros?...

**11JADE:** Não...

**12P:** E por exemplo, os faxineiros e os seguranças desses bancos?

**13JADE:** Aí já vê negro... aí, quando tem, a gente [os] vê ocupando apenas esses cargos... (2021, APÊNDICE G)

O racismo vem se adaptando. Conforme a sociedade se torna mais crítica, as atitudes e posicionamentos racistas vão se tornando cada vez mais sutis. Antes, a Lei N.º 6.815, de 19 de agosto de 1980, discutida no tópico “3.1.1 A cultura branca e as imagens dos brancos”, foi evidentemente racista, afinal, tinham o “discurso” de procurar pessoas aptas para o serviço, haja vista que, para a branquitude daquela época, os/as ex-escravizados/as não eram aptos/as para ocuparem os cargos que surgiam. Agora, não recorrem a outros países, não precisam de uma lei específica para subalternizar os que aqui já habitam, atitudes explícitas do passado, se tornaram sutis. Não é mais a lei quem determina o subalternizado, agora é o discurso meritocrático, isto é, a pessoa consegue tal vaga por “merecimento”, por ter um currículo “melhor”. Hoje, o racismo é sutil, é genderizado, diário (KILOMBA, 2019), ele está internalizado em nossa cultura – com exceção de algumas pessoas que são escancaradamente racistas. Para termos uma noção do quanto esse discurso meritocrático é complexo e o quanto ele afeta a sociedade subalternizada, no quinto encontro (APÊNDICE F) conversamos sobre cursos superiores elitizados, em especial os de medicina e de odontologia. Esse diálogo resultou nos seguintes conhecimentos:

**39BARTH:** Odontologia, medicina é tudo curso muito caro... mesmo fazendo em faculdade pública... minha prima fez odontologia, ela passou maior sufoco...

**40P:** São faculdade elitizadas, né... normalmente são as pessoas que possuem poder aquisitivo que cursam esses cursos, né... uma vez ou outra a gente ouve história de alguém pobre que conseguiu cursar... mas isso é bem raro, né...

**41JADE:** Não professor... e o pior é que esse povo vai estudar nas faculdades públicas, né... tem dinheiro e estuda de graça...

**42BARTH:** Nossa, isso me revolta demais... por que que uma pessoa, que tem condição, tem que ir para uma faculdade pública... nossa... gente, isso não deveria... desculpa...

**43P:** Dói, né?... a gente fica com raiva disso...

**44JADE:** Existe muita brecha, né, professor... por exemplo... para você participar do ENEM e passar para uma faculdade pública... você tem que estar cursando no ensino público, né... aí, o que que esse pessoal faz... eles estudam do primeiro ao nono ano em escola particular... e, do; primeiro ao terceiro ano... eles vão para a escola pública... e, junto com a escola pública, faz cursinho... tipo... estudam cedo na escola pública e à tarde ou à noite eles fazem um cursinho para; conseguirem passar na área que eles querem... cursinho que custa lá seus dois mil....

**45BARTH:** Isso que me revolta... aí depois, a pessoa ainda vem querer se comparar a você... que não tem condição nenhuma... gente do céu... vem e fala, se eu consegui você consegue também... aí meu filho... a alecrim do campo... dourado lá, ó... você teve tudo... aí você quer comparar comigo... a;... eu conheço pessoa aí... eu conheço pessoa aí... que estudou a vida inteira em escola particular... aí depois quer me comparar com a pessoa... gente... uai... (2021, APÊNDICE F)

A partir dessas falas, nota-se que as questões meritocráticas são apenas formas sutis que corroboram a subalternidade negra. Essas formas sutis, “naturalizadas” em nosso cultural, muitas vezes não são percebidas por parte da branquitude, afinal, para eles, isso é “normal”. Por isso, na contemporaneidade é de extrema necessidade problematizarmos as representações racistas e sutis disseminadas pelos espaços institucionais/midiáticos.

Ao pensar todas as problematizações sobre as representações dos/as negros/as apresentadas até aqui, no sexto encontro (APÊNDICE G) discutimos também sobre as propagandas a que somos expostos/as diariamente. À vista disso, Pitória nos apresentou a seguinte questão: “o negro nunca tem um papel principal nas propagandas da televisão... nem naqueles negócios grandão, que fica nas estradas [Outdoors]... fazendo propaganda de roupa ou comida... sempre é pessoa branca e sexualizada, né...” (PITÓRIA, 2021, APÊNDICE G).

Essa espécie de racismo e misoginia sutil é muito propagado e reforçado pelas instituições/mídias. Propagandas e, até mesmo lojas, reforçam um padrão e uma maneira convergente de representar o/a negro/a. Pensando na maneira de representação do/a negro/a nas lojas, no sétimo encontro (APÊNDICE H) discutimos sobre os manequins das lojas. Para isso, perguntei-lhes o seguinte: Vocês têm costume de irem a lojas e problematizarem a cor dos manequins?

**36DADÁ:** Branco... sempre... que a gente vê...

**37P:** E já passou na mente de vocês de problematizar isso...

**38DADÁ:** Eu já reparei... isso... essa questão aí... nunca vi um manequim escuro... nunca... (2021, APÊNDICE H)

De acordo com o site da General Shopping & Outlets (2018, [s. p.]), “os manequins comunicam instantaneamente o posicionamento da marca”, ao trazerem um estudo do Instituto de Estudos e Marketing Industrial (IEMI)<sup>45</sup>, afirmam que 20% dos/as possíveis compradores/as são repelidos/as, caso a vitrine não os/as agrade. Acho importante destacar que, na contemporaneidade, existe um número crescente de manequins “escuros”. Porém, eles são utilizados em espaços de menor prestígio e, quando são vistos em espaços “elitizados” podem ser representados de uma maneira divergente ao padronizado. À vista disso, em conjunto com os/as integrantes, procuramos na internet manequins negros em espaços “elitizados”. Com a aba do navegador projetada para os/as integrantes, digitei o seguinte comando: “Manequins negros shopping”. O que nos deixou espantados foi a primeira imagem que apareceu. Peço ao/à leitor/a que se atente à imagem que encontramos, apresentada a seguir.

---

<sup>45</sup> Tentei encontrar o estudo na íntegra, porém, para ter acesso ao estudo, é preciso comprá-lo. Seu valor é exorbitante, por isso não tive acesso. Está disponível no link: <https://www.iemi.com.br/produto/comportamento-da-consumidora-de-moda-intima-feminina/>.

Figura 2 - Manequins Negros



Fonte: Época Negócios<sup>46</sup>

Aqui, vemos “dois manequins... pretos, né... de cabeça para baixo...” (DADÁ, 2021, APÊNDICE H). Esta imagem foi tirada em 2016 na loja Reserva do Riosul Shopping, localizada na zona sul do Rio de Janeiro, um bairro de “elite” (BotaFogo). Mas, por que acreditamos que tal representação é uma espécie de racismo sutil? Talvez, passe despercebido tal fato para as pessoas que normalmente frequentam tais lugares. Contudo, quais são as pessoas que frequentam essas localidades? Qual é a relação que fazemos ao ver esta imagem? De acordo com Jade (2021, APÊNDICE H), “está tipo, querendo dizer que eles... tipo, relacionando com a escravatura... sei lá... parece... inclusive, estão amarrados de cabeça para baixo, né...”. Conforme a matéria da General Shopping & Outlets (2018, [s, p.]), “o manequim precisa de comportar como o cliente e assumir seus valores”. Dessa maneira, ao observar o desempenho financeiro da marca Reserva entre 2016 e 2019, constatamos que, em 2016, arrecadaram 250 milhões de reais e, em 2019, 400 milhões. Essas observações nos fornecem algumas indagações: se os manequins representam os comportamentos e valores dos clientes, a atitude

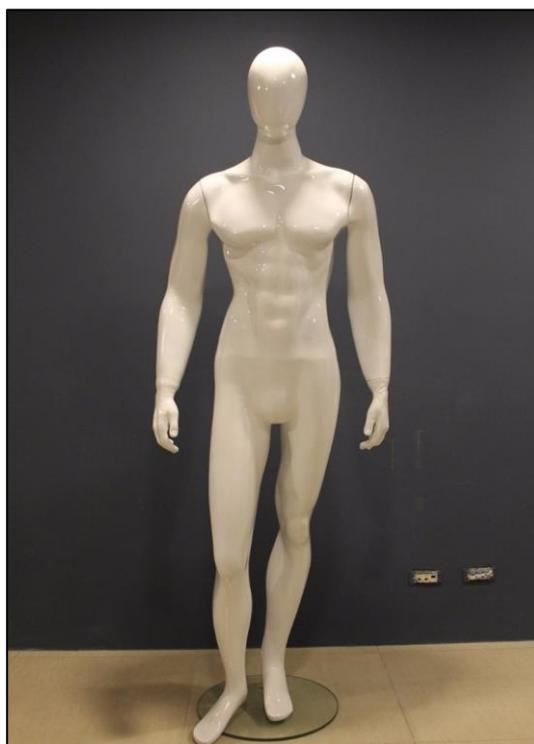
<sup>46</sup> Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2016/02/grife-carioca-e-acusada-de-racismo-nas-redes-sociais.html>. Acesso em 11 de agosto de 2021.

racista dessa loja “elitizada” refletiu os valores e comportamentos dos clientes? Se 20% dos/as clientes são repelidos/as, caso as vitrines não os/as agradem, esse aumento poderá significar que tal vitrine os/as agradou?

Quando Silvio de Almeida (2021) diz que precisamos nos atentar para as questões de *representatividade*, pode estar falando de questões semelhantes a que expomos neste capítulo. Não adianta colocar um personagem ou um manequim negro e representá-los de maneiras depreciativas. Porque esse fazer provoca uma associação, como a referenciada por Jade. Almeida (2021) diz também sobre a adaptação das instituições diante da pressão social. Elas buscam outros meios de se perpetuarem no monopólio das representações. Desta forma, para os manequins, adota-se uma outra tática, a substituição dos manequins “brancos” pelos manequins “cor de ouro”, ou seja, relacionando o “branco” com algo “valioso” (ouro).

Conforme as/os integrantes, foram se expressando, surgiram algumas falas que demonstraram com mais nitidez como funciona a adaptação do racismo na atualidade. O manequim mais usado sempre foi o branco. Dessa maneira, ao ouvir a palavra “manequim”, qual é a imagem que vem ao nosso cognitivo? Certamente, o/a leitor/a imaginará algo do tipo:

Figura 3 - Manequim



Fonte: Google Imagens<sup>47</sup>.

Após as falas sobre os manequins negros da Figura 2, perguntei aos/às integrantes: Vocês já viram manequim branco desse jeito? Obtendo o seguinte diálogo:

**44RUIVINHA:** Nunca...

**45JADE:** Não...

**46RUIVINHA:** Os brancos são perfeitos, né... só falta colocar ouro nele... aff...

**47PITÓRIA:** Agora, aqui em Itapuranga, tem é aqueles manequins da cor de ouro, né... dourado... eu só não lembro o nome da loja... mas, esses dias, passei em frente a uma loja, os manequins eram tudo da cor de ouro... (2021, APÊNDICE H)

Diante das conversas transcritas acima, notamos que Pitória, ao ouvir a fala da Ruivinha, produz uma relação discursiva, desembocando na seguinte cadeia de palavras: MANEQUINS – BRANCO – OURO. De acordo com Grada Kilomba (2019), essa cadeia de palavras e imagens se tornam associativas e equivalentes, isto é, conforme “naturalizou” a utilização do uso de manequins brancos nesses espaços “elitizados”, trocá-los por manequins cor de “ouro” provoca associações, e assim mantém os manequins negros nos “lugares” que parte da branquitude quer que sejam deles.

As telenovelas voltadas para o público adulto, adolescente e juvenil, também continuam reafirmando representações pejorativas sobre o/a negro/a. No sétimo encontro (APÊNDICE H), Jade narra uma cena da novela “Amor de Mãe”:

tinha uma novela também... que;; passou esses dias... para trás... eu achei muito interessante... é;; que tinha um casal lá... e a mãe do menino era negra... só que o cara (Marido) era branco, sabe... e bem rico... ai, eles foram tipo naquelas exposições de rua... ai o menino afastou um pouco do cara (Pai)... ai, veio o segurança e falou assim... sai daí menino... não sei o que... você está atrapalhando... vou te retirar daqui... tipo assim... relacionando o menino... como se ele fosse um morador de rua... aqueles meninos que ficam em sinal e tal... na novela amor de mãe... que quase não assisto, sabe... mas esse dia, eu estava assistindo, ai passou isso... eu achei muito interessante... (JADE, 2021, APÊNDICE H)

Aqui, observamos uma representação do “perfil suspeito” (JESUS, 2017). Esta cena corrobora um processo associativo que, de acordo com a experiência de mundo do indivíduo com os filmes, telenovelas etc., ainda na juventude, cria um perfil do possível bandido em seu cognitivo (FERREIRA, 2012). Ao ver e assistir a outros filmes, novelas etc. percebem que,

---

29IVAyZaoj7\_0-

1Ug:1640257302508&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwizoezO4vn0AhUYGbkGHWnjCPAQ\_AUoAnoECAIQBA&biw=1536&bih=722&dpr=1.25#imgrc=jxu5A8MKevuO6M. Acesso em 23 de Dezembro de 2021.

“muitas vezes... na maioria, né... associam a bandido, né... ladrão... maioria de papel assim, de negro, em filme e novela é esse” (JADE, 2021, APÊNDICE G)<sup>48</sup>.

Essas representações, quase únicas para o/a negro/a em nossa sociedade, produzem no imaginário um lugar específico que parte da branquitude quer para o corpo negro. No terceiro encontro (APÊNDICE D), discutíamos sobre a quantidade de personagens negros/as em papéis de destaques, nos filmes, telenovelas, séries etc. Para levantar a discussão com as/os integrantes, perguntei-lhes o seguinte: nos filmes, quantos personagens negros temos? E quais são os papéis desses personagens negros nesses filmes? As seguintes experiências vivenciais (SILVESTRE, 2016) foram relatadas;

**17BARTH:** Professor... por exemplo assim, ó... é;; a gente pouco vê personagens negros como protagonistas, né... a gente vê mais assim... nos papéis mais insignificantes... não sei se posso usar esse termo, por talvez estar menorizando o artista, né... mas assim, não vemos eles como protagonistas, né... porque assim... ou é uma empregada ou empregado... ou talvez pode até;; assim... parecer alguém ruim entendeu?...

**18P:** Ahã... e quantas vezes já problematizamos isso com as pessoas em nossa volta?... por exemplo, amigos ou familiares... alguma vez vocês já fizeram isso?

**19BARTH:** Se eu falar para o senhor que sim... eu vou estar mentindo... por que... porque às vezes, isso vai se tornando tão natural... tão natural, que a gente não cobra esse direito... porque assim... da mesma forma que;; uma atriz competente branca tem um direito de fazer o papel principal, uma atriz negra, competente, também tem o... o... a mesma competência de fazer o papel, entendeu... a gente;;... a gente nunca para pensar, né... assim... discutir... talvez discute, mas de uma forma bem superficial, né... não mergulha a fundo...

**20JADE:** É verdade, né, professor... porque a gente pode perceber que a maioria das mocinhas é loira do olho azul... (2021, APÊNDICE D)

Sob esses estereótipos, a “elite” branca mantém o monopólio das representações do/a negro/a. Para Hall (2006, p. 171) “a ‘naturalização’ é uma estratégia representacional que visa *fixar* a ‘diferença’ e, assim, *ancorá-la* para sempre”. Essa “naturalização” propicia a manutenção do *status quo*, ou seja, os papéis destinados aos/as negros/as nos contextos midiáticos acabam saindo desses espaços e sendo replicados na vida real. São raras as vezes que essas representações são problematizadas. Conforme estamos observando neste texto, os corpos negros são representados nas instituições midiáticas sob a ótica da branquitude elitizada, e assim acabam colaborando para a “naturalização” do racismo sutil no tecido social.

---

<sup>48</sup> Vale destacar também uma outra adaptação das instituições no quesito de representação do negro, utilizando-o como uma espécie de “infantil, engraçado, pouco conhecimento etc.”. Como exemplo temos o papel do Tyrese Gibson na franquia “Velozes & Furiosos”, além de tantos outros filmes e séries que utilizam dessa representação para o/a negro/a.

Essa “naturalização” alimenta uma imagem depreciativa do/a negro/a em nosso inconsciente (KILOMBA, 2019). De acordo com Jade (2021, APÊNDICE H), “parece que a gente pensa que os negros não seriam capazes... de;; conseguir fazer aquele trabalho... um trabalho determinado”. Essa sensação é consequência do “monopólio das imagens negras”, das produções midiáticas e representações institucionais, de uma problemática que corrobora para a perpetuação da “elite branca”. São inúmeros padrões estéticos e ideológicos que acabam apoiando a manutenção do racismo sutil e mascarado (NASCIMENTO, 1978). Sob essas representações, utilizam o discurso de estar “incluindo” os/as negros/as nesses espaços. Ou seja, a “preguiça, a fidelidade simples, o entretenimento tolo protagonizado por negros (*coonig*), a malandragem e a infantilidade pertenciam [pertencem] aos negros como *raça*, como *espécie*” (HALL, 2006, p. 173 [grifo do autor]), e aos brancos, cabem imagens vangloriadas, “o branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (FANON, 2008, p. 27). Tais representações podem acarretar no que Barth descreve a seguir:

É verdade, viu... tipo... e assim... eu penso que talvez, vamos supor... uma criança negra está assistindo, é;;... essas novelas, esses filmes, pensa... eu não vejo ninguém igual a mim ocupando um papel importante, e ela mesma começa a se discriminar... e coloca, talvez, assim... um sentimento de inferioridade, pela parte de falar assim... pessoas como eu não são competentes talvez, para estar ali, né... e começa assim, a talvez, se desvalorizar, pela sua cor, né... (BARTH, 2021, APÊNDICE D)

A mídia possui enorme influência na construção do inconsciente dos indivíduos. De acordo com Kelnner (2001), as imagens, a moda, a música, enfim, as construções e propagações midiáticas possuem fortes influências na construção das identidades dos/as indivíduos/as. As construções fictícias desses espaços acabam moldando a cultura da sociedade, e essa, por sua vez, acaba dominada por essas representações distorcidas da realidade. Para Gregolin (2008, [s.p.]), “a sociedade moderna construiu uma maquinaria de poder através do controle dos corpos (anatomia política), isto é, o corpo para fazer não o que se quer, mas para operar como se quer. É a tecnologia da disciplina fabricando os corpos submissos”.

De acordo com Butler (2015), a mídia é o principal meio de valorização da vida social. Sob essa ótica, ao observar todos os conhecimentos supracitados, as representatividades dos/as negros/as nas instituições e nas mídias, podem corroborar as ações diárias de todos/as indivíduos/as sociais, sejam elas positivas ou vilipendiosas.

Dentre todas as questões apresentadas no capítulo anterior e em conjunto com este, chegamos ao próximo tópico em que são apresentadas algumas representações do/a negro/a na mídia que tentam apresentar e representar a vida diária de pessoas negras nessa estrutura racista

e colonial. Utilizando como pano de fundo o seriado “Todo Mundo Odeia o Chris”, dialogamos sobre as nossas realidades enquanto pessoas negras.

#### 4.4 Nossa realidade é exagero?

São poucas as vezes que nos deparamos com a representação da realidade de pessoas negras em espaços midiáticos. Sistemáticamente, a apresentação e representação do corpo negro é feita sob a ótica de pessoas brancas. Eles depositam todas suas inseguranças e medos na imagem do/a negro/a. Esses fatos organizam o jogo discursivo que problematizamos neste texto. Tal jogo apresenta apenas o que pensam ser um/a negro/a durante muito tempo, e aquilo acaba se tornando uma verdade absoluta (ADICHIE, 2019) em nosso tecido social.

Como não é corriqueiro representar a realidade de um/a negro/a, as pessoas, ao assistirem a um seriado que representa a realidade negra, acaba imaginando o que Barth (2021, APÊNDICE E) diz: “Professor, por exemplo, Todo Mundo Odeia o Chris, por exemplo... nossa... tem tanto racismo, tanto racismo, a gente pensa que aquilo lá, era tipo, um;; exagero, que ia ter aquele tanto de racismo”. Ao assistirem a essa série, a veem como exagerada, pois ela representa e apresenta a realidade de um menino negro, numa sociedade escancaradamente projetada para a branquitude. Mas de acordo com Barth (2021)

mas acaba sendo [exagerada]... por exemplo: a mãe dele colocou em uma escola onde tem só branco, só branco... tipo... a mãe dele sempre insistiu que ele estudasse lá. Por que era uma escola boa... né... tipo... e;; ele sofria tanto... apanhava e tal... e tipo... era bullying no ônibus... por causa da cor mesmo.... (BARTH, 2021, APÊNDICE E)

Para facilitar a compreensão da série trazida à tona por Barth, Almeida (2017) nos apresenta um breve resumo. Nas palavras dela:

A narrativa, em síntese, é sobre um menino negro, Chris, que vive com sua mãe Rochelle, seu pai Julius, sua irmã Tonya e seu irmão Drew em Bed-Stuy, bairro central do Brooklyn na cidade de Nova York. Considerado um bairro muito perigoso, o que, no seriado, é associado à ideia de praticamente não existirem pessoas brancas morando neste bairro, a vida de Chris é retratada em vários espaços, como na escola primária Corleone, onde é o único negro da escola, e no ensino médio na Tattaglia, onde é o único negro na sala. Cada episódio retrata uma situação que Chris passa no dia a dia, seja na escola, no trabalho ou na rua na qual características tidas como negras são sempre ligadas a estereótipos e modos de sobrevivência dessa comunidade. ALMEIDA, 2017, p. 13-14)

Quando a realidade é representada, deparamo-nos com uma ambiguidade brusca, afinal, é difícil para as pessoas brancas acreditarem que tudo o que acontece nesta série é um

retrato da verdadeira vida de um negro, numa sociedade orientada a seguir padrões coloniais (brancos). Mas, como bem pontuou Barth no excerto supracitado, “acaba sendo”.

Por Barth ser uma pessoa autodeclarada negra, se percebe nessas representações<sup>49</sup>. Para compreender o seriado, deve-se ter em mente que “a série é um humor crítico, né... tipo assim... a gente ri, mas está criticando aquilo ali” (JADE, 2021, APÊNDICE E). De acordo com Crema (2015), a série é diferente das demais com elencos negros, ela explora e denuncia as relações sociais entre negros e brancos, “com base na sátira da exclusão social do personagem principal, a série problematiza a questão do racismo nos Estados Unidos e assevera um posicionamento crítico, ausente nas demais produções seriadas” (CREMA, 2015, p. 44).

Sabe-se que a série retrata uma realidade outra do racismo, afinal, ela foi construída em um outro país. Porém, muitas das experiências representam a realidade de negros em diversos outros países, principalmente aqui, no Brasil. Durante o quarto encontro (APÊNDICE E), algumas cenas foram levantadas pelas/os integrantes, até chegarmos a uma conclusão. Transcrevo abaixo as conversas em que as cenas foram lembradas e narradas:

**98JADE:** Tem um episódio de todo mundo odeia o Chris... que ele é;; a professora, passa um trabalho para eles... não sei se você lembra... do ovo... dá um ovo branco pra todo mundo, e ele recebe um ovo marrom... aí, ele ainda fala: a mais um ovo marrom... aí ela vai e fala: mas todos são iguais por dentro... então, tipo assim... eles estão passando o racismo, né...

**99BARTH:** e tipo... ela [a professora], ficava querendo dar as coisas para ele (Chris)... porque ela falava assim: aí, seus pais fumam droga e, tipo assim, ela fazia essas... essas comparações direto...

**100JADE:** É porque era fora do grupo dela, né...

**101BARTH:** E acaba que quem vivia naquela época... tipo... e até hoje mesmo... nos Estados Unidos... por que nos Estados Unidos tem bastante racismo, viu professor... bastante, bastante... e Estados Unidos é como aqui... como no Brasil, é bem misturado as coisas lá, né...

**102JADE:** E bem etnocentrista, né... por que... tipo assim, um brasileiro lá sofre muito preconceito...

**103BARTH:** É verdade...

**104JADE:** A série é um humor crítico, né... tipo assim... a gente ri, mais está criticando aquilo ali...

**105BARTH:** teve um dia, não sei se foi no dia dos namorados... que eles escreviam cartão e deixava dentro do;; como que chama... dentro do armário da escola lá... e tipo... tinha cartões... aí, tinha um para o Chris... aí, ele falou nossa um cartão e tal...

---

<sup>49</sup> Em contrapartida, tive a oportunidade de ter uma conversa informal com um amigo branco, após uma postagem no Instagram sobre o seriado, estávamos conversando sobre a representação do racismo na série, e, nas palavras dele, “a série é apenas de humor”, ou seja, para a grande maioria dos brancos, a série serve apenas como passa tempo e, rir sobre a realidade do/a negro/a em nosso dia a dia é algo apenas “natural”.

escrito: batatinha quando nasce esparrama pelo chão volta para África seu tição... era mais ou menos assim, o negócio... um maluco no pedaço também tem... as visões da Raven também... que eu amava também... cantava assim quando começava... ((risos))... (2021, APÊNDICE E)

No primeiro episódio narrado por Jade, podemos relacionar com o que foi apresentado no tópico “3.1 As culturas negra e as imagens negras”, com o momento em que Pitória narra sobre o questionamento a que sua tia foi submetida ao ter uma filha “bem branquinha”, isto é, como sendo um reflexo comum da imagem que temos ao ver uma mulher negra com uma criança branca. No episódio pontuado por Jade, a professora passa um trabalho no qual os alunos deveriam cuidar dos ovos como se fossem seus filhos. Desta forma, sutilmente, subentende-se que os ovos brancos seriam os/as filhos/as brancos e o ovo marrom, o/a filho/a do/a negro/a, afirmando que, na visão branca, uma pessoa negra não pode ter filhos/as brancos/as. Suavemente, demarca-se, assim, o ‘outro’, o ‘diferente’ dos demais (HALL, 2006; KILOMBA, 2019).

O segundo episódio narrado por Barth diz respeito ao estereótipo negro, ao associar a imagem negra ao uso de drogas: “ela falava assim, aí seus pais fumam droga e tipo assim”. Para Almeida (2017, p. 110) essas “comparações” feitas pela professora, “é uma ação de indicar como, dentro de uma sociedade que privilegia padrões espistêmicos eurocêntricos como naturais, os sujeitos tidos como marginalizados são tratados e estereotipados”. Isto demarca a tentativa da branquitude de se distanciar de problemas com drogas e associar esse estereótipo ao ‘outro’, neste caso, ao negro. O “perfil suspeito” (JESUS, 2017) é alimentado por intermédio desses estereótipos defendidos principalmente pela branquitude. E estamos falando de um seriado de 2005 e que ainda se encontra bem atual.

O terceiro episódio rememorado por Barth narra a ideia de lugar a que o/a negro/a deve estar e pertencer. Ao receber o cartão do dia dos namorados escrito: “batatinha quando nasce esparrama pelo chão, volta para África seu tição”, demarca-se o único local em que parte da branquitude acha pertencer ao corpo negro/a por intermédio das “políticas espaciais”. Para Grada Kilomba (2019, p. 111), as “políticas espaciais” estão intrinsicamente ligadas à ideia de superioridade implícita. A autora chega à conclusão relatando sobre as questões de nacionalidades para o povo alemão, no qual o corpo negro só poderá pertencer aos países Africanos. Tal visão nacionalista rege também as relações do/a negro/a na sociedade de Nova York. No entanto, no contexto brasileiro é diferente. O lugar do/a negro/a não é em outro continente/país, mas em cargos de “menor prestígio” e em bairros periféricos. Dessa maneira, as “políticas espaciais” em nosso contexto não devem ser lidas em termos de “territorialidade”

como na Alemanha e Nova York. No contexto brasileiro, a imagem do/a negro/a não está localizada como fora do “seu país/continente”, mas num lugar de menor prestígio na sociedade.

Por ter conhecimento das barreiras realmente existentes no mercado de trabalho, especialmente em áreas como medicina, direito e engenharia, membros de grupos minoritários sentem-se desestimulados a estudar e a competir por vagas nessas profissões, pois já internalizaram os estereótipos que compõe a visão média da sociedade acerca do desempenho deles. O que se observa neste quadro é a reprodução do ciclo de preconceitos e o reforço aos estereótipos pelos quais o mercado se autorregula (ALMEIDA, 2021, p. 163)

Ademais, as “políticas espaciais” (KILOMBA, 2019) em nosso contexto servem como meios de controlar “lugares” para negros/as e “lugares” para brancos. Para a autora, “racismo não é a falta de informação sobre a/o ‘Outra/o’ – como acredita o senso comum -, mas sim a projeção branca de informações indesejável na/o ‘Outra/o’” (KILOMBA, 2019, p. 117).

São poucas as séries, os filmes, jornais etc. que retratam a verdadeira realidade do/a negro/a na sociedade. Por necessitar apontar o quanto a branquitude é culpada por esses estereótipos depositados aos/às negros/as, a “grande mídia” acaba se tornando controladora do que veicular ou não, do que mostrar ou não, e como mostrar ou não para a sociedade. Muniz Sodré (2010) descreve isso como sendo o “Monopólio da Fala”. A branquitude elitizada não quer ser vista como a culpada das mazelas que o povo negro sofre na sociedade. Assim, acaba moderando e manipulando a (re)construção do imaginário social, principalmente sobre como os corpos negros devem ser vistos na sociedade.

De acordo com Brito (2005) a rede globo é a que possui a maior influência na vida social. Devido ao “grande império” construído pela emissora desde 1965, mantém um grande número de telespectadores/as, e suas produções midiáticas são consumidas por grande parte da sociedade. Este consumo pode ser de forma direta, ao assistir às programações, ou de forma indireta, quando outros assistem e começam a reproduzir para o tecido social, oralmente ou por intermédio das redes digitais de comunicação. Atualmente, essa emissora mantém as representações sutis dos estereótipos pejorativos destinados aos/às negros/as, seja em telenovelas, filmes, séries, jornais etc. Por isso, a necessidade de uma reformulação dos monopólios midiáticos, como aconteceu “a partir dos anos 80, nos Estados Unidos, [que] as séries sobressaem-se pelo desenho de seus personagens; pelo rompimento de paradigmas (e preconceitos) temáticos” (SYDENSTRICKER, p. 134 *apud* ALMEIDA, 2017, p. 48). Apenas dessa forma surgirá a “possibilidade [de] enredos tidos como tabus, como a discussão do racismo e o protagonismo de pessoas negras” (ALMEIDA, 2017, p. 48).

Efetivamente, séries, filmes, jornais etc. com protagonismo negro são de extrema necessidade em um país que contém em sua maioria pessoas negras. Somos um país de maioria negra fora de África, porém, nos espaços midiáticos e elitizados, essa maioria não é representada, como nas universidades que também não representam a realidade negra.

No próximo tópico, tentamos apresentar porque achamos necessário ter mais representações negras, além de problematizar os possíveis efeitos dessas representações pejorativas observadas até aqui.

#### **4.5 É subalternidade ou insurgência?**

A escolha desse título para fechar este capítulo, se deu após observar todas as questões culturais apresentadas no capítulo anterior, e nas questões institucionais/midiáticas apresentadas neste capítulo. Observamos as relações direta entre o cultural e os espaços institucionais/midiáticos. Dessa maneira, apresentamos a importância de discutir, problematizar, significar e ressignificar as representações estruturadas em nosso contexto cultural brasileiro. Ao evidenciar as vozes subalternizadas por essa estrutura colonial, observamos a necessidade de problematizar o racismo sutil, afinal, o racismo se adapta com as questões atuais e, por isso, a necessidade de insurgirmos.

Entretanto, o racismo atua de forma sutil, melhor dizendo, nas maneiras que observamos no decorrer de todo o texto. Tudo isso se embasa em uma maneira de gerar uma falsa sensação de representatividade, quando, na verdade, está alimentando as mesmas problemáticas denunciadas por representantes, teóricos/as, intelectuais e pesquisadores/as negros/as a mais de 300 anos.

Para finalizar este capítulo, é apresentado um momento do terceiro encontro (APÊNDICE D) em que propomos a seguinte reflexão: “somos ou já fomos racistas alguma vez?... Vocês acham que já foram racistas alguma vez?... Vocês acham que são ou que já foram alguma vez racistas na vida de vocês?...”.

Em uma pesquisa realizada em 1995, intitulada “Racismo Cordial” (TURRA; VENTURI, 1995), apresentou que “89% dos brasileiros diziam haver racismo no país, mas só 10% admitiam ser, eles próprios, racistas” (TURRA; VENTURI, 1995, p. 13). Essas perguntas, no contexto de realização dessa pesquisa, originou o seguinte diálogo:

**03JADE:** Acho que seria hipócrita a gente dizer que nunca foi [racista]...

**04BARTH:** Exatamente... ainda mais quando criança, assim...

**05JADE:** É igual eu já ouvir falar... ninguém nasce racista, mas a família mesmo coloca coisa na cabeça da gente...

**06BARTH:** É;; aquelas piadinhas, né... tipo, piadinhas sem graça... essas coisas...

**07P:** E;; de onde, vocês acham que a gente aprendeu a ser racista no nosso dia a dia?... De onde vocês acham que vem essa ideia que acaba nos dando essa tendência, de ser racista alguma vez na vida?... Ou, ainda hoje... algumas vezes, a gente se pega sendo [racista] em alguma expressão... em algum jeito de a gente ver, falar e agir no mundo...

**08BARTH:** Professor, talvez assim... como eu falei... pelo fato de a gente ouvir muitas piadinhas, ouvir até mesmo muitas falas assim,;; de mal gosto mesmo, a gente começa a inserir mesmo... então, eu creio que pode vim de algum parente, que tem esse pensamento... e fala, por exemplo... quando criança mesmo... e a pessoa começa a viver aquilo e a replicar, né...

**09P:** A (INTEGRANTE) disse no chat aí, que acha que vem de berço... e alguma vez, vocês já se depararam, por exemplo... igual o (INTEGRANTE) falou aí, das piadinhas... vocês já se pegaram pensando porque dessas piadinhas? E de onde elas surgiram?

**10BARTH:** Ah, tipo... de termos e expressões... que;; tipo... é;; que... um exemplo foi quando a (INTEGRANTE) falou na aula passada, que... a cor preta é relacionada a coisa ruim e, tipo... o branco, é símbolo de paz, né...

**11JADE:** Desde a época da colonização, né...

**12BARTH:** Uhum...

**13P:** E vocês conseguiriam me dar algum exemplo de piadinhas que vocês identificam serem racista? ... Que vocês percebem como racista?

**14JADE:** Tem uma expressão que eu não sei se realmente é... é;; que;; surgiu lá atrás, né... que é, da cor do pecado... tem essas expressões aí... tem um monte...

**15BARTH:** Professor assim... a gente vê muito, por exemplo... em jogo de futebol, sei lá... tipo eu estou falando, é tipo, as pessoas chamam a outra de carvão, tipo... por esses apelidos... aí é o carvão, é;; tem um ator também... tipo... eu já ouvi a pessoa não ser chamada pelo nome... mas, pelo nome desse ator... aí... eu vou lembrar aqui...Mussum... tipo assim... a seu Mussum... eu já escutei a pessoa ser chamada por isso aí... (BARTH; JADE; PESQUISADOR, 2021, APÊNDICE D)

Algumas crenças e atitudes foram/estão “naturalizadas” em nosso cultural, produzidas e reproduzidas primeiramente pela cultura midiática e, depois, repassadas para o tecido social, se tornando algo “cultural”. Por isso, compreendemos que todos/as já cometeram atitudes racistas, algumas vezes conscientes e outras inconscientes.

A extrema necessidade de discutir sobre racismo está em volta de toda uma problemática que foi “naturalizada” no cultural brasileiro. A percepção do racismo continua presa nas formas agressivas, quer dizer, nas atitudes escancaradamente racistas, que se assemelham a “punições” aos escravizados. Ao mesmo tempo, o racismo se adapta para continuar segregando e subalternizando os negros e, ainda mais, as negras. A importância de

discutir sobre as várias formas do racismo se dá, para chegarmos na conclusão que Barth apresenta:

Com essas discussões... a gente percebe que a gente já sofreu, ou até mesmo já cometeu [racismo], né... quando a gente tem essa troca de conversa assim... a gente percebe muita coisa, né... assim, que;;... nossa, isso aí é sim racismo... não dá para passar... a partir de agora... eu sabendo, não dá mais para perpassar de forma normal... entendeu?... (BARTH, 2021, APÊNDICE D)

Com esse texto, apresentamos que “tipo, ninguém nasce racista... tudo é passado dentro de casa mesmo... aí, é lógico que a criança vai aprender aquilo... e tipo, não é possível, que alguém nunca foi racista... é que foi passado para a gente, e a gente reproduz” (JADE, 2021, APÊNDICE F). Mesmo não comentando sobre as produções de Angela Davis, com as discussões, os/as integrantes conseguiram chegar a esta máxima produzida pela a autora, corroborando a tese principal desta pesquisa: a tese de que pessoas subalternizadas produzem inúmeros conhecimentos pertinentes a partir de suas experiências vivenciais (SILVESTRE, 2016). Desta forma, as vozes subalternizadas precisam ser ecoadas. Chegar até os diversos/as produtores/as de teorias, materiais didáticos, pesquisas etc.

Além disso, uma coisa devemos problematizar nessa fala de Jade: se o racismo é re/passado dentro de casa, pelos familiares, em que momento eles/as aprenderam a ter atitudes racistas para repassarem? Como Emicida (2019) problematiza em sua música “Eminência Parda”, qual é a imagem que temos dos negros? O que imaginamos, pensamos, etc. quando vemos pessoas negras ocupando espaços que “são de elite”?

Quando nós apontamos a necessidade de representatividades negras em espaços midiáticos, não estamos querendo um/a negro/a representado como o cultural da branquitude nos veem, queremos a nossa representação como verdadeiramente somos, heterogêneos. Concordando com as palavras de Pitória (2021, APÊNDICE G), “sim... acho que se a gente tivesse mais representatividade dos negros, nos espaços... digamos, de elite... a gente começaria a pensar duas vezes em pensar que o negro é feio... ou algo ruim, né...”. Todas essas questões, devem ser problematizadas para que possamos pensar igual a Ruivinha (2021, APÊNDICE G) problematizou: “Se o Brasil parasse de ser racista... as coisas melhoravam mil vezes, né...”.

Portanto, chegamos à conclusão de que a mídia também possui forte influência na construção, desconstrução e ressignificação dos estereótipos introjetados no tecido social. Afinal, “um grande universo de pessoas se espelha na grande ‘máquina’ de criação de perspectivas, que é a mídia” (CHAVES, 2008, p. 9). Dessa forma, precisamos pensar, problematizar e propor maneiras outras de produzir representatividades negras nesses espaços

mediáticos e institucionais; desenvolver maneiras que representam toda a heterogeneidade que a população negra possui e, talvez o ponto principal, representar a negritude sob a ótica negra e não sob a ótica branca colonial.

Com base na discussão deste capítulo, pode ter sido possível compreender como a mídia influencia de forma direta ou indireta para os estereótipos negros “naturalizados” culturalmente, ou seja, como a mídia detém a monopólio da imagem negra. Parte da branquitude, em sua constante vontade de descrever sob sua ótica a imagem negra, corrobora para que o racismo e o estereótipo negro seja “naturalizado” como um “objeto” que deve ser visto e entendido pela sociedade como pessoas “bandidas”, “dóceis” (caso não queiram ser vistas como bandidas).

Vimos que a representação pejorativa do/a negro/a é transmitida sutilmente na infância, por intermédio das produções midiáticas, corroborando uma construção distorcida da própria realidade das crianças que a assistem. Depois da infância, com essa imagem do/a negro/a pré-construída, continua-se o reforço do que “foi aprendido”: agora o/a negro/a já não é apenas dócil, ele/a deve ser alocado para o “lugar” que a branquitude acha pertencer a ele/a, seja como “empregadas e empregados” ou “bandidos e bandidas”.

Por último, problematizamos sobre as representatividades, sejam elas em jornais (impressos ou digitais), telenovelas, filmes e séries e a importância de termos representações que verdadeiramente refletem a nossa realidade negra na sociedade. Com este texto, acreditamos na possibilidade de observar que a mídia, infelizmente, não está se modificando em prol de uma verdadeira representação do negro. Ela está, de forma sutil, assim como a sociedade, readaptando os seus discursos racistas para alimentar a falsa democracia racial. Problematicemos.

## **5 MESMO NÃO VENDO NADA EM VOLTA, O RACISMO SEMPRE ESTÁ**

Durante todo o texto, nossas vozes subalternizadas emergiram, denunciando e problematizando toda a complexa estrutura colonial a que somos submetidos diariamente. Toda essa complexidade resulta no impedimento de compreendermos o racismo para além das atitudes vilipendiosas. Em face disso, neste último capítulo almejamos lembrar o/a leitor/a o que foi discutido nos capítulos anteriores. Para isso, faremos uma retrospectiva textual, no intuito de facilitar a digestão de toda a mistura que fizemos nesses escritos.

Falar sobre racismo e antirracismo não é – nem deve ser – falar apenas de uma ou outra teoria – os temas, as teorias e as experiências vivências (SILVESTRE, 2016) se interseccionam (AKOTIRENE, 2019). Somos corpos negros, mas também somos conhecimentos negros. Portanto, para a construção deste capítulo, partiremos das problematizações levantadas no capítulo 4 até chegarmos ao que escrevemos no capítulo 1.

Nesta pesquisaensino, os/as subalternizados insurgem, deixam de ser dados/estatísticas e viram corpos/conhecimentos, protagonistas de seu próprio pensamento crítico. As discussões no decorrer dos sete encontros fizeram surgir questionamentos sobre o papel das produções midiáticas na manutenção e propagação da cultura racista que nos mata e nos subalterniza. Em nosso entendimento, a cultura racista “naturalizada” nos espaços midiáticos é introjetada em nosso tecido social muitas vezes – em sua maioria – sutilmente, apresentando e rerepresentando a negritude apenas sob a ótica da “elite” branca. Porém, não queremos com este texto fornecer uma resposta ou possível resposta final, em horizontalidade – e não “sobretudo” – queremos fomentar as discussões sobre a cultura racista que estamos imersos ao consumir as produções midiáticas. Por fim, apresentamos as considerações finais do texto e a necessidade de aprofundarmos todas as questões denunciadas e evidenciadas por nós, que construímos esta pesquisaensino.

### **5.1 De trás para frente**

Quando pensamos em problematizar a relação da língua com o cultural, com o institucional e com o racismo, foi por observar que a língua tem a capacidade de modificar o sujeito (BAKHTIN, 1997). Ademais, a língua “está sempre submetida aos projetos de poder” (NASCIMENTO 2019, p. 21). Dessa maneira, a língua pode manter essas relações de poder, mas também pode atuar de forma atentar-se para um significado ou mesmo resignificar coisas. Diante dessa compreensão, quisemos levantar discussões críticas subalternas e subalternizadas

e levar estudantes de ensino médio a contemplar toda a “naturalização” com que é tratado o espaço do/a negro/a no cultural e institucional/midiático. Nosso desejo discursivo é que esses/as estudantes possam, após contemplar e refletir, também modificar os seus espaços culturais por intermédio da língua.

Ao pensar de trás para frente, queremos, no decurso deste capítulo, apontar o quanto os espaços midiáticos contribuem para internalizar o racismo em nossos espaços culturais. Ao trazer as vozes dos/as subalternizados/as para esta pesquisa em ensino, os/as trazemos de trás para frente, isto é, seus conhecimentos deixaram de ser apenas “dados”, que “necessitavam” ser analisados. Eles passaram a ser “teóricos/as” e intelectuais para pensarmos as relações de poder. Ao abrir espaço para as observações e conhecimentos dos/as subalternizados/as, buscamos subverter as relações de poder existentes nas aulas de língua. Eu, enquanto professor e pesquisador, aprendi e expandi meu olhar sobre racismo e as relações midiáticas/institucionais na “naturalização” da cultura racista; os/as integrantes, enquanto alunos/as, demonstraram expandir a percepção crítica nas observações dessas representações que consumimos diariamente. Nosso intento educacional, portanto, se fez decolonial por esses motivos.

Com a expansão de nossos conhecimentos, observamos e problematizamos as representações negras nos espaços midiáticos. A partir dos conhecimentos gerados, observamos a produção cultural propagada por espaços midiáticos/institucionais e, baseados/as nessas observações, nos indagamos sobre a influência desses espaços na confabulação de uma cultura racista “naturalizada” no tecido social. Isso ocorre porque os recursos disponíveis aos espaços midiáticos fazem com que o consumo dessa cultura racista seja aceito “pacificamente” pelos telespectadores (KELLNER, 2001). Por isso, para problematizar as relações da mídia e da cultura racista, é preciso compreendermos que a língua está conectada com o corpo e com a mente. Consequentemente, o que vimos parte de uma familiaridade com possibilidades únicas de ver o corpo negro/a, possibilidades apresentadas apenas sob a perspectiva que a “elite” branca diz ser a “certa”. Então, para tentar explicar este fenômeno, foi necessário debruçar na teoria da linguística cognitiva (ARAUJO, 2014; CORTEZ, 2005; LAKOFF; JOHNSON, 2002; SILVA, 2012) e, com ela, tentar elucidar que toda a experiência de mundo do/a indivíduo/a está direta ou indiretamente em cruzamento com a mídia e as TDIC’s, seja ela televisiva ou não. Este contato, principalmente na infância, possui forte influência para direcionar as crenças, as personalidades e as identidades de todos os indivíduos.

Olhar para a linguagem como algo cognitivista é compreender que a linguagem está interligada com todas as faculdades mentais (SILVA, 2012). No caso midiático, as emoções a visão e a audição estão constantemente conectadas e trazidas à tona. De acordo com Cortez

(2005, p. 254 [grifo da autora]) “um dos desdobramentos mais importante quando se investiga a relação cognição e linguagem, em uma perspectiva histórico-epistemológica, é que se estabelece, explícita ou implicitamente, uma *ontologia* humana”, portanto, aqui não nos atentamos à gramática propriamente dita, mas à relação da linguagem com o contexto sociocultural. Desta forma, se constantemente temos contato com a imagem do/a negro/a e a imagem das culturas negra representadas de uma única maneira, conceptualizamos de forma abstrata como verdade absoluta, como formas de ver e significar o mundo. Se assim o é, o corpo do/a negro/a estará sempre relacionado de forma pejorativa em nosso cognitivo.

Levando em consideração a imagem do/a negro/a na série “Todo Mundo Odeia o Chris”, observa-se uma ruptura com uma espécie de denúncia das atitudes diárias de uma grande parte da branquitude contra os/às negros/as. Ao assistir o seriado, as experiências corpóreas dos/as indivíduos/as negros/as são as principais responsáveis de levá-los/las a se identificarem com os personagens. Para Araujo (2014, p. 85), essas questões “são sistemas de resposta em nível corporal como aspectos complexos das emoções e, até mesmo, da consciência” (ARAUJO, 2014). Os trajetos desenvolvidos por Chris durante a série, entre sua casa, bairro, ônibus e escola, fazem com que negros e negras assemelhem as experiências racistas vivenciadas pelo personagem, e denunciadas no seriado, com as suas próprias experiências sociais. Devido a essa série ser direcionada para adolescentes e jovens, facilita a autoidentificação, afinal, o/a negro/a experiencia o racismo neste espectro de tempo: infância-adolescência-juventude.

A cultura racista que é propagada e consumida diariamente faz com que atitudes racistas se tornem “naturalizadas”. Por consequência, só são identificadas quando são extremamente violentas, motivadas por xingamentos ou agressões físicas. Ao se tornarem parte constituinte da estrutura cultural, nosso sistema conceptual internaliza e metaforiza o racismo (LAKOFF; JOHNSON, 2002). Em outras palavras, associamos o racismo apenas com xingamentos e agressões físicas. As questões racistas que acabam fazendo parte da infância, adolescência e juventude, se tornam culturais e, por intermédio da cultura, vão se tornando adjacentes das relações interpessoais. Mas é preciso compreender que “nosso sistema conceptual não é algo do qual normalmente temos consciência” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 46). Por se tratar de uma cultura racista, e cultura não é algo que temos total consciência (EAGLETON, 2011), as ações e atitudes racistas só são percebidas quando o/a negro/a é agredido/a física ou psicologicamente, como é lembrado pelos/as integrantes no capítulo anterior – quando a professora entrega o “ovo marrom” ou quando o outro personagem (branco, ruivo) deixa uma “bilhete do dia dos namorados”. De outro modo, não se toca em outras

questões denunciadas em quase todos os episódios da série: negligência do estado, pobreza, lugar do negro, violência policial etc.

Ao retornar ao tópico “4.2 *Tudo começa na infância?*”, interessa-nos refletir sobre a sutileza com que as imagens, sons e linguagem são utilizadas na telenovela infantil. Recria-se uma maneira de representar o/a negro/a sob a ótica colonial: não como “selvagens”, igual a pouco tempo, mas reformuladamente como corpos docilmente socializados. É transferida para o tecido social (MUNANGA, 2000; HALL, 2006) a primeira e única forma de representação do/a “negro/a bom” (HALL, 2006) que a criança terá contato.

Por intermédio de antagonismos, o conjunto de imagens, sons e falas expressa dualidades, ou melhor, expressa a ótica da “elite branca” de ver o mundo à volta. Portanto, alimenta, de forma inconsciente, como o/a negro/a deve ser visto/a pela sociedade: “não se fala, então, a respeito do que o mundo é, mas da visão que [a branquitude] se tem dele” (SILVA, 2012, p. 52).

A questão é que a linguagem é usada em todos seus aspectos (semânticos, sintáticos, pragmáticos, morfológicos e fonológicos) para produzir, de certa forma, uma única maneira de ver “a raça”. No contexto midiático, a maior ênfase é dada aos aspectos pragmáticos, esses “que estão envolvidos na produção do ato linguístico [que] constituem importante referencial para o processamento do pensamento, da palavra, da sentença, do texto e do discurso” (SILVA, 2012, p. 53). Essas condições provocam no/a telespectador/a negro/a um sentimento de inferioridade e uma vontade de se aproximar e se identificar com a branquitude, isto é, vestir máscaras brancas (FANON, 2008). De acordo com o Barth:

Quando a gente começa a pensar essas coisas... parece que, tudo que é de ruim, eles queriam associar aos negros... e;; tudo de bom... eles associam aos brancos... igual a gente já falou, por exemplo, das palavras né... hoje em dia, o povo fala assim... a;; hoje em dia tudo é racismo... mas, na verdade, sempre foi, né... a gente é que não sabia... a gente nunca soube sobre isso... a gente nunca parou para pensar porque determinado pensamento foi passado para nós, né... (BARTH, 2021, APÊNDICE E)

Ao chegar até aqui, podemos observar que a mídia também influencia a vida social desde a infância e continua em nossa vida adulta, moldando, de certa forma, o nosso cultural. Destarte, “o eu ‘essencial’ não é um eu além da moldagem cultural” (EAGLETON, 2011, p. 138). E essa moldagem cultural é iniciada com a família e a mídia, afinal, em períodos contemporâneos, temos cada vez mais contato com a mídia, seja por intermédio das redes televisivas e, posteriormente, com as redes digitais. Por esse motivo, é preciso

problematizarmos sobre a necessidade de moldar um eu autorreflexivo (EAGLETON, 2011) que irá na maioria das vezes problematizar a cultura que está consumindo.

Duglas Kellner (2001), um grande estudioso que se dedica à problematização da influência da mídia na cultura, aponta a maneira que o texto midiático se torna, também, texto cultural. Para ele, a mídia age nas lutas políticas e sociais, bem como molda a vida diária das pessoas, influenciando-os/as em seus comportamentos e na construção de suas identidades. Para o autor, os espaços midiáticos “propiciam poderosas formas de controle social por meio de técnicas de doutrinação e manipulação mais eficientes, sutis e ocultas” (KELLNER, 2001, p. 26). Como a cultura na maioria das vezes é adquirida pelo/a indivíduo/a inconscientemente (EAGLETON, 2011), não é problematizada, muito menos refletida na infância. Dessa maneira, a criança consome o que lhe é oferecido. Como os espaços midiáticos/institucionais estão submergidos por uma “elite” branca, sua perspectiva de realidade negra acaba se tornando uma “história única” (ADICHIE, 2019) contada de sua perspectiva privilegiada.

Sendo assim, “há o envolvimento de diferentes planos cognitivos” (CORTEZ, 2005, p. 255) para a construção do racismo sutil. Cada dia mais “naturalizado” em nosso espaço cultural, ele se torna uma metáfora de associação a agressões físicas e/ou verbais. Por isso, são raras as vezes que a “cultura popular” consegue identificar o racismo presente nesses espaços. De forma sutil, os contextos midiáticos apresentam e representam como o/a negro/a e as culturas negra “devem” ser vistos pela sociedade.

As representações que os espaços midiáticos caracterizam como racismo estão submetidos a apenas agressões físicas ou xingamentos escancarados. Dessa maneira, criamos, enquanto consumidores/as dessa cultura midiática, aspectos avaliativos e afetivos para constituir os nossos referentes discursivos (MENEZES, 2010). Assim, ao ouvirmos e lermos o termo “racismo”, buscamos em nosso cognitivo alguma referência a ele. Então, diante do referente “racismo”, temos a referência “agressão física; xingamentos escancarados”. De acordo com Koch (2004), os referentes são os produtos de nossa compreensão – o que queremos entender – e a referência é a explicação intersubjetiva que criamos a partir de nosso contexto cultural e social.

Logo, como o item lexical “racismo” está sempre associado a agressões físicas e a xingamentos (racismo individualista) (ALMEIDA, 2021), o cultural popular cataloga racismo apenas nas atitudes que já estão habituados. Em razão disso, a cultura racista não é facilmente compreendida por toda a sociedade. De acordo com Lakoff e Johnson (2002), quando nos prendemos a determinado conceito metafórico (racismo), somos impedidos/a de compreender outros aspectos desse mesmo conceito (cultura racista).

À vista disso, deve-se compreender que a “cultura racista” que nos é introjetada faz parte de um projeto colonial. Como diz Silvio de Almeida (2021), o racismo é parte constituinte de uma estrutura que não se desmontou, ela apenas se modificou. Agora, as agressões físicas e verbais são criminalizadas e suscetíveis a prisões. Por outro lado, o estado, a mídia e a cultura que consumimos transmitem diuturnamente o racismo de forma sutil, excluindo e despejando os/as negros/as nos espaços mais ermos da sociedade.

No capítulo 3, foi possível observar parte da cultura racista “naturalizada” em nosso social, cultura essa que possui influência das imagens e representações negras apresentadas pela cultura midiática como sendo as “únicas possíveis”. Dessa maneira, compreendemos o “**sociointeracional**, que envolve o conhecimento sobre as formas de interação por meio da linguagem” (KOCH, 2004 *apud* SILVA, 2012, p. 74 [grifo do autor]), como “sociointeracional-midiático”, isto é, a interação social que os/as indivíduos/as possuem com a mídia contribui para a continuação da re/produção de imagens distorcidas dos/as negros/as e das culturas negra.

Por essa complexa construção cultural, identifica-se que todo o contexto racista que nos ronda desde a infância, e os modelos culturais a que estamos submetidos, contribuem para a construção do significado que produzimos a partir de determinadas imagens dos/as indivíduos/as, o que influencia a forma que nós significamos os corpos negros/as e as culturas negra (FERRARI, 2020). Assim, conforme somos expostos/as diuturnamente a pessoas negras representando os papéis de “bandido/a, dócil, pobre, empregado/a etc.”, não conseguimos vê-las ocupando outros espaços, além desses para os quais a mídia empurra.

A cultura, em um contexto amplo, não pode ser desassociada da mídia, bem como a mídia não pode ser desassociada da linguagem. Todos esses artefatos e fenômenos estão interligados a um modelo cognitivo que, por esquemas imagéticos e linguísticos, associam as problemáticas aos/às negros/as. Com isso, inconscientemente ou não, ajudam na propagação e na manutenção do racismo. Todavia, como podemos levar outras pessoas a entenderem que o racismo vai além dessas únicas duas formas? Como podemos utilizar a linguagem e a aprendizagem para provocar rupturas desse *status quo* da cultura racista?

## 5.2 Não nos abandone

Ao apresentar toda a problemática envolvida na estrutura racista (ALMEIDA, 2021) que nos molda, precisamos compreender a “relevância de entender a linguagem como instrumento de construção do conhecimento e da vida social” (MOITA LOPES, 2009, p. 18), o que significa olhar para a linguagem como um instrumento que pode contribuir tanto para

manter as atitudes racistas quanto para ressignificar a cultura racista que em estamos submersos/as.

Ao revisitar teorias outras além das hegemônicas, quer dizer, além das que nos são impostas, foi possível observarmos que grande parte das histórias são contadas e recontadas sob a perspectiva colonial. Os aspectos que foram abordados no capítulo 2 servem como ponto de partida para pensar o que realmente foi feito em prol dos/as negros/as no Brasil. As leis tiveram forte influência no combate da escravização. Porém, ao ser divulgada apenas a ótica colonial, alimentou direta ou indiretamente a cultura racista, principalmente a questão de democracia racial. Com as “estórias” contadas e recontadas por essa “elite” colonial, infundiu, no tecido social, a falsa sensação de reparação de todas as mazelas ocorridas no período escravocrata.

O que antes era de forma escancarada: o escravagismo e todas as mazelas do tráfico negreiro, se camuflou na falsa sensação de reparação: por leis; discursos políticos e religiosos. Esses últimos surgiram com o propósito de “promover a igualdade”, alimentando a falsa democracia racial e os discursos de “meritocracia”. Isto significa que a “elite” colonial “alforriaram os nossos corpos”. Entretanto, “deixaram nossas mentes na prisão”.

Como foi discutido no capítulo de “Introdução”, para mim, a possibilidade de ler sobre os meus antepassados e conhecer toda a história contada sob a perspectiva negra propiciou-me perceber que várias questões que experienciei no período Infância-Adolescência-Juventude são reflexo de um passado que não é ensinado e contado. Subalternizaram a percepção negra, elevaram a “história única” (ADICHIE, 2019) de parte da branquitude, como sendo a história de toda a humanidade, elegendo os/as negros/as como os/as “diferentes”, o “outro”.

A influência dos espaços que produzem e reproduzem o/a negro/a como “diferente”, como o/a “outro/a”, alimentam as atitudes racistas denunciadas aqui. Fundamentados/as pelas imagens, sons e discursos, acabamos sendo estimulados/as pelos sistemas discursivos (DIJK, 2006) a pensar e ver uma única forma do/a negro/a e uma única maneira de pensarmos as culturas negra. Portanto, a partir de todas as discussões que foram levantadas neste texto, surgem questionamentos que precisam ser aprofundados, tais como: que elementos propiciam para a não percepção da cultura racista propagada e alimentada pelas instituições e mídias? Quais os fatores que contribuem para a “naturalização” do racismo?

São questionamentos que só emergiram na minha realidade a partir de todas as discussões realizadas durante os encontros e das leituras desenvolvidas para a construção dessa pesquisaensino. Após todas essas questões surgirem, compreendemos que a cultura racista se infundiu ao tecido social desde o período escravocrata, se tornando, então, algo “naturalizado”.

À vista disso, constatamos que o cultural é uma construção social e, se toda a cultura precisa de linguagem para se propagar, de imediato, inferimos que o processo de ressignificação desse ranço colonial só poderá se dar a partir da interação com a própria realidade usando a língua.

Nesse contexto, precisamos problematizar e levar para dentro da sala de aula perspectivas outras, além das já “naturalizadas”. Para isso, é preciso ter em mente a necessidade de discutirmos sobre a influência da mídia em nossos mecanismos cognitivos e, também, nas construções associativas que questionamos ao longo de todo o texto (MENEZES, 2010).

O racismo sutil e a cultura racista vão além do que este texto problematizou. É preciso aprofundarmos ainda mais sobre a influência que essas representações possuem em nossos sociocognitivos. Com o crescente consumo midiático em suas mais diferentes formas, cada vez mais se tornará um problema ou uma solução para as práticas racistas. Por esses e tantos outros motivos, é preciso levar questionamentos para dentro das salas de aula, afinal, são desses espaços que futuros/as roteiristas, produtores/as de conteúdos midiáticos, atores, atrizes etc. vão emergir.

É impossível afirmar, no entanto, que as perspectivas adotadas aqui surtirão efeitos em todos os contextos de salas de aula: somos heterogêneos/as e também aprendemos de formas diferentes. Não acredito, ainda, que exista uma maneira única de abordar o racismo de maneira melhor, ou pior, mas que há necessidades de nos questionarmos sobre as histórias do escravagismo, seus produtores e disseminadores. É necessário começarmos a levar as vozes da negritude para narrar, sob a perspectiva negra, toda a problemática que envolve o escravagismo e as mazelas que sofremos desde então. De qualquer modo, podemos afirmar que, ao ouvir os/as subalternizados/as, foi possível expandir conhecimentos e percepções, bem como pesquisar *com* as/os integrantes, nos aproximando de suas realidades.

Diante do exposto, compreendemos que, para uma real transformação das relações de poder entre seres, saberes e poderes (COSTA; TORRES; GROSGUÉL, 2018), precisamos que haja – além de representatividade de corpos negros/as em todos os campos institucionais, além do reconhecimento da heterogeneidade negra, contada e recontada sob a compreensão dos próprios corpos que vivem essas relações – um processo para a mudança estrutural, que pode iniciar dentro do campo da pesquisa e ciência. Ao trazer as vozes subalternizadas para o diálogo acadêmico/científico, produzimos maneiras outras de ver os nossos ambientes privilegiados.

Acreditamos, assim, que é preciso expandir o diálogo para construir cidadãos/ãs críticos/as, indivíduos/as que busquem problematizar a cultura que consome diariamente dos mais variados espaços sociais. Assim, esse modelo de/colonial de pensar/pesquisar pode

contribuir para a real necessidade de problematizarmos as relações de poderes existentes em nossa sociedade cheia de grandes vestígios do ranço colonial.

## 6 AS LUTAS DO DIA A DIA

Esta dissertação teve por objetivo evidenciar vozes subalternizadas pela estrutura colonial “naturalizada” no tecido social, além de apresentar uma perspectiva outra de fazer ciência. Ou seja, queria, com esta pesquisa em ensino, trazer as vozes que sempre foram emudecidas pela estrutura colonial que nos regem desde o colonialismo. Desde os primórdios, as vozes que sempre são evidenciadas possuem uma padronização, um corpo heteronormativo-branco-patriarcal. Essa intencionalidade surge como alternativas de rompimentos de uma estrutura que oprime o diferente dessa padronização.

Ao duvidar, indagar e complexar as representações “naturalizadas” de um determinado povo e cultura, conseguimos, ao longo dos sete encontros, ter diálogos abrangentes que expandiram não apenas minhas percepções sobre o racismo, racialidade e negritude, mas também a expansão do horizonte crítico das/os participantes.

Assim, todo o texto abrange questões que devem ser discutidas, com o propósito de trazer para a sala de aula e pesquisa, a perspectiva dos/as que racializaram, mas também a perspectiva dos/as que foram racializados/as. Durante o primeiro e segundo capítulo, discutimos as “naturalizações” a que fomos/somos submetidos, tanto na estrutura colonial que rege a estrutura de textos acadêmicos/científicos, quanto nas epistemologias que “naturalizamos” como formas “universais” e únicas “possíveis”. A posteriori, analisamos a problemática de ouvirmos/aprendermos apenas o ponto de vista da “elite” que caracterizou as leis como “salvadoras” e, portanto, deveriam ser lidas e vistas como formas de promover uma “democracia racial”.

O capítulo 3, a partir das experiências vivenciais (SILVESTRE, 2016) das/os integrantes, conseguiu demonstrar as imagens que estão em nossos cognitivos quando falamos de culturas negra e corpos negros, em contraste com a cultura e a imagem do branco. Relembramos conhecimentos culturais que foram e ainda são propagados para nós. Todo esse processo de racialização aconteceu de forma sutil, fazendo “naturalizar” a visão deturpada das culturas e dos corpos divergentes da branquitude. A visão que temos sobre o continente africano nada mais é que a “estória” contada para nós ao longo de vários anos e que, por consequência, continuamos produzindo e reproduzindo esses “boatos” sem antes conhecermos a fundo. Logo, se tornaram “verdade absoluta”.

Todas essas questões são constatadas por intermédio de espaços midiáticos que representam as culturas negra de uma maneira única e desassocia os/as brancos/as dessa problemática, como se eles/as não fossem culpados/as por todos os problemas que o continente

Africano enfrenta. Agora, é repassado para o tecido social como se eles/as estivessem tentando ajudar, “salvar”, os/as negros/as dessa problemática que eles/as mesmos iniciaram.

Portanto, essas questões nos levam a pensar como isso é transmitido para a sociedade. Como nós adquirimos crenças que segregam a população divergente do padrão colonial? Como nós somos levados/as a criar um “perfil suspeito” em nosso cognitivo? Ou melhor, como somos levados a acreditar que as culturas negra são e devem ser do jeito que “pré-conhecemos”? Chegamos com essas indagações no capítulo 4.

A partir de uma análise dos diálogos ocorridos durante os encontros, chegamos à conclusão de que a mídia possui forte influência na criação desse imaginário “naturalizado”. Começamos o capítulo discutindo sobre as cotas, projeto que tenta recompensar, pelo menos um pouco, todas as problemáticas apresentadas nos capítulos anteriores. No entanto, ainda é pouco para reparar todas as problemáticas, afinal, precisamos de mudanças nos projetos políticos e, também, em uma boa parte de nossos representantes políticos. Mas, enfim, qual o papel da mídia nessa “naturalização” do racismo? Para isso, temos como exemplo as representações dos/as negros/as nas matérias jornalísticas propagadas: tratam o/a negro/a, o/a favelado/a sempre como bandido/a e correlatos, criando, então, o “perfil suspeito”, que é repassado para as instituições policiais. Criam-se, assim, atitudes agressivas nos policiais contra pessoas negras.

Essa cultura racista não surge apenas da experiência sóciointeracional – interação de um/a indivíduo/a com o meio social que ele/a está inserido/a –, mas também da interação midiática, que pode até não estar em contato direto com o/a indivíduo/a, mas está introduzindo diariamente sua perspectiva da negritude para o tecido social desde a infância, por intermédio de representações “sutis” dos estereótipos que problematizamos no capítulo 4. Com essas questões, observamos que a mídia mantém um monopólio das imagens negras, levando a sociedade a inserir em suas vidas diárias uma única forma de ver os/as negros/as. Ao alimentar essas “naturalizações”, a mídia simplesmente se ausenta em informar a sociedade sobre a necessidade de mudarmos a nossa cultura racista.

Mesmo esta pesquisa ensina trabalhando “superficialmente” as representações da negritude, acreditamos que os/as subalternizados/as enriqueceram essa produção científica, demonstraram-nos que também possuem muito a ensinar sobre a realidade que é encontrada em contextos sociais variados. Em conclusão, é possível observarmos a necessidade de outras pesquisas que problematizam essas representações em nosso cultural midiático brasileiro. Portanto, cada tema desenvolvido neste texto pode e deve ser extraído e aprofundado em pesquisas futuras, com o intuito de nos ajudar a pensar com mais criticidade as representações

sutis dessa cultura racista, a que corriqueiramente estamos submetidos/as. Precisamos olhar com outros olhos para as culturas midiáticas, afinal, o aumento das tecnologias em nossa cultura social é significativamente extenso. Dessa maneira, essa pesquisaensino não é algo pronto e acabado, todas as questões apresentadas merecem e necessitam de aprofundamentos, para tentarmos entender e denunciar as problemáticas apresentadas pelos integrantes.

Ao olhar com outros olhos as sutilezas da cultura racista, nós, pesquisadores/as e professores/as, podemos corroborar para que o tecido social não se deixe influenciar pacificamente por essas representações. Isso não é um trabalho fácil e rápido, mas é extremamente necessário e urgente.

Nesta pesquisaensino, os/as “subalternizados/as” puderam ter espaço para construir conhecimentos científicos sob um espaço que muitas vezes são negligenciados para eles/as. Suas vozes e seus conhecimentos, mesmo que ainda pouco apresentados nesta pesquisaensino, mostraram que é possível iniciar um modelo de pesquisa voltada em criar formas outras de tentar descobrir os nossos problemas coloniais e, como efeito, apresentar possibilidades de resignificarmos essa estrutura colonial.

Estamos referindo a problemas que se adaptam discursivamente enquanto a sociedade vem exigindo. Não problematizar o monopólio da imagem negra em espaços midiáticos colabora para a perpetuação das mesmas crenças e atitudes denunciadas em séculos de problematizações por pesquisadores/as, ativistas, cantores/as etc. Dessa maneira, precisamos, antes de tentar resolver perguntas cunhadas por nós, pesquisadores/as, desvendar em conjunto com a sociedade a problemática que nos aflige diariamente. Essas questões só poderão ser compreendidas, caso haja um diálogo unificador entre pesquisadores/as, professores/as, alunas/os e integrantes das mais variadas áreas de conhecimento.

Esta dissertação celebra, então, a ideia de que os/as subalternizados/as possuem muitos conhecimentos que podem enriquecer as discussões científicas. Suas discussões, inclusive, permeiam todas as áreas de conhecimento que estudam, ou seja, fazem parte de sua aprendizagem escolar.

Portanto, ao optar em abrir espaço para que outras pessoas, assim como eu, fossem ouvidas e evidenciadas, descobrimos uma grande problemática envolvida na manutenção do racismo. Antes escancarado e agora sutil. Por intermédio de jogos discursivos e imagens distorcidas da realidade, apresentam o/a negro/a como grande parte da branquitude nos enxergam.

Ao meu ver, a adesão dos/as integrantes às conversas dos encontros se deu por muitas vezes terem sido silenciados/as. Com a oportunidade de apresentarem seus saberes e serem

evidenciados/as, expuseram suas angustias, frustrações e conhecimentos sobre o racismo. Devido a isso, os conhecimentos reunidos pelos encontros propiciaram a construção deste texto.

Assim, nos encaminhamos para o final deste texto, pensando sobre a possibilidade de ouvirmos as/os subalternizadas/os e utilizarmos nossos espaços de privilégios conquistados para evidenciar outras vozes que ainda não alcançaram tais espaços. Afinal, na contemporaneidade, os problemas são flutuantes e se dissolvem na sociedade com uma velocidade ainda mais acelerada.

Conforme vamos conseguindo ocupar os espaços de privilégios, os problemas que vivenciamos até chegarmos a esses espaços já se readaptaram, ocasionando, talvez, um desencontro. E ao ouvir os/as subalternizados/as que estão vivenciando na contemporaneidade esses problemas, auxiliando-os/as a encontrá-los e problematizá-los, pode ajudar os subalternizados/as a enfrentar o poder colonial que nos silencia com o passar do tempo.

Ao apontar todas essas questões, encerro o texto apontando a necessidade de aprofundarmos nas questões que nos rodeiam diariamente. Ou seja, essa pesquisa ensino não se encerra com o final dos escritos apresentados. Na verdade, ela apenas se inicia em minhas questões enquanto professor e pesquisador da linguagem.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALBUQUERQUE, W. R.; FILHO, W. F. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.
- ALMEIDA, F. P. **Eusébio de Queirós e a chefia de polícia da corte: um laboratório saquarema (c. 1830-C. 1840)**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.
- ALVES, L. **Significados de ser branco: a brancura no corpo e para além dele**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- AMORIM, M. P. Macumba no imaginário brasileiro: a construção de uma palavra. In: II Simpósio de Pesquisa da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2013, São Paulo. **Anais 3**. São Paulo: FAPESP, 2013. p. 1-16.
- ARAUJO, D. **A “violência” no discurso do adolescente: uma abordagem cognitiva**. 2014. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- ARAUJO, D. P. **“A cota paulista é mais inteligente”**: o programa de inclusão com mérito no ensino superior público paulista e o confinamento racial da classe média branca. 2019. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- BARROS, C. A. **Iemanjá e pomba-gira: imagens do feminino da Umbanda**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.
- BAKAJ, B. B. G. Lei do ventre livre, lei dos sexagenários e lei áurea: a grande trilogia abolicionista. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, ed. 25, n. 98, p. 399-459, 1988.
- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENTO, M. A. S. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BENTO, M. A. S. Branquitude: o lado oculto do discurso sobre o negro. *In*: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 147-162.

BEERSMA, B.; KLEEF, G. Why People Gossip: an empirical analysis of social motives, antecedents, and consequences. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 42, n. 11, p. 1640-2670.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Para uma história do negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988.

BRANCO, R. C. **O negro no livro didático de história do Brasil para o ensino fundamental II da rede pública estadual de ensino, no Recife**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

BRASIL. **LEI N.º 13.415 de fevereiro de 2017**. Conversão da Medida Provisória nº 746, de 2016. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm). Acesso em 05 de julho de 2021.

BRASIL. **LEI N.º 581, 4 de setembro de 1850**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim581.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim581.htm). Acesso em 20 de julho de 2021.

BRASIL. **Lei N.º 601, de 18 de setembro de 1850**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/10601-1850.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/10601-1850.htm). Acesso em 20 de julho de 2021.

BRASIL. **Lei N.º 2.040, de 28 de setembro de 1871**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim2040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm). Acesso em 20 de julho de 2021.

BRASIL. **Lei N.º 3.270, de 28 de setembro de 1885**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/LIM3270.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3270.htm). Acesso em 20 de julho de 2021.

BRASIL. **Lei N.º 3.353, de 13 de maio de 1888**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim3353.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm). Acesso em 20 de julho de 2021.

BRASIL. **Lei N.º 6.815, de 19 de agosto de 1980**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6815.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6815.htm). Acesso em 08 de agosto de 2021.

BRASIL. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: educação é a base**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BUTLER, J. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARVALHO, J. J. Encontro de saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. *In*: COSTA, J. B.; TORRES, N. M.; GROSFUGUEL, R. **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

CARONE, I.; NOGUEIRA, I. B. Faíscas elétricas na imprensa brasileira: a questão racial em foco. *IV*: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CARVALHO, L. M. C. R. **Identidade étnica e estratégias de aculturação em contextos multiculturais**: estudos com crianças e agentes socializadores. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Organizacional) – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Departamento de Psicologia Social e das Organizações, Lisboa, 2005.

CASTRO-GÓMEZ, S. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 80-87.

CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. Prólogo: giro decolonial, teoria crítica y pensamiento heterárquico. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, 2007, p. 9-24.

CORTEZ, M. T. A relação cognição e linguagem e o papel da consciência. [Digital]. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 2, p. 253-289, 2005.

COSTA, J. B.; TORRES, N. M.; GROSFUGUEL, R. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1 ed. Belo Horizonte: 2018.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIJK, T. A. V. Discurso de las elites y racismo institucional. *In*: BASTIDA, M. L. **Medios de comunicación e inmigración**. España: Gallegraf, 2006.

DUBOC, A. P. M. **Atitude curricular: letramentos críticos nas brechas da formação de professores de inglês**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Departamento de Línguas Modernas da Faculdade de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

DUSSEL, E. **Liberación latinoamericana y Emanuel Levinas**. Buenos Aires: Editorial Bonum, 1975.

DUSSEL, E. **O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco, 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (org). **Por uma Linguística aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-63.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. A dialética do discurso. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v.9, n.22, p. 224-234, mai./ago. 2010.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAZZI, R. C. **O drama racial de crianças brasileiras**: socialização entre pares e preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**: (o legado da “raça branca”). 5 ed., 1 V. São Paulo: Globo, 2008.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2020.

FERREIRA, J. S. **A conceptualização em expressões bandido de x**: uma perspectiva cognitiva. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um encontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADAMER, H. G. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GADAMER, H. G. **Verdade e método II**: complementos e índice. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GONÇALVES, C. W. P. Apresentação da edição em português. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. 03-05.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GREGOLIN, M. R. Michel Foucault e os micro-poderes. **Texto elaborado para a disciplina Análise do Discurso**. UFAC, 2008.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: 34, 1997.

- HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-RIO: Apicuri, 2006.
- HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. Ed. 26, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JESUS, A. S. **Perfil do suspeito e racismo institucional: uma análise da ação policial em Uberlândia, Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.
- KELLNER, D. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras; EDUC, 2002.
- LINO, T. R. **O lócus enunciativo do sujeito subalterno: uma análise da produção científica de bell hooks e Gloria Anzaldúa**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- MAGALHÃES, C. A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. *IN: MAGALHÃES, C. (org.). Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. p. 15-30.
- MATTOSO, K. M. Q. O filho da escrava (em torno da lei do Ventre Livre). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 5-37, mar./ago. 1988.
- MATTOZO, K. M. Q. **Ser escravo no Brasil**. Ed. 3. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MARTIN, J. S. **Caminhada no chão da noite: emancipação política e libertação nos movimentos sociais do campo**. São Paulo: Hucitec, 1989.
- MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MENDES, M. C. S. **O trabalho análogo ao escravo e a existência digna: os instrumentos processuais de tutela coletiva dos direitos sociolaborais dos empregados da alta mogiana**. 2016. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2016.
- MENEZES, L. C. Metáforas de semelhança na construção de referentes discursivos: qual a orientação argumentativa? **Revista da Abralin**, Ceará, ed. 9, n. 1, p. 107-128. Jan./jun. 2010.
- MEOTTI, J. P. **Gênero sob uma perspectiva decolonial de educação linguística crítica**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias) – Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2020.

MIGNOLO, W. **Histórias locais/projetos globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MIGNOLO, W. D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 33-49.

MILTON, S. **O país distorcido:** o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação da linguística à Linguística Aplicada indisciplinar. *IN:* Pereira, R. C.; ROCCA, P. (Org.). **Linguística aplicada:** um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. *In:* MOITA LOPES, L. P. (org). **Por uma Linguística aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 85-166.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de linguística aplicada:** a natureza social e educacional dos processos de ensino/ Aplicada aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de letras, 1996.

MOITA LOPES, L. P.; FABRÍCIO, B. F. Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em Linguística. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 17, n. 4, p. 711-723, dez. 2019.

MOLINA, A. G. P. **Criminologia:** introdução a seus fundamentos teóricos. São Paulo: RT, 1999.

MOREIRA, A. **Racismo recreativo.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

MOURA, C. **O negro, de bom escravo a mal cidadão?** Rio de Janeiro: Conquista, 1977.

MOURA, C. **História do negro brasileiro.** São Paulo: Ática, 1992.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *IN:* PENESB. **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira.** Niterói: EdUFF, 2000.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: 3º SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO, [artigo online]. 2013, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>. Acesso em 28 de jun. 2021.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro:** processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, E. L. (org.). **Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2014.

NASCIMENTO, G. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NOGUEIRA, S. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2020.

OLIVEIRA, H. F. **Esculpindo a profissão professor: experiências, emoções e cognições na construção das identidades docentes de licenciandos em letras**. 2013. Tese (Doutorado em Estudos Linguístico) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

PAIVA, M. V. S. **Se é negro é suspeito, se é suspeito é negro: uma análise discursiva da produção de suspeita em notícias da folha de S. Paulo**. 2015. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-raciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow, Rio de Janeiro, 2015.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (org). **Por uma Linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67-83.

PEREIRA, N. D. **A trajetória dos negros brasileiros: da escravidão a aplicação da lei 10639 no espaço escolar**. 2015. Monografia (Especialização em Educação para as Relações Étnico-raciais) – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

PIRES, M. F. N. Cartas de alforria: “para não ter o desgosto de ficar em cativo”. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 52, p. 141-174, dez. 2006.

Quijano, A. Colonialidad y moerdidad/racionalidad. **Instituto Indigenista Peruano**, v. 12, n. 29, p. 11-20, 1992.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 107-130.

RABUFFETTI, M. S. C. **Breve ensayo acerca de las principales escuelas criminológicas**. Buenos Aires: Fabián J. Di Placido, 1999.

RAJAGOPALAN, K. Por uma Linguística Crítica. **Línguas e Letras**, Cascavel, v.8, n.14, p. 13-20, jan./ago. 2007.

RESENDE, V. M. **Análise de discurso crítica e etnografia: o movimento nacional de meninos e meninas de rua, sua crise e o protagonismo juvenil**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

REZENDE, T. F.; SILVA, D. M. Desobediência linguística: por uma epistemologia liminar que rasure a normatividade da língua portuguesa. **Revista Porto das Letras**, Tocantins, ed. 04, n. 01, p. 174-202, jan. mar., 2018.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, R. I. **Alma africana no Brasil: os iorubás**. São Paulo: Oduduwa, 1996.

RIBEIRO, T. F. R. As favelas e o direito à cidade: histórico de negação e perspectivas para implementação futura. **Revista de Direito da Cidade**, Rio de Janeiro, ed. 05, n. 01, p. 50-64, 2013.

RODRIGUES, F. Racismo Cordial. *In*: TURRA, C.; VENTURI, G. (Org.). **Racismo cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil**. São Paulo: Ática, 1995. p. 163-165.

SANTOS, A. P. Novos olhares sobre a história da África e sua cultura. **Revista AÚ**. [Revista Eletrônica], v. 1, n. 1, p. 30-34, agosto, 2019. Disponível em: <https://publicacoes.degase.rj.gov.br/index.php/revistaau/article/view/14>. Acesso em 30 de junho de 2021.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SANTOS, J. T. **O poder da cultura e a cultura no poder: a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2005.

SANTOS, J. V. **Liberdade na escravidão: uma abordagem semântica do conceito de liberdade em cartas de alforria**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SANTOS, S. A. **Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. Ed. 2, São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, L. A. **As bases corporais da gramática: um estudo sobre conceptualização e metaforização no português brasileiro**. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

SILVESTRE, V. P. V. **Práticas problematizadoras e de(s)coloniais na formação de professores/as de línguas: teorizações construídas em uma experiência com o PIBID**. 2016. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”:** raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SOUSA, N. S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

THOMPSON, E. P. **Formação da classe operária inglesa:** da árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TSE, Tribunal Superior Eleitoral. **Mulheres representam apenas 12% dos prefeitos eleitos no 1º turno das eleições 2020.** Digital, 24 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2020/Novembro/mulheres-representam-apenas-12-dos-prefeitos-eleitos-no-1o-turno-das-eleicoes-2020>. Acesso em: 09 de dezembro de 2021.

URZÊDA-FREITAS, M. T. **Letramentos *Queer* na formação de professores de línguas:** complicando e subvertendo identidades no fazer docente. 2018. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2018.

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: ZAHAR, 1979.

YAZBEK, M. C. **Classes subalternas e assistência social.** São Paulo: Cortez, 2006.

## REFERÊNCIAS MUSICAIS

ELNIÑO, T. **Pedagoginga.** Volta Redonda: Espaço Criativo Casa: 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lEM-zYi7hcs>. Acesso em 28 jun. 2021.

EMICIDA; NAVE. **BOA Esperança.** Santana: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AauVal4ODbE>. Acesso em 14 de jul. de 2021.

EMICIDA; DONA ONETE; JÉ SANTIAGO; PAPILLON. Santana: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_zaqRm73GCo](https://www.youtube.com/watch?v=_zaqRm73GCo). Acesso em 08 de ago. 2021.

## APÊNDICE A

### QUESTIONÁRIO DE DISCUSSÃO

27/08/2021

Levantando os dados para as discussões

#### Levantando os dados para as discussões

Quero primeiramente agradecer a vocês por participarem desta pesquisa. Esse questionário é parte integrante de um projeto de pesquisa de Mestrado, o qual possui a finalidade de discutir e reconhecer o posicionamento de cada um a respeito das diversas formas de produção e reprodução do racismo em nossa sociedade.

Por favor, preencha o questionário. Vale ressaltar que não existem respostas corretas ou incorretas, o que será levado em consideração são suas opiniões sobre o assunto e seus posicionamentos.

A seguir, apresento algumas perguntas, com a finalidade de lhes conhecer melhor, suas relações sociais (onde vivem e com quem vivem), seus hobbies (o que gostam de fazer), e também o que vocês conhecem e pensam sobre o racismo.

Não se preocupem, as informações prestadas aqui, são somente para catalogar e produzir conversas que todos nós se sintam inseridos.

Desde já, agradeço imensamente por sua ajuda e sua participação. O que você pensa é importante para esta pesquisa.

Dito isso, vamos às perguntas...

Paulo César Nascimento

---

#### \*Obrigatório

1. Qual o seu nome completo?

---

2. Diz um pseudônimo que você goste? (é um apelido que será utilizado para não expor seu nome real na pesquisa) \*

---

---

---

---

---

3. Agora me diz um pseudônimo (apelido) que você não gosta. \*

---

27/08/2021

Levantando os dados para as discussões

4. Você mora com quem?

---

---

---

---

---

5. Onde você mora?

*Marcar apenas uma oval.*

- Zona rural
- Zona urbana

6. O que você gosta de fazer nas suas horas vagas?

---

---

---

---

---

7. Qual o seu sexo? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Masculino
- Feminino

27/08/2021

Levantando os dados para as discussões

8. Qual o seu gênero? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Heterossexual (gosta do sexo oposto [diferente] ao seu)
- Homossexual (gosta do sexo análogo [igual] ao seu)
- Outro: \_\_\_\_\_

9. Você se considera: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Pardo
- Negro
- Indígena
- Amarelo (origem asiática)
- Branco

10. Qual sua idade? \*

\_\_\_\_\_

11. Você já ouviu falar de quais termos do racismo?

*Marque todas que se aplicam.*

- Racismo recreativo
- Racismo religioso
- Racismo Cultural
- Racismo Estrutural
- Racismo Institucional
- Racismo Linguístico
- Nenhum

Outro:  \_\_\_\_\_

27/08/2021

Levantando os dados para as discussões

12. Me conte aqui algo que você gostaria de falar sobre o racismo. \*

---

---

---

---

---

13. Você já presenciou algum ato racista? Se sim, me conte sobre ele? (sofreu ou viu alguém sofrendo racismo) \*

---

---

---

---

---

14. Qual estilo musical você mais ouve?

*Marque todas que se aplicam.*

- Funk  
 Rap  
 Rock  
 Pop  
 Sertanejo

Outro:  \_\_\_\_\_

15. Me conte quais são suas referências musicais?

---

---

---

---

---

27/08/2021

Levantando os dados para as discussões

16. Tem algum tema em especial sobre o racismo que gostaria de saber mais? \*

---

---

---

---

---

17. Qual é o melhor dia para os nossos encontros virtuais? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Segunda-feira
- Terça-feira
- Quarta-feira
- Quinta-feira
- Sexta-feira

18. Qual o melhor período para os encontros? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Matutino (cedo)
- Vespertino (tarde)
- Noturno (anoite)

19. Tem alguma coisa que você gostaria de saber, falar, ou discussão que queira levantar e não foi abordado neste questionário?

---

---

---

---

---

## APÊNDICE B

### TRANSCRIÇÃO PRIMEIRO ENCONTRO (1) 68,00 MINUTOS DE ÁUDIO

**P – Pesquisador**

**IN – Integrante das discussões**

**01 P:** Então... o título da fala de hoje é... não basta não ser racista é preciso ser antirracista... qual que é a ideia... porquê é o seguinte... muitos de nós dizemos que não somos racistas... certo?... pelo menos a grande maioria... porém as pessoas esquecem que;; tudo que nós fazemos agimos ou falamos é fruto de uma história antecessora... alguém ou algo ou alguma coisa influenciou na nossa vida... consequentemente influencia em nossas atitudes do dia a dia... primeiro a gente tem que levar em base o que?... essas nossas aulas... elas são... serão... produzidas de forma historiográfica... oque que é isso?... serão produzidas de forma que a gente a entender o que é o racismo... onde ele surgiu... como ele surgiu... e porque ele surgiu... então;;... lá; no início... a muito tempo atrás... e nós vamos fazer um caminho durante esses oito encontros... que a gente terá... que são maio e junho, né?... que são os encontros da professora (X)... então vamos fazer esse trajeto... vamos para a primeira conversa que;;... eu quero produzir com vocês... nos informando sobre o racismo... qual que é a ideia?... pra gente ser antirracista... a gente tem que entender quando surgiu e porque surgiu o racismo... o primeiro fato é esse... quando e porquê? Quando surgiu o racismo?... alguém de vocês tem uma noção de quando surgiu o racismo?... e porquê surgiu?... podem falar... o que vocês quiserem...

**02 BARTH:** Assim... assim... no... meu ponto de vista... eu acho que;;... não sei... talvez eu possa estar errado... mas eu penso que;;...eu acho que não existe uma data certa especifica... porque assim... talvez pode falar que começou... lá com... o tráfico negreiro lá... né... mas não... acho que... porque tem que ser o negro?... pra ser vendido como escravo... pra mim é uma... é algo que já vem com a humanidade... já tem muito tempo... entendeu?... assim... não sei que;;... talvez eu posso não estar certo nesse posicionamento... sabe...

**03 P:** Então (X)... vamos pensar aqui... igual você até perguntou na sua fala... você disse... e;;... porquê o negro? D'onde surgiu essa ideia que o negro tinha que ser escravizado... cês já pararam para perguntar isso?...

**04 BARTH:** não... talvez acho que porque é assim... povo tinha... tem né... até hoje... tem essa noção de que o negro... é uma pessoa forte... pau pa toda obra... né... pra trabalhar tem que ser um negro... sei lá... para fazer aquele serviço bruto... né por que... muitas vezes né... pelo fato de ser assim... tipo... de... pele preta né... eram considerados assim;;... ágeis para esse tipo de serviço... e precisava de... é;;... de;;... com essa... vamos dizer... com esse biotipo... de ser forte... entendeu?... e eu acho que eles associam o negro a essa ideia...

**05 JUBINHA:** Professor...

**06 P:** Oi?

**07 JUBINHA:** Eu posso dar meu ponto de vista também?...

**08 P:** Claro;;... por favor...

**09 JUBINHA:** Pra mim... assim... pelo o que eu... entendo mais ou menos... pra mim o...o... racismo... na parte onde... a igreja... é;;... veio com a ideia de que o branco... vem... do sinal de clareza... de tipo... a... coisa é tipo... de deus... coisa abençoada... e tal... e u;;... preto... negro... u;;... a cor escura... viesse

de... é;;... de coisa ruim... de;;... de;;... de coisa ruim... de trem ruim... de alguma coisa assim... de inferno e tal... pra mim começou nessa época... onde tipo... a igreja começou... tipo... interferir na;;... na ideia das pessoas...

**10 P:** Sim... os dois posicionamentos... a gente... por isso que é importante nos informar sobre o racismo... tá vendo... a (X) trouxe essa ideia... porém (X)... se a gente parar para pensar... da onde que surgiu esse pensamento... tá vendo que;;... por exemplo... quando;;... que as pessoas chegaram na ideia que... de que o branco... era relacionado com clareza... purificação igual a (X) disse né... e o preto era relacionado a... com... uma ideia ruim... uma ideia pejorativa... e é justamente isso que a gente tem que problematizar... igual a (X) pontuou o (X) pontuou também... a (X) pontuou muito bem... muito bem mesmo essa relação da igreja... só que agora pessoal... a gente tem que entender o seguinte... a partir de agora quando eu citar a igreja... e citar a religião... principalmente a cristã... aqui... eu não estou falando da religião cristã de hoje... não estou falando mal das pessoas que seguem essa fé... que acreditam nesse deus... entendeu?... eu estou falando d'uma história passada... daquilo lá atrás... lá;; no passado... então... a gente tem que entender isso... tá?... Então (X)... quando você diz... a respeito... que quando começou isso... a igreja tinha uma ideia do;;... branco e do preto... do negro... então... onde que a gente pode entender... que. Hoje em dia... essa ideia ainda tá perpassada no nosso subconsciente... oque que é isso... a gente muitas vezes... teve até respostas no questionário que dizia isso... que a gente... muitas das vezes... a gente pratica algum ato racista... e a gente nem percebe... porque? Porque que a gente não percebe?... de onde veio isso?...

**11 JUBINHA:** Porque... na nossa língua materna mesmo... várias palavras são usadas de forma preconceituosa... e ninguém percebe...

**12 P:** E porque que a gente utiliza essas palavras? ... preconceituosas... e d'onde que elas surgiram... e porque elas estão introduzidas aqui hoje... aqui na nossa língua portuguesa brasileira?...

**13 JUBINHA:** Bom... eu não sei te falar... mais ou menos quando ela surgiu... e tal... mas... tipo... ela veio... mais ou menos... ela foi incluída devagarzinho... sem ninguém perceber... tipo... claramente... vem de claro... branco... luz... ou seja... refletindo que uma pessoa... uma pessoa não... o que for claro... é uma coisa boa... agora;;... quer ver. esqueci a outra palavra que eu queria usar... é;;... aí... fugiu da cabeça... mas uma palavra mesmo que... utiliza... é;;... esqueci a palavra em si... mas tem palavras que... meio que negro que preto alguma coisa... que foram juntadas em nosso português sem a gente saber... e;; praticamente só a gente estudando... a gente levando isso em conta... que a gente vai saber que tipo... são palavras meio que racistas... é;; minha mãe mesmo... ela é professora... uma vez fui na aula com ela... e a professora tava tipo... falando... e eu parei para reparar que isso é verdade... a gente fala algumas coisas que... é;; tipo... no sentido... é;;... racista tipo... aí;; trabalho de preto... isso é coisa de preto... não sei o que... isso são coisas do nosso cotidiano... do nosso dia a dia... que foram... que tipo... são coisas preconceituosas e o povo fala e não tá nem aí... pelos sentimentos das outras pessoas... pela cor das outras pessoas... e tal... pra mim... é isso.

**14 P:** Então, olha para vocês verem... qual é a língua que a gente falava... a gente não né... mas os nossos antepassados... falavam aqui!... nesse continente nosso que hoje a gente chama de américa latina... vocês sabem?

**15 JUBINHA:** A língua indígena... eu acho que tupi né... no caso...

**16 P:** Sim, e não só a língua tupi... sabe... a gente era povoado por diversos povos indígenas... não só um... tinham outros... e isso... o que acontece... fez com que a gente... é;; falasse esse português... de onde veio esse português?... De que local?...

**17 JADE:** Bomm... veio... assim... quando os portugueses vieram colonizar... a tipo... nós... vários indígenas tiveram que aprender a língua portuguesa deles... porém... foi com vários povos vieram morar aqui... que foi criando a nossa língua portuguesa que... é o brasileiro né... porque em si mesmo... ela não é toda de portugal...

**18 P:** Sim, pra vocês verem essa diversidade que temos aqui hoje... as diferentes culturas... diferentes crenças... é fruto de uma história anterior... isso é a heterogeneidade... elas vieram para o Brasil... vamos falar Brasil aqui... mas naquela época não se chamava Brasil ainda... e essa língua portuguesa foi introduzida para os indígenas aqui... quando os portugueses chegaram aqui... começou essa ideia de que... os povos que aqui habitavam eram bárbaros... o que significa isso? Bárbaros?... o conceito... quem deu o nome de bárbaros para esse povo... alguém?...

**19 JUBINHA:** Pessoas rudes... sem conhecimento... é;; pessoas que não tinham conhecimentos sobre nada e tal... alguma coisa do tipo...

**20 P:** sim, só que... qual foi o ponto de vista... quem foi que falou que essas pessoas eram barbaras?... quem determinou... não vocês são bárbaros... a partir de qual ponto de vista?...

**21 BARTH:** Não gente... eu lembro da aula de história... pera aí... Jesus... eu to lembrando aqui... puxando na cabeça... pera aí... eu to com a cabeça ruim... mas eu estudei isso... pera aí... bárbaros era tipo assim... povo que não era do meu povo... ai... eu esqueci... to me lembrando aqui...

**22 P:** Que não era do meu povo?... que povo que era?... quem que disse isso?... tem uma ideia por detrás disso... agora a ideia é vocês queimarem um pouco dos neurônios de vocês... a história foi quase sempre contada por um ponto de vista... e que ponto de vista era esse?...

**23 BARTH:** Dos portugueses... europeus...

**23 P:** sim... os bárbaros... elas eram bárbaras ao ponto de vista europeu... então ai que se formou toda essa relação do preto ser relacionado a algo ruim... e o branco ser relacionado a algo bom... porque?... qual era a ideia de um europeu sobre corpo?... personificação... o corpo mesmo... como é a fisionomia desse povo?... a aparência deles... Vamos pensar o meio institucional nosso... quando a (X) disse na aula da professora que queria fazer medicina... mas... o poder aquisitivo... o dinheiro... não da essa oportunidade... vamos pensar o racismo institucional... quando vocês vão... vai... ou iam ao hospital... como é a aparência do médico... você já pararam para observar a cor da pele do médico, seu corpo num todo?...

**24 RUIVINHA:** uai... muitas das vezes... ele aparenta ser branco... rico... gordinho... barrigudo... ((risos))...

**25 JUBINHA:** são pessoas brancas... com o cabelo lisinho... muitas vezes olhos claros...

**26 P:** Vamos pensar agora... quantos por cento da população brasileira é parda e negra?...

**27 JUBINHA:** eu acho que a maioria da população é preta e parda...

**28 P:** sim, a grande porcentagem da população brasileira é negra e parda... a maioria da população... tem estudos que falam que é 51% e outros que dizem ser mais... ou até mais... vai depender da pesquisa... porque... existem muitas pessoas que ainda não se conhecem como negras ou pardas... muitos ainda querem ser vistos como brancos... quando eu era pequeno... me encaixava nesse grupo... porque... o pessoal ficava zombando... brincando com minha aparência e tal... e eu não queria ser visto como negro... queria ser visto como branco... sabe... hoje... eu já tenho uma percepção totalmente diferente... porque aquilo me machucava... e eu em sabia... agora... com as ideia mais madura... eu me vejo como preto...

**29 BARTH:** Professor... eu também... assim... quando eu fui me inscrever no ENEM... eu também tinha esse dilema... pra saber se;;... porque assim... eu também sou de um tom de pele mais claro... assim... ai... mas assim... eu so;;... negro... só que eu ficava naquela dúvida... mas gente... é porque a gente tem a mania de fala moreno né... fulano é moreno... ai quando você vai preencher alguma coisa... não tem

pra gente marcar lá moreno... entendeu... aí eu fui atrás... gente eu tenho que saber... ai eu fui e olhei... assim... eu sou negro... eu... eu... assim... eu tive que me inscreve como negro... entendeu... essa é minha raça...

**30 P:** Essas atitudes acabam construindo em nós uma atitude antirracista... e tipo... quando você era mais novo... ou até mesmo agora... alguém já te chamou de pretinho... tipo... zombando mesmo... ou algo do tipo... se você não quiser dizer isso... tudo bem... porque comigo isso já aconteceu... por isso que eu não gostava de me identificar como preto sabe... quando eu era mais novo as pessoas ficavam me xingando... zombando da cor da minha pele... teve uma vez... uma vez que me marcou muito... foi que eu estava na porta da minha casa brincando... aí... tinham muitas crianças ali comigo... e uma pessoa um pouco mais velha... eu era o único preto sabe... aí... tinha uma árvore de sete copa sabe... que dá uns coquinho piqueno e tal... e essa pessoa mais velha pegou um desses coquinhos e tacou pra acertar o muro de uma casa... só que;;... acabou indo para dentro da casa... nisso o dono da casa já saiu louco lá de dentro... bravo e tal... como que faz isso... quem que fez isso... o cara teve a capacidade de pegar... e falar... ah foi você né seu pretinho... e nisso ele já começou a brigar comigo e bravo e tal... ai quando a fé essa outra pessoa mais velha que tava comigo lá... branca... pegou e falou assim... não num foi ele não foi eu... o cara enfiou o rabo entre as pernas e saiu caladinho... foi embora... com o branco ele não falou nada... agora comigo... ele tentou me rebaixar de todas as formas... e essa cena me marcou... porque tipo... eu tinha o que... uns 10... 9 ... anos mais ou menos... e hoje tenho 24 e eu lembro disso até hoje... porque tipo... se não me marcasse eu nunca lembraria disso hoje...

**31 BARTH:** Não tipo... quando eu era criança tava brincando cum... amiguinho... ai... acho que... teve alguma divergência entre nós dois... mas assim... ai ele foi e me chamou... ele... ele era... ele é de cor branca né... e ele foi... tipo assim... a;;... pretin... neguin... não sei o que... não;;... por exemplo assim ó... aqui em casa... as minhas tias os meus tios... assim ó... meu pai... puxou a minha vó... que é de tonalidade negra... e meu vô... quando ele casou com minha vó... ele é branco do olho claro... entendeu... então tipo assim... quando eu falo assim... sou subrin da;;... tipo assim... minha tia é bem ruiva assim... ruiva mesmo... aí as pessoas num acredita que eu sou subrin dela... por causa disso... entendeu... e aqui a gente tem muito essa mania assim.. minhas tia me chama assim... de meu nego... meu preto... é... pretin da tia... neguin... essas coisas sabe... mas assim... a gente vê que é de uma forma carinhosa sabe... meu preto... assim... e tipo... ai esse dia esse minino me chamou... assim... num tom beemm... entendeu... que você via que era assim... racismo... e a gente era criança... ai por isso que eu falo que... isso ó... vem com a gente ó... por exemplo assim ó... esses dias... é;;... o... a... a minha prima tem uma filha piquinininha... né... criancinha... e ela... demonstrou... ela tem 4 anos se eu não me engano... demonstrou algum pensamento racista... e minha prima falou... uai mais eu nunca ensinei isso pra ela... né... eu nunca falei assim... eu... nem o pai dela... nunca demonstrou esse tipo de coisa perto dela... ai que que minha prima fez... minha prima foi lá... e comprou uma boneca negra... pra ela entendeu... e ela foi... e apegou di mais com a boneca... uma forma assim de... mostrar entendeu... que existe sim diferença no mundo... cada um tem a sua verdade... cada um tem sua raça... cada um tem as suas ideologias... e que a gente tem que aprender a respeitar a cada um um... tendeu... porque isso... a gente tem que aprender a conviver no mundo entendeu... o mundo tá ai... por exemplo... quando a pessoa as vezes comete um racismo... cum tom de brincadeira... ai vai fala... a eu não sabia... a gente tá no século 21... ce entendeu... não tem mais desculpa... de falar... ah eu não sabia... entendeu... a gente tem que se informar... a gente tem que cuidar... pra gente não replicar certas ações... entendeu...

**32 P:** Sim, concordo completamente com você (X)... pensando agora o ocorrido com sua priminha... você ou... sua prima... buscou tentar... é;; perceber de onde veio esse pensamento e essa atitude da sua priminha?...

**32 BARTH:** assim, como eu falei... na hora eu não presenciei isso... minha prima que me contou né... que... aconteceu isso... minha prima falou que na hora tentou buscar... tipo assim... meu deus... será... que... né... mas ela falou que nunca lembra de ter comentado algo do tipo... tipo de brincadeira... perto dela... entendeu... mas assim... criança... é uma coisa muito esperta né... escuta um trem aqui... ó... ó... depois matuta aquilo... entendeu... talvez assim... aquilo vai crescendo se a gente não corrigir... a pessoa vai... né... vai criando isso...

**33 P:** perfeito, tipo... agora vamos buscar entender... a última pergunta desse slide... o que cada um de nós... faz... tem feito... para construir uma luta antirracista no nosso dia a dia... que está intrínseca mesmo... que muitas vezes a gente nem percebe... tipo... a priminha do (X) mesmo... porque ela fez isso?... de onde veio isso... sendo que eles tem a tonalidade de pele escura... onde ela escutou isso... pra replicar... tá vendo... tem alguma coisa por detrás disso... que a gente talvez nem esteja percebendo... tem algum discurso... algumas ideias... por detrás... então a gente tem que pensar essas coisas... tem uma ideia... intrínseca em algumas pessoas hoje... é aquela ideia de que hoje tudo é racismo... então a gente viu aqui que a língua portuguesa... o racismo... veio lá de trás... quando uma pessoa branca se caracterizava como sendo melhor que o outro... e foi perpetuando isso... nesse discurso... e de onde foi que surgiu essa ideia de que o branco era melhor que o negro... como que o branco chegou nessa conclusão... muitas das vezes a gente nem para pensar nisso... como que o branco chegou nessa conclusão... de onde veio isso... será que a gente tem alguma história que talvez a gente não sabe... será que tem um pensamento interno a nós... que a gente transmite sem a gente perceber...

**34 BARTH:** verdade né professor...

**35 JUBINHA:** naquela época mesmo... as pessoas de tom negro... era caracterizada pessoas sem alma... a pessoa tipo... ah você é preto você não tem alma... você não tem sentimento... você não tem coração... você não tem nada... você é só aquilo e pronto... você é feito pro trabalho escravo e pronto... as pessoas brancas foram sempre levadas mais pro lado poético e tal... e as pessoas de pele negra não... elas foram retratadas como pessoas só para trabalho... pessoas muito forte... sem sentimentos e sem alma...

**36 BARTH:** Não professor tipo assim... é;; é;; tipo... se eu num me engano foi ano passado... é... ano passado... a gente viu um filme na aula de história... que a gente estava estudando escravidão... certo... e a gente viu um filme muito bom... 12 anos de escravidão... ele retrata muito esse negócio do negro ser visto sem alma... como um objeto entendeu... é muito bom esse filme... muito muito muito bom...

**37 P:** é muito bom a gente pensar... começou ali... quando o negro era visto sem alma... e porque hoje a gente vê uma pessoa brincando brincando entre aspas né... porque ele fala que está brincando mais tem alguma coisa por detrás disso... que na verdade ele tá tentando falar e demonstrar superioridade né... querendo ser melhor do que o outro... normalmente essa pessoa tem a pele bem clara... nem vou falar que é branco... porque o branco é aquele povo lá da europa... américa do norte no Canadá ali e tal... porque aqui não existe pessoa branca mesmo...

**38 BARTH:** é verdade...

**39 JUBINHA:** é que nem questão de prova mesmo... que;; que;; pergunta... ah mais... qual que é sua cor... qual que é sua raça... eu não sei se eu ponho branco... eu não sei se eu ponho pardo... eu não sei de nada... porque as maioria das vezes... eu coloco tipo... vo pô... ponho branco... ai a pessoa pega e diz... a mais você não é branca... não sei o que... não sei o que... ai eu coloco pardo... a mas você nem chega perto de ser pardo... ai eu fico tipo... meio... então o que que eu ponho... ((risos sem graça))... tipo... é meio estranho... sabe... porque;; e às vezes também eu acho que tipo... racismo mesmo... vem a maioria das vezes de berço... porque a pessoa fala assim... é;; a criança vai lá e faz alguma coisa... ai a pessoa fala assim... ah mais ela é criança... deixa ela... depois quando crescer aprende... aprende não... continua do mesmo jeito...

**40 BARTH:** é... verdade...

**41 P:** justo... por isso é importante a gente fazer alguma coisa né... e o que a gente faz... o que podemos fazer então... para desconstruir essas conversas... que não pode... não precisa... conversar sobre o racismo... deixa que é criança... que ela aprende com a vida...

**42 JUBINHA:** por exemplo assim professor... é;; não e assim... uma das consequências do racismo em si... para uma pessoa que sofre... ela começa a se diminuir... começa a não querer viver a sua história...

a sua verdade... por medo... de sofrer ainda mais... por exemplo... é; muitas vezes as pessoa associa que o negro a negra não pode ser um médico... e quando tem alguém nessa área... assim... particularmente... aqui eu nunca fui atendido por um médico negro... eu nunca fui... e isso reflete sim... porque assim... talvez a pessoa cria tanta insegurança... tanta é; vamos dizer assim... ganha... ganha tanta;... é; sentimento de inferioridade que não... não quer buscar algo a mais pra si...

**43 GOIANO:** e quando você é atendido por um especialista da cor negra... você fica pensado... as vezes... a maioria das vezes... a pessoa fica pensando... hum;;... será que faz um trabalho bom... será que é profissional mesmo... fica com aquela ideia tipo... será...

**44 JUBINHA:** é porque é igual eu falei... tipo assim... o povo ta associando negro naquele serviço brutu... né... naquele serviço lá terrível né... ai professor isso é terrível...

**45 P:** a gente precisa problematizar isso sabe... tipo... porque essas pessoas elas estão nesses espaços... e não estão por exemplo nos espaços... digamos de status... que é por exemplo... o médico...

**46 BARTH:** e assim... só... enfatizando aqui uma coisa... ai; por exemplo assim... é meu ponto de vista... ai vem lá gente... por exemplo... vem fala... ah... não pode ter cota... não pode ter aquilo... que isso é jeito de tirar a vaga de quem estudou... não sei o que... não... eu acho que isso é uma forma de ta incluindo... e de alguma forma... ta contribuindo pra essa realidade do poco entendeu... e ter mais pessoas que tem acesso... indígenas... eu mesmo... eu venho de família indígena também professor... eu tenho indígena na minha família... assim... por eu... pelo fato... assim; o meu cabelo é assim... liso entendeu... liso... entendeu... e assim... é uma... é pessoas que não teve uma oportunidade de vida entendeu... assim... meus antepassados são pessoas assim que;; por exemplo... é; os irmãos da minha vó... de 11 filhos... só tem uma que tem ensino superior... entendeu... isso é muito pouco assim... tem só uma tia minha que conseguiu formar... e a gente tem que desconstruir isso mesmo... a gente tem que buscar nosso espaço na sociedade... a gente tem que lutar... por nossos objetivos e nossos direitos né...

**47 P:** com toda certeza... é extremamente importante a gente desconstruir esse imaginário... aí... pensando nisso... a gente começa a enxergar a negritude... nos espaços... e a onde a gente enxerga ela... onde vemos ela... e porque vemos ela só nesses espaços... igual o (X) falou... quando ele vai ao hospital e nos postos de saúde... os únicos negros que ele vê trabalhando são os recepcionistas e as faxineiras... ali é uma instituição... uma instituição ainda pública... que deveria ter espaço pra quem... quem deveria ser os médicos desses ambientes... não seria correto para os que possuem menos acessos e menos privilégios?... e quem são essas pessoas que possuem menos acesso e menos privilégio... onde essas pessoas estão inseridas... está tão naturalizado isso... que a gente nem percebe... não problematiza... a gente pensa.. a isso é normal... naturalizou isso como normal pra gente... e não problematizamos isso...

**48 JUBINHA:** pelo tempo que eu te conheço professor... na época mesmo... que a gente se conheceu e tal... ce lembra que eu era um pouco meio racista né... eu fui mudar essa visão racista a pouco tempo... eu era muito racista mesmo... e tipo... uma pessoa morena chegar perto de mim eu ficava tipo... meio que... meio que escandalizada sabe... porque... na... de convivência com outras pessoas você acaba pegando atitudes racistas de outras pessoas... e ai tipo... quando eu te conheci fiquei tipo... será que eu faço amizade... será que não... e tal... e hoje em dia não... hoje em dia tipo... eu levo a pessoa de cor morena... negra e tal... como... tipo... como uma... como se a pessoa fosse de pele branca... porque pra mim... hoje em dia... depois de ter derrotado essa ideia racista... a pessoa de pele negra ou de pele branca... não importa... o que importa é o caráter dela mesmo... mas que eu já fui muito racista e que já prejudiquei muita gente por causa do meu racismo... sim... já prejudiquei bastante...

**49 BARTH:** professor, por isso que é importante a gente ter esses embates aqui... pra... desconstruir... né... isso é muito importante...

**50 P:** sim, conversar né... a gente tem que conversar sobre isso... e tipo (X) até me arrepiei com sua fala aqui... ((risos))... e tipo... não adianta a gente falar que não somos racistas... porque a gente já foi alguma vez... a gente vai ser alguma outra vez nas nossas vidas... só que não percebemos... o que é isso... é o

racismo estrutural que iremos conversar sobre em algum encontro... precisamos discutir sobre isso... problematizar... é igual o (X) disse... por isso é importante a gente conversar sobre isso... é preciso problematizar isso nas nossas relações sociais... durante o nosso dia a dia... por exemplo... quando vemos alguém na rua... porque a gente tem mais medo de uma pessoa com uma aparência negra e menos medo se assim pode-se dizer... de uma pessoa com aparência branca... de onde veio isso... tá vendo... vamos enxergar a negritude... porque temos medo de algumas pessoas e não de outras... de onde veio isso.. vamos pensar... quais são os países de referências para nós?... exemplo... se vocês pudessem escolher de nascer em outro país... que países vocês gostariam de nascer?...

**51 JUBINHA:** eu queria nascer na europa... tipo... não sei o porque... tipo... pra mim é um país que eu gostaria... mas se você for levar em consideração a isso... você vai ver tipo... vamos ver onde é que a gente vai nascer... a gente vai nascer tipo... na África... não... na África não... na África vai sofrer... então vamos nascer na europa... na Ásia... em algum lugar do tipo...

**52 P:** e porque a gente tem esse pensamento... que esses países são melhores para se viver... que... não existe corrupção lá... que isso só existe aqui no Brasil...

**53 BARTH:** talvez... que é porque assim... é;; o Brasil também é muito associado... vamos dizer assim... pobreza também absurda não é... em vista de outros países... assim... a gente tem que falar né... por exemplo... a gente... a maioria das pessoas... lógico que existe pessoas e muita miséria ainda... no Brasil... existe muita família assim... naquele estado de calamidade mesmo... mas assim... se a gente for levar em consideração só nossa estatística de... outros lugares por exemplo... o Brasil até que não é tanto... igual os países lá da África né... não é taõ... assim... o senhor entende né... talvez aqui a gente ganha mais pelo trabalho... mas tem países que superam os países nessas estatísticas né... e a maioria é vinculada na europa... a maioria é vinculada nos países da américa do norte né... talvez é por isso que o povo tem ainda um pouco dessa ideia... essas coisas assim...

**54 JUBINHA:** (X) mas tipo assim... deixa eu te falar... já percebeu que quando vem um gringo para cá... tipo no Brasil... as pessoas ficam perguntando... a mais porque que você veio... não sei o que... que que deu na sua cabeça de vim logo pro Brasil... porque você não foi pra outro lugar... a gente mesmo tem uma concepção de que o Brasil é um lugar horrível...

**55 BARTH:** não pior que isso é verdade... a gente cria essas coisas na cabeça... que... que é muito ruim... não... mais assim falando... é;; ecologicamente é;; florestamento... assim... é um país muito rico... é um país muito... assim... lindo né... aquelas praias do nordeste... é um país muito lindo assim... um dia vou ter a condição que... eu vou visitar o nordeste inteiro... que eu quero... começando por Natal... que eu sou apaixonado... que eu sou apaixonado... tenho vontade de conhecer... eu quero desfrutar do brasil... porque o Brasil ele é lindo...

**56 P:** a gente tem que parar para pensar essas relações... tipo... quando a gente vai comprar um perfume... quais são as marcas e de onde são essas marcas que a gente tem vontade de ter...

**57 JUBINHA:** da linha francesa... com certeza... eu amo...

**58 BARTH:** se a gente tivesse condição de comprar aqueles de seiscentos conto mil conto... ah vai falar que não... que não ia comprar... não pode ser hipócrita e falar que não tem vontade né... ((risos))... porque... vontade tem... falta é dinheiro... ((risos))...

**59 P:** justamente... a gente está falando da vontade... e porque a gente tem essa vontade... de onde veio isso...

**60 JUBINHA:** a não sei... porque tipo assim... parece que eles são melhores sabe... do que os nossos mesmos...

**61 BARTH:** é verdade... amigo... sociedade impoís isso... e a gente acredita que eles são os melhores...

**62 P:** se a gente começar a problematizar isso... vamos pensar nas roupas por exemplo... aquelas ditas de marcas... de onde vem essas roupas... essa vontade de comprar elas...

**63 JUBINHA:** na verdade a camiseta que custa oitocentos reais é vendida praticamente por trinta em outros lugares... só que... por uma etiqueta colocando a marca lá... a pessoa tem coragem de pagar... vamos supor... uma bolsa até quinze mil reais ou mais porque é uma marca... a pessoa tá comprando a marca e... não o produto... porque o mais caro é considerado melhor...

**64 P:** não tanto é porque é o mais caro... tipo.. de onde são essas marcas?...

**65 BARTH:** Europa estados unidos...

**66 P:** pensando nisso... vocês acham que a colonização acabou?... vocês acham que hoje ainda não somos colônias desses países?

**67 BARTH:** é professor... eu acho que sim... como eu acabei de citar que a gente é ecologicamente muito rico... a gente exporta tanta coisa que... às vezes a gente fica sem porque está exportando... e são coisa que a gente deveria usar pro benefício da população né... e assim... que talvez... isso ajuda na economia... ta ajudando... não tá certo... porém... a gente vai acabando com tanta coisa que a gente ainda ta sendo uma colônia... entendeu...

**68 JADE:** não... o Brasil... ele é tão rico de matéria prima que... a gente poderia fazer as coisas aqui e... exportar... agora tipo... a gente faz é o seguinte... a gente vende a nossa matéria prima... e compra o produto muito mais... mais muito mais caro... do que a gente poderia fazer e ele sairia mais barato... a carne por exemplo... olha o tanto de criação bovina que temos... e a diária de um trabalhador não vale um quilo de carne... a carne tá mais cara que o trabalhador...

**69 P:** Justamente pessoal... isso de certa forma é uma colonização... essa cultura nos é apresentada... e qual é a ideia que temos dos países da África?... por exemplo... ou qualquer outro país negro...

**70 BARTH:** pobreza né...

**71 JUBINHA:** Falando na verdade mesmo... que;; não presta pra nada... que não tem nada... que é pobre e... é isso...

**72 BARTH:** Miséria é associado a isso né professor...

**73 JUBINHA:** fome... pobreza... nada que presta.

**74 BARTH:** Só que também tem muita coisa bonita na África professor... né... assim... mas é uma imagem que a gente constrói na cabeça né... fala assim países da África... vem essa... essa coisa né... a gente não pensa nesse lado... igual falamos do Brasil mesmo... das coisas boas que tem aqui né a gente sempre enfatiza é essas coisas assim...

**75 JUBINHA:** e lá nem é tão pobre assim... são algumas cidades assim...

**76 BARTH:** é;; tem a África Subsaariana... África Islâmica né... por exemplo... o Egito mesmo é na África né... tem as ilhas de Madagascar... tem muita coisa lá bunita entendeu... acho que é a ilha de Madagascar mesmo... ai... tô com medo até de falar bosta aqui sem saber... mas assim...

**77 P:** fique tranquilo... aqui não estamos falando em julgar seu posicionamento... mas instigar a pensarmos essas relações... e eu tô amando as conversas de vocês... espero que vocês nos próximos encontros façam os outros interagir também...

**78 BARTH:** eu e a [Jubinha] nos próximos encontros vamos ficar caladinhos professor...

**79 P:** Negativo... nossa pessoal... olha aqui pra vocês verem... agora ó... na hora que você falou assim que vocês vão ficar caladinhos... eu usei negativo...

**80 JUBINHA:** ai ó [exaltação]... é a palavra que eu tava tentando lembrar e eu não lembrava... negativo... ne... vem associada a coisa ruim... de negro e tal... não sei o que... eu ia falar aquela hora... mas eu não lembrei...

**81 P:** perfeitamente... tá vendo... aqui... e eu tô ministrando um diálogo com vocês... e acabo de falar uma palavra que eu não gosto...

**82 BARTH:** é tá implantado né...

**83 JUBINHA:** é uma coisa tipo assim... automática...

**84 BARTH:** é igual quando a gente fala a coisa ta preta... né... nossa senhora [perplexidade]... a gente tem que para com isso... e é uma coisa que querendo ou não machuca também a pessoa que... levanta a luta contra o racismo... quando a pessoa escuta querendo ou não vai causar um sentimento né... tipo assim... ruim na pessoa...

**85 P:** sim... muitas vezes não percebemos isso... mas nós percebemos aqui... e isso na maioria das vezes é preciso problematizar... na maioria não... sempre é preciso... isso é uma forma da gente ser antirracista... igual eu acabei de falar... eu mesmo já me coloquei como errado ao usar esse termo... eu mesmo já me posicionei aqui e falei... olha eu não gosto dessa palavra... e ainda usei ela... então a gente tem que problematizar isso em nosso dia a dia...

**86 JUBINHA:** se a gente conseguir... tipo... ajudar outras pessoas a ter a ideia antirracista... de tipo... elas que... meio que ajudar elas a não serem racistas... ok... ótimo... mas a gente começando a não ser racista já melhora mil vezes mais [estalos de dedos]... porque tipo... uma pessoa fazendo a diferença já é muita coisa...

**87 P:** perfeito posicionamento (X)... e é justamente isso... uma pessoa pode influenciar outra pessoa do seu convívio social... pode fazer uma diferença aqui... no seu vínculo social... você pode agir assim...

**88 BARTH:** a gente tem que fazer a nossa parte né professor... e assim... de certa forma a gente não pode se calar... a gente não pode ficar calado... assim... eu já enfrentei debates assim... uma vez até chegou a ser na sala de aula... por querer defender alguns ideais aí; sabe... foi uma coisa muito desgastante... porém é algo que se faz necessário...

**80 P:** A gente... nós somos taxados quando a gente fala comenta ou fala sobre racismo... a gente é taxado como politicamente correto esse termo que está muito em uso...

**81 BARTH:** mi mi mi né... mi mi mi... o que me mata é esse tal do mi mi mi... nossa senhora... que ódio que me dá...

**82 P:** o intuito do meu projeto... dessa minha pesquisa... é pegar as nossas conversas... os conhecimentos de vocês e levar pro meio acadêmico... pra sabermos o que temos que fazer... o que precisamos problematizar... essas relações que vocês conhecem... vocês vivenciam... pra conseguirmos problematizar juntos esses padrões racistas que está naturalizado...

**83 BARTH:** Eu sigo o senhor no Instagram tem um bom tempo... porque... é... uma vez o senhor foi... é... deu aula pra mim de manhã... lá no (COLÉGIO) mesmo... no primeiro ano... eu tava no primeiro ano... e eu lembro que foi uma aula muito boa... que a gente estava falando sobre literatura... sobre o arcadismo... cê nem vai lembrar direito... ai eu sigo o senhor... ((risos))... senhor não você... ((risos))

vamos parar com esse senhor né... ((risos)) eu sigo você... e uma coisa que eu achei legal é que assim... é; é; você tem um amigo que ele é gay... certo?... e o senhor postou uma foto como ele falando assim... que é possível sim ter um amigo... ter uma amizade... e ter um respeito entre ambos... entendeu... um hétero ser amigo de um gay... e isso é muito importante na nossa sociedade... de mostrar que a gente tem que aprender a conviver com as diversidades... e aceita... a gente tá rodado... por exemplo... a gente olha para os dedos da mão... nem um é igual ao outro né... então a gente tem que aprender a respeitar né... porque o mundo é grande... e o mundo precisa disso... de respeitar... por isso acho muito legal esse debate que o senhor tá fazendo né... pra gente mudar muitos conceitos nossos...

**84 JUBINHA:** provavelmente... na hora que todo mundo voltar as aulas... voltar a se reencontrar... vai ser uma coisa muito estranha... porque a gente se conheceu de um jeito... e agora já passou muito tempo... a gente tá com ideias totalmente diferentes... tipo... eu mesmo passei por momentos de aceitação... que agora que eu to voltando ao normal... tô voltando pras aulas e tal... mas passei por muitas coisas de aceitação... de aceitar a mim... e são coisas que tipo... fazem a diferença sabe... tipo... você se portar na sociedade de modo diferente dos outros já... já tipo... muda muita coisa... questão da pessoa ser de... de uma... de uma opção sexual diferente... de uma cor diferente... de... um corpo diferente... de uma ideia diferente... do jeito que a pessoa é não intervem como ela é na sociedade...

**85 BARTH:** e no nosso meio tem viu professor... tem muito preconceito ainda... tem muita coisa no nosso meio... e tem mesmo viu... precisa ser mudado assim... não é... basta eu falar quero mudar... vamo fazer parte na mudança... se escutou uma brincadeirinha... como a (X) falou... a fulano é gordo... fulano é aquilo... ai fulano é isso... não... corrige na hora... êpa... não... não... porque a gente tem que aprender sim... chega... tem que dar uma basta nessas coisas entendeu... a gente fala tanto de um mundo melhor... que a gente às vezes nem contribui para esse mundo melhor né...

**86 JUBINHA:** nossa e eu já fui tão racista... tão preconceituosa... tão... tanta coisa... já fui tão tóxica... que tipo... esse momento de pandemia... veio pra... tipo... purificar todo mundo... todo mundo voltar melhor... tipo... tentar ser uma pessoa melhor... tentar ser uma sociedade melhor... pelo menos você começando com isso já tá ótimo...

**87 P:** pessoal... infelizmente não teremos mais tempo para continuar a nossa conversa... então... na próxima aula a gente volta a conversar... e vamos falar sobre privilégios... a professora enviou suas atividades e vocês precisam cumprir lá... um abraço até a próxima terça...

**87 IN's:** tchau professor... até mais...

## APÊNDICE C

### TRANSCRIÇÃO DO SEGUNDO ENCONTRO (2) 71,00 MINUTOS DE ÁUDIO

**P – Pesquisador**

**IN – Integrante das discussões**

**01P:** A nossa fala de hoje... só um momento... hoje vamos falar de privilégios...é... eu gostaria de saber de vocês... o que são privilégios para vocês?... alguém para conversar comigo?... ninguém?...

**02JUBINHA:** hã... privilégios... boa tarde professor... privilégios eu acho que são... coisas... tipo... além do necessário para a sobrevivência...vamos supor... eu preciso disso e disso disso pra sobreviver e estou gastando mais que o necessário para sobreviver... sendo que outras pessoas precisam daquilo que

você já tem... só que você quer além disso... tipo... eu tenho um carro... a... só um... comprar uns dois...  
aaa tipo isso...

**03BARTH:** Pra mim... privilégio é quando por exemplo... é; eu estudo por exemplo na escola pública... mas o filho de um político estuda numa particular com o dinheiro do povo... isso pra mim é um privilégio... privilégio é quando pessoas por serem... talvez assim... influentes... tem mais acesso às coisas do que eu que tenho os mesmos direitos... isso pra mim é uma forma de privilégio... com exemplo assim... o filho de um deputado consegue entrar numa faculdade pública... que isso acontece... já aconteceu muito isso no Brasil... sem pagar um real... e eu... e acontece que a população tá lá embaixo lutando brigando e sendo que ele tinha a condição de pagar uma faculdade paga... mas... por ter.. foi privilegiado com aquilo entendeu... isso pra mim são exemplos de privilégios...

**04P:** Se a gente parar para pensar... esses são aspectos de privilégios... cada um tem seu posicionamento e seu entendimento a respeito do que é privilégio... se a gente começar a pensar.. é... no nosso dia a dia... existem pessoas que tem acesso a uma internet melhor... e quem é essa pessoa... o que ela tem... o poder aquisitivo que ela tem... a (X) falou aqui no chat... para mim privilégio é você trabalhar o dia todo e chegar em casa com tudo arrumado e não fazer nada... é... esse posicionamento também faz parte... mas vamos analisar agora... quem é essa pessoa quem tem o privilégio em trabalhar e ter uma empregada doméstica... vão pensar nisso... o que vocês acham...

**05BARTH:** É o rico né...

**06P:** O rico... e quem é o rico?... Qual o estereótipo desse rico?... Por exemplo... qual é a imagem que vem em nossa cabeça de uma empregada doméstica...

**06BARTH:** Nossa... é uma pessoa bem fraca de situação... na maioria das vezes assim né... não estou dizendo que todas as pessoas que trabalham como empregada doméstica são... são pobres de mais... senhor me entende né... mas na maioria das vezes são pessoas assim... não tão ricas financeiramente... porque tá ali vendendo a sua força de trabalho. E sempre assim... a maioria das vezes... a maioria sempre é; assim... as domésticas daqui... as empregadas domésticas daqui não tem uniforme para trabalhar né... e sempre usam roupas simples... assim... do dia a dia pra trabalhar... e a maioria assim... são pessoas negras né... tom de pele mais... né... escuras assim... na realidade né professor...

**07P:** E quem são os patrões dessas empregadas domésticas?... como já responderam né... pessoas que tem muito dinheiro... que são ricas né... e quem são essas pessoas ricas no nosso convívio social... onde elas estão... quem elas são... são privilégios que estão tão naturalizados no nosso convívio social que... muitas das vezes não paramos para pensar... de forma crítica... A (X) respondeu aqui... minha tia mesmo é branca... e trabalha como empregada doméstica... e uma dia sumiu 400 reais da casa e acusaram ela de ter roubado... desde então ela tá desempregada... Horrível isso né... mas vamos parar para pensar qual é a ideia de pessoa branca que a gente tem?... o que é ser uma pessoa branca para vocês?...

**08BARTH:** Uai professor... pessoas brancas são pessoas brancas né... (risos)... que tem o tom de pele clara né... e pra mim eles são os ricos...

**09P:** Vamos imaginar... uma pessoa branca... a gente tem a tendência em associa-la... e fala... que todo mundo que tem a pele clara é branca... e a gente não para pensar e comparar essas pessoas brancas com as de outros países... temos a tendência em falar que uma pessoa mais clara que eu... por exemplo é uma pessoa branca... mas se essa pessoa for para outro país... ela não vai ser vista como uma pessoa branca... Tem um escritor muito renomado atualmente que se chama Silvio de Almeida... ela diz assim que quando essas pessoas brancas vão para outros países... eles são vistos como ticanos... fazendo a relação da América Latina... Eu trouxe um vídeo aqui... para a gente pensar essa relação de privilégios... eu quero que vocês assistam esse vídeo... e dizem o que pensam a respeito... só um momento... vou colocar o vídeo agora... pessoal... se não sair o som vocês me falam tá...

**10RUIVINHA:** Tá sem som professor... travou o microfone...

**11P:** Vou organizar aqui... só um momento...

(MOMENTO DO VÍDEO. DISPONÍVEL EM: <https://www.youtube.com/watch?v=6U04cSyyJCo>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

**12P:** Então pessoal... o que vocês acharam desse vídeo?...

**13BARTH:** Nossa... muito informativo né... muito... assim... como se diz... ele é tão... informativo para mostrar que... como o Pochart falou lá... que existe sim o preconceito... ainda existe sim essa ideia que... o preto é sinônimo de... roubo né... de... perigo né... porque né... é como falou... quando chega no shopping... quando chega numa loja já ficam em alerta né... por exemplo... tem um episódio de todo mundo odeia o cris... que ele vai comprar um perfume para mãe dele... mesmo ele não ter pego nada o segurança anda atrás dele... vigiando ele... e assim... isso é uma coisa muito... assim... nossa deus me livre... credo que horror... de pensar né... por que... você não poder ter o mesmo direito de andar como uma pessoa sem ter ninguém te observando... credo...

**14P:** Pois é... se a gente pensar o que esse vídeo informa... ele nos leva a pensar os privilégios que as pessoas brancas tem em vista das pessoas negras... tem uma área da pesquisa... que se chama branquitude... esse termo foi cunhado pelas próprias pessoas brancas... ao perceberem esses privilégios que elas tem... elas começaram a problematizar... essas relações que nos ajudam e nos influenciam a ter conquistas em nossas vidas... as pessoas costumam dizer que chegaram onde chegaram por mérito delas... mas quando elas falam isso esquecem de dizer que os pais dela... a família dela... ajudou de uma forma ou outra pra ela conseguir chegar onde ela está hoje... a gente naturalizou tanto essas relações que jogamos a culpa na sorte... falamos assim... que não tivemos sorte de ter nascidos em famílias ricas... mas esquecemos que tem uma relação detrás disso... e sempre tem alguma relação racial detrás de tudo isso... Uma pergunta que tenho... quantos de nós aqui precisa trabalhar e estudar?...

**15GOIANO:** Professor... eu trabalho...

**16P:** Você trabalha... e porque você trabalha?

**17GOIANO:** Ganhar dinheiro... ajudar meus pais...

**18P:** E (X) como você se identifica em questão de cor de pele?...

**19GOIANO:** Eu não sou racista não professor...

**20P:** Não... não é isso não... é você mesmo... a cor da sua pele... você acha que é branco pardo..preto.. isso aí...

**21GOIANO:** Branca...

**22P:** E seus familiares?... seus pais... seus avós... eles tem a pele de que cor?...

**23GOIANO:** Difícil de responder professor...

**24P:** Não consegue responder não?...

**25GOIANO:** Aii... não professor... vamos deixar pra outro dia...

**26P:** Tudo bem... mas tipo... normalmente... por exemplo... a minha mãe é branca... meu pai era preto... eu nasci com o tom da pele mais clara... normalmente... nós... quase todos... temos algum familiar preto negro ou pardo... Eu fiz essa pergunta por quê tipo... eu tive que trabalhar e estudar durante boa parte da minha vida... desde meus 9 anos... fiz a graduação... os 4 anos trabalhando e estudando... e no mestrado

foi um ano trabalhando e estudando... agora que eu consegui uma bolsa que me possibilitou ficar sem trabalhar... e isso foi extremamente importante para mim... para eu ter mais tempo de estudar... todos nós temos alguns privilégios... só que existem pessoas que possuem muito mais privilégios que nós... Vamos pensar na relação da família... como é sua relação com seus familiares?... por exemplo... quem mora com o pai e com a mãe aqui?...

**27BARTH:** Eu não... meu pai e minha mãe é separado... é assim ó... eu morava com minha avó... mas ela faleceu... e meu pai mora aqui do lado... tem um barraco do lado entendeu?... Eu dormia lá né... tem meu ti e minha tia que ficava lá né... então eu ficava lá... ai eu ficava lá... ia lá só pra dormi na verdade... ficava aqui na casa da minha avó... ai ela faleceu... mas eu continuei aqui... mas meu pai... praticamente só dormia lá... a gente dá certo entre aspas né... ai... (rindo de nervosismo)... como te explico... assim... papel de pai ele faz... compra as coisas pra mim e tal... mas eu também tenho uma boa relação com minha mãe... é questão de costume mesmo... eu sempre fui acostumado com minha avó sabe...

**28P:** Haham... Eu também vivi boa parte da minha vida com minha avó... minha mãe morava fora do Brasil e... meu pai eu nunca cheguei a conhecer... então... se a gente começar a pensar nessas relações... vamos perceber que elas também fundamentam alguns privilégios... eu trouxe um outro vídeo... pra gente pensar em relação aos privilégios... vou colocar para vocês aqui agora...

**29BARTH:** Assim... eu não vou dizer que minha família é bem estruturada... por quê não é né... mas assim... uma família assim costuma acumular muitas coisas né... e assim... mas assim... no geral... sabe... assim... não é tão ruim em vista de outras... assim... sabe... não é a mais perfeita... perfeita não... por quê deixa a desejar em algumas partes assim... porém... mas sabe... eu... é... tenho... a quem me agarrar... por exemplo... eu tenho tia... ti... entendeu... assim... eu posso contar... sabe... eu tenho uma tia muito... muito... boa pra mim... entendeu... assim... eu tenho a minha mãe... entendeu... é... meu pai... eu não vou dizer que ele é... mas tipo... nem toda família é perfeita... mas assim... graças a deus... eu agradeço né... por quê... tenho minha família... e tipo... o senhor... (risos)... olha eu de novo com o senhor... (risos)... você disse que não conheceu seu pai né... de algum jeito ele fez alguma falta né... ainda mais quando criança... entendeu... assim... eu não estou comparando a minha história com a do senhor... mas muitas vezes também... não ter a mãe e o pai juntos... faz falta pra gente entendeu... e tipo assim... no natal tem a família de um lado separada e a família de outro lado separada... entendeu... é uma coisa muito complicada (desconforto)... né... esses assuntos assim...

**30PITÓRIA:** Mas tipo... tem muita família que é estruturada mais é ausente né... não apoia...

**31BARTH:** É verdade...

**32P:** Vocês tem toda razão... eu trouxe um vídeo do quebrando o tabu para vocês verem... pra gente pensar essas relações de privilégios... vamos ver o que eles dizem aqui... nesse vídeo... o título do vídeo é privilégio branco...

(MOMENTO DO VIDEO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2YC4f8GI3jc&t=13s>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

**33P:** O que vocês acharam desse vídeo agora?...

**34BARTH:** Assim... é; é; assim... esse é ainda mais informativo... mais detalhista em relação a questão racial do que o primeiro né... esse já vai mais assim... como se diz... mais fundo né... mostra mesmo a realidade né... por quê assim... que... nossa... é terrível mesmo... e as pessoas... e; e; esse vídeo tem o papel de informar... por quê assim... é uma página que tem muito seguidores né... a quebrando o tabu tem muitas pessoas que curtem... e vídeos assim... nossa... serve pra... nossa... tem um grande papel mesmo... assim... por quê às vezes as pessoas nem sabem esses termos assim... privilégio branco né... racismo estrutural... essas coisas nos geral né... e assim... eu gostei muito desse vídeo... sabe... eu já

havia visto ele uma vez... e é uma segunda vez que estou vendo... eu gostei muito dele... e eu achei ele muito importante...

**35P:** Esse vídeo serve pra gente pensar que... muitas das vezes... algumas pessoas brancas... algumas por que a gente não pode generalizar e falar que são todas né... pensam que por elas serem brancas não tem como e não podem falar sobre racismo... mas no vídeo... ela fala que... a gente precisa problematizar essa questão... não basta só a gente falar que não é racista... a gente precisa problematizar isso nas nossas relações sociais... uma pessoa branca pode muito bem chegar e problematizar por quê em um espaço que ela está... só tem pessoas brancas... sendo que a população brasileira é maioria preta e parda... e quando tem pessoas pretas... por quê essas pessoas pretas estão nesses espaços... o que ela faz ali... qual o papel dela ali... e por quê ela tem esse papel...

**36BARTH:** Professor... agora o senhor pensa... é... pra ela... por exemplo... ela... fez o vídeo né... a... a moça que fez o vídeo... assim... ela é trans... e negra... pensa... já entra aí dois preconceito aí... que ela vai sofrer durante a vida dela... assim... por ser negra e por ser trans... imagina pra quem é gay e negro... por ser mulher... é muito... muita... com se diz... luta mesmo né... muita luta... por quê... nossa... é problema puxando problema... como se diz né... e na verdade isso não precisava né... por quê tipo... cada um tem sua verdade cada um tem a sua forma de ser... por exemplo... eu não tenho nada haver com o que o outro deveria ser... assim... acho que... eu tenho que ter a ciência que... de que... assim... se eu não concordo eu guardo pra mim... mas você tem que entender que precisa e pode mudar... se libertar... você pode assim... entendeu... assim... você pode pensar diferente... você pode mudar... assim... eu mesmo... eu tento a cada dia ser melhor... assim... melhor como ser humano... não é ser melhor como... ser melhor como pessoa... é... se a gente falar... se eu falar aqui que sou perfeito... estarei sendo hipócrita... sabe... eu sou perfeito... não... eu não sou perfeito... mas assim... é nessa busca... de chegar a quase perfeição que eu me... me corrijo... que eu me... promovo entendeu... é nessa busca... eu penso assim... dessa forma... tipo professor do céu... é... nossa é uma coisa que a gente fica cassando o porquê... porquê... porquê professor... por exemplo assim... é... um grito foi tipo assim... a Camila de Lucas lá no BBB mesmo... teve um dia que ela chorou... porquê... porquê ela já tá cansada... porque ah é por brincadeira... aí é por isso é por aquilo lá... é por isso e isso... a pessoa já deu... a pessoa cansa né professor...

**37PITÓRIA:** A pessoa não percebe né... tem muita pessoa trata como algo normal... superficial né...

**38BARTH:** É... é uma coisa que;; que;; por exemplo assim... que... quem nunca passou na infância... entendeu... que nunca lá... lá atrás... enfrentou isso lá na sua adolescência... como a moça aí do vídeo falou que... não foi seguido no supermercado... entendeu... que;; nunca foi... por exemplo como o professor falou que... olha... acho que você chegar na loja a... a... pessoa oferecer uma roupa... é... pelo preço... que acha que você não vai poder pagar... pela sua aparência... entendeu... a pessoa cansa... ninguém é... nossa... é onde que dá o grito de chega... ou... lá nos Estados Unidos a policia dos Estados Unidos... é totalmente racista como exemplo... lá a gente vê direto o negro sendo morto e muitas vezes de forma inocente... muitas vezes... ó... tudo bem... talvez também pode ter cometido também algum delito... mas você não vê o mesmo tratamento com um branco que cometeu o mesmo delito... entendeu... vai lá... por exemplo... aquele caso lá do ano passado do George Floyd... então professor... e... tipo assim... oia lá o que eles fizeram com aquele cara vey... não... já deu... acho que já tá... não vamo ó... vamo dá uma mudada aí... vamos buscar nos informar... vamo... por exemplo assim professor... essa cultura... a nossa cultura mesmo... a gente já pegou muitas coisas racistas da nossa cultura... por exemplo... é as brincadeira... brincadeira entre aspas... vamo falar assim né... do Rodolfo... é uma coisa que está inserida na nossa cultura... a gente tem... a gente tem essa mania... o goiano tem de comparar... goiano não... acho que o brasileiro tem essa mania... entendeu... é nessas comparações que você comete crime... é nessas comparações que você naturaliza isso... tipo o Jão... é;;... assim professor... eu;;... nosso deus... eu fico puto tem hora... por exemplo assim... é... por a gente ser quem a gente é;;... entendeu... por a gente ser quem a gente é... da gente ser quem a gente é... a gente sofre muito... eu falo por mim mesmo...

**39P:** Sim (X)... se a gente for pensar por exemplo... (mandou mensagem no chat) (X)... quer falar pra gente sobre isso...

**40PITÓRIA:** É... isso aconteceu na minha família... a minha prima nasceu bem branquinha... e quando minha tia saiu da maternidade ela tava na porta da casa dela... aí chegou uma mulher... e perguntou se ela era a babá...

**41BARTH:** Nosso;; Deus;;... que que isso...

**41P:** Só pra gente pensar nisso... tão vendo o quanto o racismo está naturalizado... que a gente pensa que isso é normal... tanto é... que eu não me lembro por exemplo... esse testemunho no questionário que eu enviei....

**42PITÓRIA:** É professor... eu não imaginava que isso poderia ser... tipo... racismo... aí não escrevi lá... tanto que eu escrevi que... não havia presenciado...

**43P:** Olha que absurdo isso... muitas vezes a gente pensa que isso não é racismo... porque isso não é racismo?... como não seria?...

**44BARTH:** Uai... é bruto... na cara... professor o senhor já viu aquela história de que;;;... uma mulher passou e viu a outra mulher... uma mulher negra e tudo... preta mesmo e a mulher... a mulher foi e chegou e perguntou quanto ela cobrava pra dar faxina... e se ela era empregada doméstica... ai a mulher foi e respondeu... não eu sou doutora em história... sou professora da universidade pública... eu;;;... nossa... eu fiquei... fiquei assim... um pouco... fiquei triste... pelo né... mas eu também fiquei muito feliz pela resposta que a mulher deu... e que veio... nossa que... que... quebrou a cara daquela pessoa lá que perguntou... por que... como... as pessoas tem a ideia mesmo do negro como lá o... pau pra toda obra lá... é o;;;... o... negro... Não professor... até no sexo... o negro ele é;;... ele é... símbolo de pau grande... o negro é símbolo da rolona grandona negão... que vai te comer (risos)... não mais é verdade... eu tô falano pro senhor... eu tô falano po senhor... pelo sexo... ou... por exemplo assim ó... eu tava vendo um vídeo... no Youtube... é;;;... como é que chama o;;;... o canal gente... pera aí... vo lembrar o nome... era sobre gaydar né... quando a pessoa bate o olho na outra ai tá... e;;;... outra pessoa gay foi... tinha três pessoa fazendo o teste... pra falar qual era o ativo passivo e versátil... não... quando olhavam o negro não é ativo... é ativão é o... e u... ai quando a fé... ai... o youtuber perguntou... porquê é que você acha que ele é o ativo... ai ele foi e respondeu... ah... ele é negro... e tal né... a gente tem essa ideia e tal... não era... o cara era versátil entendeu... então acho que;;;... nossa... o racismo tá;;;... tá bem infiltrado né... no nosso meio...

**45P:** Sim (X)... é tão infiltrado que a gente... muitas das vezes nem problematiza isso... não pensa... tipo... por quê temos essas impressões dos negros... tipo... uma mulher negra não pode ter filho branco... ou... uma mulher branca não pode ter filho negro... e essa relação do sexo... o negro é visto como objeto sexual... tanto o homem quanto a mulher né... bem mais a mulher... que é vista por objeto sexual... tanto pelos homens brancos e até mesmo pelos negros... Aí... nesse vídeo... a própria protagonista diz... na resposta pra internauta... que;;;... não não adianta eu falar que eu não quero ter privilégios quando a pessoa nasce branca... mas ela tem que usar esses privilégios pra hackear o sistema... então... eu faço o convite agora para as demais que permanecem aqui né... pra gente se unir e começar a hackear esse sistema racista... e começar a mostrar que nós não queremos mais pessoas racistas em nosso convívio social... e a atitude do João por exemplo... como o (X) disse... foi um ponto crucial... porque nós vimos diversas pessoas nas redes sociais atacando o João por ele denunciar uma manifestação racista maquiada... disfarçada de brincadeira... que tá;;;... tão naturalizada... no nosso dia a dia... nos vivenciamos isso todos os dias... a gente nunca parou para pensar por exemplo... porque os negros... a maioria deles sempre raspam ou deixam seus cabelos bem curtinhos... eu por exemplo... tenho o cabelo não crespo... mas cacheado... e eu sempre tive vontade de ter o cabelo grande... mas cortava ele baixinho pra não mostrar como ele era de verdade... agora que estou deixando meu cabelo crescer... como forma de mostrar quem eu sou... a minha ancestralidade que carrego... e falar assim... eu sou preto e pronto... então se a gente começar a hackear o sistema e falar assim... olha... quem somos aqui... somos do terceiro ano... o que podemos fazer para ajudar... nos unir com outros do terceiro ano e falar assim... olha... por

que temos amigos só brancos... e começar a problematizar isso aí... junto com pessoas que você convive... e mostrar assim que... unidos somos bem mais fortes que esses racismos...

**46BARTH:** Concordo... e eu acho que a gente tem que ter essa inclusão... e essa troca dialética mesmo... pra;;... radicar né... mas eu fico pensando... no presente a gente não consegue acabar com a dengue né... agora pensa bem... com uma coisa que... aí meu deus... mas tá bom... vamos ter esperança... ao menos a gente ver que uma pessoa já sensibilizou já é importante né... quando a gente percebe que uma pessoa já tá... sabe... eu tô num período muito de... eu ter que me... acertar minhas verdades... eu ter que é;;... buscar meu espaço... tipo assim... eu tenho que descobrir... tipo... a gente tem que ter essa fase né... muitas vezes a gente leva muito na brincadeira... e a gente já percebe... não eu vou ter que já cortar... essas brincadeiras... eu vou ter que já... já é hora... é hora de;;... acabar... com esse tonzinho de brincadeira sabe... ir lá e ó... cortar... mas é como eu já tenho feito... já comecei a fazer... e... a gente tem que buscar ser quem a gente é... então... foda-se...

**47P:** É isso aí (X)... por que enquanto a gente silenciar... a gente vai estar sofrendo... melhor ligar o foda-se como você disse (risos)... e viver a nossa vida... como a gente bem quer... e como a gente se sentir melhor... por que... se a gente se silenciar... estaremos sendo condizentes com essas atitudes dos outros...

**48BARTH:** Com certeza... com certeza... a gente é;; como se diz... a gente tá sendo cúmplice... a gente tá sendo cúmplice daquilo... né... por exemplo... quando a gente vê alguém sofrendo racismo assim... a gente tem que chamar a polícia... por que é um crime né... e a polícia tem que ir lá... é da mesma forma que você vê uma mulher apanhando ce tem que chamar a polícia... se você ver uma pessoa sofrendo homofobia você tem que chamar a polícia sim... porquê?... por que os três que eu falei é crime e ponto... a gente tem que colocar na cabeça que isso é crime... né... já deu uai... a gente tem que acabar com esse padrão aí que a gente tá criando... ah... que por exemplo assim... é... o ponto racista foi uma brincadeira... foi um mal entendido... ai a briga lá com a mulher a gente não enfia no mei... ai homofobia foi uma brincadeira... não... é um crime... vamo ó... vamo né... vamo dá um jeito de denunciar por que;;... a gente não pode tá deixando esse preconceito... ambas formas de violência ficar explícita em nosso meio não...

**49P:** É isso aí... pessoal... infelizmente temos que encerrar por hoje... por que já passamos alguns minutos... já passamos uns 10 minutos (risos)... mas vamos começar a pensar no que conversamos aqui... e nos encontramos na próxima aula... até terça pessoal... um abraço em vocês... e se protejam...

**50IN'S:** Tchau professor...

## APÊNDICE D

### Transcrição do Terceiro Encontro (3) 65,00 minutos de áudio

**P – Pesquisador**

**IN – Integrante das discussões**

**01P:** Pensando na necessidade de discussão... eu trago a primeira pergunta para orientar a nossa conversa de hoje...o título da nossa conversa de hoje é o racismo internalizado em nós... a primeira pergunta é... somos ou já fomos racistas alguma vez?... vocês acham que já foram racistas alguma vez?... vocês acham que são ou que já foram alguma vez racistas na vida de vocês?...

**02BARTH:** Eu creio que sim porque;;... quando criança assim acho que;; a gente... a gente ouviu muitas coisas e;; a gente infiltra essas coisas e talvez de certa forma a gente começa a replicar né... a gente

começa;; a;; por exemplo... a falar igual e assim... muitas das vezes a gente insere mesmo o racismo na gente e assim vai ficando... e eu acho que assim... quando criança acho que já... eu já fui... e mesmo eu sendo negro.

**03JADE:** Acho que seria hipócrita a gente dizer que nunca foi...

**04BARTH:** Exatamente... ainda mais quando criança assim...

**05JADE:** É igual cê tá falando aí... ninguém nasce racista mas da... a família mesmo coloca coisa na cabeça da gente...

**06BARTH:** É;; aquelas piadinhas né... tipo piadinhas sem graça... essas coisas...

**07P:** E;; da onde que vocês acham que a gente aprendeu a utilizar a ser racista no nosso dia a dia?... de onde vocês acham que vem essa ideia que acaba nos dando essa tendência a ser racista alguma vez na vida... ou ainda hoje... algumas vezes a gente se pega sendo em alguma expressão... em algum jeito da gente vê, falar e agir no mundo...

**08BARTH:** Professor talvez assim... como eu falei... pelo fato da gente ouvir muitas piadinhas ouvir até mesmo muitas falas assim;; de mal gosto mesmo a gente começa a inserir mesmo... então eu creio que pode vim de algum parente que tem esse pensamento... e fala por exemplo... quando criança mesmo... e a pessoa começa a viver aquilo e a replicar né...

**09P:** A (X) disse no chat aí que acha que vem do berço... é alguma vez você já se depararam por exemplo... igual o (X) falou aí das piadinhas... vocês já se pegaram pensando porque dessas piadinhas? E de onde elas surgiram?

**10BARTH:** A;;... tipo... de termos e expressões... que;; tipo... é;; que... um exemplo foi quando a (X) falou na aula passada que... a cor preta é relacionada a coisa ruim e tipo... o branco é símbolo de paz né...

**11JADE:** Desde a época da colonização né...

**12BARTH:** Uhum...

**13P:** E vocês conseguiriam me dar algum exemplo de piadinha que vocês identificam ser racista... que vocês percebem como racista?

**14JADE:** Tem uma expressão que eu não sei se realmente é... é;; que;; surgiu lá atrás né... que é da cor do pecado... tem essas expressões aí... tem um monte...

**15BARTH:** Professor assim... a gente vê muito por exemplo... em jogo de futebol sei lá... tipo eu estou falando... é tipo as pessoas chamam a outra de carvão tipo... por esses apelidos... aí é o carvão é;; tem um ator também... tipo... eu já ouvi a pessoa não ser chamada pelo nome... mas pelo nome desse ator... aí... eu vou lembrar aqui...Mussum... tipo assim... a seu Mussum... eu já escutei a pessoa ser chamada por isso aí...

**16P:** Vamos pensar agora já que o (X) trouxe a respeito do Mussum... que ele foi um protagonista de uma série bem famosa de comédia... que se chamavam os trapalhões... e nessa série retrata um estereótipo de uma pessoa negra uma pessoa preta aos olhos de uma sociedade branca... e durante muito tempo esse programa fez sucesso... e na época nunca paramos para pensar... agora hoje em dia temos estudos que demonstram esse grande problema... mas agora eu quero problematizar com vocês qual é o estereótipo que passam para gente nos filmes, não sei se já pararam para pensar nisso... por exemplo... nos filmes quantos personagens negros temos... e quais são os papéis desses personagens negros nesses filmes...

**17BARTH:** Professor... por exemplo assim ó... é;; a gente pouco vê personagens negros como protagonistas né... a gente vê mais assim... nos papéis mais insignificantes... não sei se posso usar esse termo por talvez estar minorizando o artista né... mas assim não vemos eles como protagonistas né... porque assim... ou é uma empregada ou empregado... ou talvez pode até;; assim... parecer alguém ruim entendeu...

**18P:** Aham... e quantas vezes já problematizamos isso com as pessoas em nossa volta?... por exemplo amigos ou familiares... alguma vez vocês já fizeram isso?

**19BARTH:** Se eu falar para o senhor que sim... eu vou estar mentindo... por que... porque às vezes isso vai se tornando tão natural... tão natural que a gente não cobra esse direito... porque assim... da mesma forma que;; uma atriz competente branca tem um direito de fazer o papel principal uma atriz negra competente também tem o... o... a mesma competência de fazer o papel entendeu... a gente;;... a gente nunca para pensar né... assim... discutir... talvez discuti mas de uma forma bem superficial né... não mergulha a fundo...

**20JADE:** É verdade né professor... porque a gente pode perceber que a maioria das mocinhas é loira do olho azul...

**21P:** Sim... e se eu falar pra vocês que a mídia, esses filmes essas séries... a mídia em um geral... jornais novelas elas tem uma parte principal na disseminação do racismo o que vocês fariam para mim?...

**22BARTH:** É verdade viu, tipo... e assim... eu penso que talvez vamos supor... uma criança negra tá assistindo é;;... essas novelas esses filmes pensa... eu não vejo ninguém igual a mim ocupando um papel importante e ela mesma começa a se discriminar... e coloca talvez assim... um sentimento de inferioridade pela parte de falar assim... pessoas como eu não são competentes talvez pra tá ali né... e começa assim a talvez se desvalorizar pela sua cor né... por exemplo uma novela que teve uma juíza que era negra e tipo assim... teve uma menina daqui de Itapuranga se eu não me engano... que deu um relato no domingo do Faustão... falando que;;... inspirava ela a querer ser juíza também... então a gente vê que essa inclusão social é... essa inclusão racial sobre essa... é... dramaturgia sei lá se é a palavra certa... é importante... porquê... por que é importante e vai inspirar outras pessoas a querer também conquistar o seu lugar e o seu espaço e a lutar por isso de uma forma mais abrangente...

**23P:** Concordo com a sua fala... é;;... se a gente parar para analisar hoje... a ideia dessa discussão é a gente quebrar o tabu... como assim... vocês sabem que teve uma pesquisa muito significativa que diz que 90% dos brasileiros dizem existir o racismo mas quando foi perguntado se eles são racistas disseram que não... aí me trouxe a ideia da segunda pergunta... é possível nunca ter sido racista em uma sociedade estruturada pelo racismo?... o que vocês pensam a respeito disso... é possível a gente nunca ter sido racista?...

**24BARTH:** Eu creio que não professor... assim... talvez pelo fato por estar muito inserido né... tipo... uma hora ou outra acaba acontecendo automático...

**25JADE:** Eu acho que todos... alguma vez na vida deve ter sido... não tem como...

**26P:** E o que eu acho muito relevante trazer aqui é... quando eu apliquei aquele questionário com vocês... eu pude perceber que muitas pessoas disseram que não... que nunca presenciaram atos racistas durante a sua vida... o que vocês acham...

**27BARTH:** Com essas discussões... a gente percebe que a gente já sofreu ou até mesmo já cometeu né... quando a gente tem essa troca de conversa assim... a gente percebe muita coisa né... assim que;;... nossa isso aí é sim racismo... não dá para passar... a partir de agora... eu sabendo não dá mais para perpassar de forma normal... entendeu...

**28P:** Entendi... e como a gente poderia... por exemplo... agir nesse sistema estrutural racista que nós temos hoje em dia... que que a gente poderia fazer para que talvez consigamos mudar um pouquinho... pelo menos um pouquinho... por que não vou dizer que a aqui iremos mudar o mundo... mas podemos começar por aqui... então... o que a gente poderia fazer para começar... e dar início para a desconstrução dessa estrutura racista que nos circula... que circunscreve todos os ambientes... o que vocês fariam... assim... olha eu acho que tem que fazer isso isso e aquilo... para que talvez a gente consiga desconstruir alguma parte do racismo...

**29BARTH:** Eu creio que assim... a gente se policiar mais... e também tipo... observar a nossa volta como o teste que o senhor mandou né... tipo... e dessa forma a gente vai tá contribuindo de pra... é;;... tipo diminuir essa porporção... creio que assim... a partir desses gestos... que talvez sejam simples... que vai gerar grande sensibilização entendeu... eu penso assim...

**30P:** Sim... e essa sensibilidade é produzida a partir do momento que a gente consegue ter um olhar crítico em torno de nossa vida... então quando vocês falaram aqui que... já podem ter sido racistas algumas vez e tal.. essa sensibilidade que vocês produziram aqui agora... isso aí já é uma atitude antirracista... por que não basta a gente só falar que existe o racismo... é preciso a gente identificar o racista que há em nós... mas não porque nós queremos ser racistas... mas é porque a gente foi criado nessa estrutura que vem lá dos primórdios... da colonização como a (X) disse... então tem isso até hoje... por mais que a gente fala assim... a mais já acabou... uma prova muito boa é... a gente perceber qual é a imagem que temos da princesa Isabel... aquela que assinou a lei áurea lá de abolição da escravatura...

**31BARTH:** Professor... assim... pelo o que eu sei... pra muitos assim.. ela é tida como uma heroína e tal... tipo uma;;... pelo o que ela fez foi importante e tal... mas parece que não foi bem assim né... parece que foi pelo o interesse dela... que assim... o que eu já li né...

**32P:** E no seu pensamento... o que você acha que seria o interesse dela?

**33BARTH:** Professor... eu acho que não sei te falar agora não... não lembro...

**34P:** Não... não precisa ser a verdadeira história... mas a sua percepção... não o que vocês leu... mas o que você pensa que poderia ter sido esse interesse dela em fazer isso...

**35BARTH:** Assim... eu vou falar o que eu penso... talvez eu possa estar errado assim... mas é que antes da lei áurea... já tinha a lei Euzébio de Queirós... a lei do ventre livre... já tinha a lei do sexagésimo... se eu não me engano a partir dos 60 anos a pessoa estava livre... porém os escravos não viviam essa margem de idade né... pois acabava morrendo... eu creio assim que pelo fato e não sei professor... talvez eu esteja errando... mas pelo fato dela ver que já estava ficando insustentável essa;;... levar a escravidão de certa forma ela quis promover o nome dela creio eu... promover o nome dela... pensar assim... não já que está criando esse tanto de lei... já tá criando né... uma hora eu sei que vai acabar então... eu penso eu acabando é melhor... eu acabar vou levar meu nome... eu penso assim entendeu... agora não sei se tá certo... misericórdia...

**36P:** O seu olhar sobre a perspicácia dela... eu acho muito pertinente... só que existe um probleminha que muitos de nós não sabemos... e muito menos problematizamos... que é por exemplo;;... como vocês acham que se deu início por exemplo... das favelas...

**37BARTH:** É por que assim ó... quando as cidades começaram a crescer e a oferecer ofertas de emprego para as pessoas né... com a globalização mesmo depois da revolução industrial começou a... a pessoa começou a largar o campo e começou a ir para as cidades em busca de uma melhor vida pra ganhar dinheiro e tals... e começou... ai como na maioria das vezes a pessoa não tinha condições de comprar uma casa ali mais no centro... começou a comprar nas redondezas... nessas regiões periféricas... que muitas vezes assim... é;;... como até hoje... e muitos por ai não tem redes de esgoto... água tratável... ai tipo... como era regiões que não tinham essas coisas... eles compravam mais baratas e tals...

**38P:** Tem alguma outra pessoa que queira dar o seu olhar a respeito disso?...

**39BARTH:** Mas também quando teve a época depois que o... aboliu a escravidão... os escravos também começaram a ir para essas regiões tipo... lá... depois ainda... acho que aboliu a escravidão... e assim... e muitos escravos também começaram a comprar né... casas nessas regiões... nessas regiões assim de periferia... eu também já li isso...

**40P:** Então (X)... realmente... essa história que você contou sobre a revolução industrial e tal... tudo tem uma base também... mas você acreditaria se eu te dissesse que ali também tinha uma base racial e racista por trás dessa história que nos contam?...

**41BARTH:** Oshe...

**42P:** Vamos pensar... como se deu início que nos fizeram acreditar que era preciso comprarmos terras?... De onde veio a ideia de que precisávamos comprar uma casa, uma terra...

**43BARTH:** Ai professor estou com duas coisas aqui na cabeça... não sei...

**44P:** Conte pra gente essas duas?...

**45BARTH:** Tipo assim ó... os escravos muitas vezes... queriam comprar a sua liberdade... e eu penso que;;... pode ter surgido isso... tipo se eles tá comprando a liberdade eles também vão querer comprar um lugar para morar né... e; talvez pode ter acontecido isso e;;... lá atrás também no feudalismo existiu muito disso né... de tipo... comprar a sua terra né... sei lá...

**46P:** Então... vamos problematizar... antes da princesa Isabel assinar essa lei... teve uma outra lei... que dizia que você precisaria comprar uma terra... por que antes essas terras não tinham donos específicos... estavam vinculados com aquele ideário dos europeus né... no qual somente os que andavam junto com o rei poderiam ser os donos daquelas terras que habitavam... por que antes a terra era dos indígenas... e eles não tinham essa ideia de ter que comprar uma terra aqui ou ali... quando o racismo começou... na época da escravidão... escravizaram os povos indígenas... as terras indígenas... depois os negros da África e tal... ai... depois de longas lutas e batalhas... os negros conseguiram oportunidades para comprar a sua liberdade... daí... surgiu algumas expressões que conhecemos hoje... como por exemplo lavei a mula... tem carço nesse angu... essas são expressões racistas que deram seu início naquela época... e ainda percebemos muitos usarem... só para vocês verem o quanto essas expressões são antigas... aí quando eles conseguiam comprar suas liberdades... eles começaram a povoar terras que não havia habitação... algumas terras eram compradas quando os escravos conseguiam... outras eram habitadas sem a compra... daí surgiram os quilombos... e começaram a usar aqueles territórios como seu... ai deram início para a nova lei... que falava que a terra agora era do estado... então eles precisavam comprar... muitas das vezes essas histórias não são contadas para nós... o que é contado é somente sobre que os negros eram escravizados... não nos contam da luta que eles tiveram para conseguir a liberdade... dos reis e das rainhas negras e negros... e introduziram essas histórias para gente... como se por exemplo... a princesa Isabel... durante muito tempo foi vista como heroína e tudo mais...

**47BARTH:** E tipo... e depois mesmo ainda continuou muito tempo a escravidão... assim... por exemplo... o tráfico de drogas foi proibido né por leis e tais... mas tem... continuou... a gente sabe que tipo ó... é uma coisa que continuou as vistas muito tempo né... e depois debaixo dos panos também ó... e até hoje tem professor... tráfico humano a gente sabe disso... tipo... ainda mais é... falando sobre tráfico mesmo... a sei lá...

**48JUBINHA:** É tipo leite com manga faz mal né... fizeram acreditar tanto nisso que;;... quando eu era criança... bem novinho né... ai minha avó por exemplo... quando eu falava que queria chupar manga... ela dizia que não que fazia mal... cê tá doido... cê bebeu leite... vai chupar manga agora não... e hoje a gente bate leite com manga... então... naquela época lá... pros donos de terras não darem leite para os

escravos dava manga né... que era mais barato.. e o engraçado é que fizeram todo mundo acreditar naquilo... que;;... até... minha avó... repetia isso... e olha que tem muito tempo...

**49P:** Tão vendo que tudo tem uma estrutura... por mais que a gente pense que não que é normal... mas sempre tem uma estrutura racial por de trás... foi imposto a nossos familiares nossos antecessores um pensamento racista... racial... que dá tipo uma legitimação pra gente continuar propagando tias coisas sem problematizar...

**50BARTH:** Verdade... essas ideias estão bem inseridas em nós... tipo... o termo favelado e tal... é usado também de forma assim... de discriminação né...

**51P:** Sim... se a gente for pensar por exemplo nos moradores das favelas... e formos puxar a árvore genealógica deles... a gente vai ver que a maioria tem familiares e antepassados que foram escravizados e tudo mais... e hoje... aqui... por exemplo em nossa cidade... tem muitas pessoas que possuem na sua árvore genealógica pessoas que foram escravizadas nós temos aqui... só que muitas vezes a gente não para pensar quem são nossos familiares antepassados... por exemplo... vocês já perguntaram para seus pais... seus avós como eram a vida deles antes... quem foram os pais deles e tudo mais...

**52BARTH:** Tipo assim... igual eu falei pro senhor eu sei que na minha família tem índios tipo;;... tem negros também tipo;;... sabe... é como eu falei na outra aula... é bem misturados sabe... e;; a gente escuta muito isso de;;... ai fulano foi pego no laço e tais entendeu...

**53P:** E se eu falar pra vocês que o moreno o mulato que nós não gostamos desses termos... bom... eu não gosto... porque tem uma história por de traz... é;;... a cor parda por exemplo... que hoje a gente fala né eu defendo como preto... é;; o que a gente vê como pardo é fruto de uma história onde que os brancos os patrões os chefes lá né... eles pegavam as escravas pretas negras indígenas abusavam sexualmente delas e aí nasciam pessoas com a pele mais clara foram os chamados mulatos ou crioulos... e o que é o termo mulato... mula é a junção né a união do burro com a égua... que deriva o animal mula... que é um animal infértil que não procria... então o termo tem toda essa carga semântica...

**54BARTH:** Eu não sabia dessa história do mulato não professor... não sabia desse significado não...

**55P:** Você falando nisso... ficaria perplexo com tantas expressões que temos no nosso dia a dia que a gente não sabe a derivação dela... tenho uma pesquisa que publiquei recentemente falando sobre alguns palavras africanas que temos no nosso português brasileiro... e quando a gente para pensar nessas palavras... por exemplo... quando eu fiz essa pesquisa... pude notar que as pessoas que me ajudaram com suas percepções elas colocavam o termo africano como algo ruim... algo pejorativo... feio... e quando contrastado com outro termo que era a mesma coisa porém um sinônimo sempre preferiam a outra palavra que não era africana... a outra palavra era bonita e a africana era feia... só que eles não sabiam que a outra palavra era africana sabe... tá tão naturalizado né... igual o pessoal aqui fala né... tá tão naturalizado que a gente não para pensar isso... então... o racismo está tão internalizado em nós que a gente não costuma problematizar ele né...

**56BARTH:** Fessor... por exemplo assim... esses dias eu escutei uma pessoa falando que eu fiquei bem... bastante chateado... e tipo é uma pessoa que eu tenho muito respeito e carinho né... quando eu escutei fiquei bem assim... pra baixo em saber que a pessoa tem uma mente tão fechada... tipo assim... ela começou a falar que as bandeiras que estão separando as pessoas por ai eu já comecei a... né... por que a gente precisa ter bandeiras sim... tem que militar... tem que militar... mas precisa uma forma... eu penso assim né... tem que saber uma forma de militar também... não é tipo agredindo é;; com palavras as pessoas assim... é conversar com formas mais lúdicas assim... de uma forma mais... assim... o senhor me entende... eu acho importante ter as bandeiras... ai quando começou a falar ai eu já fiquei meio assim né... e eu fui e falei não mais eu acho importante ter como expliquei aqui... ai ele foi e falou não mais isso tá servindo tipo para separar as pessoas e tais diminuir o valor... ai eu fui e falei êpa... eu acho que não porque eu acho que está fazendo mais é elevar a pessoa quanto a sua raça quanto a sua autoestima também... tipo assim... eu fui e falei... ai ele disse que acha isso disse... a mais eu acho que os indígenas

sofreu muito mais que o negro eu acho que o índio até hoje... não lógico professor foram duas raças que sofreram muito mas assim... eu num posso diminuir o sofrimento do outro povo porque um é daqui da minha terra... senhor entendeu o pensamento da pessoa... ai que o índio hoje quase não está inserido na sociedade e o negro já tá sim o negro já tá ocupando o seu lugar num sei o que... ai eu fui e falei assim... e o número... e o número das pessoas negras... e o número... e o número de indígenas também... ai ele ai que não sei o que... o negro é pouco e os indígenas conseguem ser menores ainda... ele tava tentando justificar o seu ato racista jogando por cima de uma raça que na realidade se for falar em uma cota pro indígena vamos ver se vai defender o indígena por uma cota pro indígena... a professor... queta... eu fiquei bem assim... é;; magoado... magoado tipo assim... e falar tipo... professor a pessoa teve o cabimento de falar que tipo assim... de;; de que tirar o negro da África um pouco... um pouquinho... um pouquinho foi positivo... olha a situação da África hoje por exemplo... pro cê vê... professor eu fiquei assim... nossa... eu falei meu deus... falei assim... falei assim professor... fui e falei assim mas por que... presta atenção assim tirou da sua família entendeu... tirou do seu povo... tirou da sua cultura entendeu... e vem tenta explicar isso... e assim eu comecei a ficar estressado professor... num do conta... até certo ponto eu comecei a querer a chorar também... eu choro assim sabe... eu num do conta talvez eu tenha que mudar muito isso ainda... sabe... mas ai eu fui e falei assim... vamo mudar de assunto por que... por que já ta me fazendo mal... por que a gente já viu que tava se tornando meio que ódio sabe... fiquei muito chateado... muito muito muito muito mesmo...

**57P:** Eu entendo (X)... sabe... nessas atitudes a gente tem que;; com essas pessoas assim... a gente tem que fazer com que ela enxergue esse racismo internalizado nela... como podemos fazer isso... uai... olha aqui... a gente está fazendo isso... conversando... escutando um ao outro... quando você vê que a pessoa não quer mudar... você indica alguma leitura pra ela... falando sobre o assunto... fale assim... olha... tem esse texto do autor tal... dá uma olhadinha depois e tal...

**58BARTH:** Exatamente... por exemplo assim ó... sei lá se foi uma providência divina que eu num tô entrando no meu face... eu tô com o Messenger aberto por que eu perdi a senha... do meu face né... só o Messenger ficou aberto... por que ultimamente eu estava brigando muito ((risos))... sabe... é por que eu não gosto de bolsonarista não...((risos)) e ai... é;; eu começava a brigar muito era no portal itapuranga...

**59JADE:** Nossa... teve um negócio que eu e o (X)... comentamos aí um velho foi lá xingar nós... falar que nós dois era dois pirralho né (X)... sabia de nada não sei o que... eu falei assim ó... pera aí eu vou tocar o berrante por cê gado...

**60BARTH:** Foi... ai eu fui... não ai aquele dia eu... (X) aquele dia o (X) foi no meu PV... não seu eu fosse o cê tinha falado mais coisa... a (X) também foi no meu PV... sabe e falou não... chamou eu e a (X) de pirralho... que nois não sabia de nada... e esse homem que eu conheço... ele que não sabe de nada sabe... ele não procura se informar... ignorante vei... a vai cagar... chamar eu de pirralho... eu tenho sim minha opinião e pronto... eu já tenho... vou fazer 18 anos... daqui 6 meses eu faço 18 anos então ó... eu sei bem o que eu defendo... senhor entendeu... não gosto mesmo ó... tem que aprender a conviver sim... levo na educação... mas assim... quando parte pro âmbito mais assim eu corto... não gosto... qualquer coisa me bota no paredão... ((risos))...

**62P:** Vocês fazendo esse relato me lembro de várias vezes que eu me posicionei também... tipo assim... eu fazia um posicionamento sem xingamentos... só perguntando mesmo e tal... sem xingar sem agredir e tal... aí vinham pessoas com aqueles xingamentos com aquelas palavras odiosas... e eu só respondia assim... pra que tanta raiva na suas palavras... eu não xinguei ninguém... eu só queria saber... quando puder conversar civilizadamente eu converso tranquilo...

**63JUBINHA:** Eu ultimamente gosto muito daquela página... que a gente conversou na aula passada... a quebrando o tabu né... e eu compartilho muita coisa daquilo alí nos meus stories... ai o povo vai criticar as vezes coisas do Bolsonaro eu só coloco um monte de vaquinha lá pra eles...

**64P:** A gente tem que se posicionar mesmo... levantar nossas bandeiras... por que se nos calarmos... vai fazer igual no passado... a história só se repetirá... temos que encontrar formas de resistência...

**65BARTH:** Professor assim... na minha família tem muitas religiões assim... tem católico né muito evangélico... tem um tio meu... um tio que é candomblecista e tal né... muito misturado mesmo... assim... mas é misturado... é misturado porém tem muitos evangélicos... eu mesmo assim... eu fui criado na igreja evangélica... a minha fé da fundada ali... porém com meus conceitos... senhor me entende... com meus pensamentos... eu penso eu do meu jeito mas porém assim... uma coisa de fé que foi me ensinado assim... assim desde criança né... professor assim... assim... eu fui na casa de uma tia minha um dia... ela mora na fazenda... ela é evangélica e tal né... assim... o marido dela e tem uma outra tia minha também... cunhada dela que é casada com meu ti irmão dela né... ela também é evangélica só que porque é petista na raça né... ai ouvi ela dizer... começou a falar assim... o Bolsonaro é anticristo... ele é o demônio... eu fui falei é memo tia isso é verdade mesmo... fala mesmo tia... ((risos))...

**66JADE:** Desculpa te cortar...

**67BARTH:** Não pode falar gata...

**68JADE:** Esses dias fui chamada de petista safada... uns xingamentos meio que nada haver... ((risos))...

**69BARTH:** Eu também uai... de esquerdopata... e tal... ((risos))...

**70P:** Eles tem uns discursos muito odiosos... mas aproveitando o ensejo do (X) aqui... falar sobre religião... que quero atentar vocês para uma pergunta... o que vocês pensam a respeito da umbanda, candomblé... das religiões afro-brasileiras... em geral...

**71BARTH:** Professor nisso eu tenho um relato bacana pra falar pro senhor... como... assim... é;;... é eu... eu... eu contei pro senhor que fui criado por minha avó né e tudo... e a minha avó é evangélica né... assim... minha tia mais velha filha dela assim... evangélica e tais né... e porém meu ti caçula também era... tipo evangélico e tal... e ele mudou daqui de Itapuranga... e nesse intervalo ele conheceu né... as religiões afros né... e ele se converteu né... a essa religião e tais... e ates disso assim... quando eu era bem novo a gente escuta que macumba é assim né... essas coisas assim e tais... que;; era do diabo etc. etc. etc... essas coisas e assim... ele trouxe pra nois... entendeu... que tipo... eu acho muito interessante... que;; a gente aprendeu muito com isso... a respeito... a respeitar professor... com ele tive uma ideia muito... eu aprendi muito... pelas coisas que ele vivia e passava pra gente... ai a gente aprendeu a respeitar muito... por exemplo... ele até hoje é convertido... ele mora aqui em Itapuranga porém aqui não tem tipo;; um terreiro;; vamos dizer assim parece que;; é;; tipo que segue bem ao pé da linha entendeu da religião que ele segue... e ele vai muito lá em Brasília... onde ele se iniciou... entendeu... e tipo... ele tem os orixás as roupas dele... e eu morava com ele e o esposo dele... morei... a gente;; vivia na mesma casa e tudo né... a gente morava com minha avó né e tais... ele tinha o quarto dele... e assim... eu sempre curioso né... porque eu sempre fui curioso e tais... e eu sempre perguntava pra ele... e tipo conversava com ele... e assim... e ele sempre;; me informando conversando comigo e de certa forma me ajudando a desconstruir muita ideia negativa que eu tinha... foi uma coisa muito interessante pra mim conviver sabe...

**72P:** Uhum... é bom a gente conviver com a diversidade assim que a gente acaba aprendendo muito mais... e em consequência abre muito mais a nossa mente pra essa diversidade... quando a gente conhece as religiões africanas por exemplo... a gente percebe muitas coisas... muitas coisas que a gente acredita inclusive... alguém aqui conhece alguma outra religião africana?... que queira falar pra gente... o que vocês pensam a respeito e tal... não?... parece que a gente ainda tem muito receio em falar sobre outras religiões além das cristãs... por que a gente é criado em um circulo cristão né... a maioria das pessoas né... eu por exemplo... tive a oportunidade de conhecer outras religiões... igreja católica... evangélica quando batizei a contra gosto... por que eu não queria mas fui obrigado pela minha mãe... centros espíritas por que minha avó frequentava e eu ia com ela... testemunhas de jeová quando eu ia para a casa dos meus tios em Goiânia... e agora ando lendo bastante sobre religiões descendentes da mãe África...

**73BARTH:** Nossa... bem eclético em professor... ((risos))...

**74P:** Muito... ((risos))... quando o (X) disse sobre macumba... eu me lembrei na hora... vocês sabem o que é macumba?...

**75BARTH:** Ai professor... meu ti já me explicou esses termos todos todos todos né... mas eu não tô lembrado direito não... mas ele já me explicou as linhagens dos orixás dele... as entidades que ele segue... ele já me deu uma aula assim... conversando comigo sobre né... porém professor do céu... não me lembro direito não... assim... mas... eu sei que não tem nada haver com o que a gente pensa que é...

**76JADE:** Aqui perto de casa tinha um senhor que fazia...

**77P:** Fazia o que?

**78JADE:** A macumba...

((risos))

**79P:** (X) deixa eu te perguntar... ele tocava algum instrumento?...

**80JADE:** A;; não sei dizer não... assim eu só ouvi boatos sabe... o povo falar que tinha um quarto lá na casa dele cheio de capeta... uns trem... a;;...

**81P:** Deixa eu te falar... da próxima vez que te falarem que alguém faz macumba... pergunta que instrumento ela toca... por que macumba é um instrumento musical de percussão parecido com o reco-reco...

**82BARTH:** Ai;; é verdade professor... lembrei... verdade verdade verdade...

**83P:** A macumba é isso...

**84JADE:** Eu tô falando isso... mas foi o povo que me falava isso... eles contrataram um cara lá pra olhar... esse cara chegou lá na minha avó com medo... falando que tinha uns capeta lá... dentro do quarto que eu fiquei assustada...

**85P:** A gente é criado em um ceio cristão... e isso não é de hoje... isso é fruto de uma história... toda conversa nossa... não sei se estão reparando... a gente busca uma história naturalizada... e começa a saber de onde ela veio... e trazemos pra atualidade... isso é também fruto de história lá de traz... nos fizeram acreditar que macumba era algo ruim... que macumba é quando uma pessoa faz uma reza contrária né... vamos utilizar um termo cristão... e eles fizeram a gente acreditar nisso... e a gente fica com medo e nunca paramos para pensar problematizar sobre as religiões africanas... e quando a gente para pra analisar... a pensar essas coisas... a gente vê que na religião cristã tem muito dessas crenças... superstições etc... vamos ver uma experiência... qual cor de roupa vocês utilizam na virada de ano?...

**86BARTH:** ((risos))...

**87JADE:** Geralmente é branco né...

**88BARTH:** É o clássico né... é o branco...

**89P:** Pois é... vocês sabem de onde veio essa cultura de usar o branco na virada de ano?... Calaram né... ((risos))... e se eu falar pra vocês que veio de religiões e da cultura africana?...

**90BARTH:** Aquela ideia de pular sete ondinhas né professor... ((risos))... achei bom tipo assim ó... o povo comentou lá né... o Luciano Hulk é judeu né... parece que ele é judeu se eu não me engano né... ou católico alguma coisa... ai eu... ai ele tava pulando ondinhas né... ai;;... ai tipo assim... ai o homem foi

e... tipo aqueles memes mesmo... ó deus tá vendo viu... você pular as sete ondinhas e depois metendo o pau nos orixás né... entendeu...

**91P:** Entedi sim... ((risos))... só pra vocês terem uma noção... ai quando a gente fala que a gente é preconceituosos... principalmente sobre religião... mas só em algumas partes... quando não convém a nós... agora quando nos convém a gente não é... a gente fala não isso é bom... vou usar branco... vou pular sete ondinhas... vou oferecer a Iemanjá e tal...

**92BARTH:** Vou tacar um sal ali...

**93P:** Bate na madeira...

**94BARTH:** Nossa... é verdade... tudo isso a gente faz... e acha lindo...

**95P:** Qual que é a ideia... é pra gente começar a problematizar e a pensar sobre a cultura que a gente consome... qual que é a cultura que a gente consome... de onde ela vem... esses pequenos detalhinhos da nossa vida tem algum por que... tanto é que essas pequenas palavras... por exemplo feito na coxa... ela tem uma história por de trás... todas essas expressões tem histórias...

**96BARTH:** Professor... mas como assim... eu não conhecia esse termo... tipo... como assim... juro que eu não conhecia esse termo...

**97P:** É normal... tem muitos que gente não conhece... como também tem muitos que a gente conhece e usa... feito nas coxas pode perceber que é sempre quando a pessoa tá falando em algo mal feito... algo pejorativo... algo feito mais ou menos... feito ruim... e por que é um termo racista... vocês sabem como eram feitas as telhas de antigamente?...

**98JUBINHA:** Era nas coxas dos escravos né professor...

**99P:** Isso... e como os escravos cada um tinha um porte diferente... uns eram mais magros... outros mais fortes... maiores... mais gordos... e tudo mais... elas ficavam diferentes... desproporcionais... ai onde não se encaixavam direito... ai surgiu essa expressão... e a gente nunca imaginava uma coisa dessas né... se não buscamos compreender sobre onde as expressões surgiram...

**100BARTH:** É verdade professor... verdade verdade...

**101P:** Vou mandar no grupo pra vocês lá... um livro sobre várias expressões racistas que a gente usa muito no dia a dia... Acho que hoje a gente já conversou muito né... acho que já tá bom por hoje... a; uma outra pergunta... agora pra gente se despedir... Quantas pessoas negras de status conhecemos?... apresentadores... modelos... donos de empresas... etc... vocês conseguem contar...

**102BARTH:** Ai assim... tipo... tem a Glória Maria... a Maju que era uma das poucas jornalistas negras... o... acho que ele chama Everaldo... apresentou o jornal Nacional também... tem... deixa eu vê mais... apresentador deixa eu vê... ai professor parece que tem hora que eu tenho Alzheimer... tem hora que eu esqueço das coisas... deixa eu ver mais... ai sei lá tipo...

**103JUBINHA:** Comparado com os brancos são bem poucos né...

**104BARTH:** Não bem pouco né... da pra contar nos dedos... não e tipo... dá pra contar nos dedos né...

**105P:** Justamente... eu ia inverter a pergunta depois... por que o (X) ficou tentando lembrar alguém de status negro que ele conhece né... ai quando a gente fala de pessoas de status e brancos... a gente nem precisa ficar lembrando né...

**106BARTH:** I é bem pouco né... ai professor no questionário do senhor faltou uma cantora que eu amo de paixão... a Iza... amo de paixão...

**107P:** A (X) falou aqui no chat que... no SBT tem duas repórteres negras... pois é... quantas brancas ou brancos?...

**108JUBINHA:** Um punhado né...

**109P:** Eles fazem isso pra que?... pra passar uma imagem de serem inclusivos...

**110BARTH:** Aham... isso;;.. coloca dois lá... e acha que tá incluindo estamos abraçando todo mundo... sendo que nós negros somos a maioria né fessor... é incrível isso... tipo comercial... o senhor já viu que eles põe só um negro e quatro branco no comercial... só... cê acha que eu nunca assim... cê acha que eu nunca parei pra pensar... olha não foi uma nem duas vezes não... pensa assim... tipo a... por mais que eu veja que a avon a natura tenta ser inclusiva... mas acaba colocando por exemplo só uma... ou duas sabe... e assim... tinha que ter mais né... é como eu falei né... a gente é a maior parte da sociedade sei lá né... acho muito... sei lá... muito errado...

**102P:** Isso serve pra gente começar a olhar esse racismo que é internalizado em nós né... a gente nem percebe isso se não problematizarmos... a gente só sente falta de nos ver... a gente não problematiza não critica... não fala nada... a importância desses encontros que estamos problematizando é justamente pra começar a pensar e problematizar as relações raciais do nosso dia a dia...

**103JADE:** Acho que nuca mais agora... vamos olhar com os mesmo olhos professor...

**104JUBINHA:** A gente se submete a muita coisa pra ser aceito né...

**105BARTH:** É verdade... é onde a gente tem que apertar o foda-se por que... quem sofre depois é a gente...

**106P:** Justamente... então pessoal... acho que hoje é isto... a nossa discussão foi bacana... vocês são muito fudas pessoal...

**107BARTH:** Essa pandemia me serviu pra muita coisa... pra começar a ser mais ativo... eu fui e estou sendo muito ativo...

**108P:** Então tchau pessoal... um abraço para vocês... e sejamos ativos...

**109IN's:** Tchau professor...

## APÊNDICE E

### Transcrição do Quarto Encontro (4) 77,00 minutos de áudio

**P – Pesquisador**

**IN – Integrante das discussões**

**01P:** Hoje nós vamos questionar a cultura que nós consumimos... Primeiro quero saber de vocês o que nós sabemos sobre a cultura euro-americana... O que seria essa cultura euro-americana... é a cultura europeia né... e a cultura americana da américa do norte ali... Estados Unidos e tal juntas... com isso eu gostaria de saber de vocês o que vocês sabem sobre essas duas culturas...

**02RUIVINHA:** Serve no chat?...

**03P:** Pode ser uai... tá com vergonha de falar (X)?... Não precisa ter vergonha...

**04RUIVINHA:** O problema nem é a vergonha... é a internet que tá lenta... aí fica travando... até que você lembra o que tá falando cê se perde...

**05P:** A entendi... (X) quer falar alguma coisa?... (X)... Vamos conversar uai.... o que vocês conhecem sobre a cultura deles...

**06JADE:** Euro-americana está bem ligada com o nosso dia a dia... até no vestir...

**07BARTH:** Tem uma ideia de consumismo né... por que tipo assim o Estados Unidos esses países mais desenvolvidos pregam essa... essa coisa de consumi bastante e tal...

**08P:** Eles pregam bastante isso e tipo... e o que fazemos com isso...

**09BARTH:** A gente consome né... a influência deles sobre nós é muito grande... Influencia muito...

**10P:** Verdade... e essa influencia tá muito ligada até no modo que pensamos hoje né... por que é uma história de séculos e séculos né... desde a época da escravidão e a gente vem naturalizando isso até hoje né... como a (X) disse né... é a influência...

**11RUIVINHA:** A cultura euro-americana é nosso dia a dia... já a africana é diversificada diversas etnias... pois essa influencia euro-americana faz com que sejamos adeptos a ela... muitas vezes sem perceber né...

**12P:** Sim... essa cultura euro-americana faz com que a gente pense que ela está tão mais próxima de nós do que as culturas africanas né... mas o que vocês acham sobre essa diversidade da cultura africana?... vocês acham que ela trás contribuições positivas ou pejorativas... ruins para nossa cultura num todo?...

**13BARTH:** Eu acho que ela em si não trás nada de ruim não... toda cultura é algo bom... costumes... mas a sociedade em si que é muito racista vê como algo ruim né...

**14JADE:** A gente utiliza muitas expressões inglesas direto... um exemplo é falar o inglês de forma coloquial...

**15P:** Sim... só que a gente usa expressões africanas direto... o problema é que não conhecemos... não falam pra gente que ela é da África... por exemplo... a gente utiliza muitas expressões inglesas é; por que a gente quer... a gente quer parecer digital... digital influencer né... que tá muito na moda hoje em dia... pra gente demonstrar aos outros uma superioridade né... então a gente sempre coloca essas relações de superioridade e inferioridade nas nossas falas... mas não por que realmente queremos... mas por que fomos e somos influenciados né... por exemplo... o item lexical bunda... que a gente utiliza muito... é uma palavra africana... e a gente utiliza no dia a dia... o problema é... o que queremos passar quando usamos uma expressão africana e quando usamos uma expressão em inglês...

**16BARTH:** Até por que a gente... assim a gente é um povo miscigenado né... então é de diversos lugares... o nosso português é influência de um monte de línguas né... e a nossa cultura também...

**17P:** Sim... o nosso português foi influenciado por línguas africanas línguas indígenas e várias outras línguas... e a gente naturalizou isso... como se fosse um português só... igual o de Portugal... mas e aí... o que vocês sabem sobre a cultura africana... quando falamos sobre a África o que a gente pensa...

**18GOIANO:** Orixás...

**19P:** Sim... e o que pensamos sobre os orixás...

**20BARTH:** A sociedade impõe pra gente pensar mal né... a gente não sabe tanto... é o preconceito racismo...

**21P:** Sim... a gente não sabe... mas somos bombardeados todos os dias com esses pensamentos né... pensar coisa ruim... coisa pejorativa né... contra eles... mas quando é associado... por exemplo com algo que eles queiram vender... eles articulam para que a gente não faça referência com alguma coisa das religiões africanas ou até mesmo com a África por exemplo... pra gente consumir aquilo... um exemplo... quem aqui de vocês já viu alguém com dreads... aquelas tranças no cabelo e tudo mais...

**22JADE:** Hã;;... o senhor entrou num assunto bem legal... que até a professora passou um tema de redação pra gente... é apropriação cultural... eu achei muito legal falar sobre isso...

**23P:** E o que você pensa sobre isso ((X))... sobre a ideia de apropriação cultural...

**24JADE:** Eu acho assim que... igual eu fiz referência na minha redação... por exemplo... tem muita blogueira aí... essas pessoas digitais influencer... que usa dreads e tal... tipo assim... elas usam isso aí para se mostrar... não conhece a luta que o povo africano... é;; queria passar com isso... tem aqueles... como que é o nome... fugiu da minha cabeça agora... turbante... eu vi... eu pesquisei que eram usados pelas negras africanas né... na época da colonização e tal... como um meio de não sofrer violência hoje não... hoje tá aí no mercado como um simples e;; acessório talvez...

**25P:** E ((X)) exatamente... e a cultura euro-americana tem muita influência nessa apropriação cultural... por que tipo o turbante... eles pegaram ele... que era usado na época da escravidão com que as mulheres usavam para esconder seus cabelos... por que;; pra quem não sabe... na época da escravidão... quando começaram a escravizar os negros e os indígenas... os indígenas primeiro né... com aquela ideia de bárbaros que discutimos em alguma discussão nossa passada... e depois os negros né... aí utilizavam a cor da pele primeiro né... por que naquela época a cor da pele era associado pela igreja católica como a marca que deus colocou em Caim por ter matado seu irmão... aí eles começaram a propagar que podiam escravizar os não brancos por serem os familiares do pecador... aí depois de desconstruírem essa ideia de cor ser pecado... eles transmitiram essas ideias para os traços fenotípicos das pessoas... um deles é o cabelo...

**26JADE:** Tipo o antissemitismo né... lá na época do Hitler... que ele viu os judeus os homossexuais como inferiores... ciganos...

**27P:** Isso... tem muita relação... em todos os contextos históricos existem pessoas que acham superiores aos outros... e quando houve a explosão da segunda guerra mundial lá... ele quis falar que a raça dele... a raça ariana era superior as demais raças... ele pegou isso da ideologia passada... a ideologia que movimentou a escravidão... essas influências fazem com que nós reproduzamos vários discursos várias narrativas que muitas das vezes nunca paramos para pensar de onde elas vieram e como elas surgiram... por exemplo... quando a gente pensa na África... o que vocês pensam... sobre a África... vamos resumir em alguma premissa o pensamento que temos da África...

**28JADE:** Seca... fome...

**29RUIVINHA:** Calor insuportável... mais perigosos...

**30BARTH:** Crianças magras... morrendo de fome e sede...

**30P:** Então... o que fizeram pra gente acreditar... e pensar só nessas coisas quando falamos da África...

**31RUIVINHA:** Se a gente for parar para pensar eles vivem de uma forma diferente de nós né... lá eles não tem quase nada... já a gente vive uma vida de rei... tem tudo na mão... tudo de bom... já eles não... a vida é difícil pra lá...

**32P:** Justamente nesse ponto que eu queria chegar... por que a gente acredita nisso... que lá é difícil de se viver... não tem quase nada como a ((X)) acabou de falar... quem falou isso pra gente... e a gente continua disseminando isso...

**33GOIANO:** A grande mídia...

**34P:** Olha para vocês verem o tanto que essa grande mídia tem influência no nosso meio social... e alguma vez vocês já pesquisaram alguma coisa sobre a África...

**35RUIVINHA:** Uai;; eu não... mas acho que os nerds da minha sala eu acho que sim...

**36BARTH:** Uai eu acho que todo o país não... por exemplo lá na África do Sul não é tão assim não... tem vários lugares lá que são ricos...

**37P:** A gente não precisa ser Nerd para pensar e pesquisar sobre isso... acho que o problema maior está em nossa acomodação em escutar isso... e aceitamos... não questionamos e a gente acredita nisso... a gente ouve aquilo e pronto e acabou... não problematizamos... e é justamente isso que faz com que nós continuamos exercendo um papel de subalternos para essas pessoas da grande mídia... ou seja... elas impõe o que devemos pensar de forma maquiada... ai nós acreditamos que pensamos assim porque queremos... mas na verdade é influência... só é passado pra gente a riqueza dos Estados Unidos da Europa ali... e por exemplo... Ruanda que é um país da África é um país riquíssimo... e isso não é passado pra gente... a riqueza dos países lá da África...

**38JADE:** É por isso que a gente tem que se interessar e procurar pra não ficar preso... tipo naquele mito da caverna de Platão... acho que é Platão se eu não me engano... se a gente não buscar o conhecimento ficar só deixando os outros ali influenciar não vai... não vai sair da caverna...

**39BARTH:** Os pais falam pra gente né... que se a gente não comer o arroz todo papai do céu vai ficar chateado por que na África tem muita gente passando fome...

**40P:** Sim... com isso dá para gente perceber que este problema de hoje é fruto de uma história antecessora... até mesmo por que nossos país já falam isso... e de onde eles ouviram isso... onde eles aprenderam isso... Não sabemos por exemplo a história do diamante... de onde vem o diamante... vocês sabem...

**41RUIVINHA:** Infelizmente não... conte aí pra gente...

**42JADE:** É da África eu acho... ou de algum desses países aí...

**43P:** Exato... grande parte vem dos países africanos... o cacau... o chocolate que vocês consomem... de onde vem a grande maioria do cacau...

**44JADE:** Da África... ((DÚVIDA))

**45P:** De África... parece que setenta por cento do cacau vem de países africanos... só para termos uma noção do quanto o país é rico...

**46RUIVINHA:** E é muito gostoso o fruto... é muito bom... eu gosto de puro...

**47P:** Estão vendo... tem muita coisa que vem da África e que a gente não sabe... só é passado para gente a miséria a fome a seca... dos países africanos... e a gente não problematiza e pesquisa para saber se

realmente é só isso lá... e é pensando nisso que a gente conversa um pouquinho sobre a religião cristã... a religião cristã... acredito que todos vocês aqui conhecem né...

**48JADE:** Eu sim...

**49P:** Acredito que todos conhecem... por que a religião cristã é a mais disseminada... e;; de onde vem essa;;... esse conhecimento nosso da religião cristã... onde começou...

**50JADE:** Na África ((RISOS))...

**51RUIVINHA:** Europa...

**52P:** As duas respostas fazem sentido... por que assim... onde Jesus nasceu... inicia tudo isso alí na África no continente africano né... mas quem apropria e cria a religião cristã católica foram os europeus alí né...

**53BARTH:** Ai;;... ai veio para o Brasil pelos jesuítas e os bandeirantes né... chegou impondo a cultura cristã aqui e tal... escravizaram os indígenas com a ideologia cristã... daquela época... ai como os indígenas não conheciam o deus deles... chamaram eles de bárbaros né... e disseram que eles eram inferiores aos europeus... ai;; esses bandeirantes e jesuítas escravizaram os indígenas aqui... e ai;; começou essa doutrinação cristã... essa... essa;; naturalização né... dessa religião...

**54JADE:** E muita sem-vergonhice né... convenhamos eu sou cristã mais... venda de indulgências... teve aquelas reformas protestantes e tal...

**55P:** Sim... é igual um de vocês falaram em uma das aulas... que segue a religião cristã mas com minhas concepções...

**56JADE:** É;;; você acredita naquilo mas tem muita coisa que você discorda também da igreja...

**57P:** Sim... e o importante da gente conhecer tudo isso... é;; que a gente começa a perceber que eles fizeram muitas coisas erradas ali... no passado... e não vamos apagar aquilo e fingir que nada aconteceu... e vamos seguir aqui a nossa fé sem problematizar tudo de mal que fizeram... lembram daquela frase que o povo tem costume de falar... que;; religião e política não se discute...

**58JADE:** É tipo assim... tem determinadas igrejas também que... não aceita a homossexualidade... e por que que eu sou melhor que uma pessoa homossexual... por que que esse pessoal não é igual a mim...

**49P:** Sim... é;; e por que foi alimentado esse discurso de que religião e política não se discute...

**50ANJO CELESTE:** Por que se a gente começar a discutir... principalmente sobre religião vamos conhecer sobre outros pontos de vistas diferentes sobre o que ouvimos durante boa parte da vida...

**51P:** Pois é... e quando conhecemos outros pontos de vistas alimentamos um olhar mais crítico...

**52ANJO CELESTE:** É;;; aí a gente começa contestar né... aí a gente começa a contestar as atitudes desse povo aí...

**53P:** Isso... a gente precisa problematizar para sairmos do status quo... o que que é isso... é a gente manter a mesmice... aceitar tudo calado e pronto e acabou... a religião é isso e pronto não se discute... é isso que você tem que acreditar e pronto e acabou...

**54JADE:** É igual o ((X)) falou da idade média aí... é;; a igreja caçou muita mulher falando que era bruxa... mas essas mulheres eu li sobre... elas eram aquelas que não concordavam e não podiam expor suas opiniões e tal... aí eram dadas como bruxa...

**55P:** Sim... e elas eram médicas daquela época também né... por que tipo... elas tinham conhecimentos sobre as ervas medicinais... então elas curavam as pessoas... entendeu... aí por isso que elas é;; foram queimadas vivas... e;; chamadas de bruxas...

**56BARTH:** Tipo... eu acho errado... por que cada um tem suas opiniões e seus pensamentos... acredita naquilo que quer...

**57P:** Sim... mas tem uma coisa que eu ando pensando muito... é o seguinte... pra gente escolher... por exemplo... eu falo assim... eu escolhi a religião católica pra seguir... eu escolhi... mas quando a gente passa a pensar sobre escolha... quando a gente tem que escolher algo... a gente tem que ter duas opções ou mais né... aí quando a gente conhece essas opções... aí sim a gente pode falar... não eu escolhi isso aqui... um outro exemplo... na política tem a direita o centro e a esquerda né... então para eu escolher quem eu quero apoiar eu preciso saber o que cada vertente prega... aí sim eu posso escolher... agora como eu escolho a religião... por exemplo a cristã sem conhecer as outras...

**58JADE:** Eu posso falar uma coisa... é tipo a minha opinião... é polêmico mais assim... é igual... por exemplo... tenho um filho aqui e eu sou católica aí eu vou e batizo ele na católica... eu não sei o que que meu filho quer... eu acho isso errado... e quando ele crescer ele quiser é;; seguir uma religião africana... ou;; outra... que seja...

**59P:** Sim... agora imagina... será que essa mãe vai instigar a criança a pensar o que essa criança quer...

**60IN4:** Tem igrejas que só pensam no dízimo né...

**61P:** Sim... a gente só não pode generalizar e falar que são as igrejas... mas são algumas pessoas dessas igrejas... alguns padres e pastores...

**60JADE:** Isso que eu não entendo... Jesus passou pelo mundo e nunca pediu dinheiro... por que que cê tem que dá dinheiro... é;; desculpa né ((risos))...

**62P:** Então... temos que problematizar essas coisas para não manter esse status quo... é igual quando eu disse que quando a gente se ala diante a um ato racista a gente tá sendo condizente com esse ato...

**63IN4:** Pra mim o maior problema está no extremismo...

**64JADE:** Extremismo e a desinformação né...

**65P:** Vocês falando nisso... e voltando ao nosso tema... algum tempo atrás teve alguém que colocou uma oferenda numa encruzilhada aqui em Itapuranga... vocês souberam disso...

**66JADE:** Eu não...

**67ANJO CELESTE:** Não... ((risos))

**68RUIVINHA:** Eu não... conte pra gente...

**69P:** Então... sabe aquela encruzilhada da rotatória sentido Xixazão... teve alguém que colocou uma oferenda ali... aí o pessoal nas redes sociais compartilhou uma foto... chamou até a polícia para ir lá... por que é o seguinte... a gente está tão acostumado a associar oferenda com macumba... eu nem procuramos nos informar o que e para que serve uma oferenda... e quando a gente dissemina essas falas e esses pensamentos a gente também está compartilhando com o pensamento racista... por que... por que oferenda é de uma religião africana... né... então a gente vê aquilo como algo assustador... algo horrível... e a gente já fala que aquilo é do diabo que aquilo é do mal... e tudo mais... e a gente não para pensar nisso e nem saber o que aquilo significa pra religião africana... um outro assunto que eu gosto muito de conversar... é a pomba gira... no pensamento de vocês o que seria pomba gira...

**70ANJO CELESTE:** Eu nunca entendi direito o que é isso aí... tipo assim... eu sei que as pessoas associa a uma coisa do mal...

**71BARTH:** É;; meu ti já me explicou que tipo... é uma... é uma entidade que;; tipo;; serve pra orientar e tal... ele já me falou um monte de trem assim... que eu já perguntei pra ele um dia né... por que tipo... a gente escuta muito na igreja tipo... a fulano tá com a pomba gira... né... tá destruindo a vida essas coisas assim... já conversei com ele isso...

**72P:** Sim... teve um vídeo que saiu recentemente né... de uma mulher que dizia estar com a pomba gira aí o pastor tava orando por ela... só que quando pesquisamos o que é pomba gira... vamos ver que não tem nada haver com o que é disseminado por essas pessoas assim... na verdade ela é uma entidade de religiões de matrizes africanas de mulheres que não aceitavam serem submissas ao homem... eu acredito que vocês mulheres aqui não querem ser submissas ao homem querem?...

**73RUIVINHA:** Nunca...

**74ANJO CELESTE:** Nunca...

**75P:** Pois é... na antiguidade a religião pregava isso... que as mulheres eram submissas aos homens e tal... aí quando uma mulher determinou eu não vou ser submissa ao homem... não vou aceitar esses padrões que eles impõe a mim... aí... para a religião africana... de matrizes africanas né... essa mulher se tornou uma entidade... que protege as mulheres que não aceitam esses padrões que impõe a elas... ou seja... ser submissa ao homem e ter a sua voz ouvida... aí... o povo da religião cristã se apropriaram disso... desse nome pomba gira... pra falar que é algo maldoso... e a gente carrega isso... sem pensar por que acreditamos nessas coisas sem nem saber o que é realmente foi a famosa pomba gira... por isso precisamos questionar essa cultura que nós consumimos né...

**76BARTH:** Tipo assim ó... é por que assim... eu... eu assim... eu penso que;; como existe o bem vai existir o mal... certo... e assim... a forma do mal existe também... é;;... coisas boas mas também vai existir energias negativas... vai existir coisas ruins... e tipo assim... e as pessoas generalizam entendeu... vamos dizer... esses obsessores assim... com todas as outras coisas né...

**77P:** Sim... com a evolução da religião... eles viram que muitas pessoas estavam conhecendo religiões de matrizes africanas... aí... pra demoniza essas religiões... eles começaram a usar os nomes dos orixás para a gente associar com algo ruim... algo do mal e tal... por exemplo... quando a gente fala de Exu...

**78BARTH:** Sabe... eu acho que o povo generaliza de mais... por que tipo... na religião espírita... eu vejo muitas pessoas que fazem movimentações para ajudar os outros e tal... pra levar comida levar água essas coisas assim... aí... com aquele negócio que aconteceu com o João de deus... o povo tava querendo associar como se todos do espiritismo fossem daquele jeito... falando que a religião é do mal e tal... e a gente sabe que não é assim... por que conheço uma história... de uma família que deu poso para um pastor... aí ele esperou todo mundo dormir e foi aliciar uma menina... aí a mãe dela foi na igreja pra conversar com o pessoal da igreja... aí foi e disseram pra ela que se ela seguir com aquilo e denunciar deus não iria gostar... que era coisa do mal fazer aquilo e tal... eu conheço uma professora... eu deu aula pra mim no ((colégio))... hoje ela não dá aula lá mais... mas a gente tem uma amizade muito boa... eu mais ela fala que a nossa religião é amor sabe... acho que tudo que vem do amor... você reproduz de uma forma pacífica vai fluir alguma coisa positiva pra sua vida pra quem tá ao redor né professor...

**79P:** Sim... tanto que se a gente for fazer essa generalização... olha tantas pessoas da religião cristã que fazem algo maldoso... e se a gente generalizar e falar que são todos... as pessoas vão achar ruim... por que as pessoas se comovem com isso... se sentem magoadas... então imaginem quando aparecem vídeos... por exemplo que aparece uma mulher falando que tá com o diabo o satanás da pomba gira.. imaginem por exemplo... alguém que segue essa religião de matriz africana... o que que ela sente...

**80BARTH:** Não... professor... igual por exemplo... eu convivo mesmo como eu já contei relato que eu tenho família assim... que;; e tipo... nossa... eu sei como que é... por que meu ti fica muito magoado mesmo... meu ti mesmo quando ouvia isso ele ficava tipo... hoje em dia não... hoje em dia ele sabe rebate de uma forma mais branda de uma forma mais... antigamente ele ficava muito reprimido sabe... hoje em dia não sabe... hoje em dia acho bom que ele tipo... luta pelo espaço dele... demonstra sabe... por exemplo assim... né... vamos supor... no velório da minha avó... como minha avó era cristã né... é;; tipo;; teve culto né... e tais... mas ele participou né... ele foi com... com.. a esqueci o nome do colar... que eles usam... ai gente como que chama... todo velório ele usa sabe... ele usa... tipo... entendeu... é uma forma dele... entendeu... é uma forma dele estar em contato com deus também entendeu... por que deus não é um deus tipo assim... específico de cada religião... eu acho que;; tudo tem um deus que assim... por exemplo... o deus que habita em mim né professor... é um deus que;; talvez... é;; tá ali dentro me alicerçando... tem um contato com ele... eu penso assim...

**81P:** Sim ((X))... acho que é importante a gente falar sobre isso né... e;; pensando um pouco em cultura... acho importante lembrar... e problematizar isso... a gente está tão acostumado com a imagem que algumas pessoas associam as entidades africanas... que não problematizamos... igual falamos um pouco sobre a pomba gira... que todos tem uma carga histórica por detrás desses nomes... quando a gente fala por exemplo de Exu... o que remete na mente de vocês...

**82BARTH:** É vários né...

**83P:** O Exu por exemplo... como os cristãos não tem uma definição certa pra Exu... como eles não conseguem ter o mesmo pensamento de uma pessoa que segue a religião africana... eles acabam associando Exu ao capeta ao satanás... e o que de fato é o Exu... por que é tipo... a gente acha que alguém ou é bom ou é mal... e Exu faz os dois... igual nós seres humanos... ao mesmo tempo que a gente morre de raiva a gente já tem amor de mais...

**84: BARTH:** Professor... assim... por exemplo... eu falo assim agora com mais convicção por que tipo... já é o que eu escuto desde criança né... por exemplo... também se a gente for pensar por esse lado deus também teve seus momentos de ira na bíblia... né... por exemplo deus já foi capaz por exemplo de mata... né... vamo... foi... deus assim... por exemplo... então... quando a pessoa é que só;; pensar por esse lado... falo não vou buscar também nas minhas vertentes... né... por que;; tipo;; deus também tem a sua ira uai... entendeu... tipo... eles falam muito é;; tempo da lei e tempo da graça... tipo... Jesus veio é a graça e;; tipo... mata... tipo... Jesus veio e mudou as coisa... então tem muitas coisas... por exemplo... na religião evangélica... na religião por exemplo católica... então tem muita coisa que ficou lá atrás... entendeu... se eles acreditam nisso... então ficou lá atrás... mas assim... é aquela história né... eu quero acreditar naquilo que me convém... né... tipo... a pessoa acredita naquilo que convém pra ela...

**85P:** E isso a gente precisa problematizar nas nossas relações... por que é o seguinte lá no questionário muita gente disse que conhecia o racismo cultural... a ((X)) até falou sobre apropriação cultural... e tudo tem um pouquinho de apropriação cultural... por exemplo a medicina é construído de pessoas da África... os remédios por exemplo... que tomamos... quando surgiu por exemplo remédios que poderiam sarar a dor de cabeça... o sangramento e tudo mais... de onde veio isso... tudo tem uma carga histórica social... e que muitas das vezes não conhecemos... e porque a gente não conhece...

**86JADE:** Por que a gente é diariamente influenciado né... influenciado pela grande mídia...

**87BARTH:** Quando a gente começa a pensar essas coisas... parece que tudo que é de ruim eles queriam associar aos negros... e;; tudo de bom... eles associam aos brancos... igual a gente já falou por exemplo das palavras né... hoje em dia o povo fala assim... a;; hoje em dia tudo é racismo... mas na verdade sempre foi né... a gente é que não sabia... a gente nunca soube sobre isso... a gente nunca parou para pensar porque determinado pensamento foi passado para nós né...

**88P:** Sim... vamos parar para pensar... por exemplo qual é a imagem dos negros nas televisões...

**89JADE:** Empregado... tipo assim... na novela né... nesses trem cê vê mais como empregada como bandido como... esses trem...

**90BARTH:** É;; tipo nas novela tava colocando muito tipo... como líder do morro... na globo eles põe muito assim...

**91JADE:** É;; o sabiá... eu nunca gostei de um vilão igual eu gostei do sabiá... muito top... traficante muito top... desculpa... ((risos))...

**92P:** Pois é... e eles fazem essas relações diariamente... e como... é nas novelas... nos filmes que a gente consome por exemplo... onde está o negro ali naqueles filmes...

**93IN4:** Sempre é do lado do vilão né... agora que a gente começa a ver um pouquinho de filmes que mostra o negro como o mocinho né... igual o filme pantera negra... mostrando o negro como guerreiro vitorioso...

**93BARTH:** É verdade... tem um filme também de três mulheres negras que trabalham pra Nasa... são três mulheres pretas assim... que trabalham com cálculos... se eu não me engano... é muito legal esse filme...

**94JADE:** ham;; eu lembro desse filme... é muito top... só que eu não lembro o nome...

**95BARTH:** Tipo assim elas sofrem muito preconceito... tipo no meio lá... por que tem muito homem e que elas são negras também né e tais... e elas fazem cálculos e parece que tem grande importância na área... eu não terminei de assisti mas é muito bom...

**96P:** Sim... essas coisas são passadas pra gente diariamente... por exemplo no jornal... quando eles passam que prenderam algum ladrão... por exemplo... eles falam jovem negro... suspeito negro... e tudo mais... mais e quando é um branco... o que eles falam...

**97BARTH:** Professor por exemplo todo mundo odeio o Chris por exemplo... nossa... tem tanto racismo tanto racismo a gente pensa que aquilo lá era tipo um;; um exagero que ia ter aquele tanto de racismo mas acaba sendo professor... mas acaba sendo... por exemplo a mãe dele colocou em uma escola onde tem só branco só branco... tipo... a mãe dele sempre insistiu que ele estudasse lá por que era uma escola boa... né... tipo... e;; ele sofria tanto... apanhava e tal... e tipo... era bullying no ônibus... por causa da cor mesmo...

**98JADE:** Tem um episódio de todo mundo odeia o Chris... que ele é;; a professora passa um trabalho pra eles... não sei se cê lembra... do ovo... da um ovo branco pra todo mundo e ele recebe um ovo marrom... ai ele ainda fala a mais um ovo marrom... ai ela vai e fala mas todos são iguais por dentro... então tipo assim... eles tá passando o racismo né...

**99BARTH:** Não e tipo... ela ficava querendo dar as coisas pra ele... por que ela falava assim ai seus pais fumam droga e tipo assim;; ela fazia essas... essas comparações direto...

**100JADE:** É porque era fora do grupo dela né...

**101BARTH:** E acaba que quem vivia naquela época... tipo... e até hoje mesmo... nos Estados Unidos... por que no Estados Unidos tem bastante racismo viu professor... bastante bastante... e Estados Unidos é como aqui... é como no Brasil é bem misturado as coisas lá né...

**102JADE:** E bem etnocentrista né... por que... tipo assim um brasileiro lá sofre muito preconceito...

**103BARTH:** É verdade...

**104JADE:** A série é um humor crítico né... tipo assim... a gente ri mais tá criticando aquilo ali...

**105BARTH:** Não teve um dia não sei se foi no dia dos namorados... que eles escreviam cartão e deixava dentro do;; como que chama... dentro do armário da escola lá... e tipo... tinha cartões... ai tinha um pro Chris... ai ele falou nossa um cartão e tal... escrito batatinha quando nasce esparrama pelo chão volta pra África seu tição... era mais ou menos assim o negócio... um maluco no pedaço também tem... as visões da Raven também... que eu amava também... cantava assim quando começava... ((risos))...

**106P:** A gente se identificava com essas séries né...

**107BARTH:** É;; as visões da Raven tem um episodio que ela mais Chelsea faz um;; é uma entrevista de emprego... e a Raven faz tudo certinho... numa loja de roupa... e a Chelsea faz as coisa tudo errado e quem ganha a vaga de emprego é a;; Chelsea... e tipo... foi um episódio que tratou do racismo né... que;; tipo... mesmo ela sendo competente eles não deram a vaga pra ela por que ela era preta... né...

**108P:** E essas comédia tem umas críticas por detrás... que são de extrema importância né... e elas pararam de passar né... na televisão aberta...

**109BARTH:** A gente se identificava com as séries né... víamos várias relações com o nosso dia a dia...

**110P:** Sim... ajudava em nosso empoderamento né... infelizmente vamos caminha pro final aqui...

**111BARTH:** Eu acho que se a mídia usasse direto essas relações... poderia mudar muita coisa...

**112P:** Com toda certeza... e é de extrema importância... principalmente eles... por que querendo ou não eles conseguem acessar muito mais pessoas que nós aqui... nessas discussões...

**113BARTH:** Verdade...

**114P:** Então a gente precisa problematizar essa cultura que consumimos... olha... a gente começou falando sobre o que conhecemos sobre a cultura euro-americana e a cultura africana... a gente falou sobre religião... e agora a gente fala da mídia novamente... todas elas tem relação com a outra... e isso é cultura...

((a gravação encerrou sem a despedida))

## APÊNDICE F

### Transcrição do Quinto Encontro (5) 78,00 minutos de áudio

**P – Pesquisador**

**IN – Integrante das discussões**

**01P:** Então... primeiramente boa tarde a todos a todas e todis... boa tarde ((X))...

**02RUIVINHA:** Tarde;;...

**03P:** Hoje a gente vai começar de um jeito diferente... hoje quero que alguém de vocês leia esse textinho que eu trouxe aqui... alguém de vocês se habilita pra ler pra gente...

**04RUIVINHA:** Uai a gente ajuda... eu leio um pouquinho você lê um pouquinho...

**05P:** Então vamos lá... cada um lê um pouquinho... começa com vocês...

**06RUIVINHA:** Então tá... lá vai... a teoria do embranquecimento... No Brasil aos libertos não foram dadas nem escolas nem terras nem empregos passada a euforia da libertação muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas ou a fazendas vizinhas para retomar o trabalho por baixo salário dezenas de anos após a abolição os descendentes de escravos ainda viviam nas fazendas uma vida um pouco melhor do que a de seus antepassados escravos... ai;; continua aí...

**07P:** Lê ai pessoal... alguém...

**08JADE:** Outros dirigiram-se às cidades como o Rio de Janeiro onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo... pronto já li até o ponto... ((risos))

**09P:** Uma outra pessoa...

**10BARTH:** Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café como em São Paulo os novos empregos tanto na agricultura como na indústria foram ocupados pelos milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país lá os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos... ai;; minha vista ta ruim... ((risos))

**11P:** ((risos))... tá faltando uma pessoa pra lê... não...

**12PITÓRIA:** Professor não vou ler... por que aqui não dá pra ler tá pequeno...

**13RUIVINHA:** As consequências disso foram duradouros para a população negra até hoje essa população ocupa posição inferior em todos os indicadores de qualidade de vida é a parcela menos educada da população com os empregos menos qualificados os menores salários os piores índices de ascensão social... a libertação dos escravos não trouxe consigo igualdade efetiva essa igualdade era afirmada nas leis mas negada na prática ainda hoje apesar das leis aos privilégios e arrogância de poucos correspondem o desfavorecimento e a humilhação de muitos...

**14P:** Então pessoal... neste texto aqui traz um pouquinho sobre o que nós discutimos quase em todas as aulas nossas até aqui... nos nossos encontros né... primeiro vamos discutir parte por parte deste textinho... olha... nas primeiras palavras o que diz este texto... olha... no brasil aos libertos não foram dadas nem escolas nem terras nem empregos passada a euforia da libertação muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas ou a fazendas vizinhas para retomar o trabalho por baixo salário... nesta parte... faz referência a princesa Isabel... a lei áurea que nos falamos né... então aqui o que a gente pode compreender sobre como foi a vida dos escravos após esta lei...

**15RUIVINHA:** Professor... é igual a gente falou na aula passada... acho que foi... é na aula passada... a princesa Isabel ficou como heroína né... e;; agora... com esse texto vemos que não foi bem assim né... por que tipo... se ela tivesse ajudado mesmo pra que eles iam voltar de onde eles saíram né...

**16P:** Isso... eles voltaram para a fazenda onde eles eram escravos... em troca de baixos salários... será que a gente vê alguma relação com o dia de hoje... por exemplo... qual o salário do pessoal que vai cuidar das fazendas dos outros... esqueci o nome agora...

**17JADE:** Lavrador...

**18BARTH:** Caseiro...

**19P:** É... caseiro... olha ao longo da nossa história vamos vendo histórias que se repetem... modificam só o nome das coisas... pra deixar mais atualizado... e estão em nosso dia a dia e tal... enquanto um ganha

muito dinheiro... o caseiro... que é quem verdadeiramente cuida da terra... faz tudo na terra... ele ganha quase nada... quando a gente começa a conhecer essas histórias... vamos criando um olhar mais crítico sobre a atualidade... né... tipo... se a gente for puxar a ancestralidade desse caseiro... vamos ver quem foram seus antepassados... vamos percebendo qual o poder aquisitivo desse caseiro... então... quando a gente começa a observar isso vamos ver que existe ainda uma segregação uma separação... mantendo sempre as pessoas que são... é;; descendentes né... desses ex-escravos... continuam na mesma linha de serviço... mudando só o nome que é empregado para a função... quem aqui não tem um parente que trabalha em uma determinada área... e que você ou algum parente seu também não seguiu essa mesma área de serviço... quando conversamos de como foi criado a favela... vocês lembram do que conversamos...

**20RUIVINHA:** Hã... não lembro não... minha memória é muito ruim...

**21P:** Nossa... ((risos))

**22PITÓRIA:** Que era por negros... ex-escravos...

**23JADE:** Eu posso fazer uma observação...

**24P:** Claro... por favor...

**25JADE:** É;; ontem eu tava assistindo uma vídeo aula... sobre racismo e tal... ai eu vi uma coisa bem interessante... que o Brasil... justamente nessa linha do texto né... que o Brasil nunca facilitou pros negros... depois dessa abolição e tal... ao invés... como eles ficaram sem empregos... o Brasil logicamente tinha que dar emprego... empregar... dar uma estruturação pra eles... pra eles sei lá... começar a vida né... e não... o Brasil... ele fez o contrário... ele criou uma lei... se eu não me engano em mil oitocentos e noventa... pra... pros imigrantes virem... eles queriam que os imigrantes viessem... os italianos alemães... esse povo branco... mas ficava... como eu vou falar... é;; restringia os negros né... os negros africanos não podiam vir... nem os asiáticos...

**26P:** Perfeito... era justamente aí que eu queria chegar... eles começaram a contar histórias pra gente... pra nossos antepassados né... que eles foram recontando... recontando... o que hoje faz a gente nem problematizar essas histórias... por que se tornou algo normal... entre aspas né... quando a ((X)) fala dessa lei dos imigrantes... vocês sabem porque eles queriam que esses imigrantes viessem para cá... pro Brasil...

**27JADE:** Eu acho que é por que assim... os italianos os alemães seriam mais aptos ao trabalho... a não me lembro direito...

**28P:** É... a gente conversou nas aulas passadas... lembrem aí... qual é a ideia que passaram pra gente sobre os negros... o negro é bom ara que tipo de serviço...

**29BARTH:** Só em emprego desvalorizado né... hoje mesmo que a gente tem uma noção disso... doméstica essas coisas... assim... a sociedade em si foi estruturada desse jeito né... que o negro é sempre mais inferiorizado em relação de emprego de tudo...

**30P:** E o negro tá relacionado a que tipo de emprego... o que o povo fala... a;; serviço de que.. essas coisas...

**31RUIVINHA:** Acho que é por que os brancos estariam mais capazes de fazer os trabalhos fáceis... já os negros eram escravos... pra trabalhos mais pesados... tipo;;... puxando carga... nos engenhos só serviço pesado...

**32P:** Isso... isso foi passado pra gente nessas histórias... essa cultura de trazer os imigrantes para o Brasil... durante muito tempo essa história foi contado pra gente como algo bom... algo louvável... tipo...

o Brasil é tão rico que até os gringos queriam vir para cá... e aí a gente fica achando isso maravilhoso... as sempre existiu um por que por trás dessa história... tanto que a sociedade naquela época já iniciava uma estruturação racista... eles aboliram a escravidão né... mas deixaram os ex-escravos agora né a deriva... os negros são pessoas sabidas viu... pra quem fica reduzindo a história do negro somente na escravidão... estão muito enganados... por que o Brasil só existe por causa desses negros... esses ex-escravos... os brancos sabiam disso... aí por isso manipulavam a história pra eles não se juntarem totalmente e revolucionar tudo... aí o que os brancos fizeram... empurraram os ex-escravos para esses serviços pesados... para as lavouras de café... os engenhos... cuidar dos filhos né... as mulheres eram responsáveis para cuidar dos filhos desses brancos... em troca de miseráveis salários... aí... eles criaram essa lei.. pra trazer esse pessoal branco... esses gringos né... pra ocupar espaços nas indústrias... os espaços de serviços fáceis né como a ((X)) disse... aí a gente para pensar o que fez com que determinadas pessoas tem esse tanto de dinheiro... e nós... não temos quase nada... bem pouquinho mesmo... como eu venho repetindo... tudo de hoje é fruto de uma história passada... tudo tem uma história...

**32JUBINHA:** Fizeram a gente acreditar na sorte né... tipo... a eu não nasci rico por que não tenho sorte... fulano deu sorte... nasceu numa família rica... essas coisas né...

**33RUIVINHA:** Acho que por que na minha opinião... os brancos iriam mandar... aí os negros iriam fazer o serviço sujo... tipo assim... os brancos fazendeiros davam os empregos e; os negros... faziam tudo... e hoje em dia... vemos muitos negros em cargos qualificados... valorizando o seu trabalho... hoje em dia vemos negros em caixas de supermercado... vemos negros como vendedor de roupas... antes não tinha isso... além do preconceito eles tinham medo de serem roubados...

**34P:** Sim... mas e aí... o que você acha dos salários que eles recebem... você acha que esse salário é suficiente para a função que eles exercem...

**35JUBINHA:** Um salário mesmo de um branco é; às vezes varia até de dois salários... enquanto do negro é só um... ou até menos...

**36P:** Quando eu disse para vocês fazerem aquele teste do pescocinho... era justamente para identificarmos essas relações... pra vermos onde estão os negros... quais cargos eles ocupam... e comparar quais cargos e onde estão os brancos... por exemplo... quais papéis exercem os brancos em nossa sociedade...

**37JUBINHA:** Acho que pra ele é facilitado tudo né... tudo que ele quiser exercer ele tem uma facilidade naquilo... por exemplo... você vê aí a maioria de médico branco... aí você vai olhar... tem um negro ali... mas ele é o faxineiro... por exemplo... é muito raro você vê um médico negro...

**38P:** Quando a gente para pra pensar sobre o curso de medicina por exemplo... temos muitos negros super capazes de cursar... questão de inteligência mesmo... o problema maior é o valor do curso né... pra se manter no curso... mesmo sendo público...

**39BARTH:** Odontologia medicina é tudo curso muito caro... mesmo fazendo em faculdade pública... minha prima fez odontologia ela passou maior sufoco...

**40P:** São faculdade elitizadas né... são pessoas possuem poder aquisitivos que cursam esses cursos né... uma vez ou outra a gente ouve história de alguém pobre que conseguiu cursar... mas isso é bem raro né...

**41JADE:** Não professor... e o pior é que esse povo vão estudar nas faculdades públicas né... tem dinheiro e estuda de graça...

**42BARTH:** Nossa isso me revolta de mais... por que que uma pessoa que tem condição tem que ir pra uma faculdade pública... nossa... gente isso não deveria... desculpa...

**43P:** Dói né... a gente fica com raiva disso...

**44JADE:** Existe muita brecha né professor... por exemplo... pra você participar do ENEM e passar pra uma faculdade pública... você tem que estar cursando no ensino público né... ai o que que esse pessoal mais elitizada faz... eles estuda do primeiro ao nono ano em escola particular... e do;; primeiro ao terceiro ano... eles vão para a escola pública... e;; junto com a escola pública faz cursinho... tipo... estudam cedo na escola pública e atarde ou anoite eles fazem um cursinho pra;; conseguirem passar na área que eles querem... cursinho que custa lá seus dois mil...

**45BARTH:** Isso que me revolta... ai depois a pessoa ainda vem querer se comparar a você... que não tem condição nenhuma... gente do céu... vem e fala se eu consegui você consegue também... ai meu filho... a alecrim do campo... dorado lá ó... cê teve tudo... ai cê que comparar comigo... a;;... eu conheço pessoa aí... eu conheço pessoa aí... que estudou a vida inteira em escola particular... aí depois quer me comparar com a pessoa... gente... uai...

**46P:** Quando a gente conversou um pouquinho sobre privilégios... no segundo ou terceiro encontro... não sei agora qual foi ao certo... mas era pra gente pensar justamente nisso... nesses privilégios que a pessoa tem... algumas pessoas né... por que sabemos que não são todos que possuem privilégios... que fazem a pessoa ter uma vida mais instável... mais fácil... e querem comparar com nós... que temos que trabalhar estudar trabalhar de novo ((risos))... estudar e ter nota boa ainda... por que se não tiver nota boa não vai adiantar nada...

**47BARTH:** Verdade né... a gente ainda tem uma continuação de desigualdade né...

**48P:** Eles nos fizeram acreditar que temos uma democracia racial... que nós todos temos os mesmo direitos e os mesmos deveres... que nós todos podemos cursar uma medicina... basta querer... qualquer um pode cursar odontologia...

**49RUIVINHA:** Professor... minha tataravó era descendente de índio cruzado com italiano... é um trem doido né...

**50P:** Sim... a teoria do embranquecimento sugere o seguinte... que eles trouxeram os brancos... imigrantes para cá... para o Brasil... justamente pra clarear a nossa pele... foi ai que surgiu os termos mestiço mulato pardo... por que no pensamento deles de antes... nós... pretos... éramos considerados sujos... é;; bárbaros né como conversamos já...

**51JADE:** Impuros... associado ao pecado né... tanto que existe aquela expressão né... é;; como que é;; morena da cor do pecado...

**52BARTH:** Tipo assim... alvo mais que a neve...

**53JADE:** Tem muita gente que acha que é besteira... mas é uma expressão racista...

**54BARTH:** Tipo aquele negócio lá que;; tipo a gente tem que ficar mais alvo que a neve... entendeu... tipo que os religiosos dizem... a ideia que vem lá do romantismo... assim que isso foi pegado lá da segunda fase... onde eles idealizavam a pessoa tipo branca... a branquitude das coisas assim... eu acho...

**55P:** Quando a gente conversa com os mais velhos... a gente senta com eles pra conversar... a gente vai vê que eles eram forçados para casar... principalmente com pessoas mais brancas... por exemplo... minha avó... a minha avó quando ela casou... ela me falou que casou muito nova... tinha uns 12 anos ou 13 anos não sei... e;; ela não casou por que ela quis... ela casou forçada... não sei se vocês tem história na família de vocês assim...

**56RUIVINHA:** A minha avó foi... a minha avó casou com dezessete anos... e ela queria casar com outra pessoa... era apaixonada por outra pessoa... só que o pai dela fez ela casar com outro...

**57PITÓRIA:** Minha avó... pra ela não ser chamada assim... feio... assim... de puta né... ela teve que casar com um homem que meu bisavô queria...

**58P:** Tão vendo... as histórias se chocam... a nossa história... agora se formos pegar a história de outras pessoas... principalmente as ricas de hoje... brancas... será que a história deles vão se chocar com a nossa...

**59JADE:** No sul mesmo... a maioria é descendente de alemã e italiana né... e a gente não encontra história desse tipo... tanto é que parece que já teve... já saiu que eles queriam tipo;; desanexar do Brasil... e criar um país só para eles...

**60RUIVINHA:** Hoje em dia os homens e as mulheres tem muito mais direito que antigamente... hoje você é livre pra ter suas opiniões e viver a sua vida... hoje em dia a gente tem casamento lésbico gay e etc né...

**61P:** Hoje a gente tem mais liberdade de viver a nossa vida... porém.. ainda a gente vê muitos casos homofóbicos né... muitas pessoas ainda possuem um pensamento de séculos atrás...

**62RUIVINHA:** Não é querendo ofender mais acho estranho né... tipo é meio sem noção né... homem com homem... mais de boa... tipo assim na hora h deve ser muito estranho... ah;; sei lá... só vem na cabeça...

**63P:** Mas pra que a gente tem que pensar nisso... por que eu acho que não compete a nós... pensar isso... estranho eu acho que não seria... seria um sexo normal... a gente que cria isso na cabeça da gente né... o importante é ser feliz...

**64JADE:** Acho que deveria ser mais naturalizado isso... por que;; gente é um casal... como se fosse eu e um homem... eu e uma mulher... é normal... vejo problema ou tabu nem um nisso...

**65P:** Né... é um casal... tipo... não precisa sair falando que fez um sexo assim e assim... é coisa da pessoa... das duas pessoas né... a gente sabe que existem homens escrotos aí... que saem contando história da vida sexual deles... mas a gente sabe que a maioria é invenção deles... fazem nada disso... é igual aquele velho ditado cachorro que late não morde... mas enfim... essa teoria do embranquecimento tinha a visão que ao chegar os brancos aqui... eles colocaram os brancos para serem os gerentes... para trabalharem nas indústrias... vão ser produtores e tudo mais... até mesmo quem não trabalhavam na área eles incentivaram... ensinaram eles... para trabalhar no que queriam colocar eles... e os negros foram empurrados para as favelas... para trabalharem em empregos que não pagava nada né...

**66JADE:** Quando a gente pensa essa relação... essa crença nossa começou com a chegada dos jesuítas aqui né... tipo... começaram a catequizar os negros e os indígenas... e o povo naturalizou isso desde aquela época... colocando uma cultura superior e outra inferior né...

**67RUIVINHA:** A cultura dos italianos era vista como superior né...

**68JADE:** Eu acho que nem uma é superior... mas é igual a ((X)) falou aí... é;; foi pregado pra gente é;; por exemplo... o eurocentrismo... desde a antiguidade eles... sei lá... eles queriam ser os melhores e tal... a pureza da raça essas coisas...

**69P:** Quando eu ouço essa fala eu lembro na hora do que aconteceu na segunda guerra...

**70JADE:** Nossa é um dos meus assuntos preferidos também... eu até tava vendo... eu adoro é;; ver documentário... sabe... e a história do que o Hitler lá fez... parece muito com o que fizeram quando escravizaram os indígenas e negros né...

**71P:** Sim... as histórias se chocam né... sempre tem uma história de onde origina qualquer pensamento... tudo tem uma explicação... se agente buscar e ler... e como a gente acha que o pardo começou pra se tornar o que somo hoje?... Por exemplo... hoje eu posso falar que quero casar com uma menina branca porque eu gosto dela... eu posso fazer essa escolha hoje... mas antes eu não podia... foi aí que começou essa miscigenação do povo preto... na força mesmo... aquele ditado por exemplo... foi pego no laço... essas coisas possuem uma história... então o que acontece... a igualdade é afirmada nas leis mas negadas na prática... ou seja... nós falamos que todos somos iguais e tal mas na prática a gente sabe que não... na prática como é para vocês...

**72JADE:** Não né... tem uma coisa que eu citei em um texto mesmo... aquele caso lá do George Floyd... ele tinha supostamente... era supostamente... parece que ele não tinha pagado... não lembro ao certo o que é que aconteceu... mas aí... olha o tratamento que ele recebeu... mas aí se fosse um branco com certeza o policial não teria feito isso... mas como ele era negro... ele achou que tinha o direito de fazer aquilo...

**73P:** E aqui no Brasil... você tem conhecimento de algum acontecimento igual ou quase igual a este...

**74JADE:** Tem aquele... eu não sei se é o caso... aconteceu parece que no Carrefour... que espancaram ele até a morte...

**75P:** Uma coisa que a gente vem discutindo muito... que mesmo a gente querendo... agir e ser antirracista... a gente sempre parte a visão do lugar que é dito como referência né... ou seja... os países que são referências para nós... o George Floyd é um exemplo... por que é lá... num país de primeiro mundo... que se diz de primeiro mundo... aí... aquela notícia foi propagada aos ventos... todo mundo postando nas rede sociais e tal... aí a gente acabou conhecendo esse ocorrido... mas isso acontece todo dia aqui no Brasil... e a gente não toma ciência não conhece... porque para nós... para o que tá próximo de nós não serve como base pra gente batalhar contra o racismo igual aconteceu com este caso... isso está arraigado em nós... hoje eu estava vendo a biografia do Vagner Moura no canal Meteoro Brasil... e ele fala o que ele defendia ao fazer parte de um filme... tem um caso que aconteceu... que a polícia prendeu... dizendo que ele era suspeito e tal... cidadão preto... pai de seis filhos... prendeu ele e no caminho pra delegacia o cara sumiu... desapareceu... e isso a gente não conhece... porque a gente não sabe... são crianças que morrem todo dia naqueles confrontos que tem lá nas favelas... crianças gente... crianças mesmo... crianças de 8-9 anos que tão em casa brincando...

**76JADE:** Aí passa na televisão que são vítimas de bala perdida né... bala perdida... desculpa falar... mas entre aspas né... a gente não sabe né... mas eu não duvido...

**77P:** São coisas que acontecem aqui... no nosso dia a dia... aí quando acontece em outro país a gente toma as dores... mas quem está aqui... quase do nosso lado a gente não toma as dores... eu gosto muito de usar exemplos meus... olha o que aconteceu comigo uma vez... eu estava no bar e;; tava escutando música... a gente era quatro na mesa... um casal de amigos brancos e;; eu e outro amigo meu pretos... o que aconteceu... a polícia foi lá pra mandar desligar o som... pediu documento do carro tudo certinho tudo certinho beleza... até então operação padrão né... vistoriou o carro... padrão entre aspas né... mas enfim... vistoriou o carro não encontrou nada de errado... fez o outro amigo meu preto levantar da mesa... também... tirou o boné dele... e ficou falando uns trem lá pra nós dois... aí quando ele olhou pro outro lá em cima da mesa ele falou... não esse aí não precisa não... que era uma pessoa branca... e aí... depois de algum tempo eu conversando com esses amigos meus e tal... e falei... cara aquela atitude ali foi racista vocês não acha não... aí eles me responderam... não aquilo lá foi normal que não sei o que... tá vendo... e olha que a gente tava tudo junto ali... a questão é... a gente naturalizou tanto isso que parece ser normal... como dizem abordagem padrão entre aspas né...

**78BARTH:** Professor... eu já te contei que eu tô com uma revolta de uma pessoa que falou que foi melhor mesmo pra alguns negros... ser trazido aqui para o Brasil porque a África tava numa calamidade...

**79P:** Lembro sim... essa visão da África ser pobre e tudo mais está naturalizada aqui pra nós né... começando principalmente naquela época que trouxeram os imigrantes para cá né... aí eu pergunto para vocês... por que hoje a gente tem essa ideia preconceituosa sobre a cultura africana... por exemplo... por que a gente não sabe exatamente o que é a religião umbanda... as religiões de matrizes africanas num todo... qual é a ideia que a gente tem sobre essa cultura...

**89JADE:** Elogicamente essa religião cristã inferiorizava essas outras... porque a gente sempre teve uma visão ruim né... de;; primordialmente sim... e;; fez a gente enxergar as religiões de matrizes africanas como sendo coisas ruins... de;; coisas do tipo de satanás e tal...

**90PITÓRIA:** Professor até quando vai ser nossos encontros...

**91P:** A gente vai ter mais três encontros...

**92PITÓRIA:** Que bom né... porque aí vai da pra gente aproveitar o cê mais um pouquim...

**93P:** Mais alguns dias né... ((risos))...

**94BARTH:** ((risos))... o senhor gosta de nois...

**95P:** Eu sou apaixonado em vocês cara...

**96BARTH:** Professor não fala isso não... se não vou garrar a querer chorar aqui...

**97P:** Não pode chorar... temos que aproveitar esses momentos que temos... é isso que nos alegra... ter informações para desconstruir o que nos é imposto... isso é bom...

**98JADE:** Ele vai ter que dar aula no curso que a gente escolher...

**99BARTH:** É... o senhor vai ter que dá aula pra gente...

**100P:** É;; todo curso tem aulas de português... então eu tô play...

**101JADE:** ((risos))...

**102P:** Então... voltando ao assunto... nós estamos inseridos em um meio... igual a ((X)) falou... aí a gente aprende a naturalizar essas falas sobre as culturas africanas e de matrizes africanas... por exemplo... vocês sabem de algum escritor... e de algum escultor preto que fez sucesso... que revolucionou os nossos conhecimentos e nossa arte num todo...

**103JADE:** Não... só branco...

**104P:** E por que a gente não conhece autores e escultores negros durante nossos estudos...

**105JADE:** Pra justamente colocar o branco como superior né... seria justamente isso...

**106P:** E vocês acham que existiram... pintores escultores e autores negros...

**107JADE:** Lógico... só que não... num foi valorizado como deveria né...

**108P:** Sabe o que fizeram com as esculturas que encontraram lá na África na época da escravidão...

**109JADE:** Destruíram?...

**110P:** Mais ou menos... eles pegaram tudo que eles produziram como arte cultural... pegaram e se apropriaram disso... tanto é que existe um museu na europa que;; a maioria dos acervos... são acervos africanos...

**111JADE:** Eu lembrei agora da Lumena do BBB... ela falou assim branquitude de merda... ((risos))...

**112P:** Eles impuseram um estereótipo no nosso cérebro... tipo dos bárbaros... quando vamos ver um filme... eles falam bárbaros e mostram um povo lá que ataca... que não conversa... e nos fizeram apagar culturalmente todos os valores dos povos...

**113JADE:** Tem hora que eu paro pra pensar assim... é uma doença né... como que lá atrás... as pessoas puderam fazer isso... colocar o negro como inferior... gente é é doente...

**114P:** Estavam em busca de dinheiro né... de poder... se mostrar superior...

**115JADE:** Mas mesmo assim... os negros embora... tipo evoluiu muito... por exemplo... agora a gente tá debatendo sobre isso né... mas eu acho que tem... eles precisam ganhar muito espaço ainda... por que a maioria da população é negra né... e a gente quase não vê negro em alguns espaços...

**116P:** Pois é... tão vendo... eles utilizam suas artimanhas... colocam dois três ali e falam não nós estamos incluindo... ai quando vem a pessoa falar sobre cota e tal... existe pessoas que dizem que querem rebaixar os negros... mas na verdade ((risos)) não... a gente tem que estudar e trabalhar quase a vida toda... e ainda depois competir num vestibular com alguém que estuda em escola particular até o nono ano... depois vai para o público do primeiro ao terceiro ano... faz cursinho atarde... aí... tem estudos que comprovam que os cotistas que conseguem passar por esse sistema... tem suas medias superiores ou iguais com pessoas que passaram pelo vestibular sem usar cotas... o problema é o acesso... por exemplo existe uma lei que diz que devemos ensinar na escola sobre a cultura africana... e isso não é ensinado... quando é apresentado... quer vê... pessoal vocês tiveram aula alguma aula falando sobre a cultura africana... no decorrer desses dozes anos estudando...

**117JADE:** Nunca nem vi... se teve eu num lembro...

**118P:** E vocês sabiam que existe lei que obriga a ensinar... a apresentar as culturas africanas...

**119JADE:** Tem mais eles não bota em prática né... por que eu não sabia não...

**120P:** Pois é... eles não colocam em prática por que...

**121JADE:** Tipo... embora criminalizado o racismo tá aí... nessa sociedade...

**122P:** E tá aí... a gente naturalizou de tal forma... que convive com ele sem problematizar... ontem eu li um texto que fiquei perplexo... apresenta alguns professores que dizem que isso não é importante debater dentro da sala de aula... por que isso causa mais revolta...

**123BARTH:** É igual a questão da homofobia também... tem professor que tem a cabeça muito fechada viu... sobre isso... eu não sei se o ((X)) lembra... disso... mas a gente... a sala de aula já teve um episódio sobre isso... eu acho que o ((X)) lembra... sobre homofobia...

**124P:** Aconteceu por parte de?... professor?...

**125BARTH:** Uhum...

**126P:** Sério?...

**127BARTH:** Sério... tipo assim... eu nunca vou esquecer sabe... a pessoa falar a que televisão essas coisas... a mídia influencia... na minha opinião não influencia não... a homossexualidade bissexualidade transexualidade tanto outras... tipo assim... já é... a pessoa já nasce... não foi por que ela viu na televisão que ela vai ser...

**128P:** Sabe... algumas pessoas estão presos naquela ideia antiquada e velha de que só existe homem e mulher e pronto acabou... não se discute... sabe...

**129BARTH:** Nossa é o que mais tem... tem gente ignorante de mais sobre isso... tanto como homossexualidade machismo... nossa... isso é o que a gente mais vê...

**130P:** Por isso a gente precisa discutir... isso vai tornando esse amor algo mais entendível... as pessoas vão percebendo que o; amor né... o afeto... é;; não tá no coração... o coração é um músculo que bombeia sangue para o cérebro... o amor o afeto tá na cabeça... você já nasce gostando de homem ou de mulher... o que acontece no decorrer da sua vida... é que faz aquilo se aflora... por exemplo... o homossexual conforme vai crescendo ele vai percebendo que o cheiro do homem lhe causa mais sensações do que da mulher... o coração palpita mais... vai sentido uma reação diferente do que com mulheres...

**131BARTH:** Atração né...

**132P:** Isso... atração... conforme a pessoa vai madurecendo... amadurece sua vida amorosa... você vai percebendo de quem você gosta... de quem você não gosta... é igual a gente descobrir se gostamos realmente de uma cultura ou outra... como vocês acham que a gente consegue descobrir isso...

**133BARTH:** Participando dela né...

**134P:** Participando e?...

**135BARTH:** Agora você me apertou...

**136P:** ((risos)) eu gosto disso... imagina aqui... como você sabe se gosta de português ou matemática...

**137JADE:** Provando...

**138P:** Isso... você vai lá e conhece o português... conhece matemática... quando você conhece aí você pode escolher qual que você gosta mais... não é assim que funciona...

**139JUBINHA:** Tipo você tem que participar né... fazer coisas ligadas a ela...

**140P:** Sim... com toda certeza... só que voltando para tema cultura... o que fizeram com a gente... nos fizeram criar certos padrões... acreditar em certas coisas... isso foi passado de bisavó pra vó de vó pra mãe e de mãe pra gente... só que nunca nos levaram a compreender ou aprender o que é um e o que é o outro... nunca leu sobre a cultura... nunca presenciou a cultura... só ficamos naquilo que meu vô me disse que isso é ruim e que isso é bão...

**141JADE:** É... tipo... ninguém nasce racista... tudo é passado dentro de casa mesmo... aí lógico que a criança vai aprender aquilo... e tipo... não é possível que alguém nunca foi racista... é que foi passado pra gente e a gente reproduz...

**142P:** Isso... tipo... começou lá atrás... nos séculos 19 20 e hoje estamos no século 21 e a gente ainda pratica essas coisas porque a gente não conhece... não nos ensina... então querendo ou não isso foi um apagamento que fizeram com a gente... quer vê... vou mostrar para vocês aqui... um vídeo falando sobre a África... sobre coisas que a gente desconhece sobre ela...

((MOMENTO DO VÍDEO))

<https://www.youtube.com/watch?v=NcBIYgT4PDE>

**143P:** E ai pessoal... o que vocês acharam desse vídeo...

**144BARTH:** Só acho que eu queria ser rico igual o Mussa... ((risos))

**145P:** Né... ou doar igual ele falou 0,0001% pra gente... ((risos))... nesse vídeo ele citou apenas algumas coisas que a gente não sabe sobre a África... imagina quantas outras não devem existir... Para gente finalizar a aula de hoje... trouxe esse vídeo e uma fala muito forte... que é... a maioria dos brasileiros nascem embranquecidos, devido à predominância de aspectos da cultura branca, e só incorporam o enegrecimento os negros que buscam conhecer a sua história e aprender sobre o seu passado ou aqueles outros que introduzem em suas existências aspectos inerentes à cultura negra... deixo para vocês hoje esta questão para pensarmos... por hoje é isso pessoal... um abraço e até a próxima terça...

**146IN'S:** Tchau professor...

## APÊNDICE G

### Transcrição do Sexto Encontro (6) 69,00 minutos de áudio

**P – Pesquisador**

**IN – Integrante das discussões**

**01P:** Então... boa tarde para vocês que estão aqui... hoje nós iremos falar... iniciar a nossa conversa sobre racismo institucional... alguma ou alguém de vocês já ouviram falar sobre o racismo institucional...

**02PITÓRIA:** Eu não...

**03P:** Para a gente entender um pouquinho mais sobre ele... eu trouxe dois vídeos pra gente iniciar essa primeira conversa nossa sobre o racismo institucional... vou apresentar o primeiro aqui para vocês... se não sair o áudio vocês me falam...

((MOMENTO DO VIDEO))

<https://www.youtube.com/watch?v=ZW0DEyF7rVg>

**04JADE:** É tipo racismo que sofre em emprego essas coisas... na empresa...

**05P:** É tipo isso... só que vai um pouquinho mais afundo... porque o que faz essa pessoa sofrer racismo ali naquela empresa... nas instituições em geral né... tanto públicas e privadas... para isso... nesse primeiro vídeo a gente vê que eles tratam sobre o racismo institucional mais ampla... vocês lembram quando a gente falou sobre os médicos e quem eram os médicos nos hospitais e tal...

**06JADE:** Uhum...

**07PITÓRIA:** Mais ou menos...

**08P:** Mais ou menos... uhum... então, o racismo institucional é isso, mas não apenas isso... essa problemática que a gente tem que levantar... os papéis que os negros estão submetidos nas instituições... tanto nas instituições privadas como nas instituições públicas... um exemplo que é muito bom levantar

é por exemplo nos... bancos que vamos... nas lojas que a gente vai comprar... quantos negros a gente vê nesses espaços...

**09JADE:** É raríssimo a gente vê...

**10P:** E quando a gente vê... é; normalmente em que espaços eles estão... tipo... quando ocupam esses espaços quais os papéis que eles exercem lá... quais funções que eles ocupam nesses espaços... tipo... no banco por exemplo... vocês já viram algum gerente ou algum atendente de caixa negros...

**11JADE:** Não...

**12P:** E por exemplo os faxineiros e os seguranças desses bancos...

**13JADE:** Ai já vê negro... ai quando tem a gente vê eles ocupando esses cargos...

**14P:** Então... o racismo institucional está nessa relação... e se nós negros pretos pardos somos a maioria da população brasileira... a gente vê uma disparidade né... como nós somos a maioria sendo que nesses espaços institucionais públicos e privados nós somos a minoria... qual seria a explicação que poderíamos dar para esse fato...

**15PITÓRIA:** Ninguém da uma justificativa para isso né...

**16JADE:** Não... ninguém nunca disse algo sobre isso...

**17P:** Na maioria das vezes nem é problematizado né... como no próprio vídeo disse... estamos tão naturalizados com isso que... quando nós vemos ou praticamos algum ato racista a gente nem percebe... e quando a gente sofre isso... muitas das vezes a gente nem percebe também... e é justamente essa naturalização que a gente vem discutindo no decorrer desses encontros nossos... que a gente está tão naturalizado nessas relações que nem percebemos... e; o racismo institucional está ainda mais naturalizado em nós... por isso é de extrema importância a gente discutir... pra gente ter em mente que quando nós formos a esses espaços e olharmos a nossa volta e possamos perceber essas coisas... que são naturalizadas a muito tempo... que o racismo... como eu gosto de falar... ele vai além daqueles vídeos que a gente vê as pessoas xingando as pessoas pretas ou até mesmo de pessoas agredindo fisicamente as pessoas pretas né... então... o racismo vai além disso porque ele está na nossa estrutura... então quando ouvimos falar sobre por exemplo... do racismo estrutural temos que ter em mente que ele abarca todas as espécies do racismo... porque ele está na estrutura que circunscreve tudo... isso é parte principalmente dessa naturalização que nós sofremos a mais de mil e quinhentos anos de contexto brasileiro... pra esmiuçar um pouco mais sobre o racismo institucional eu trouxe um outro vídeo pra gente conversar um pouquinho mais sobre ele... vou apresentar aqui para vocês... vamos nos atentar sobre o que é discutido nesse vídeo... para vermos que ele aprofunda um pouquinho a mais sobre esse tema tão pertinente...

((MOMENTO DO VIDEO))

<https://www.youtube.com/watch?v=5UoFp1T1zrc>

**18P:** O que vocês acham a respeito das informações que trouxe esse vídeo...

**19PITÓRIA:** Eu acho isso um absurdo...

**20JADE:** É revoltante né... porque que uma pessoa branca tem que ganhar mais que um negro...

**21P:** Sim... é um absurdo e revoltante ao mesmo tempo... por isso esse processo precisa ser problematizado... e que muitas vezes nem chega ao nosso conhecimento... por isso é importante o conhecimento... quando a gente começa a entender essa estrutura racista também das instituições... a gente começa a perceber que existem disparidades nos salários... dos negros e dos brancos... e; principalmente... com as mulheres negras e brancas... essa diferença é gritante né...

**22RUIVINHA:** Achei isso muito revoltante... tipo... como que os pretos são a maioria 55% da população e;; dos cargos gerais das instituições ocupam só 29%... é uma diferença muito grande... e principalmente nos cargos de chefia né... a gente realmente quase não vê patrão ou algo do tipo preto... é sempre um branquinho né...

**23P:** Sim... é uma estrutura que vem desde a época da colonização... os pretos depois de serem escravos... foram jogados às margens da sociedade... que obrigavam eles aí catando só os serviços que sobravam... e assim veio perpetuando até hoje... tipo... os filhos quase sempre seguiam o mesmo serviço que o pai fazia... foi aprendendo né... igual por exemplo... quando a mãe trabalha em determinada área o filho ou a filha tem a tendência de seguir essa área de serviço também... é um tipo de influência né...

**24PITÓRIA:** Professor... então o racismo institucional... ele;; discuti essas relações de baixo salário também, né... por exemplo minha mãe é empregada doméstica... e hoje eu... de vez em quando... pego alguma casa pra limpar também... é realmente isso aí...

**25P:** Sim... isso não significa por exemplo que queremos rebaixar outros empregos além daquele tidos como da elite... mas problematizar o salário sabe... por isso vamos esmiuçar um pouquinho sobre o vídeo... parte por parte... primeiro... ele trás uma história de uma mulher que narra sobre o cabelo dela né... e aí... o que vocês acham sobre essa relação... quantas de vocês alisam o cabelo?... tem o cabelo natural crespo ou cacheado e alisam ele...

**26PITÓRIA:** Eu aliso o meu...

**27P:** E porque você alisa seu cabelo ((X))...

**28PITÓRIA:** É mais fácil de cuidar né... e também... porque ele fica mais bonito assim... liso...

**29P:** Você não acha que essa percepção de bonito... não é relativa... e tipo... essa relação de cabelo bem cuidado... precisa necessariamente ser liso para dizer isso...

**30PITÓRIA:** Tipo... quando meu cabelo tá natural o povo fala que eu preciso cuidar do meu cabelo... alisa ele... aí eu acostumei né...

**31P:** Vocês já escutaram alguma coisa... tipo falando mal do seu cabelo quando ele está natural...

**32RUIVINHA:** Oxe... isso é normal... chamar ocê de cabelo de palha de aço... cabelo de bombril... i;; e muitas vezes... é que parece que a pessoa não tem espelho em casa pra se olhar né... se admirar...

**33P:** Pois é... e de onde será que vem esse padrão para a gente pensar sobre o cabelo cacheado liso ou crespo... vocês tem noção de onde veio isso...

**34PITÓRIA:** Não... mas a gente faz isso pros outros parar de falar né... parar de fica falando coisa ruim pra gente... esses trem assim... por isso que a gente alisa...

**35P:** Esse pensamento... a ideia de ter o cabelo liso esses discursos que dizem que o cabelo cacheado ou crespo é feio... esses discursos que a gente escuta... veio com esse processo eurocêntrico... que é a ideia da gente exaltar os padrões estéticos do pessoal da Europa... e;; desses outros países... que impôs isso pra gente e veio disseminando isso... alimentando até hoje em dia... por isso que a ((X)) disse isso... que é normal... acho que no sentido de escutar direto isso... e não... não é normal... e a gente tem que problematizar sim essas relações... mas isso foi imposto... e nós fomos manipulados para agir dessa forma... ai muitas das vezes a gente não problematiza... e deixa o discurso preconceituoso tomar conta da gente... ai a gente alisa o cabelo... os homens raspam os cabelos crespos e tal...

**36RUIVINHA:** Na minha opinião eu penso que você tem que ficar bonito pra você... e não pra agradar a sociedade... foda-se se você é branco preto gordo magro... se você é feliz desse jeito... pra que mudar... mudança pra agradar as pessoas é tenso... pois muita das vezes você se transforma em um tipo de pessoa que você não era... e nem sempre consegue agradar a pessoa...

**37P:** Justo ((X))... e;; mas esses padrões foram impostas a nós... e a gente tenta seguir esses padrões... tipo... vocês já pararam para pensar porque a maioria dos homens negros possuem a cabeça raspada... eles não deixam o cabelo crescer... é o mesmo...

**38BARTH:** Concordo... a maioria tem mesmo a cabeça raspada... é quase a mesma coisa em relação a estética né professor... isso começa na infância a ser alimentado né... cabelo de bosta de rolinha... cabelo de bombрил... essas coisas do tipo... e começa alimentar isso... depois nunca mais deixa o cabelo crescer né... hoje a gente vê alguns que deixam... mas isso é pouco ainda...

**39P:** Sim... isso é um processo que nos é imposto para ser aceito na sociedade... é igual a menina do vídeo falou... para ela ser aceita na instituição ela tinha que deixar o cabelo sempre amarrado... e quando a gente pensa a diferença salarial... igual falou no vídeo... o que explicaria no ponto de vista de vocês... essa desigualdade salarial...

**37RUIVINHA:** Na minha opinião... falta de ética... falta de consideração... falta de vergonha na cara... pois em baixo da pele somos todos iguais... nós seres humanos são tão ruim que nem urubu come quando morre... Enfim resumindo acho que não tem solução pro Brasil... só se matar os brancos pros negros reinar ((risos))...

**38P:** ((risos))... acho que tipo... a salvação começa aqui né... na instituição de ensino... nesses pequenos espaços nossos...

**39RUIVINHA:** Acho importante a gente falar desses temas do racismo... porque a gente tá vendo que o racismo não é só xingar o negro né... é também a falta de presença... é;; nas instituições né... quase todas...

**40P:** Sim... quando a gente começa a problematizar isso... vamos observando toda a nossa volta... por exemplo... quando vamos ali na prefeitura... a gente observa quem são os negros... quais os papéis que eles ocupam ali... então se a gente começar a levantar isso... a gente vai ver que é um processo muito grande e bem mais complexo do que se imagina... e não está somente nesse negócio de xingar uma pessoa ou agredir ela fisicamente...

**41RUIVINHA:** Se for fazer uma comparação... hoje em dia... é que deu uma melhorada pro lado dos negros... até em novela o racismo rola solto... carrossel mesmo... a atriz Larissa Manoela... tinha nojo de gravar cenas com o Jean Paulo só por ser negro... pra ser sincera acho que não tem solução pra um bando de cabeçudos...

**42P:** Eu entendo sua indignação... se a gente for pensar por exemplo a novela carrossel... qual era é a imagem que eles passavam pra gente do Cirilo...

**43PITÓRIA:** Um menino negro... pobre... e que era apaixonado por uma menina branca e rica... passava uma imagem de humildade... que era humilde...

**44JADE:** Ela pisava nele e ele continuava atrás... passava tipo uma imagem que ele aceitava tudo... que não tinha reviravolta pra ele... mas ele continuava sendo humilhado pela Joaquina lá...

**45RUIVINHA:** Estava vendo uma entrevista com ele... ele [disse que] se sentia um lixo... tipo um franguinho, no meio de um rebanho de ovelhas... passava a imagem de humildade... rejeitamento...

**46P:** Então... essa imagem foi transmitida pra gente... quando criança ao ver aquelas cenas a gente se sente indignado né... por que a gente se identifica com o Cirilo... agora imagina quem se identifica com a Joaquina... rica e bonita entre aspas né... será que não transmitia para essas crianças o tipo de comportamento que elas deveriam ter na sociedade...

**47JADE:** Passava meio que intrinsecamente né...

**48RUIVINHA:** Professor... olha o tanto que o trem é estranho... na novela o menino humilhava o Cirilo... e no final das contas a mãe dela... da Maria Joaquina lá... tava quase morrendo... e quem doou sangue foi a mãe do Cirilo... tá vendo... no começo ela humilhava ele porque o pai dela era médico e;; o pai dele carpinteiro... olha ai também...

**49PITÓRIA:** Mais a culpa é da mãe... a mãe não aceitava... agora o pai já era de boa... mais a mãe da Maria Joaquina... já não aceitava ela ter uma amizade com o Cirilo...

**50RUIVINHA:** Igualzinho o caso do Jorge... aquele Jorge Cavaleire... não podia ter amizade com ninguém... e no final das contas implorou pela amizade dos menino... pra não ficar sozinho...

**51P:** Isso... o mais importante a gente levar também é a ideia que passa... por exemplo nessa novela... que;; o negro aceita tudo... e depois deve ter a bondade no coração de ir lá e ajudar a pessoa que sempre pisou nele...

**52RUIVINHA:** É... porque nós negros somos especiais... com grande coração... que além de sermos humilhados pisoteados ainda ajudamos... ((ironia))... resumindo... somos únicos na vida...

**53P:** E agora... voltando lá atrás... quando os europeus chegaram aqui... e como os indígenas receberam eles...

**54JADE:** Normalmente... a história que é contada pra gente né... que os indígenas receberam eles e;; ajudaram eles a sobreviverem aqui... e os europeus ainda tiveram a capacidade de escravizar e tomar tudo deles...

**55PITÓRIA:** Esse povo foi muito ingrato... os indígenas ajudou eles a sobreviverem e ainda escravizou os coitado dos indígenas...

**56P:** Pois é... e ai o que acontece com essas novelas... elas recontam a histórias... só que de uma perspectiva atual... agora já é por causa do amor... recontam a história utilizando personagens diferentes... igual o Cirilo e a Maria Joaquina... porém... se a gente for analisar o contexto... é quase a mesma coisa... repassando a ideia de serviçal... tipo... pode fazer o que quiser que eles vão continuar te admirando... pisa no negro judia do negro e depois o negro ainda vai e ajuda...

**57RUIVINHA:** Professor... é que nem amigo... os amigos de hoje em dia pisam na gente... humilha a gente... ignora a gente... mas na hora de pedir resposta de tarefa fi de deus... aparece gente que a gente nem conhece... nunca mandou um oi perguntou de ta vivo se ta morto se já morreu que dia é o velório... só entra em contato quando precisa...

**58JADE:** É só ignorar... tem gente que nunca perguntou como cê tá... que estuda junto com você... ai na hora... hum...

**59RUIVINHA:** Desse modelo... desse jeitinho...

**60P:** As pessoas são acostumadas com isso né... ai enquanto não aparece uma pessoa para colocar um ponto final nisso... falar assim... não se você quiser você vai estudar... enquanto por exemplo... não tiver alguém na mídia pra falar que agir de determinada maneira tá errado... vai continuar...

**61RUIVINHA:** Adianta não... cê fala não pra pessoa deis veis e a pessoa ainda continua insistindo... ai quando cê perde a paciência e passa a pessoa some e fica um mês longe... depois reaparece...

**62PITÓRIA:** Bloqueia...

**63RUIVINHA:** ((risos))... se eu fosse bloquea... bloqueava umas quinhentas pessoas aí...

**64P:** Mas é... vamos pensar por exemplo nos privilégios... você ajuda essa pessoa com as respotas... ai futuramente... tem um cargo ali que vocês dois vão concorrer... você sabe que ajudou aquela pessoa... então ela só conseguiu passar porque você deu a resposta para a pessoa... só que nessa concorrência a pessoa conhece alguém... um familiar ou um parente que tem influência nesse lugar por exemplo... aí você acha que quem vai conseguir o cargo... você que batalhou e estudou para aprender o que sabe ou para quem tem esse tipo de privilégio...

**65PITÓRIA:** Vai da pra quele que é mais próximo dele né...

**66RUIVINHA:** Na base da broderagem né... ô parça ajuda eu aí... amiguinho coleguinha ai quando cê precisa... seu melhor amigo vira as costas pra tu... te ignora...

**67P:** Por isso a gente tem uma severa crítica nisso...

**68JADE:** Uma coisa que me revolta muito... é que às vezes uma pessoa dessa ela tem uma condição muito melhor que a sua... pra um conhecimento... pra adquirir... sei lá... fazer um curso uma coisa e tal... e cê ali se matando... e... nossa é muito revoltante...

**69P:** Aí onde a gente vê os privilégios sabe... tipo... a pessoa tem o dinheiro... tem o poder aquisitivo... no caso né... e ele aproveita de uma pessoa que não tem o poder aquisitivo e que precisa do dinheiro... e ele compra esse poder intelectual da outra pessoa...

**70RUIVINHA:** Resumindo... muitas das vezes os espertos que ganham...

**71P:** A antiética né... não considero isso sinal de esperteza... considero sinal de uma pessoa sem humanidade... que pensa que o dinheiro vai libertar ela de tudo...por isso não podemos ser condizentes a isso... e não aceitar né...

**72JADE:** Eu já recebi proposta mas eu nunca fiz não... não sou trouxa... ((risos))...

**73P:** Muito bem... eu sei que a gente precisa... e que é difícil a gente rejeitar... mas se a gente rejeitar isso... futuramente isso volta em dobro pra gente... só que nessas novelas por exemplo... passam isso pra gente... que a gente tem que agir desse jeito... tipo... a pessoa fez o mal pra gente então a gente tem que retribuir com bondade... a pessoa pouco importa com você... mas você tem que;; nesse caso que estamos falando... retribuir com bondade... mandar a resposta pra ele... não é falando assim... a pessoa fez o mal pra mim e vou retribuir com maldade... não... não é isso... é não aceitar o que eles propõe pra gente... tipo... se ele quiser aprender a gente ensina... mas se quiser tudo prontinho e mastigado... ele que busque aprender pra lá...

**74JADE:** Eu tenho muita dificuldade em negar sabe... só que o mais engraçado... cê ajuda aí na primeira oportunidade da pessoa te virar as costas ela faz... e;; eu já me decepcionei com gente de mais... por causa disso... eu ajudei sabe... nossa...

**75P:** Sim... deve existir pessoas na sala de vocês que vão atrás de vocês realmente para aprender alguma matéria... mas também existem pessoas que vão atrás só pra pegar aquilo já pronto... aí onde que a gente tem que saber diferenciar esses dois tipos... e voltando ao vídeo... sobre propagandas... o que vocês acham delas...

**76PITÓRIA:** Pensando no vídeo... eu percebo que o negro nunca tem um papel principal nas propagandas da televisão... nem naquele negócio grandão que fica nas estradas... fazendo propaganda de roupa ou comida... é sempre pessoa branca e sexualizada né...

**77P:** E porque vocês acham que não tem negros nesses espaços...

**78PITÓRIA:** Acho que as pessoas acham que os negros não servem pra fazer aquilo sabe... eles é;; fica diminuindo os negros... sabe...

**79JADE:** EU acho que justamente é essa visão eurocêntrica aí... que colocou... é;; o negro como inferior... o capitalismo mesmo... coloca o branco mesmo como superior...

**80P:** Isso... essa inferiorização não é agora... não é falar assim... ah isso agora que apareceu... não isso aí tem muito tempo... muito tempo mesmo que está entre nós... só que agora que estamos conhecendo tudo isso...

**81JADE:** Sobre esse negócio aí de publicidade... esses dias eu vi um vídeo bem legal... é;; que colocavam é;; duas;; é;; fizeram um teste com duas crianças negras sabe... e colocaram elas em frente de suas bonecas... uma branca e uma negra... e aí faziam perguntas... tipo assim... qual boneca é mais bunita... aí elas responderam a é a branca... qual boneca é;; parece com você... aí era a negra... aí perguntaram por que a branca é bunita... aí ah é porque tem olho claro... porque é branquinha... achei isso muito legal... pra gente problematizar né...

**82P:** E qual foi sua percepção... tipo... o que você acha que leva a criança a ter como referência a boneca branca e não a boneca negra...

**83JADE:** Justamente por publicidade... cê não vê um comercial de uma boneca negra... a representatividade é muito importante...

**84PITÓRIA:** Sim... acho que se a gente tivesse mais representatividade dos negros nos espaços... digamos de elite... a gente começaria a pensar duas vezes em pensar que o negro é feio... ou algo ruim né...

**85P:** Sim... acho que começa por aí também né... por que nem todos tem a oportunidade de ter essas discussões que estamos tendo aqui nesses dias né...

**86RUIVINHA:** Se o Brasil parasse de ser racista... as coisas melhorava mil vezes né...

**87P:** Sim... com toda certeza... por isso é importante a gente sempre problematizar... o racismo está em todos os espaços... pessoal... hoje eu irei encerrar agora... já passou do nosso horário ((risos))... aí na próxima aula vamos aprofundar mais sobre o racismo institucional... ainda dá pra gente aprofundar bem... beleza...

**88PITÓRIA:** Beleza...

**89RUIVINHA:** Beleza mano... tamo junto brodi ((risos))...

((Fim da Gravação))

## APÊNDICE H

Transcrição do Sétimo Encontro (7) 70,00 minutos de áudio

**P – Pesquisador**

**IN – Integrante das discussões**

**01P:** Já que a gente estava conversando sobre o caso do lázaro... acho importante a gente problematizar aquelas... imagens que estavam sendo propagadas... por exemplo... que encontrou... uma entidade lá feita de barro lá... vocês chegaram a ver isso... que eles estavam falando que tinha sido na casa dele e tal...

**02JADE:** É eu vi com maió gravidade... que diz que aqueles ornamentos lá não eram da casa dele não... era de um terreiro lá e não era dele... isso aí é a mídia querendo influenciar...

**03P:** A mídia querendo influenciar... ai vocês viram... por exemplo que;; os policiais invadiram um terreiro lá... vocês viram essa reportagem...

**04JADE:** Essa eu não vi...

**05P:** Essa não... teve uma reportagem lá que falou... o pessoal do terreiro estava relatando que a polícia invadiu o terreiro pensando que ele poderia estar lá dentro e tal... ai o que que acontece... muitas pessoas estavam lá apoiando... falando que tinha que fazer isso mesmo e tal... mas porque eles estavam falando isso... tipo... como a gente estava falando sobre o racismo cultural... eles estavam associando a cultura da religião afro... a todo esse problema com as religiões divergentes da cristã... especialmente as religiões afro... invadiram lá... pegaram também essa foto que nem do cara era... falando que era dele... dando ênfase que ele era de religião afro... pegaram algumas falas que supostamente seria a família dele que estava falando... pegou negócio do pai dele... falando que até o pai dele tinha medo dele... ai foi ver nunca existiu essa fala...

**06JADE:** A isso não tem nada haver com religião não... isso aí é porque a pessoa quer ser bandido mesmo... tem psicopata... agora o povo quer relacionar com religião...

**07P:** E acaba pegando né... tipo;; olha para vocês verem... o discurso que o povo faz... ai agora... recentemente saiu uma piadinha... um meme assim... o cara mandando mensagem pra ele... pro tal do Lázaro no privado... falando pra ele fazer uma reza lá... pra ele ganhar na mega sena eu acho...

**08JADE:** Eu vi... hanrram... eu vi... é;; faz uma mandinga ai pra mim ganhar... um trem assim...

**09P:** Ai sai essas coisas... as pessoas começam relacionar a isso... é um sentido que vai produzindo... e a gente começa a replicar... porque a gente acha aquilo engraçado... e vai e posta para um grupo de amigo nosso... e vai indo... a gente continua mantendo aquele sentido...

**10JADE:** É tipo a crítica que eu tenho também que fazê... como que as polícia não pega ele... aí atirar em uma jovem negra grávida eles dá conta... como...

**11P:** É igual a gente está falando né... é o despreparo que eles tem... porque querendo ou não...

**12PITÓRIA:** Vi no Instagram de um amigo meu... ele conversando com o tal do Lázaro... pedindo pra fazer uma macumba para a ex namorada voltar com ele... aff... é cada coisa...

**13P:** Pois é... e tipo... quando a gente ri dessas coisas... a gente de certa forma está sendo condizente com o estereótipo né... relacionando por exemplo a macumba o despacho ou algo do tipo... com a pessoa... fica como sendo algo ruim para a sociedade... e a gente fica ai associando uma coisa com a outra...

**14JADE:** Mais eu posso fazer uma pergunta para o senhor... não é sendo racista... é só que eu quero saber mesmo... que eles estão falando que ele;; anda com aquele livro de são Cipriano... isso tem haver com a religião afro... esse livro em si... tem haver...

**15P:** É o tal livro Capa preta né... que eles falam...

**16JADE:** É que diz que tem trem de satanismo... e ocultismo... uns trem que eles fala lá...

**17P:** Então... o que que acontece... esse livro... foi um livro proibido na época da inquisição sabe... podemos dizer na época da ditadura religiosa... e;; tipo eles associavam tudo que estava escrito lá a coisa ruim e tal... e isso foi passado a um tempão atrás... e acabou naturalizando em nosso meio esse pensamento sobre este livro... ficou tão naturalizado isso... que até recentemente teve um amigo meu que falou assim que;; esse livro... não sei quem tinha esse livro e punha fogo no livro e o livro revivia... que não sei o que...

**18JADE:** ((risos))...

**19P:** Uma coisa sabe... tipo sem lógica... ((risos))...

**20BARTH:** Professor... só uma perguntinha... esse livro tem alguma coisa haver com aquele filme o nome da rosa... tipo... lá tinha inúmeros livros proibidos devido a religião...

**21P:** É... tipo isso... porque a religião naquela época... vamos lembrar bem naquela época... quando a igreja era bem ditadora mesmo... bem naquela época do incincho da religião... eles começaram a pegar livros... que;; de certa forma influenciava as pessoas a pensarem diferente da religião... e proibiram... ai começaram a colocar fogo nos livros...

**22JADE:** Igual as mulheres que não aceitavam... submissão e falavam... ai eram chamadas de bruxa... e eles botavam fogo nelas...

**23P:** Exatamente... ai o que acontece... vem naturalizando isso... com o passar do tempo... e a gente pensa isso... só que... por exemplo... por medo... igual a gente tem medo dessas coisas sobrenaturais... por exemplo sobre o que falam do livro são Cipriano... todos esses discursos aquelas narrativas ali... que passaram para a gente... produz um medo na gente... e a gente não procura ler aquele livro... porque a gente tem medo de ler ele...

**24JADE:** É eu vi até um depoimento... daquele Pedrinho matador... que eu acho que foi uma das pessoas que mais matou gente... serial killer mesmo... ele falado que teve uma experiência com o livro que não sei o que... que era brabo de mais não sei o que... e ai deixa a gente com medo... falei gente que que é isso... esse trem deve ser...

**25P:** Sim... olha aqui... a lenda de Cipriano... tido como autor do livro... conhecido também como Cipriano de Antióquia... confunde-se com Cipriano de Cartago, santificado pela [Igreja Católica](#)... apesar do abismo histórico que os afasta... as lendas combinam-se... e os exorcistas de Cartago e os de Antioquia, muitas vezes, tornam-se um só... na cultura popular... é comum encontrarmos fatos e características pessoais atribuídas equivocadamente... além dos mesmos nomes... os mártires coexistiram... mas em regiões distintas. Cipriano... o feiticeiro... é celebrado no dia 02 de outubro... foi um homem que dedicou boa parte de sua vida ao estudo das ciências ocultas... após deparar-se com a jovem Justina... com quem se casou... converteu-se ao [Catolicismo](#)... viu a história do livro... e a gente... as pessoas na maioria das vezes associam esse livro com as religiões de matrizes africanas...

**26JADE:** Tipo... o trem é europeu... vem lá da europa isso aí...

**27P:** Pois é... tipo... é;; na antiguidade as pessoas tinham uma facilidade de introduzir esses pensamentos nas pessoas... ai conforme a pessoa... por exemplo... a gente escutava alguém falar... ai a gente ia e replicava aquilo... ai chegava por exemplo em mim... ai tu tinha um filho eu contava aquela história pra ele... ai meu filho quando ele tinha o filho dele... contava essa história... ia replicando replicando... e;; ai chegou hoje na atualidade... agora a gente replica ainda mais... só que agora com as redes sociais... e coloca agora esse livro como se fosse um livro... de;; outro mundo que;; desaparece e aparece... que não queima... que não sei o que... e quando você pergunta essas pessoas assim... você já viu o livro... ai a pessoa não eu nunca vi... e ai eu pergunto... como ela sabe disso tudo... ((risos))...

**28JADE:** É tipo lenda... vai repassando sem saber... e vai naturalizando...

**29P:** Sim... ai a gente vai reproduzindo sem buscar saber da história do livro ou do que nos foi contado... ai vai a gente adapta por exemplo... o que vai fazer mais sentido eu falar hoje desse livro... ai a gente vai e fala... não esse livro é de macumba... ajudou aquela pessoa a se livrar da polícia... faz mais sentido na atualidade... ai a gente associa com macumba... com as religiões afros... ai a gente vai reproduzindo... cada século vai atualizando a forma que faz mais sentido... por isso a gente conhece essa história do livro de São Cipriano... mas ninguém conhece realmente o livro... porque nunca viu... nem sabe alguém que tenha... é o medo né... o medo produz isso na gente... e ai... a gente falando sobre esse tema... o que que eu trouxe pra gente falar hoje sobre o racismo institucional... pra gente aprofundar um pouco... a nossa fala anterior... que nós conversamos um pouquinho sobre o racismo institucional... eu trouxe para vocês alguns vídeos... e;; uma das primeiras perguntas que eu acho que devemos fazer é;; qual a proporção de pessoas negras e brancas na empresa que você trabalha ou que a gente frequenta... tipo... nas empresas mesmo em geral... vocês já repararam a quantidade de negros que tem nas empresas... qualquer tipo de empresa... lojas...

**30PITÓRIA:** Poucos... muito poucos...

**31P:** E porque será que temos pouquíssimas pessoas pretas e negras nesses espaços...

**32JADE:** Parece que a gente pensa que os negros não seriam capazes... de;; conseguir fazer aquele trabalho... um trabalho determinado...

**33JUBINHA:** Fessor... né por nada não mas o passado explica muita coisa de nossa história de hoje... por isso a gente não vê muitos negros e pretos nas lojas... quando vê é limpando o chão ou nos bastidores né... tipo... onde a gente nem vê a existência deles...

**34JADE:** Lá atrás se eles tivessem dado oportunidades pros negros... desde daquela época da abolição da escravidão... talvez hoje... não seria desse jeito...

**35P:** E;; e quando a gente observa isso... a gente sabe que tem essas problemáticas... naturalizadas hoje... por que a gente vai numa loja por exemplo... vocês tem o costume de ir em lojas e problematizar a cor dos manequins...

**36DADÁ:** Branco... sempre... que a gente vê...

**37P:** E já passou na mente de vocês de problematizar isso...

**38DADÁ:** Eu já reparei... isso... essa questão aí... nunca vi um manequim escuro... nunca...

**39P:** É raro, né... vamos pesquisar no Google... para vermos?... só um momento... vou compartilhar a aba do Google... olha essa imagem aqui... o que vocês acham dela?... o que ela apresenta?...

**40DADÁ:** Bom... dois manequins... pretos né... de cabeça para baixo...

**41P:** Vamos aguçar o pensamento crítico... o que vocês acham dessa representação...

**42JADE:** Tá tipo;; querendo dizer que eles... tipo relacionando com a escravatura... sei lá... parece.. inclusive estão amarrados de cabeça pra baixo né...

**43P:** Parece né... vocês já viram algum manequim branco assim... desse jeito...

**44RUIVINHA:** Nunca...

**45JADE:** Não...

**46RUIVINHA:** Os brancos são perfeitos né... só falta colocar ouro nele... aff...

**47PITÓRIA:** Agora aqui em Itapuranga tem é aqueles manequins da cor de ouro né... dourado... eu só não lembro o nome da loja... mas esturdia passei em frente uma loja os manequins eram tudo da cor de ouro...

**49P: 47P:** Pois é... essa problemática a gente tem que... pensar... nesses espaços institucionais... cadê as representações pretas... e ai quando a gente encontra... tá dessa forma... olha o modelo de representação que eles são submetidos... e porque será que nesses espaços eles não colocam manequins pretos...

**40PITÓRIA:** É uma boa pergunta né...

**41RUIVINHA:** Vai ser tipo que... por ser negro vai atrapalhar as vendas... tipo... por ser branco é mais influenciável...

**42P:** Pois é... e vocês lembram do vídeo que assistimos na aula passada... que falava que a maioria da população que consome... é a população negra... e movimenta a economia...

**43PITÓRIA:** Pois é... e;; ainda é discriminado ainda...

**44P:** Isso tudo é reflexo do racismo institucional... que a gente não vê... quando a gente vai analisar a proporção dos negros dentro desses espaços... qual é a proporção dos cargos... em que cargos... quem está ali... igual a gente conversou por exemplo... no postinho de saúde... qual é o papel do negro ali naqueles espaços... qual que é o papel do branco... em que eles trabalham...

**45RUIVINHA:** Na minha opinião... o branco é sempre como médico e o;; negro como faxineiro... limpando a sujeira do branco...

**46P:** Alguém quer falar mais alguma coisa...

**47JUBINHA:** No postinho onde eu frequentava... que eu morava na roça né... aí o médico que me atendia era moreno...

**48P:** E ((X))... naquele espaço... tinha pessoas que duvidavam da capacidade do médico...

**49JUBINHA:** Não lembro não... mas a gente gostava muito dele...

**50P:** Tem mais algum relato... de algum médico preto que vocês conhecem...

**52BARTH:** Eu não conheço médico não... mas é;; a esposa de um primo meu mora em Goiânia... e ela é enfermeira... e é negra... e ela tem uma colega também... enfermeira negra... aí a;; foi uma mulher lá e;; teve uma atitude racista sabe... xingou ela... chamou ela de preta vagabunda... sabe... aí... teve muitos xingamentos... ai ela indenizou a mulher... processou ela...

**53P:** E ela conseguiu ganhar...

**54BARTH:** Parece que na época... isso já tem muito tempo... tipo... parece que ela ganhou cinquenta mil reais... fez a mulher vender um apartamento que ela tinha... eu achei foi pouco... tinha que ter dado é mais... rã... xingou ela pelo cabelo... pelo cabelo crespo sabe... xingou... nossa... deus me livre... uma coisa dessa...

**55P:** É algo necessário pra gente problematizar né... porque tipo... imagina por exemplo se essa enfermeira ficasse calada... o que aconteceria...

**56JADE:** É igual aquele caso que teve também né... do... do cara que xingou a porteira de... parece... vagabunda... e não sei o que... repercutiu muito esse caso...

**57P:** Pois é... repercutiu muito principalmente nas redes sociais né... e;; vocês viram agora recentemente... semana passada mesmo... teve uma matéria jornalística que saiu... de uma pessoa... de um preto que estava no Leblon ali... bairro nobre né... e parece que alguém roubou a bicicleta...

**58JADE:** E ele foi acusado... um menino lindo lindo... gente como que pode...

**59P:** E depois vocês repararam... vocês ouviram ou leram o restante da notícia... o que que...

**60JADE:** O perfil do cara que tinha roubado branco e loiro... eu achei o mais top... ((risos))...

**61P:** Eu até reproduzi uma publicação de um funk... que fizeram... ai nele dizia assim... o ladrão da bike é branco... achei muito massa o funk... nele trazia uma carga histórica de algumas notícias de pessoas que acusaram algum negro e na verdade eram pessoas brancas... isso aí é reflexo do racismo institucional... porque aquela pessoa branca não tá acostumada a ver um negro um preto naqueles espaços... igual... um bairro chique e tal... o que um preto tá fazendo ali...

**62JADE:** Eu acho isso muito interessante... tinha uma novela também... que;; passou esses dias... pra trás... eu achei muito interessante... é;; que tinha um casal lá... e a mãe do menino era negra... só que o cara era branco sabe... e bem rico... ai eles foram tipo naquelas exposições de rua... ai o menino afastou um pouco do cara... ai veio o segurança e falou assim... sai daí menino... não sei o que... cê tá atrapalhando... vou te retirar daqui... tipo assim... relacionando o menino... como se ele fosse um morador de rua... aqueles meninos que ficam em sinal e tal... na novela amor de mãe... eu quase não assisto sabe... mas esse dia eu estava assistindo ai passou isso... eu achei muito interessante...

**63P:** O importante dessas discussões que estamos tendo... é pra gente começar a instigar esse pensamento né... quando a gente vê nas novelas nos jornais na televisão nos filmes... por exemplo... nos filmes... qual que é a imagem de uma pessoa negra nos filmes...

**63JADE:** Muitas vezes... na maioria né... associam a bandido né... ladrão... maioria de papel assim de negro em filme e novela é esse...

**64P:** Tem um texto que eu li uma vez... falando daquele filme tropa de elite... a ideia do filme era refletir os trabalhos excessivos da polícia nas favelas... no filme a polícia já chegava e já batia nas pessoas... ai nesse filme... é;; muitas pessoas... a maioria dos policiais eram brancos... só tinha um policial preto... na área dos policiais... mas os bandidos... todos são pretos... então... produz essa imagem... que;; os policiais no caso brancos... que estão a favor do bem social e tudo mais... e os bandidos que são contra a lei lá e tal... são todos os negros... sendo que a gente for olhar na polícia por exemplo... qual a cor dos policiais aqui na nossa realidade mesmo...

**65JADE:** A maioria é mais claro... mas muitos são tipo pardos morenos e tal... só que eles parece que ao invés de ajudar as pessoas que se parecem com eles... eles querem ajudar é quem faz eles se sentirem mal...

**66RUIVINHA:** Vi um filme ontem... uma skatista radical... o pai da menina humilhava ela por ser negra igual a mãe... e brigava com ela por ela gostar de andar de skate... ele próprio vendeu a filha só pra ela parar de ser igual menino de rua... a história é muito emocionante... no dia do casamento dela ela foge pra ter seu último momento de liberdade... e quem era dona de tudo era uma rainha... que por sinal era negra e já foi escrava...

**67P:** Tem um livro da Djamilia Ribeiro que diz o seguinte... historicamente a branquitude desenvolveu métodos de manutenção do que seria politicamente correto... em relação a pauta racial... e a reserva do espaço para o negro único... o que é certamente uma de suas estratégias mais clássicas... argumentam da seguinte forma... veja só... não somos racistas... temos o fulano que é negro... trabalhando em tal departamento... e inclusive... ele adora trabalhar aqui... não é mesmo fulano... e o fulano talvez para manter sem emprego... talvez porque aprendeu a reproduzir o discurso da empresa... concorda... no entanto pessoas negras não são todas iguais... e fulano... por melhor que seja... não pode representar todos os negros... dessa forma... é preciso romper com a estratégia do negro único... não basta ter uma pessoa negra para considerar que determinado espaço de poder foi detizado contra o racismo... que que acontece... vocês lembram quando a gente estava conversando sobre como é a representação dos negros nos jornais por exemplo... nas emissoras de TV... aí eu perguntei vocês quantos negros vocês já viram... nas televisões... aí o ((X)) ficou pensando um tempão pra tentar lembrar de algum negro que trabalhava ali na; televisão né... e quando a gente foi falar sobre o branco... por exemplo... muito mais rápido lembramos né... de protagonistas brancos... é essa ideia do negro único... tem ali dois negros... e a gente fala que não é racista por conta desses... mas aí... quando vamos ver a quantidade de pessoas pretas no Brasil né... é maior que a dos brancos... mas nesses espaços não refletem isso...

**68JADE:** Acho que isso pode influenciar até os negros mesmo... a se sentirem... inferiorizados né... tipo... isso causa um dano psicológico né...

**69P:** Alguém tem um pensamento contrário... ou que compartilha com esse pensamento da ((X))... vocês acham que isso não influencia em nada... ou influencia sim a alguma coisa...

**70RUIVINHA:** Nos filmes os negros são... como posso dizer... é;; são representados como salvadores... depende do filme também né... tem uns que oprimem muito e;; tem filme que valoriza muito...

**71P:** Você consegue citar algum filme que valoriza muito o preto...

**72RUIVINHA:** Peraí só um minutinho... tô com o nome na cabeça mais não sei falar o nome... a não lembro não... mas mudando de assunto aqui... o presidente dos Estados Unidos é negro...

**73P:** O Obama né...

**74RUIVINHA:** Isso...

**75P:** Então... mas e aí... quantos outros presidentes negros vocês conhecem... ou já ouviram falar...

**76RUIVINHA:** É... eu não conheço outro...

**77P:** Pois é... é justamente isso que a gente precisa problematizar... essa ideia é a de preto único sabe... ter um ali... a gente já imagina que todos já estão representados... só precisa de um na história para representar... enquanto isso... os brancos são vários... vamos trazer para o nosso contexto mesmo... quantos políticos negros vocês conhecem...

**78JADE:** A Marielle... que foi morta... lutava muito por direitos iguais e tal... nossa era...

**70P:** E agora branco...

**71JADE:** Um monte né... a maioria... o nojento do presidente é um...

**72P:** Isso também é uma espécie de racismo institucional sabia... o que faz por exemplo... a gente votar na grande maioria das pessoas brancas... e não votar nas pessoas pretas... porque isso...

**73RUIVINHA:** Porque vão falar que os brancos tem mais capacidade de governar né... já os negros não... já é pobre afundado pra que que vai mexer onde num deve né...

**74P:** É... essa imagem é passada pra nós indiretamente né... e se eu falar para vocês que o Brasil só virou aquela grande potência que ele era... a algum tempo atrás né... agora ele tá caindo de novo... mas ele só virou aquela grande potência por causa dos negros... porque os negros começaram a trabalhar e movimentar toda a economia do Brasil... para o Brasil crescer... já ouviram alguma coisa a respeito dessa história...

**75JADE:** Acho que na época que o Brasil colônia... que era colônia é; comé que fala... produção de açúcar... eu acho que ele era uma das maiores potências né... que ele exportava açúcar...

**78P:** Sim... mas não só naquela época né... até hoje... quem é que trabalha por exemplo nas lavouras... de cana...

**79RUIVINHA:** Os negros...

**80P:** Quem é que;; movimenta a economia aqui dentro do país...

**81JADE:** Professor... eu acho que tipo... o negro é quem faz boa parte do Brasil funcionar... mas aí... eles colocam os negros só como bandidos... ou... muitas vezes apenas vítimas de bala perdida né... as duas primas por exemplo... que parece que estavam brincando na calçada... e as duas foram mortas por bala perdida... o caso mais recente agora... daquela jovem que estava grávida foi atingida na rua...

**82P:** E qual que é o;; por exemplo... o investimento da mídia... nesses casos... tipo... o empenho delas... para denunciar tudo o que aconteceu...

**83JADE:** Muito superficial...

**84P:** E agora se fosse um bandido...

**85JADE:** A se fosse igual o Lázaro... tava essa narquia aí... todo dia e toda hora...

**86P:** Tão vendo... isso aí... é parte do racismo institucional... quando é um negro vítima de algo não denunciam... mas quando é um identificado como bandido... aí merece toda a tenção da mídia... todo dia... tem lá no texto... bandido foi morto e tal e tal... e tá lá... a imagem do negro associando a bandido... e quando é o branco não fazem isso... ainda tampa o rosto do cara...

**87JADE:** Ainda trata como suspeito... já o negro não... já é o bandido é o ladrão...

**88P:** Vou reproduzir uma música para vocês refletirem na letra da música aqui... pera...

((MOMENTO DO VIDEO)) ((<https://www.youtube.com/watch?v=uJHyhG6sXe0>))

**89P:** Vocês conseguiram pegar a ideia que ele passa na música... na letra dela...

**90RUIVINHA:** Ele meio que... compara tudo que aconteceu... mais se colocando no lugar da pessoa... podia ser eu né... tipo meio que ele imaginou se fosse com ele...

**91PITÓRIA:** Parece que ele quis demonstrar que... a nossa indignação... só apresenta quando é uma pessoa famosa... quando ele fala assim... nem um desses casos cê nada sentiu... parece que ele aponta o

que a gente já tava falando né... e;; parece que ele cita um monte de nome de pessoas que morreram... aquele acontecimento lá... que a polícia fuzilou um carro com uma família totalmente inocente...

**92P:** Sim... igual por exemplo... o caso da Marielle... como era muito influente... a mídia tinha que mostrar alguma coisa né... por isso a gente sabe... mas sabemos quase nada do ocorrido...

**93JADE:** Pois é professor... quantas outras Marielles morreram e a gente não sabe... porque a mídia não repercuti... ninguém fala nada...

**94P:** Tem um vídeo circulando agora... de uma viatura com um carro parado... e a polícia chega simplesmente já atirando dentro do carro... depois só entra dentro da viatura e vai embora...

**95JADE:** Tem coisas que a mídia não mostra né... só caçando pra achar...

**96P:** Isso... essa música denuncia essas coisas aí... tipo... coisas mascaradas... como se fosse um isolado e tal... alguém quer falar algo mais... não...

**97JADE:** O espaço que os negros ocupam na sociedade é bem precário né... acho que o racismo institucional denuncia todas essas coisas aí... que ele canta e tal...

**98P:** Mais alguém quer falar algo... não... então vamos nos despedindo aqui hoje... até o nosso próximo e último encontro então... na próxima semana... um abraço pessoal... até lá...

**99IN'S:** Tchau professor... até semana que vem....